



MEGAN MAXWELL

*Autora da trilogia PEÇA-ME o que QUISER  
que já vendeu mais de 200 mil exemplares no Brasil*

*Os príncipes*  
ENCANTADOS  
*também viram*  
SAPOS



SUMA  
*de letras*





MEGAN MAXWELL

*Autora da trilogia PEÇA-ME o que QUISER  
que já vendeu mais de 200 mil exemplares no Brasil*

*Os príncipes*  
ENCANTADOS  
*também viram*  
SAPOS

SUMA  
de letras

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



MEGAN MAXWELL

*Os príncipes*  
ENCANTADOS  
*também viram*  
SAPOS

*Tradução*  
Tamara Sender



Publicado no Brasil em acordo com Ediciones Versátil, Espanha. © 2012 Megan Maxwell

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
*Los Príncipes Azules También Destiñen*

Capa  
Marianne Lépine

Imagens de capa  
Flores © Amana Images | Latinstock  
Areia © Subbotina Anna | Shutterstock

Revisão  
Flora Pinheiro  
Carolina Rodrigues  
Rita Godoy

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier

Conversão para e-book  
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M419p

Maxwell, Megan

Os príncipes encantados também viram sapos [recurso eletrônico] / Megan Maxwell;  
tradução Tamara Sender. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Los Príncipes Azules También Destiñen*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

297p. ISBN 978-85-8105-290-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Sender, Tamara. II. Título.

15-21538 CDD: 863

CDU: 821.134.2-3

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Os príncipes encantados...](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[... também viram sapos](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Mas as princesas também](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Uma segunda chance](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Agradecimientos](#)

*Para minha mãe, minhas tias e primas,  
porque sei que elas adoram esta história.  
E para todas as pessoas que sempre acreditaram  
em segundas chances. Um beijão.*

Megan





*Os príncipes encantados...*



## Capítulo I

*Califórnia, 22 de maio de 1995*

Será que realmente existe amor à primeira vista?

Foi o que aconteceu com Sam e Kate no momento em que seus olhares se cruzaram numa tarde quente de maio, enquanto a música dos Beach Boys tocava no rádio daquele bar da Califórnia.

Michael, amigo de Sam, percebeu como ele olhava todo bobo para aquela loura no grupo ao fundo.

— Tem um corpo bonito? — comentou Michael.

— Tem muito mais coisa do que você está vendo — respondeu, sem conseguir parar de olhá-la.

— Sam... Não me assusta... O que deu em você?

— Não sei, mas acho que me apaixonei.

— Ai, meu Deus — gritou Michael. — Alguém ajuda! Sam vai ter um troço!

— Cala a boca, idiota — disse Sam, rindo, ao se dar conta de que ela também o olhava.

Não conseguia tirar os olhos daquela garota. Era linda. Tinha cabelo louro que reluzia e uns olhos verdes encantadores que o deixaram sem ar assim que ele a viu. Estava maravilhosa naquele macacão jeans. E a camiseta branca destacava sua pele bronzeada.

— É a coisa mais bonita que já vi em toda minha vida — sussurrou, atordoado.

— Nada mau — reconheceu Michael, depois de olhar para a garota de cabelos louros compridos.

Do outro lado do balcão, Kate também não conseguia tirar os olhos do rapaz. Não era a primeira vez que o via. Mas, ao notar que ele também a observava, ficou meio inibida.

— Kate — perguntou Shalma —, aquele não é o carinha da praia?

— É — respondeu ela depois de dar um gole em sua Coca-Cola.

— Cara... ele está te comendo com os olhos.

— Não exagera — falou Kate, embora soubesse que era verdade.

— Melhor assim, garota. Mais um pouco o curso acaba e ele não tinha notado você.

Shalma tinha razão. Kate havia reparado nele um mês depois de começar a estudar ali. Mas ele estava sempre ocupado demais com seus amigos, o surfe e as garotas para prestar atenção em outra coisa. Só que hoje, sem saber por quê, seus olhares acabaram se encontrando. Muitas tardes, Kate descia até a praia, sentava na areia para ler e de lá observava Sam surfar com o amigo. Aquele cara moreno que parecia sua sombra, embora na realidade ela não soubesse quem era sombra de quem. O fato é que sempre estavam juntos. Várias vezes, principalmente quando o mar estava mais forte, era só se aproximar da praia que já dava para vê-los nas ondas. Os dois eram ótimos surfistas. Era só ficar olhando um pouco e você já sacava que eles sabiam muito bem o que estavam fazendo, quando entravam no mar com suas pranchas.

Kate adorava observá-los. Eram atraentes, descontraídos e com um look casual. Deviam medir 1,90 metro e tinham a pele morena e os cabelos pretos como carvão, sempre presos num rabo de cavalo, e, como dizia Shalma, seus corpos atléticos e musculosos eram de tirar o fôlego. Seus sorrisos e um quê de polinésio os tornavam especiais. Embora no amigo de Sam isso talvez fosse ainda mais perceptível do que nele.

Sentindo calor, Kate deixou o copo em cima do balcão e foi até o banheiro jogar um pouco de água na nuca. Estava tão nervosa que suas mãos suavam. Ao sair de lá, percebeu alguém se aproximando.

— Está quente, né?

— É — conseguiu responder Kate ao ver de quem era aquela voz.

Sam não queria perder a chance de falar com ela.

— Oi, meu nome é Sam Malcovich — disse, sorrindo, e estendeu a mão.

— E eu sou Michael Talua — falou o amigo, mas, ao ver Sam fuzilando-o com o olhar, acrescentou em seguida: — E eu já estava de saída. Tchau.

— Prazer — respondeu a jovem, abrindo um sorriso e cravando seus olhos em Sam. — Me chamo Kate Dallet.

## Capítulo 2

Os meses passaram e a magia entre Kate e Sam surgiu de forma selvagem, como costuma ocorrer quando as flechas do cupido atingem o coração. Muitas tardes, Kate esperava Sam e Michael terminarem o expediente na lanchonete para sair com eles, especialmente com Sam. Foram muitas as madrugadas em que Kate ia até a praia para vê-los surfar. No início Shalma os acompanhava, mas com o tempo foi se cansando e preferia ficar na cama. Um dia, enquanto Kate os observava divertindo-se com as ondas, decidiu que queria saber mais sobre o esporte que eles tanto adoravam, e, quando Sam saiu da água e se atirou na areia ao seu lado, ela disse:

— Quero que você me fale mais sobre o surfe.

— O que você quer saber? — Ele a olhava enquanto gotas de água salgada escorriam de um jeito provocante dos cabelos dela.

— O que você quiser — respondeu, beijando-o.

— Ok, princesa — concordou ele e, jogando o cabelo para trás, começou: — Vou te contar o que Mahuto contava pra gente. Era um cara mais velho que morava ao lado da nossa casa. Um velho surfista que sempre dizia que o surfe era um dos esportes mais antigos do mundo. Pelo que ele contava, na antiguidade os polinésios faziam campeonatos que eram considerados verdadeiros duelos: por amor ou qualquer outro tipo.

— Duelos? — perguntou Kate, sorrindo.

— O duelo consistia em pegar onda nos pontos mais arriscados. Mahuto disse que era raro um fim de semana sem algum duelo desses. Conta-se que já em 1770 o capitão James Cook descreveu em seu diário um estranho exercício que os nativos das minhas ilhas praticavam quando entravam no mar com suas pranchas de madeira e que chamavam de *choroee*, que pra eles significava “pegar onda” ou algo do gênero. O surfe sempre foi pra gente um modo de

vida, e inclusive foram construídos templos chamados *Heyau*, onde se deixavam oferendas e onde o *Kahuma*, que significa “bruxo da tribo”, rezava pedindo boas ondas.

— É sério que rezavam pra ter boas ondas?

— É, sim, querida. Já te disse que lá no Havaí e nas outras ilhas o surfe é um modo de vida. Quer que eu continue?

— Claro. É muito interessante — respondeu Kate.

— Quando o capitão Cook morreu, um tal de James King também escreveu sobre os havaianos e sua forma particular de se divertir fazendo manobras perigosas e piruetas incríveis em cima de uma prancha no mar. Com o tempo, a Igreja se meteu na história. Não via com bons olhos os praticantes do esporte, e eles chegaram a ser acusados de indecentes por surfarem *seminus*. Por isso, durante um período, aquele fenômeno conhecido como *choroe*, junto com a dança do *hula*, foi duramente punido e as pessoas deixaram de praticá-lo com a liberdade de antes. Mas, como tudo nessa vida, com o tempo sempre aparece alguém pra ajudar a resgatar as coisas boas, e surgiram movimentos havaianos pela volta de seu passado e sua história, e assim o surfe recuperou a importância que sempre havia tido na ilha.

Kate o ouvia com atenção. Percebia o entusiasmo de Sam ao falar de sua terra natal.

— Falaram em John Papa Li, um homem que escreveu sobre como se praticava aquele esporte, mas principalmente destacaram os tipos de madeira usados para fazer aquelas pranchas maravilhosas, tratadas com óleos e essências. George Freeth, mais conhecido como Brown Mercury, foi um surfista meio irlandês, meio havaiano. Ele foi o primeiro a mostrar ao mundo o que era o surfe. Nos anos em que morou na Califórnia, dedicou-se a ensinar a todos que quisessem surfar ao estilo havaiano. Infelizmente morreu jovem, mas por sorte, pra gente e para o surfe, há em sua memória um busto de bronze em Redondo Beach, com uma placa que diz...

— “O primeiro surfista dos Estados Unidos, o jovem que recebeu a última arte da Polinésia, o surfe” — completou Michael, sentando-se ao lado deles.

— Muito bem, irmão — disse Michael, sorrindo, e continuou: — Duke Kahanawoku, entre outros, criou em Waikiki o clube de surfe Hui Nalo. Duke foi campeão olímpico de natação em 1912, e em 1915 a Austrália o convidou para visitar suas praias, em especial uma praia no norte de Sydney. Lá ele deu aulas de surfe e construiu uma prancha de madeira de sequoia que ficou superfamosa e que ainda está naquele clube australiano. O resto... você já pode imaginar. As pessoas de lá começaram a surfar, apesar de que, justiça seja feita, nós havaianos somos os reis desse esporte.

— Com certeza — comentou Michael, rindo ao ver como seu amigo se exibia para Kate.

— É fascinante — disse Kate, sorrindo também.

— Sim, o surfe é fascinante — respondeu Michael, olhando para o mar.

Na manhã seguinte, quando passaram para buscar Kate, os dois se surpreenderam ao vê-la enfiada num macacão de neoprene azul e com uma prancha debaixo do braço. Ao ver suas caras, ela não conseguiu segurar um risinho cúmplice.

— Desculpem, meninos, mas cansei de ficar só assistindo. Vocês vão ter que dedicar um tempinho pra me ensinar. Eu também quero me divertir, quero saber qual é a sensação de “pegar uma boa onda”, como vocês dizem.

— Beleza — disse Michael, sorrindo —, você está certa, Kate. É de garotas assim que eu gosto. Não tem nenhuma irmã, não?

Kate abriu um sorriso e olhou para cima, fingindo contrariedade.

— Essa é minha garota — falou Sam, orgulhoso, pegando-a pela cintura.  
— Cada dia estou mais louco por você. Vem, vamos até a praia.

E assim começaram as aulas de Kate. Os primeiros dias foram difíceis. O que ela mais fazia era engolir água e levar caldo. Mas logo lhe ensinaram que, para ficar em pé numa prancha, tinha que dividir o peso do corpo entre os pés, dobrar as pernas e inclinar o peito para a frente; explicaram o que era um *take off*, um tubo, um bico de pato e como equilibrar os ombros no sentido em que a onda quebrava para fazer um *bottom turn* e assim poder girar. Aprendeu que antes de entrar na água deveria sempre verificar onde estavam as rochas, a direção da correnteza e como eram as ondas. Também ensinaram que ela não

deveria esperar ficar exausta para sair da água, mas sim quando sentisse frio ou percebesse os primeiros sinais de cansaço.

Praticando quase todos os dias e com uma tremenda força de vontade que surpreendeu os dois amigos, Kate conseguiu aprender e com o tempo começou a aproveitar. Assim, toda manhã, ela podia ser vista junto com eles indo até a praia com suas pranchas presas nos tornozelos e dançando sobre as ondas.

### Capítulo 3

O curso acabou, as férias de verão também, e cada um deveria voltar as suas respectivas cidades. Kate, à sua elegante casa em Nova York; e Sam, junto com Michael, a Oahu, uma ilha no Havaí onde eles tinham crescido e onde dividiam uma bela casa de frente para o mar.

Mas, enquanto Kate voltava para sua família rica, os rapazes só tinham a si mesmos. Tinham se conhecido no abrigo para menores abandonados de Oahu e juraram um ao outro nunca se separar, uma promessa que até então haviam conseguido cumprir. Eram a única família que tinham, e isso era importante para os dois. Haviam sido abandonados por circunstâncias diferentes, mas com um pano de fundo parecido.

No caso de Sam, ele só foi saber quem eram seus pais verdadeiros quando atingiu a maioridade: seu pai era um inglês que chegara à ilha, e a mãe, uma moça chamada Thalma, rejeitada pela família por ter se apaixonado por um estrangeiro. O pequeno Sam ficou sozinho no mundo depois que seus pais morreram num trágico acidente de avião. Nem no Havaí nem em Londres quiseram assumir a guarda do menino de seis anos, e foi assim que ele acabou parando na grande casa amarela, onde a encantadora mãe Daula cuidou dele e fez todo o possível para transmitir os valores de uma família.

Michael, por sua vez, sabia apenas que seus pais tinham sido dois jovens nativos humildes e que, quando sua mãe, pressionada pelas pessoas a sua volta, o levou à casa amarela, implorou que se chamasse Michael. Ele também sabia que a mãe se chamava Thalia e que havia deixado ao menino a metade de um

broche em formato de coração de prata muito trabalhado que mãe Daula lhe entregou quando ele fez 18 anos.

O tempo foi passando e, com o apoio que Daula lhes proporcionou, conseguiram terminar os estudos. Quando chegou a hora de irem para a universidade, matricularam-se numa faculdade estadual e cursaram Direito. Sempre acreditaram que essa carreira serviria para que eles ajudassem as pessoas, já que, com a vida que tiveram, conheciam muita gente a quem poderiam ser de grande ajuda.

Kate e Sam estavam desesperados. Era a primeira vez que ficariam alguns meses sem se ver, e isso partia o coração de Sam. Kate também desatava a chorar só de pensar nisso.

— Vou te ligar todos os dias — prometeu Sam enquanto a beijava. — Não se esqueça: eu te amo e vou te telefonar todos os dias, e não vou deixar de pensar em você em nenhum momento.

— Não me esqueça — sussurrou Kate, olhando-o fixamente.

Com ar apaixonado, Sam olhou para ela, deu um beijo doce em seus lábios e murmurou:

— Você é a coisa mais linda e importante que eu tenho, nem se eu quisesse poderia te esquecer.

E realmente não se esqueceu dela.

Naquele verão, ligou todo dia para sua casa, trabalhou o máximo que pôde e, quando já fazia quase dois meses que não a via, numa bela manhã apareceu de surpresa em Nova York com um enorme buquê de rosas. Tocou a campainha da casa de Kate, e quem abriu a porta foi Serena, a mãe dela. Ao ver aquele rapaz meio constrangido e com expressão séria, segurando um lindo buquê nas mãos, ela deduziu que era o tal do Sam, de quem sua filha tanto falava.

Esboçando um sorriso cúmplice, Serena chamou Kate. Assim que o viu, a garota se lançou em seus braços e o beijou na frente da mãe sem nenhum pudor. De início, Sam ficou espantado, mas, ao ver que Serena os observava

sorridente, deixou cair o buquê, abraçou Kate e se sentiu feliz e aliviado por ter pegado aquele avião.

Serena estava encantada de ver sua filha tão alegre. Pôde comprovar em primeira mão que aquele rapaz era tão maravilhoso quanto Kate lhe dissera. Sam foi a Nova York acompanhado de Michael, que a princípio dissera a seu amigo que ele deveria ir sozinho. Mas Sam alegou que nunca o tinha deixado sozinho e que não faria isso agora. Foi então que juntaram suas economias e embarcaram juntos.

A irmã mais nova de Kate, Terry, teve de reconhecer que aqueles dois eram exatamente como sua irmã os havia descrito. O que Terry mais gostou neles foi o fato de serem tão diferentes dos caras que ela conhecia em Nova York. Seus amigos costumavam ser filhos de homens endinheirados que reclamavam por não ter tudo que queriam. Já aqueles dois ali não possuíam quase nada nem ninguém além deles mesmos, e, com sua coragem e vontade de viver, seguiam em frente sem se queixar. Logo se deixou seduzir ao ouvi-los falar de surfe, de ondas gigantescas, do mar, do céu estrelado etc. O que outros caras considerariam sem graça e chato, como contemplar as estrelas tendo o barulho do mar ao fundo, para Sam e Michael era maravilhoso.

Terry ficou impressionada com Michael... era muito lindo. Achava encantadores seus olhos negros puxados, cheios de vida, talvez os mais bonitos que ela já vira em seus 17 anos de vida. A calça jeans que não era de nenhuma marca famosa vestia superbem nele, e a camiseta verde que usava debaixo de uma jaqueta caía melhor nele do que em qualquer um.



Nos anos seguintes, Sam e Michael se encarregaram de cuidar de cada uma das três mulheres que haviam entrado em suas vidas. E, quando terminaram a faculdade, na mesma noite da formatura, Sam pediu Kate em casamento. Ela aceitou. Casaram-se com uma festa super-romântica. De lua de mel, Sam a levou ao Havaí, onde, orgulhoso, apresentou Kate à mãe Daula. Pouco tempo depois, Shalma, a melhor amiga de Kate, casou-se grávida com um sujeito que não tinha nada a ver com ela. Teve gêmeos e se separou. Terry, a irmã

maluquinha de Kate, depois de ir se esbaldar em Las Vegas e passar uma noite de farra total, amanheceu casada com um tal de Morgan. Aquilo caiu como uma bomba para sua mãe e foi um desgosto terrível para Michael.

Sam e Michael se estabeleceram definitivamente em Nova York e acabaram se adaptando à vida frenética da cidade, apesar de muitas vezes Kate os ouvir falar com saudade do Havaí, das ondas, dos amigos que tinham deixado para trás, da mãe Daula...

Com muito esforço, Kate e Sam conseguiram abrir seu próprio escritório: Dallet & Malcovich. Um negócio que logo começou a dar certo, mas que exigia deles muito trabalho, dedicação e energia.

Depois de algumas semanas especialmente estressantes para os dois, Sam e Kate decidiram reservar uma noite livre só para eles.

— Estou exausta — suspirou Kate, tomando um banho relaxante em sua banheira redonda. — Não consigo parar de pensar no caso Preston.

— Querida — respondeu Sam com duas taças de champanhe nas mãos —, esquece o escritório agora. — E, despindo-se para entrar na banheira com ela, acrescentou: — Pensa que estamos sozinhos aqui, eu e você, ouvindo Barry White com nossas taças de champanhe, e que temos a noite inteira pra gente.

— Tá bom — disse ela, sorrindo ao perceber as intenções do marido. — Está propondo alguma coisa, senhor Malcovich, ou é só imaginação minha?

— Vem cá e eu te conto — respondeu ele com um sorriso malicioso.

Kate deixou que ele a beijasse. Já estavam juntos havia seis anos, mas a paixão não tinha diminuído.

— Adoro quando você sorri assim — sussurrou ele.

— E eu adoro fazer amor contigo assim... — Sem que ele pudesse falar mais nada, Kate se sentou de frente para ele na banheira e, depois de pegar seu pênis molhado e escorregadio, montou nele e começou a se mover ritmicamente. — Adoro te sentir dentro de mim. Adoro ver o desejo invadindo seu olhar e a expressão do seu rosto, e adoro saber que é você que me deixa assim.

— Princesa, você me deixa louco — disse Sam, suspirando com a sensualidade de sua mulher. Agarrando os quadris dela, ele a movia e enlouquecia de prazer.

Naquela noite, depois de transarem várias vezes — primeiro na banheira e em seguida na cama —, enquanto descansavam ainda nus, Sam pediu a Kate:

— Querida, pega pra mim uma aspirina na sua mesinha de cabeceira.

— Está com dor de cabeça? — perguntou ela, preocupada.

— Estou, sim, um pouco — disse ele, sorrindo.

Kate abriu a gaveta da mesinha e viu uma caixinha embrulhada em papel celofane vermelho, com um laço dourado.

— Mas... o que é isso? — perguntou, virando-se para Sam.

— Feliz aniversário, querida — respondeu ele, vendo sua mulher levar a mão à boca por haver esquecido a data.

— Ai, Sam, eu esqueci totalmente. É imperdoável.

— Não se preocupa. Eu te perdoo — respondeu ele, que realmente não se importava com o fato de ela não ter lembrado. — Agora abre e me diz se gostou.

Com um sorriso nos lábios, mas se culpando pelo esquecimento, Kate ficou perplexa ao ver o anel tão bonito que estava dentro da caixinha. Era de ouro com as iniciais dos dois em diamantes bem pequenos.

— É lindo! — gritou ela, colocando-o em seguida. Deu um beijo em Sam e logo sussurrou em seu ouvido: — Obrigada, querido. Obrigada por me amar tanto. Obrigada por cuidar sempre de tudo, obrigada... obrigada.

E voltaram a fazer amor com a doçura que o momento pedia. Um tempo depois, levantaram-se e decidiram tomar uma ducha rápida.

— Vou entrando no banho — disse Kate, andando até o banheiro. — Querido, estou com sede. Pode pegar uma água pra mim na geladeira?

— É pra já! — respondeu Sam.

Quando abriu a geladeira, viu uma jarra na qual estava pendurado um pequeno envelope com seu nome. Ele não percebeu que Kate o havia seguido

na ponta dos pés e estava apoiada na porta, doida para ver sua reação. Sam olhou com espanto para aquele papelzinho. Logo o abriu e mal conseguiu acreditar no que estava escrito.

— Feliz aniversário, amor — disse Kate.

Sam se virou para ela e a beijou enlouquecidamente.

— Vamos ser pais? — perguntou ele, todo bobo.

— Vamos, sim, amor. Em seis meses e meio, pra ser mais exata. Está feliz? — falou Kate, morrendo de rir ao ver as mãos trêmulas do marido.

— É a melhor notícia que já recebi na vida — respondeu Sam, abraçando-a.

— Pensei em comprar alguma coisa de aniversário para você. Mas depois cheguei à conclusão de que a notícia do bebê seria o melhor presente que eu poderia te dar.

— Adivinhou, sua espertinha — disse ele —, e você me fazendo acreditar que tinha esquecido. — Depois, olhando-a preocupado, acrescentou: — Você está se sentindo bem? Quer alguma coisa?

— Estou ótima, querido, não se preocupa. O médico me disse que tenho que levar uma vida normal, não sou a primeira nem a última mulher a engravidar.

— Um bebê — falou Sam, já pensando em dar à criança todo o amor e a felicidade que ele próprio não tivera. — Vamos ter um bebê, querida.

E, como o tempo voa quando se está feliz, aqueles seis meses e meio passaram bem depressa. Sam via sua mulher cada dia mais linda com aquela barriguinha e, embora ela reclamasse que estava gorda e deformada, ele a adorava exatamente daquele jeito. Quando o dia tão aguardado chegou, a bolsa de Kate estourou em casa e Sam estava tão nervoso que, quando saiu para o hospital, fechou a porta de casa com Kate lá dentro. Ela achou graça da atrapalhão do marido. Meia hora mais tarde, chegaram ao hospital, de onde Sam ligou para Michael, Serena e Terry. Ao receberem a ligação que tanto esperavam, os três foram correndo até lá. O parto foi longo e doloroso, mas às dez para as duas da manhã chegou ao mundo Catherine Malcovich Dallet, uma linda moreninha de 3,6 quilos que logo mostrou a todo mundo que tinha pulmões incríveis, pois não parava de chorar.

Dois anos depois, nasceu Olivia Malcovich Dallet, que pesava 3,25 quilos e, assim como a irmã, também tinha ótimos pulmões.

## Capítulo 4

*Nova York, 22 de maio de 2010*

Os anos passaram. As meninas cresceram e o negócio prosperou até se tornar um dos escritórios de advocacia mais famosos de Nova York. E Sam conseguiu o que sempre quis: uma grande família. Sua sogra vivia com eles, e também Terry, sua cunhada, que Sam convidou para morar ali depois de ela ter se divorciado.

Terry hesitou um pouco, mas acabou concluindo que, morando com eles, sempre teria comida na geladeira e roupa lavada. Com o tempo ela se tornou uma famosa fotógrafa que viajava muito, uma mulher de personalidade forte, sempre rodeada de cretinos que ela manipulava como bem entendia. Mas se havia algo que Terry sabia fazer era aproveitar a vida. Depois do fracasso do seu casamento, resolveu que se dedicaria a ser feliz e a não pensar no dia de amanhã. E isso funcionou às mil maravilhas.

Kate, por sua vez, ficou um tanto burguesa com o passar do tempo. Sempre estava vestida de maneira impecável com seus terninhos Armani, Gucci ou Versace, pois não deixava entrar em seu armário nada que não fosse de grife. Tornou-se uma implacável e temida advogada, conhecida por sua rigidez, eficiência e audácia nos tribunais. Esse passara a ser seu estilo de vida. E ela gostava dele. Mas foi justamente a audácia que prejudicou Kate em sua vida pessoal, ao cometer um erro terrível que Sam conseguiu perdoar...

— Vóóóó, vóóóó, pode vir aqui? — chamou Catherine, a filha mais velha, que eles chamavam de Cat.

— Peraí — respondeu Serena. — Já vou.

— Tia Terry! — gritou Olivia, a menor, cujo apelido era Ollie. — Sobe aqui também!

Terry e Serena subiram até o quarto, onde as duas meninas aguardavam ansiosas e fecharam a porta assim que a tia e a avó entraram.

— Por que tanto mistério? — perguntou Terry, sentando-se na cama.

— A gente quer mostrar o presente que a gente vai dar pro papai e pra mamãe pelo aniversário deles. O que vocês acham?

Orgulhosas, elas mostraram dois relógios, um feminino e outro masculino, de prata com a esfera branca.

— Meus amores... que presente lindo! — exclamou Serena, olhando-as com doçura.

— Tem uma dedicatória atrás — comentou Olivia, toda feliz.

— Eles vão adorar — elogiou Terry. — Tenho certeza.

— A gente economizou escondidas por um ano pra poder comprar esses relógios, mas valeu a pena — disse Cat.

A menina era igual ao pai, alta e morena, mas tão temperamental quanto a tia Terry. Já Olivia era loura como a mãe e tinha uma personalidade meiga e conciliadora. Uma mistura perfeita dos pais.

— Onde estão minhas meninas?! — gritou Shalma, que apareceu com seus gêmeos que já eram quase adultos.

— Tia Shalma!! — exclamaram as meninas, correndo para abraçá-la.

— Meu Deus, como vocês cresceram!

— Mas, tia Shalma, você viu a gente anteontem — disse Ollie, sorrindo.

— Não importa, querida, vocês crescem o tempo todo. — Depois de cumprimentar Terry e Serena, continuou: — Que baita festa vai rolar pelo aniversário dos pais de vocês, hein!

— Vai ser muito legal — respondeu Cat. — Vem, a gente quer te mostrar uma coisa.

Shalma as acompanhou, divertindo-se por vê-las tão alegres. Terry se virou para os gêmeos, Anthony e John, sorriu e disse:

— Meninos, vocês estão enormes... quantos anos vocês têm?

— Dezoito — respondeu John, enquanto Terry via Anthony olhando para Cat, que subia as escadas até seu quarto junto com Shalma e Ollie.

— Ai, meu Deus... parece que foi ontem que eu troquei a fralda de vocês — comentou, sorrindo.

— Tia Terry... — protestou John.

Emocionada e feliz por estar cercada pelas pessoas que amava, Serena pegou Anthony pelo braço e, enquanto saíam para o jardim, disse:

— Meus quatro netos são maravilhosos. Os mais bonitos do mundo.

Quando os garotos viram Sam e Michael entrarem, foram correndo até eles. John e Anthony os adoravam. Nesse mesmo momento, Serena olhou para Terry, sua filha maluquinha, e perguntou:

— E você, querida, arrumou um namorado entre esses gatinhos que vivem te procurando?

— Nem pensar — cochichou ela, dando uma olhada em Michael. — Aliás, comentei que vou pra Espanha mês que vem?

— Ah... Espanha, que maravilha! Vai com quem?

— Vamos num grupo de oito. Minha amiga Lana, Ariadna, Sherryl, John, Alfred, Silvie, Andrew e eu. A gente vai visitar Sevilha. Dizem que é linda.

Serena não pôde reprimir um sorriso cheio de ternura. Terry era animada, alegre e maravilhosa, apesar de ser meio doida às vezes. Apontando o dedo em sinal de advertência, Serena disse:

— Acho ótimo que você viaje, mas, filha, olha lá, toma cuidado com o que faz. Não vai voltar casada de novo, hein!

— Mãe! — disse Terry, rindo e em seguida beijando-a.

— Estão distribuindo beijos, é? — perguntou Sam, aproximando-se com olhar travesso.

Sem esperar um segundo, Terry se jogou nos braços de seu cunhado. Ela o adorava.

— Oi, Michael, meu querido — cumprimentou Serena, enquanto observava Terry e Sam brincando um com outro, ele querendo morder o pescoço dela.

— Olá, Serena — respondeu Michael, morrendo de inveja de Sam e louco para trocar de lugar com ele e morder o pescoço daquela maluquinha.

Entre Terry e Michael sempre houvera algo especial. Uma tensão sexual mal-resolvida que eles só demonstravam quando uma determinada música tocava. Enquanto a dançavam, não trocavam nenhuma palavra, mas seus olhares revelavam toda a paixão que existia entre eles. Quando a canção terminava, porém, os dois voltavam à vida real e descartavam totalmente qualquer possibilidade de rolar alguma coisa mais séria.

— Chega... seu chato! — gritou Terry, sorrindo enquanto olhava disfarçadamente para Michael e reparava o quanto ele estava lindo naquele terno Armani.

— Como vai minha cunhadinha preferida? — comentou Sam, fazendo cócegas nela.

De repente se ouviu um estrondo.

— Agora estou bem — respondeu Terry, que acabava de jogar Sam no chão com um movimento de caratê, fazendo John, Anthony e Michael morrerem de rir.

— Terry! — gritou Serena ao ver Sam estirado no chão. — Meu filho, pelo amor de Deus, levanta daí! Você está bem?

— Bravo! — Michael aplaudiu. — Irmão, você mereceu.

Erguendo-se do chão, Sam começou a mancar, como se Terry o tivesse acertado em cheio.

— Parabéns, hein, cunhadinha... Estou vendo que você está progredindo nas aulas.

— Pois é. E, como vocês acabaram de ver, aprendi um ótimo método para tirar os caras chatos de cima de mim.

Depois se aproximou dele, pegou sua mão e disse:

— E pode parar com esse teatrinho, que eu te conheço. Você não vai mudar nunca?

Sam ia responder, mas logo surgiu a voz de Kate, que saía para o jardim usando um impecável vestido bege, com seus cabelos presos num coque alto.

— Espero que não — disse ele.

Todos olharam para Kate e sorriram. Parecia uma deusa inalcançável: lindíssima e elegante. Chegou perto do seu marido, deu-lhe um beijo e se dirigiu ao homem moreno que estava ao lado.

— Oi, Michael. Hummmm... Esse Armani fica superbem em você. Como estão as coisas?

— Obrigado, gata. Que bom que você gostou. — E, olhando para Terry, murmurou: — Mas eu ando bolado com a sua irmã e, desculpa a franqueza, mas qualquer um se aproxima dela.

Terry revirou os olhos, espantada, enquanto Kate se dirigia aos filhos de Shalma e dava um abraço neles.

— Oi, meus amores, que bom que vocês vieram.

Segundos depois apareceram Shalma e as meninas, que, animadas, abraçaram o pai e o tio Michael. Os homens de suas vidas.

Aquela noite foi incrível. Todos jantaram juntos no jardim e se emocionaram ao ver as meninas entregando o presente que haviam comprado com tanto carinho para seus pais. Eles dois, por sua vez, não conseguiram conter as lágrimas ao ler o bilhetinho: *“Que o amor de vocês seja eterno”*.

Ao olhar ao redor e se ver cercada por toda sua família, Kate se sentiu a mulher mais feliz do mundo. Sabia, porém, que aquilo tudo não existiria sem Sam, o cara por quem se apaixonou enquanto o via surfar e o homem forte que soube lhe dar uma chance quando ela havia falhado com ele. Desde aquele incidente, suas vidas nunca mais foram cor-de-rosa como antes. Mas, se havia uma coisa de que os dois tinham certeza, era que eles queriam muito continuar lutando pela família que construíram juntos.

Comovida ao ver todos tão felizes, Kate não pôde deixar de sorrir. Tinha uma mãe maravilhosa, uma irmã invejável, amigos — Michael e Shalma — que eram como irmãos, sobrinhos encantadores, duas filhas que eram uns tesouros e um marido maravilhoso, bondoso e paciente que ela considerava um verdadeiro príncipe encantado.





*... também viram sapos*



## Capítulo 5

*Filadélfia, 8 de junho de 2010*

— Pai, pai, vem cá. Tommy não me deixa pegar meu ursinho.

— Tommy — repreendeu carinhosamente Samuel. — Larga o ursinho da Sasha, você tem seus brinquedos aí.

— É inútil — protestou Nicole. — Por mais que você diga, não adianta nada. Ele vai continuar pegando tudo que é da Sasha.

Nicole se abaixou, pegou o menino no colo, levantou a blusa dele e mordeu sua barriguinha. Tommy tinha um ano e oito meses e riu com a brincadeira da mãe.

— Todo seu, boneca — disse Samuel à sua filha de 4 anos. — Mamãe vai dar banho no Tommy. Pode aproveitar e brincar à vontade.

— Eu também quero tomar banho — exigiu a menina, correndo atrás da mãe.

— Samuel... querido, preciso de uma mãozinha! — gritou Nicole do banheiro.

Meia hora depois, todos estavam encharcados de água, mas riam enquanto brincavam como crianças.

No dia seguinte, Samuel regava a grama do seu pequeno jardim quando encontrou entre os arbustos um brinco de ouro. Sorriu ao reconhecê-lo. Era de Nicole e tinha sido um presente dele para ela no dia em que Tommy nasceu.

Com certeza havia perdido na noite anterior, quando, depois de botarem os dois pestinhas para dormir, decidiram dar um mergulho na piscina e acabaram fazendo amor na grama. Feliz, Samuel guardou o brinco no bolso da calça jeans, quando de repente seu telefone começou a tocar. Desligou a mangueira e entrou em casa para atender.

— Alô.

— Samuel, aqui é Natasha. Bom dia. Tudo bem?

Ao escutar a voz desagradável de sua sogra, sentou-se e sorriu. Era uma russa fria que não costumava dar muito papo para ninguém. Muito menos para ele.

— Bem, tudo bem — respondeu, coçando a nuca.

Sem mudar o tom da voz, a mulher exigiu:

— Chame a Nicola.

— Ela não está. Saiu com as crianças pra comprar sorvete e ainda não voltou. É algum assunto importante?

Irritada por não poder falar com a filha, ela disse:

— Nada de mais. Só queria ter notícias de vocês. Faz dois dias que não ligam.

— Natasha — respondeu Samuel —, não se preocupe. Se acontecesse alguma coisa ruim, você logo saberia. De qualquer forma, quando a Nicole voltar, eu falo pra ela ligar.

— Tá bom. Fale pra ela me ligar mesmo. Tchau.

Desligou em seguida, e Samuel, convencido de que sua sogra não mudaria nunca, fez o mesmo. A relação entre eles não era lá muito boa. Natasha não entendia como sua filha havia preferido o amor de um americano ao de um russo. E menos ainda que houvesse tido filhos com ele e vivesse em pecado.

Apesar de Natasha morar na Filadélfia havia quinze anos, continuava pensando que nada americano podia ser bom; nem sua Coca-Cola, nem sua Pepsi, e, claro, não queria nem ouvir falar de hambúrgueres ou qualquer coisa que ela considerasse produto local. Por isso, quando soube da existência de Samuel, quis morrer. Aquele americano, pai de seus netos, nem sequer vivia na Filadélfia por tempo integral: ele só passava uns dias lá com a filha dela a cada duas semanas. Além do mais, nenhum dos dois queria casar na igreja, nem dar explicação a Natasha sobre o estilo de vida que levavam. Nicole e ele gostavam de viver assim, e isso a enchia de raiva.

Naquela tarde, quando Nicole voltou para casa com as crianças, Samuel avisou que sua mãe tinha ligado e queria que ela retornasse o telefonema. Como era de se esperar, ele a ouviu discutir antes de desligar. Depois Nicole foi até a cozinha pegar um copo d'água. Falar com sua mãe era difícil e a deixava com a boca seca, de tão nervosa que ela ficava ao ver que era impossível que

Natasha fosse razoável. Samuel, paciente, aproximou-se dela, pegou-a pela cintura e perguntou:

— Qual foi o motivo da discussão hoje, querida?

Deixando o copo na bancada de pedra da cozinha, Nicole resmungou:

— O de sempre, Samuel. Minha mãe é detestável. Gosto dela porque é minha mãe, mas ela é muito cruel comigo.

Com resignação, ele beijou o pescoço de Nicole, tentando acalmá-la.

— Não diga isso. Me conte o que foi e a gente vê o que dá pra fazer — murmurou.

De mãos dadas, sentaram-se no sofá e Nicole expôs o problema.

— Na quinta-feira, dia 16, uns primos meus da Rússia vêm passar duas semanas aqui. Vão se hospedar na casa da minha mãe e ela pediu pra eu ficar lá esses dias com as crianças. Não quer que eles saibam que moro com um homem sem ser casada.

— Hahaha! — reagiu Samuel. — E as crianças seriam filhas de quem? Do vizinho do primeiro andar?

— Samuel! Assim você me deixa mais irritada — gritou Nicole.

— Ok, ok ... você tem razão. Desculpa, foi bobagem minha.

Desesperada, ela suspirou, tirou a franja do rosto e comentou:

— Não, querido. É normal que você diga isso. Com as crianças não tem problema. Minha mãe falou que, apesar da desonra por eu ter engravidado solteira, ela os ama e os defenderá diante de qualquer pessoa. Mas já inventou uma história de que eu e meu marido nos separamos e ele vive em Houston.

— Sua mãe é terrível.

— Ela não quer que meus primos saibam que você existe, e menos ainda que eu vivo em pecado contigo.

Indignado por todo o teatrinho que aquela mulher estava inventando, Samuel perguntou:

— Mas... como é que seus primos vão saber que você vive em pecado se eles não conhecem sua vida aqui?

Desconcertada, Nicole admitiu:

— Na última vez que estivemos na Rússia, minha mãe inventou que eu era casada.

— Inacreditável — disse ele. — O que sua mãe quer com isso?

— Não quer que você apareça em casa enquanto meus primos estiverem por aqui.

— Ah, dane-se a sua mãe — bufou.

— Falei que não aceitaria isso de jeito nenhum. Nem pensar. Não reclamo de você, nem da minha vida, porque te amo e sei que você me ama. Temos dois filhos lindos, uma casa bonita e um futuro pela frente. Mas aí ela disse que, se eu não fizer o que ela quer, é pra eu esquecê-la pra sempre, porque ela nunca mais vai querer saber de mim. E o pior de tudo, Samuel, é que ela faz com que eu me sinta culpada.

— Culpada?

Nicole fez que sim e murmurou:

— Me sinto culpada por ter decepcionado minha mãe. Me sinto culpada por não estar na Rússia. Me sinto culpada por ela ter perdido papai e depois minha irmã. Me sinto culpada por tantas e tantas coisas que eu...

— Isso é uma bobagem — cortou Samuel, abraçando-a. — Você não pode se sentir culpada por nada disso. Ela é que deveria se sentir culpada por te tratar assim e por ser tão pouco compreensiva com sua felicidade. — E, ao ver o desespero nos olhos da jovem, acrescentou: — Olha, vamos fazer uma coisa. Teus primos vêm no dia 16 e vão ficar até o dia 2, né?

— É.

— Você sabe que eu estou indo no dia 18, não sabe? — Ela confirmou com a cabeça. — Então eu posso antecipar a viagem uns dias e só voltar quando eles já tiverem ido embora. Vamos deixar sua mãe feliz, pronto. Você fica morando com ela nesse período e assim a gente vai mostrar que, apesar de ela se comportar como uma bruxa, a gente se importa com ela mais do que ela pensa.

Nicole abriu um enorme sorriso e sussurrou, enfeitiçada pelo encanto de Samuel:

— Você é tão bom que às vezes eu acho que não te mereço.

— Coragem, agora liga pra sua mãe e faz as pazes com ela. Diz que você me contou a história e que vou até a casa dela com uma faca de cozinha pra cravar naquele coração de pedra que ela tem...

— Samuel! — disse Nicole, rindo. — Não seja bobo.

Resolvido o problema, passaram um ótimo dia em família, bem do jeito que ele gostava. Foram a um pequeno parque de diversões e ficaram contentes ao verem os filhos tão felizes.

Dias depois chegaram os aguardados parentes da Rússia. O tempo que passaram juntos foi uma bênção para Natasha, mas logo as férias acabaram e eles foram embora. Depois de deixá-los no aeroporto, seguiram para casa, com Nicole dirigindo, Natasha no banco do carona e as crianças dormindo no banco de trás, cada uma em sua cadeirinha.

— Mãe, não fica triste. Eles falaram que vão voltar.

— Eu sei. Mas não vai ser amanhã, nem mês que vem. Na melhor das hipóteses, daqui a uns dois anos — respondeu Natasha, com os olhos cheios de lágrimas.

A jovem concordou com a cabeça. Sentia pena da mãe por estar tão longe de seu país. Havia sugerido a ela mil vezes que voltasse com sua família, mas Natasha nunca aceitou. Gostasse ou não, o fato de sua filha ter criado raízes nos Estados Unidos a prendia àquele continente.

— Mãe, não se preocupe. Você vai ver como o tempo passa rápido e você logo, logo vai reencontrar a tia Vietrina.

Sem querer sorrir, a mulher olhou com malícia para sua filha e perguntou:

— Acha que o Andrey também vai voltar?

Nicole suspirou. Havia reparado que sua mãe e tia Vietrina faziam de tudo para que o amigo de seu primo, Andrey, estivesse sempre perto dela. Por isso, esclareceu:

— Não tem problema se ele voltar. Desde que não seja por minha causa.

— É um homem maravilhoso, russo... e solteiro!

Sem querer discutir com ela, Nicole falou:

— Andrey é um cara bacana, e tenho certeza de que na Rússia há alguma mulher esperando por ele.

— E por que não pode ser você essa mulher? — perguntou Natasha, irritada.

— Mãe, não começa. Estou feliz com a minha vida.

Incapaz de se calar, Natasha resmungou com amargura:

— Feliz... feliz com sua vida? Como pode dizer isso?

Nicole já estava perdendo a paciência e, sabendo que sua mãe nunca a deixaria em paz com aquele assunto, protestou:

— O que tem de errado, mãe? Não vê que estou satisfeita com o Sam? Ou por acaso você se incomoda por eu ser feliz ao lado dele?

— Esse americano não é homem pra você.

— Então sinto muito, mãe, porque eu amo esse americano e quem manda na minha vida sou eu. Não você.

— Ah, Nicola, como pode dizer isso? Esse homem não é pra você e...

— Você não muda esse disco, mãe. Samuel é maravilhoso com todo mundo, inclusive contigo. E, antes que você diga alguma coisa que me deixe realmente chateada, quero que saiba que, se aceitei passar os últimos dias com você, foi porque esse americano com quem tanto implica me convenceu a fazer isso pra você não ficar magoada comigo, porque...

— Você me dá vergonha, Nicola... Vergonha! — interrompeu com desprezo a mulher.

— Chega, mãe! — gritou Nicole, descontrolada. Não aguentava mais. — Como pode ser tão cruel? Não percebe que quem tem que aceitar o Samuel sou eu, não você? Você não está bem, mãe. Acho sinceramente que o que você queria era me ver sozinha e infeliz outra vez.

— Não estou bem? O que você quer dizer? Acha que estou louca? — berrou Natasha, atônita. — Você é que está louca ao aceitar as migalhas dos outros e se conformar com elas e...

— Cala a boca, mãe, cala a boca! — gritou Nicole, transtornada, enquanto Sasha abriu os olhinhos no banco de trás ao escutar aqueles berros.

— Não dá pra ficar quieta! Não quer ouvir isso, mas você é uma sem-vergonha! — soltou Natasha.

— Chega! Nem mais uma palavra, mãe! — rugiu Nicole, olhando para sua mãe e desviando a atenção da estrada.

Em seguida, após um giro brusco no volante, o carro capotou várias vezes na pista, até que um caminhão bateu nele com um tremendo estrondo. Após uns instantes de silêncio total, ouviu-se apenas o choro de uma criança... e pouco depois a sirene das ambulâncias.

## Capítulo 6

*Nova York, 2 de julho de 2010*

— Bom dia, filha — disse Serena a Terry.

Entrando na sala, a jovem bocejou.

— Bom dia. E, antes que você diga qualquer coisa, sim, estou acabada! Uffff... já não sou mais a mesma... Estou ficando velha...

— Tia, que cara péssima! — disse Cat, sorrindo por saber que Terry tinha saído na noite anterior. — Não dormiu bem?

— Fica quieta, sua chata — respondeu, rindo também. — Algum dia vai ser você que vai pedir pra eu te acobertar.

Nesse momento Kate apareceu impecavelmente vestida com seu terninho e o cabelo preso num coque baixo.

— O que é que há pra acobertar? — E, ao ver o estado da sua irmã, acrescentou: — Terry, meu Deus, que cara é essa?!

Convencida de estar com uma cara péssima, olhou-se no espelho e exclamou, ao comprovar a realidade cruel:

— Meu Deus, estou horrível!

Alguém tocou a campainha. Era Michael. Chegava para tomar o café da manhã, como fazia todo dia.

— Bom dia, lindonas — cumprimentou com alegria e, olhando para a jovem que retirava o cabelo do rosto, continuou com a gozação: — Terry, você como sempre está maravilhosa.

— Só pra lembrar — protestou ela, com um sorriso — que meu estado lamentável é culpa sua. Te falei mil vezes que era hora de voltar pra casa, mas você dizia pra todo mundo: “A saideira!” E tomamos muitas saideiras.

Sem conseguir tirar os olhos dela, cochichou:

— Mas é sério: você está linda, ô pé de valsa!

— Anda, e come umas nozes. Quer? — Ofereceu a ele, com um pratinho nas mãos.

— Terry, pelo amor de Deus! — gritou Serena, rindo. — Afasta essas nozes do Michael imediatamente.

Com seu bom humor de sempre, ele balançou a cabeça e disse, olhando para ela:

— Como você é má, hein! Sabendo que sou alérgico a nozes, você vem e me diz pra comer uma. Quer que eu passe mal, é?

Aquele joguinho entre eles era algo a que todos estavam acostumados. Mas sabiam que não passava disso. Nenhum dos dois permitia nada além. Em todos aqueles anos, a única pessoa que conhecia os verdadeiros sentimentos de Michael era Sam. Mas, por respeito a seu irmão, nunca comentou com ninguém.

Depois de pegar um café, Michael se aproximou de Terry outra vez.

— Sempre falei que você fica mais bonita sem maquiagem. Apesar de você já saber que... — continuou, piscando para Cat — quem nasceu pra ser lagarta nunca vai ser borboleta.

— Falou o verme — respondeu, divertindo-se.

Serena, que sempre achava graça daquelas ceninhas entre os dois, caiu na gargalhada.

— Meninos... Não podem ser mais gentis um com o outro?

Eles se olharam, e Terry, dando-se por vencida, acrescentou:

— Não entendo como você pode estar com essa cara ótima e descansada, considerando que a gente foi deitar às cinco da manhã. São oito e meia!

— Hummmm... Você falou que estou ótimo, é?

“Está mais do que ótimo”, pensou Terry, mas, em vez disso, respondeu, sem tirar os olhos dos lábios dele:

— Sim. — E assentiu com a cabeça.

Depois de olhar para ela como só Michael sabia fazer, foi ele quem rompeu a magia do momento, enquanto Serena, Kate e Cat tomavam café sem parar de assistir ao teatrinho dos dois.

— Tá bom, chega — disse ele. — Aliás, você contou pra eles que ontem eu te ensinei a dançar merengue?

Terry sorriu e sentiu cócegas no baixo-ventre ao se lembrar de como ele a segurara na véspera, dançando juntinhos enquanto mexia os quadris. “Você é que é meu merengue”, pensou ela.

— Ai... que calor — disse, ao sentir a boca seca.

— Merengue? Eu também quero aprender — disse Kate.

Sabia que Michael era festeiro e divertido e levava um ritmo de vida frenético.

— Pelo amor de Deus, um café — exigiu Terry, desvencilhando-se dele. — Ah, e tirem esse cara daqui. Tenho que ir trabalhar e não sei como vou conseguir ficar acordada o dia inteiro.

O telefone começou a tocar. Kate se levantou para atender, mas parou de tocar. Um pouco depois entrou Ollie, que parou ao ver sua tia. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Terry interveio:

— Já sei, querida, estou horrível.

— Por que diz isso? — perguntou Ollie, brincando. — Eu acho que você está ótima.

— Obrigada pelo apoio moral, querida — respondeu Terry, dando um beijo na sobrinha.

— Mãe, tem um homem no telefone perguntando pelo papai — informou Ollie.

Kate se levantou e deixou a copa, onde todos voltaram a comentar sobre a aparência terrível de Terry. Quando chegou à sala, Kate atendeu a ligação.

— Alô.

A voz de um desconhecido respondeu:

— Bom dia. Quero falar com Samuel Malcovich.

— Sam não está — mentiu Kate. Na verdade, ele estava no banho. — Quem gostaria?

— Peter Crowne, da 63ª delegacia da Filadélfia.

— Filadélfia? O que houve?

— Desculpe, senhora, mas preciso falar com Samuel Malcovich.

— Sou a mulher dele. O que houve?

— É sobre um acidente de carro.

Surpresa e sem entender nada, Kate perguntou:

— Um acidente? Que acidente?

O homem continuou:

— Senhora, em nossos arquivos consta que o Mitsubishi Pajero placa Filadélfia 8789 DLB, no nome de seu marido, sofreu há algumas horas um

acidente na autoestrada A-22, sentido Filadélfia.

— Desculpe, sr. Crowne — interrompeu Kate. — Mas não temos nenhum Mitsubishi. Acho que está havendo um engano aqui.

— Samuel Malcovich Talabuki mora aí? — perguntou o homem outra vez.

— Sim, sim. Sam mora aqui.

— Sinto muito, senhora, mas então não houve engano nenhum. Seu marido consta como proprietário do referido carro e o seguro também está em nome dele, e preciso falar com ele urgentemente.

Embora confusa com a história, Kate conseguiu responder.

— Me deixe seu número e seu nome — disse ela, solícita, pegando um papel e uma caneta. — Quando ele chegar, aviso que o senhor ligou.

Assim que Kate desligou o telefone, seu estômago se embrulhou. Sam viajava todo mês para a Filadélfia, mas ela não tinha ideia de que ele havia comprado um carro ali. Sem saber se deveria subir até o quarto em que seu marido se arrumava, voltou à copa, onde todo mundo estava rindo.

— O que houve? — perguntou Serena.

— Nada, era uma ligação para o Sam.

Com as mãos trêmulas, Kate pegou a cafeteira, preparou um café com leite, pediu licença e subiu para o quarto. Deixou o café em cima de uma mesinha ao lado da janela. Quando Sam saiu do banheiro, encontrou-a de costas, parada, olhando pela janela.

— Bom dia, amor — disse ele, aproximando-se para beijar o pescoço dela.

— Bom dia.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Sam.

Kate teve vontade de dizer que sim. Mas, sem saber por quê, preferiu mentir e, apontando para o café, respondeu:

— Não, querido. Toma o café antes que esfrie.

Ele abriu um sorriso encantador, bebeu o café e voltou a se olhar no espelho para colocar a gravata.

— Michael já chegou? — perguntou, enquanto ainda se arrumava.

— Sim, chegou faz um tempinho. Está lá embaixo, implicando com minha irmã, como sempre.

Sam sorriu. Mais do que implicando, Michael a estava ganhando pouco a pouco, e Terry entrava no seu jogo sem saber. Sam lembrou que tinha de perguntar como havia sido a festa. Se bem que, conhecendo Michael e Terry, não tinha a menor dúvida de que haviam se esbaldado. Virando-se para Kate, perguntou:

— Querida, o nó da gravata está bom?

Mas Kate já tinha saído. Havia pegado a xícara de café vazia e ido embora em silêncio, imersa em seus pensamentos. Ao chegar à sala, ouviu sua irmã contar que teria um compromisso às 10h30 para uma sessão de fotos da empresa Brouruma.

— Me diz uma coisa, linda — perguntou Michael, olhando para Kate. — O mala do teu marido vai descer hoje ou é melhor eu já ir pro escritório sem ele? Tenho que estar no tribunal às onze pra audiência dos Blaster.

— Não vai demorar — respondeu ela, tentando sorrir. — Estava enrolado ajeitando a gravata.

Nesse momento Sam entrou.

— Bom dia, família.

— Oi, pai! — responderam Cat e Ollie, empolgadas com sua presença.

— Vem logo, seu mala — disse Michael, suspirando. — Você demora mais que uma mulher pra se vestir.

Seguro de si, Sam olhou para a sogra e disse, num tom cômico:

— Mas o resultado é bom, né? Por sinal, hoje eu tenho duas audiências.

— Está elegante, mocinho — respondeu Serena com cumplicidade. Eles se adoravam. — Hoje você ganha os processos. Tem que saber combinar tudo: a elegância na roupa e a elegância na fala. E você, querido — acrescentou, levantando-se para dar um beijo na bochecha dele —, tem tudo isso.

— Ai... quanto puxa-saquismo eu estou vendo por aqui — brincou Michael e, virando-se para Kate, perguntou: — Está pronta?

Mas, desde aquele telefonema estranho, Kate estava absorta em seu próprio mundo.

— Vão indo vocês. Eu vou no meu carro. Tenho que anotar umas coisas antes de ir pro escritório. Hoje não tenho nenhuma audiência.

Despreocupado, Sam mordiscava uma torrada que sua filha Ollie lhe havia oferecido.

— Serena, não esquece de pedir pra Teresa buscar meus ternos na tinturaria. Amanhã viajo pra Filadélfia e preciso deles.

— Pode deixar, filho, não vou esquecer.

Kate, distraída, deu um beijo nos lábios de seu marido, pensando no que ele havia acabado de dizer. Depois o viu indo embora e entrando no Chevrolet Camaro de Michael, que logo desapareceu no meio do trânsito. Pouco depois, Cat e Ollie foram para a escola, e Serena e Kate ficaram sozinhas.

— Quais são seus planos pra hoje? — perguntou Serena à sua filha, notando o semblante preocupado dela.

Era raro vê-la sentada à mesa da cozinha. Sempre era a primeira a sair voando para o escritório. Serena chegou mais perto e disse:

— Kate, querida, está tudo bem?

Sua filha fez que sim com a cabeça, esboçando um sorriso tímido; em seguida se levantou da mesa e foi para o quarto.

— Sim, mãe. Está tudo ótimo — conseguiu dizer, em um fio de voz.

Meia hora mais tarde, Kate dirigia seu carro em direção ao aeroporto.

## Capítulo 7

Na 63<sup>a</sup> delegacia da Filadélfia, ao verem que Samuel Malcovich não entrava em contato, eles decidiram ligar outra vez para sua casa. Dessa vez, Teresa, a empregada, passou o número do escritório.

— Bom dia, escritório Dallet & Malcovich, com quem deseja falar?

— Bom dia, com o sr. Samuel Malcovich, por favor.

Após uns instantes, uma nova voz surgiu na linha:

— Alô.

— Eu gostaria de falar com o sr. Samuel Malcovich.

— Da parte de quem?

— Peter Crowne, da 63<sup>a</sup> delegacia da Filadélfia.

— Um momento, por favor.

Elora, a secretária de Sam, ligou para ele pelo telefone interno, bem no instante em que ele se preparava para sair.

— Peça pra deixarem o número. Depois ligo de volta.

Sam pegou sua pasta e, enquanto arrumava os papéis que pretendia levar para o tribunal, seu telefone tocou novamente.

— Desculpe, sr. Malcovich — disse Elora. — Mas o sr. Crowne insiste que é um assunto importante. Algo sobre um acidente com um Mitsubishi.

O sangue de Sam gelou. Ele ficou paralisado, mas respondeu com rapidez:

— Tudo bem, pode me passar a ligação. — E, sentando-se, respondeu com um fio de voz: — Bom dia, Samuel Malcovich falando.

— Bom dia, sr. Malcovich. Meu nome é Peter Crowne — disse pela quarta vez naquela manhã. — Estou ligando porque seu carro sofreu um acidente. Localizamos o senhor através dos documentos que estavam em seu nome.

— Por favor, me diga o que houve. Nicole e as crianças estão bem? — perguntou, nervoso.

Sem querer revelar demais, o homem se limitou a responder:

— Seria melhor que o senhor viesse à Filadélfia. Só posso informar que estão no hospital Meison.

Sam foi invadido por uma angústia tremenda. Um calor terrível tomou conta de seu corpo e, sem conseguir evitar, ele insistiu:

— Tudo bem, estou indo, mas pode, por favor, me dizer se estão bem?

O sr. Crowne sabia por experiência que era melhor não alarmar, então apenas repetiu o que já dissera:

— Sinceramente, não sei, sr. Malcovich. Só sei que o senhor deve vir o quanto antes.

Com as mãos trêmulas, Sam conseguiu dizer:

— Vou pegar o primeiro voo e ir direto ao hospital.

Ao desligar o telefone, Sam tremia todo. O que teria acontecido com Nicole e as crianças? Nesse momento, a porta do seu escritório se abriu e Michael entrou.

— Vamos, Sam. Temos que ir para as audiências.

— Não vou poder. Estou indo pra Filadélfia neste momento — replicou ele, totalmente desconcertado.

Michael o olhou espantado.

— Filadélfia? Mas não era amanhã que você ia?

Sam mal conseguia responder. Enquanto se apressava em vestir o paletó, disse, por fim:

— Michael, não posso falar... não agora, pelo menos. Cuida dos meus processos, por favor. Se não puder, fala com o Jonathan ou a Shalma... eu... tenho que ir.

— Espera. O que houve? — Michael o deteve, assustado ao vê-lo assim.

— Não tenho tempo de te contar agora. Na volta eu explico — respondeu desesperado e sem querer falar mais do que o necessário.

Depois, saiu correndo em direção à saída e pegou um táxi rumo ao aeroporto. No voo para a Filadélfia, não conseguiu conter as lágrimas, mesmo sem entender ao certo o quanto sua vida mudaria dali em diante.

## Capítulo 8

Na delegacia de Filadélfia, Peter Crowne dissera a Kate que ela deveria ir ao hospital Meison e perguntar pelo doutor John Trevolar. Ao chegar lá, esperou alguns segundos na recepção, e logo apareceu o médico.

— Bom dia. Meu nome é Kate Malcovich. Estou aqui porque nos avisaram que nosso carro, um Mitsubishi, estava envolvido num acidente. O veículo está no nome do meu marido, Samuel Malcovich, e... e... não sei mais nada — balbuciou Kate, cada vez mais nervosa. O que ela estava fazendo ali?

— Por favor, me acompanhe, sra. Malcovich — respondeu o médico em tom amável.

Entraram no consultório dele, e Kate, aturdida, acomodou-se na cadeira enquanto o médico dava uma olhada numa pasta.

— Por volta das onze e meia da noite houve um acidente na autoestrada A-22, sentido Filadélfia. Dentro do carro viajavam quatro pessoas: duas mulheres

e duas crianças. As mulheres se chamam Natasha Ulchenka e Nicola Uldock Ulchenka. A senhora as conhece?

Sem entender nada, Kate fez que sim com a cabeça, ao mesmo tempo em que retorcia as mãos. Precisava saber por que o carro em que elas viajavam estava no nome de Sam, então fingiu que as conhecia.

— Sim, são conhecidas nossas. O que houve?

O médico prosseguiu:

— Também havia duas crianças no veículo: Sasha e Tommy Malcovich Uldock.

Kate quase caiu para trás. Conteve a respiração e perguntou num sussurro:

— Que nomes o senhor disse?

Sem olhar para ela, ele se limitou a cumprir seu trabalho e repetiu:

— As crianças se chamam Sasha e Tommy Malcovich Uldock.

Ao levantar os olhos dos papéis e ver a palidez do rosto da mulher à sua frente, o médico explicou:

— O menino está fora de perigo, apenas sofreu alguns cortes e contusões. Mas a menina teve que ser operada, por causa de uma fratura na perna. — Tomou ar e continuou: — Quanto às mulheres que estavam junto, lamento informar que elas morreram na hora.

— Ai, meu Deus... — gemeu Kate, levando as mãos à boca.

— Sinto muito — continuou o médico. — Mas preciso que a senhora identifique os corpos.

Kate negou com a cabeça e sentiu um enjoo terrível. Ainda assim, conseguiu balbuciar a duras penas:

— Não, eu não. Meu marido é que vai fazer isso quando chegar.

— Tudo bem, então. Não se preocupe. Podemos esperar.

Kate ainda não podia acreditar no que estava ouvindo. Parecia viver um pesadelo. O que era aquilo tudo? E, principalmente, por que aquelas crianças tinham o sobrenome de Sam? Sentia-se incapaz de aceitar o que estava começando a suspeitar, e quis pensar que tudo se resolveria quando seu marido chegasse.

O médico se aproximou dela e acrescentou:

— Sinto muitíssimo. Fizemos o possível. — Transtornada, Kate balançou a cabeça em sinal afirmativo, e o médico prosseguiu: — Se a senhora quiser, posso levá-la para ver as crianças.

Kate aceitou a sugestão, quase sem saber o que estava fazendo. Subiram em silêncio os três andares que os separavam da pediatria, onde o médico avisou que o menino e a menina estavam no quarto 326.

Como um robô sem vontade própria, Kate passou devagar pelo corredor. Pensou mil vezes em dar meia-volta, retornar por onde tinha vindo e esquecer tudo para sempre, mas algo dentro dela a impedia de fazer isso e a arrastava irremediavelmente até aquele quarto. Ao chegar, estendeu a mão e abriu a porta, incapaz de recuar. Ali, diante dela, estavam duas crianças dormindo em suas pequenas camas com barras laterais.

Com o coração na mão, aproximou-se da cama do menino. Ele dormia profundamente. Tinha um enorme curativo na testa e vários pontos no pescoço, no rosto e nos bracinhos. Era igual a Sam. E, mesmo sem poder ver a cor de seus olhos, imaginou que eram escuros como os dele. Atormentada, virou-se para a cama da menina. Era loura e branquinha. Nada a ver com Sam. Por um momento os observou, confusa, mergulhada em uma infinidade de pensamentos contraditórios, até que não aguentou mais e saiu apavorada do quarto. Correu para a rua. Precisava de ar fresco. E, principalmente, precisava chorar.

## Capítulo 9

Quando Sam chegou ao hospital, perguntou diretamente por Nicola Uldock. A recepcionista verificou o nome no computador e em seguida informou que o doutor teria que falar com ele.

Minutos depois, o médico contava novamente o que tinha acontecido. Sam foi tomado por uma onda de dor e raiva ao saber do acidente e das mortes trágicas de Nicole e da mãe dela. Seu corpo se encolhia de sofrimento. Desconcertado, não conseguiu reprimir um grito de desespero e por um

momento chegou a pensar que iria desmaiar. Mas o médico, acostumado com situações tensas e dolorosas como a que estava presenciando, reagiu a tempo, acompanhando Sam até uma das cadeiras.

Depois de esperar pacientemente que Sam se recuperasse, o médico pediu a ele que reconhecesse os corpos. Então desceram até o necrotério, e Sam sentiu suas forças o abandonarem ao identificar primeiro Natasha e em seguida Nicole. Ele caiu para trás ao vê-la e começou a chorar enquanto segurava sua mão pela última vez. Prometeu a ela que cuidaria das crianças e depois deu um último beijo em seus lábios frios. Foi embora sem olhar para trás, arrasado pela dor.

Subiu até o quarto onde seus filhos estavam internados. Ao entrar, foi primeiro até a cama de Tommy e acariciou a mãozinha dele. Era tão pequenina... Ele tinha apenas um ano e oito meses e já viveria o resto da vida sem uma mãe. Com olhos chorosos, virou-se para Sasha, de apenas 4 anos. Como explicaria a ela que a mamãe nunca mais voltaria? Horrorizado, levou as mãos à cabeça. Naquela manhã, o frágil equilíbrio de seu mundo havia desmoronado. O que faria agora?

No silêncio do quarto, voltou a chorar inconsolável, quando de repente a porta se entreabriu. Os olhos de Kate, inundados de lágrimas, observavam Sam. Ele se virou para ver quem era e deu de cara com ela. De início assustado e logo invadido pelo desespero e pela angústia de ter sido pego, só conseguiu balbuciar:

— Desculpa, querida... Desculpa. Tudo o que posso fazer é pedir mil vezes seu perdão.

Furiosa e transtornada pelo que estava vivendo, entrou no quarto e, sem levantar muito a voz, andou até ele e disse:

— Acha que as palavras são suficientes pra eu te perdoar?

— Não sei o que dizer e...

— Nisso eu te entendo, seu mentiroso desgraçado — respondeu com dureza. — De repente me vejo hoje... Eu... eu... confiava em você. Nunca poderia imaginar que você fosse capaz... que levasse uma vida dupla. Nunca!

— Eu mereço tudo o que você está dizendo. Não vou tentar me defender. Eu errei, eu sei.

Kate fechou os olhos, conteve a vontade de chorar e sussurrou:

— *Nunca* pensei que você me faria pagar pelo meu erro dessa maneira. Você tinha dito que me perdoava e... e... Seu desgraçado! Não só me traiu como também traiu *suas filhas*.

— Eu sei... eu sei... — Arrasado pela dor e pelo desespero que o oprimiam, não sabia mais o que dizer.

Após um momento bem tenso entre os dois, com Kate querendo gritar e xingá-lo até ficar sem voz, ela tomou ar e respirou fundo. Tentando manter a cabeça fria, disse, apontando para as crianças adormecidas:

— Você vai ter que dar uma explicação a Cat e Ollie sobre sua vida dupla. Como vai justificar o fato de elas terem dois irmãozinhos? Como acha que elas vão encarar isso?

— Não sei. Preciso pensar, mas... — murmurou Sam, abatido.

— Pois então pensa logo — interrompeu-o Kate. — Porque é você que vai explicar essa situação, não eu.

Dito isso, Kate deu meia-volta para ir embora, mas sentiu alguém pegando sua mão. Ao olhar, viu a menina abrindo os olhinhos e observando-a. Sem saber como reagir, Kate olhou para Sam, que se levantou rapidamente para falar com a criança.

— Princesa, como você está? — perguntou ele com voz trêmula, enquanto enxugava as lágrimas dos olhos.

Movendo-se desconfortável na cama, a menina franziu a testa e, sem reparar que estava dando a mão a uma desconhecida, queixou-se:

— Papai, papai, tá doendo.

Assustado, Sam saiu do quarto à procura de um médico, sem reparar que Kate ficaria sozinha com seus filhos. Ela tentou não se envolver, já que não era problema seu. Mas, ao ver a menina tão indefesa gemendo de dor, não pensou duas vezes e foi logo consolá-la.

— Calma, Sasha — sussurrou com ternura. — Não chora, querida.

A garota, apavorada, olhava para ela e chorava. Quem era aquela mulher?

— Cadê o papai? E a mamãe?

Exasperada e ao mesmo tempo comovida pelas lágrimas da menina, Kate disse, sem sair do seu lado:

— Ele foi chamar o médico pra examinar sua perninha. Está doendo muito?

Com seus lindos olhos azuis voltados para Kate, a criança soluçava.

— Sim, muito... tá doendo muito.

Invadida por sentimentos contraditórios, Kate se agachou e a abraçou. A pobre menina não tinha culpa do que o mentiroso do seu pai havia feito.

— Não chora, lindinha. Logo, logo, seu pai vai encontrar o médico e ele vem aqui pra acabar com essa dor — Kate tentou consolá-la e deu um beijo na sua bochecha.

— E cadê a mamãe? — perguntou a menina. — Quero a mamãe.

Nesse momento Sam entrou com uma expressão preocupada, seguido por uma enfermeira e um médico. Kate saiu da frente para que atendessem a menina e aliviassem a dor que ela sentia. O efeito do sedativo havia passado, e tiveram que dar mais uma dose para ela poder descansar. Mas, enquanto atendiam a menina, o garoto acordou e começou a chorar.

Sam estava desesperado. Não sabia a quem acudir primeiro. De um lado, Sasha o chamava; do outro, Tommy erguia os bracinhos, pedindo atenção. Sua vontade era se dividir para cuidar dos dois, mas era impossível. Enquanto isso, Kate apenas assistia à cena. Chegou a pensar em ir embora e esquecer tudo, mas aquelas pobres crianças não tinham culpa de nada. Acabou largando a bolsa, tirando o casaco e ordenando ao marido:

— Sam, você fica com a Sasha. Eu cuido do garoto.

Com um sorriso caloroso, Kate começou a cantarolar uma música para Tommy se acalmar. Ele rapidamente botou a chupeta na boca e ficou olhando para aquela mulher. Arrasada por tudo o que havia ocorrido nas últimas horas, Kate desatou a chorar. Lágrimas pesadas começaram a escorrer por suas bochechas, e ela tentava enxugá-las. Não era hora de chorar, ainda não. Acariciou com ternura o rosto do garoto, e ele foi relaxando. Instantes depois, a enfermeira apareceu de novo e injetou alguma coisa no soro de Tommy. Ele fechou os olhinhos e adormeceu de mão dada com Kate.

— Meu irmãozinho dormiu? — perguntou Sasha.

Abatido, Sam estava sem palavras, então foi Kate quem respondeu, após soltar a mão de Tommy e pegar sua bolsa e seu casaco.

— Dormiu, sim, lindinha.

Com cara sonolenta, a menina olhou para ela e fez mais uma pergunta:

— Qual é seu nome?

— Kate.

Sasha abriu um sorriso triste e em seguida bocejou.

— Gosto desse nome e você é muito bonita. É amiga do meu pai?

Kate e Sam se olharam aturdidos.

— Fecha os olhos e dorme, Sasha — murmurou ele.

Mas Kate, incapaz de ignorar o olhar da menina, respondeu:

— Seu pai e eu nos conhecemos há muito tempo. — E, sentindo as lágrimas lutarem novamente para sair, encerrou a conversa: — Preciso ir.

— Você vem de novo amanhã pra ver a gente? — quis saber a menina.

Kate não aguentava mais. Como podia perguntar tantas coisas? Mas tentou não ser ríspida com ela e respondeu:

— Acho que não, lindinha. Estou cheia de trabalho.

Consciente do que aquilo tudo estava representando para sua mulher, Sam tocou com ternura a testa da criança e disse baixinho:

— Princesa, a Kate tem muito trabalho e acho que não vai poder vir. Mas fica tranquila, o papai vai estar aqui contigo.

Aquelas últimas palavras, “o papai vai estar aqui contigo”, foram como uma punhalada no coração de Kate e, antes de sair do quarto, ela se despediu, dizendo apenas:

— Tchau, Sasha. Se cuida, e cuida do seu irmãozinho também.

Quando já estava no corredor, Kate desabou. Como aquilo tudo podia estar acontecendo? Enxugou as lágrimas e começou a andar em direção ao elevador, até que sentiu alguém segurando seu pulso para detê-la. Era Sam.

— Obrigado, Kate...

Ela não conseguiu olhar para ele. Afastou sua mão e afirmou num tom de voz cortante:

— Não quero que você volte pra casa. Quero o divórcio e exijo que você fale o mais rápido possível com as meninas sobre o que aconteceu.

— Kate, me escuta — respondeu ele, desesperado. — Vou fazer tudo o que você quiser, vou falar com nossas filhas, vamos resolver tudo. Mas, por favor, me dá um tempo. Preciso ficar aqui no hospital com as crianças.

Sua resposta fez Kate reagir. Olhando com fúria para Sam, ela disse:

— O quê?! Você está me pedindo que seja boazinha com você e com seus problemas? Ah, não... Sam. Isso não. Danem-se os seus sentimentos. Quero resolver essa loucura o quanto antes. Entendido? O quanto antes!

Sam ficou desconcertado ao ver a angústia e a raiva de Kate. Ela não merecia passar por tudo aquilo, mas naquele momento ele não podia fazer outra coisa.

— Kate, por favor, eu imploro. Estou dizendo que vou fazer tudo o que você quiser. Não vou me opor a nada do que você pedir. Mas nesse momento eu tenho um grande problema e...

— Você está enganado, você tem *muitos* problemas.

Ele sabia que ela estava certa, mas, diante das circunstâncias, tentou explicar sua situação:

— Não conheço ninguém na Filadélfia que possa tomar conta das crianças no hospital quando eu for pra casa falar com as meninas. Sasha e Tommy só têm a mim, mais ninguém. E eu não posso ir embora e deixá-los sozinhos e assustados aqui. Kate, por favor... por favor, não te peço mais nada.

Incapaz de acreditar no que estava ouvindo, Kate insistiu:

— Não vem com essa pra cima de mim, Sam. Por acaso a mãe das crianças não tinha família aqui?

— Não, ninguém, só a mãe dela, avó das crianças, que também morreu. — E, olhando-a nos olhos, implorou: — Por favor. Sei que nesse momento sou a última pessoa que você gostaria de ajudar, mas não posso ir embora e deixá-las sozinhas, porque eles só têm a mim no mundo.

Kate olhou desolada para ele. O homem que ela colocava num pedestal, que ela adorava, aquele que num momento da sua vida conseguiu entender que ela estava lhe pedindo um tempo... Quis responder que não. Ser má com ele, como ele merecia. Mas Kate conhecia Sam, ou, pelo menos, pensava conhecê-lo até então, e sabia pelo seu olhar que ele estava pedindo de coração. Aturdida,

balançou a cabeça e, caminhando até o elevador, disse “sim” sem lhe dirigir o olhar.

— Está bem, Sam. Vou esperar. Tchau.

Devastado pela tristeza e sentindo-se o homem mais cruel do mundo, ele a viu afastar-se e sussurrou:

— Tchau, Kate.

E, quando ela já não podia mais ouvir, Sam deixou escapar um triste e lânguido “Te amo”.

No elevador, Kate desabou de novo. Começou a chorar copiosamente enquanto as pessoas ao redor a observavam com tristeza, imaginando que acabava de perder um ente querido. E não estavam enganadas.

Naquela noite, na solidão do quarto, Sam também chorou como uma criança. Chorou pela morte de Nicole. Uma boa moça que o amava e que havia aceitado aquela vida, apesar de saber que Sam nunca se divorciaria de sua esposa. Chorou pelos filhos, por todos os seus filhos. Pelo sofrimento que causaria a todos eles. E chorou por Kate, a mulher que ele sempre amara e que agora havia perdido. Na mesma noite, Sam se encolheu na poltrona do quarto e fechou os olhos, tentando esquecer o aqui e agora e mergulhar num passado que nunca voltaria.

## Capítulo 10

Na manhã seguinte, após uma noite terrível, Sam tomou coragem e ligou para Michael. E, sem muitas explicações, mas exigindo que não contasse a Kate, pediu a ele que enviasse algumas roupas. Mas, quando deu o endereço do hospital, Michael decidiu levá-las pessoalmente. Precisava saber o que havia ocorrido.

Jogada na cama de seu quarto, Kate chorava sem parar. Sua mãe, desesperada e sem entender o que acontecia, ligou para Shalma, a melhor amiga de sua filha. Ela chegou uma hora depois.

— O que houve?

Angustiada, Serena contraiu a expressão do rosto.

— Não sei, filha. Ontem à noite Kate chegou com uma cara péssima, se trancou no quarto e desde então não saiu de lá. Sam não dormiu em casa. Devem ter brigado e por isso ela está desse jeito.

Shalma achou estranho. Em todos esses anos em que Sam e Kate estavam juntos, nunca acontecera de uma discussão fazê-lo dormir fora de casa, nem mesmo quando ocorreu “aquele episódio”. Entre eles já haviam acontecido coisas muito mais sérias, e uma simples briguinha não seria capaz de separá-los.

— Tem razão. Mas deve ter sido uma discussão sem importância — disse Shalma, na tentativa de acalmar Serena.

Com um meio sorriso, Serena balançou a cabeça em sinal afirmativo.

— Foi o que a Terry disse ontem à noite. Mas hoje de manhã ela saiu bem cedo pra trabalhar e não deu tempo de eu contar o que estava acontecendo. Já tentei falar com a Kate, mas ela não quer conversar. Só pede pra eu deixá-la descansar. Diz que está precisando.

— As meninas sabem de alguma coisa?

A mulher negou com a cabeça.

— Nada. Ontem foram deitar cedo e hoje nem estranharam a ausência dos pais, nem do Michael.

— Michael não veio? — perguntou Shalma, cada vez mais intrigada.

— Pois é, filha, ele também não veio — respondeu Serena, suspirando. — E por isso eu sei que alguma coisa aconteceu. E é grave.

— Fica calma. Vou ver o que ela vai me contar — disse Shalma e subiu as escadas em direção ao quarto da amiga.

Deu umas batidinhas na porta e tentou entrar, mas estava trancada.

— Kate, se você não abrir, juro pelos meus filhos que vou arrombar essa porta e você sabe que estou falando sério — avisou Shalma.

Segundos depois, ouviu a chave girando e sua amiga surgiu com os olhos inchados de tanto chorar.

— Entra — ordenou Kate com um fio de voz.

— O que está acontecendo? — perguntou Shalma, preocupada.

E Kate desabou outra vez enquanto começava a contar entre soluços tudo o que havia ocorrido, sem omitir detalhes. Shalma não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Sam tinha uma vida dupla? Inacreditável.

Quando Kate terminou seu relato, murmurou enquanto assoava o nariz:

— É um pesadelo. Nunca pensei que uma coisa dessas pudesse acontecer comigo, principalmente depois de tudo o que houve. Mas talvez tudo fosse perfeito demais. Quase um conto de fadas: uma vida maravilhosa, uma família incrível, um trabalho respeitável e um marido que me amava, capaz de perdoar tudo...

— E que com certeza ainda te ama — respondeu sua amiga, tentando levantar seu ânimo.

Kate ia protestar, mas ficou quieta. Shalma a observava. Sabia o que Sam sentia por ela. Ele havia demonstrado esse amor em mais de uma ocasião, mas ela não conseguia entender isso de vida dupla. E, sobretudo, não entendia por que ele estava fazendo isso *agora*.

— Você sabe o que o Sam significava pra mim — disse Kate, enxugando as lágrimas. — Era meu príncipe encantado. O homem ideal! Mas sabe o que eu concluí com essa história toda?

— O que você concluiu?

Com a dor refletida em seu rosto, respondeu:

— Que a vida não é o maravilhoso conto de fadas que eu imaginava... porque os príncipes encantados viram sapos.

Ver sua amiga chorando de desespero e tristeza partiu o coração de Shalma, mas ela estava disposta a ajudá-la a qualquer custo.

— Escuta, Kate — disse, retirando o lindo cabelo louro do rosto da amiga.

— Entendo que os príncipes encantados podem virar sapos, mas, como amiga sua que eu sou, devo lembrar que as princesas também. Entendo sua dor, sua fúria, sua raiva. Entendo que nesse momento a única coisa que você quer fazer é pegar Sam e trucidá-lo por ter se comportado como um porco insensível. Mas também entendo que você, justamente pelo que já aconteceu, deveria

saber também que a vida não é um conto de fadas e que todos nós, príncipes e princesas, acabamos virando sapo em algum momento de nossas vidas.

Após ouvir as palavras de sua amiga, que ela tanto compreendia, Kate se aninhou em seus braços e continuou chorando.

## Capítulo II

Michael colocou algumas roupas na mochila e pegou o primeiro voo para a Filadélfia. Por mais que tentasse pensar sobre o que poderia ter acontecido, nada lhe ocorria, e isso o preocupava cada vez mais. Ao chegar à cidade, e já no táxi, uma mescla de medo e angústia se apoderou dele. E se havia acontecido alguma coisa grave com Sam?

Entrou no hospital com o coração na mão e subiu até o andar que Sam havia indicado. Ao ler a placa da pediatria, achou estranho. O que Sam estaria fazendo ali? Mas entrou no quarto sem pensar duas vezes.

Ao ver seu irmão chegar, Sam correu para abraçá-lo. Precisava do contato físico com Michael. Ele o enchia de coragem e afeto.

— Sam, o que está havendo? — perguntou, assustado.

— Obrigado... obrigado por vir — sussurrou Sam.

Cada vez mais confuso, Michael olhou para as duas crianças que dormiam tranquilamente.

— Posso saber o que você faz aqui e quem são essas crianças? — perguntou.

Sam não pôde reprimir um soluço. Os dois haviam passado por várias coisas juntos, e ele sabia que seu irmão o entenderia, tinha que entender. Havia crescido sem pais, e ele não permitiria que Tommy e Sasha passassem pela mesma situação. Após um momento repleto de dúvidas para Michael, e de insegurança para Sam, ele tomou coragem e respondeu sem rodeios:

— Meus filhos.

Surpreso como nunca havia ficado, Michael olhou para as crianças e exclamou:

— Seus filhos?! Mas... mas...

Ao perceber o desconcerto de Michael, Sam o segurou pelos ombros e nesse momento se deu conta de que havia chegado a hora de começar a dar muitas explicações.

— Vamos lá fora e eu explico.

No corredor, Michael escutava de olhos arregalados o que seu irmão lhe contava. Parecia irreal ouvir uma história como aquela, ainda mais vindo de Sam.

— E isso é tudo — murmurou, desesperado, botando a mão no rosto.

Assombrado, Michael balançou a cabeça.

— Sam, como você pôde me esconder uma coisa dessas? — perguntou.

— Não tinha orgulho do que estava fazendo, Michael. Apesar de amar as crianças e de ser capaz de dar minha vida por elas ou pelas minhas filhas, sempre tive consciência de que o que estava fazendo era errado.

— Mas eu e você sempre contamos tudo um ao outro e...

— Eu sei, mas...

Ao ver o desespero no rosto de Sam, Michael suspirou e pousou a mão em seu ombro para tranquilizá-lo.

— Ok... ok.

Depois de consolar Sam, seu irmão, seu amigo, Michael olhou para as crianças através de uma fresta da porta e fez a pergunta que o estava corroendo havia algum tempo:

— E Kate?

Assim que Sam escutou esse nome, seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Quer o divórcio. — Os dois balançaram a cabeça e Sam continuou: — Você acredita que ontem, apesar de estar furiosa comigo, ela me ajudou com as crianças? — Michael sorriu. Kate era mesmo magnífica. — Apesar de estar furiosa... me ajudou com as crianças — repetiu Sam. — É uma mulher admirável, a melhor de todas — acrescentou com um fio de voz.

Michael continuava sem entender por que seu irmão havia mantido aquela vida dupla.

— Você sabe que eu adoro a Kate, né? — replicou Michael. — Faria qualquer coisa por ela, mas não esqueça que por você eu também faria tudo. E, conhecendo-a como eu conheço, imagino que esteja muito magoada e...

— Não se preocupe — disse Sam. — Se ela te pedir pra preparar as medidas cautelares para o divórcio, quero que você dê toda a assistência necessária. Toda.

De repente ouviram uma vozinha assustada, e Sam, esquecendo-se de tudo, entrou no quarto, seguido por Michael.

— Papai, papai... — chamava Sasha, desesperada.

— Estou aqui, princesa — respondeu ele e correu para abraçá-la. — O papai saiu um minutinho, mas já voltou.

A angústia e o pavor se refletiam no rosto da menina.

— Pai, eu estava com medo de que você também tivesse ido pro céu com a mamãe e a vovó.

Michael ficou arrepiado ao escutar isso. Lembrava a aflição que sentia quando era pequeno e pensava que alguma coisa pudesse acontecer com Sam, que era a única pessoa que ele tinha no mundo.

— Não, meu amor — disse Sam, sorrindo. — Nunca vou te deixar sozinha. Nem você, nem o Tommy — assegurou, tentando reconfortar a pequena.

— Pai, e quem é esse homem? — perguntou Sasha de repente, quando enfim reparou na presença de Michael.

Sam olhou para Michael e não se surpreendeu ao vê-lo com os olhos marejados. Sabia o que ele pensava, e sobretudo o que ele sentia, e isso o comoveu. Mas Michael, como sempre, tirou forças sabe-se lá de onde e, engolindo as lágrimas, aproximou-se da menina.

— Está falando de mim, senhorita?

Segurando com força a mão de seu pai, a menina fez que sim com a cabeça e Michael piscou para ela.

— Mas... bem, seu pai não te disse quem sou eu? — A menina negou. Michael chegou ainda mais perto dela e explicou: — Meu amor, sou seu tio Michael. Nunca se esqueça. Combinado?

Ao ouvir isso, Sam teve que se levantar e se afastar um pouco de sua filha. Emocionado e agradecido, sentiu as lágrimas brotando outra vez de seus olhos e escorrendo por seu rosto descontroladamente, mas agora de felicidade. Sabia que, se alguma coisa lhe acontecesse, Michael cuidaria de seus filhos.

No dia seguinte, depois de falar por telefone com sua secretária para resolver algumas pendências do trabalho, Michael ficou no hospital com as crianças. Sam iria ao enterro de Nicole e Natasha. Horas depois, voltou ao hospital e, ao entrar no quarto, quase caiu para trás ao ver Kate junto com Michael.

— Papai, papai! — gritou Sasha, mais disposta. — Olha o que a Kate trouxe pra mim.

A menina lhe mostrou uma Barbie, e Sam, abatido, balançou a cabeça em sinal de aprovação. Não parava de olhar para Kate, que também não estava com uma cara nada boa.

— Obrigado, Kate. — E, virando-se para a menina, acrescentou: — Legal, Sasha! Essa é a Barbie que você queria, né?

— É — confirmou a menina e, dirigindo-se para Kate, perguntou: — Como você sabia que era a que eu queria?

Kate sorriu na medida do possível. Não gostava de ver Sam naquele estado, mas fora ele quem provocara aquilo tudo. Ainda não sabia o que estava fazendo ali nem por que havia pegado o avião para a Filadélfia.

— Bom, a Barbie me ligou e disse: me leva até a Sasha. E por isso eu a trouxe pra você.

Ainda admirado por aquela visita, Michael a observava sorrindo para a menina. Era incrível a força de Kate. Por isso ele gostava tanto dela.

— Sério? — sussurrou a garota, boquiaberta.

Kate fez que sim, mas logo se dirigiu a Sam e disse que queria falar com ele. Já no corredor do hospital, quando andavam até o elevador a caminho da cafeteria, Sam não conseguiu se conter:

— Kate, obrigado por tudo.

— Quando você vai falar com as meninas? Não param de me perguntar o que está acontecendo.

— Me dá um tempo, por favor. Não posso ir embora e deixar as crianças sozinhas. Elas não têm mais ninguém — implorou, coçando a barba já aparente.

— Têm o Michael — respondeu, furiosa. Ao chegar ao hospital e ver Michael ali, Kate foi logo “ligando os pontos”.

— Ele também não sabia de nada, Kate. Não comece a tirar conclusões precipitadas — disse Sam, que a conhecia bem e sabia o que estava pensando.

— Sinceramente, Sam, não me interessa o que você diz. Só sei que Michael está aqui, contigo, te dando uma mão.

— Uma mão e todo o corpo — brincou num tom triste. — Graças a ele posso sair pra comer e tomar banho. Quero muito que as crianças recebam alta logo pra eu poder ir com elas a Nova York e falar com as meninas. — Ao ver a cara que ela fazia, Sam acrescentou: — Também devo uma explicação à sua mãe e à sua irmã.

Como Kate apenas balançava a cabeça sem dizer nada, ele sentiu que devia lhe pedir desculpas outra vez.

— Sei que errei e joguei no lixo nosso futuro juntos. Quanto ao divórcio, já falei para o Michael preparar as medidas cautelares, que vou assinar sem nem mesmo ler. Se há alguém aqui que não cumpriu as promessas que fizemos, esse alguém sou eu, e assumo toda a responsabilidade. Não vou colocar qualquer obstáculo a nada que você me pedir.

Kate o escutava com expressão ausente, tentando transmitir frieza. Mas mesmo naquele terrível momento ela não conseguia evitar pensar em todo o mal que fizeram um ao outro. Sam era uma boa pessoa. Aquela oferta poderia prejudicá-lo seriamente. Ela poderia ficar com a casa, o escritório, retirar o dinheiro das contas bancárias etc. Mas a grande diferença que havia entre eles e muitos outros casais que passaram por situações parecidas era que, apesar de tudo, haviam aprendido a ser amigos.

— Sam, nunca imaginei que você pudesse fazer algo assim, apesar de tudo o que aconteceu. Não depois de tudo o que passamos juntos.

Ele ficou olhando para ela. Não gostava de remoer o passado. Mas dessa vez o culpado era ele. Só ele. E não havia nada a fazer, exceto assumir a culpa e seguir em frente com as crianças. Elas não deveriam pagar pelos seus erros.

Quando chegaram à cafeteria, pediram um café e Kate insistiu para que ele comesse alguma coisa. Com certeza não havia colocado nada na boca a manhã inteira. Mas ele só aceitou comer algo se ela o acompanhasse. Acabaram pedindo um tira-gosto qualquer. Quando a comida chegou, Sam perguntou após um silêncio incômodo:

— Como estão as meninas?

— Bem. Eu disse que você estava viajando, mas não sei se elas acreditaram. Acho que você deveria ligar pra elas.

— Vou ligar. Sua mãe sabe de alguma coisa?

— Não. Nem Terry. Sabem que está havendo algo, inclusive minha mãe telefonou pra Shalma...

— A Shalma sabe, né? — perguntou Sam, e ela confirmou.

— Eu precisava contar pra alguém ou ia enlouquecer. Nada disso tem sido fácil pra mim.

Sam pegou a mão de Kate e perguntou, olhando-a nos olhos:

— Como você está?

— Para ser sincera — respondeu ela, deixando-o segurar suas mãos, ainda que contra sua vontade —, sinto como se eu estivesse fora do meu corpo. Estou completamente desequilibrada, minha vida desabou e agora tenho que reconstruí-la sozinha. — Deteve-se, cabisbaixa, e continuou: — Da noite para o dia fiquei sabendo que meu marido estava me traindo há anos e que teve filhos com outra mulher. — E, olhando bem fixo nos olhos dele, perguntou: — Como você pôde fazer isso comigo?

Incapaz de reviver e recordar o passado que tanto o atormentava, Sam respondeu:

— Kate, eu... não sei o que dizer... até nesse momento tão difícil, é você quem está me dando uma grande lição de firmeza e integridade. Nunca vou poder agradecer tudo o que você me deu e sei que você nunca vai me perdoar por tudo o que te fiz e todo o sofrimento que estou te causando.

Esforçando-se para controlar as lágrimas, Kate conseguiu balbuciar:

— Só... só tento fazer o mesmo que você fez por mim.

As lembranças sufocavam os dois. Às vezes não era fácil trazer à tona essas recordações. Ficaram um bom tempo calados, mergulhados em seus pensamentos, até que Kate perguntou:

— O que a gente faz com o escritório?

— É seu, Kate — disse Sam. E, pensando com frieza, acrescentou: — Pode fazer o que quiser com ele. Não vou me meter. Pode até mudar o nome, se bem que eu acho que seria ruim pra você. Talvez perca clientes se fizer isso.

— Nisso você está certo, Sam. Mas pra mim seria muito difícil trabalhar do seu lado todo dia. — E olhando-o com tristeza prosseguiu: — Acho que um dos dois tem que deixar o escritório e...

— Serei eu — respondeu Sam sem hesitar. — Você precisa seguir em frente e eu entendo que comigo ali seria mais difícil. Eu te amo, sempre vou te amar e...

Levantando a mão num gesto de súplica, ela murmurou:

— Não, por favor, Sam. Não fala nada. Isso tudo já é difícil demais. Não quero que a gente diga coisas que podem nos magoar mais ainda. Por favor, não.

— Eu sei que é difícil, mas é o que eu sinto — insistiu ele. — Nunca deixei de te amar e nunca teria me separado de você, porque você sabe muito bem que eu não conseguiria viver sem você...

Ao ouvir isso, Kate sentiu o coração bater mais forte e não pôde deixar de dizer:

— Você conseguiu viver muitíssimo bem, não fala bobagem. E, por favor, toda essa história de amor não faz o menor sentido agora, porque a gente terminou. — Abatido, ele fez que sim com a cabeça. — Estou aqui porque a gente tem carinho um pelo outro e duas filhas em comum, mas principalmente porque somos pessoas civilizadas e, como tais, devemos conversar pra resolver tudo isso. — Ficou de pé de repente e continuou: — Não quero ouvir falar de amor, muito menos do seu. Só quero resolver essa história toda e poder começar a viver em paz.

— Kate — sussurrou sem olhar para ela —, eu soube perdoar.

Aturdida, decepcionada e humilhada, ela deu meia-volta e saiu. Da mesa onde estava, Sam a olhava, sabendo perfeitamente como ela se sentia, e o mais inteligente a se fazer era deixá-la ir embora.

## Capítulo 12

O tempo passava e as crianças pareciam melhorar a cada dia. Mas, quatro dias depois, como Sasha ainda demoraria para ter alta, Sam as deixou aos cuidados de Michael no hospital e pegou um voo para Nova York. Precisava ver suas filhas e explicar o que tinha acontecido; também tinha que ver Kate e falar com Serena e Terry de uma vez por todas.

Quando o táxi entrou na sua rua, Sam começou a respirar com dificuldade, de tão nervoso que estava. Assim que passou pela porta, foi direto para a sala e de lá viu Serena lendo tranquilamente na varanda. Sam não sabia se deveria se aproximar dela ou não. Mas por fim pensou que era o mais certo a se fazer e, depois de emitir um suspiro profundo, andou na direção dela.

— Pensei que você nunca mais voltaria — disse ela, sem olhar para ele.

— Estou aqui.

Nesse momento Serena fechou o livro e ergueu os olhos, esperando uma explicação.

— Não sei por onde começar — disse Sam, sentindo-se como uma criança diante daquela que, até alguns dias antes, havia sido sua sogra e grande cúmplice.

Deixando o livro sobre uma mesinha branca, a mulher o incentivou a continuar.

— Por onde você quiser, mocinho. Não sei o que houve entre vocês, porque Kate não me falou nada, mas, seja o que for, com certeza tem solução. Ela te adora e eu sei que você também sente o mesmo por ela. Não acho que o que aconteceu seja algo tão horrível a ponto de deixar vocês desse jeito. — E, olhando-o mais detidamente, acrescentou: — Pelo amor de Deus, Sam, essa barba te deixa com uma cara péssima.

Constrangido por saber o mal que lhe faria quando contasse a verdade, Sam disse:

— Serena, infelizmente o que aconteceu foi bem grave e difícil de ser perdoado. E, antes de mais nada, quero dizer que você foi e continua sendo uma pessoa muito importante pra mim e... eu gosto muito de você. Em primeiro lugar, por ter educado a Kate e, depois, por amar a gente tanto quanto você ama. Quero que saiba que vou sentir muito a sua falta. E te digo isso porque sei que você não vai gostar nada do que vou contar.

— Filho, pelo amor de Deus — respondeu, levantando-se da cadeira —, você está me assustando.

E então Sam começou a contar tudo o que havia acontecido. No início, o rosto de Serena refletia perplexidade, mas ao fim ela parecia petrificada, sem expressão.

— Ai, Sam, como você pôde fazer isso com a gente? Agora estou entendendo tudo. — E, levando as mãos à cabeça, disse num tom choroso: — Tadinha da minha filha, como deve estar sofrendo! E as meninas... o que você vai dizer a elas?

— A verdade — respondeu Kate, que estava atrás deles escutando tudo. — As meninas não são mais bebês e merecem saber a verdade.

Sam se virou para ela. Estava linda, apesar da palidez de seu rosto.

— Mas, filha — disse Serena —, como vocês vão falar a verdade pra elas?

— Mãe, eu não quero mentiras.

Mas Serena, que não estava nada convencida da decisão que eles haviam tomado, protestou:

— Kate, não entendo como você pode querer que suas filhas sofram por uma coisa dessas. Como acha que elas vão encarar isso? O que aconteceu é... é horrível.

Kate concordou com a cabeça, mas depois de olhar para Sam, que permanecia calado, insistiu:

— Mãe, eu te peço encarecidamente que não opine sobre esse problema, porque é algo que Sam e eu temos que resolver sozinhos, e vamos fazer isso da melhor maneira possível. São nossas filhas. E não queremos causar nenhum mal a elas. Só achamos que não merecem ser enganadas. É isso.

Nesse momento ouviu-se a porta da rua se fechar, e segundos depois as meninas apareceram. Ao ver o pai, elas se atiraram em seus braços.

— Papai — disse Ollie. — Você está horrível.

Cat o abraçou, um pouco desconfiada. Não sabia o que estava acontecendo, mas, considerando o estado em que sua mãe se encontrava ultimamente, tinha consciência de que não podia ser nada de bom.

— Meninas — disse Sam. — Preciso conversar com vocês. Vamos para o quarto?

— No meu! — ofereceu Ollie, toda espevitada.

Sam olhou para Kate e Serena, e em seguida subiu com suas filhas até o quarto. Ao chegar lá, fechou a porta e se sentou com elas. Não sabia por onde começar, mas, depois que sentiu Ollie apertando sua mão, respirou fundo, tomou coragem e disse:

— Vocês não vão gostar do que eu vou contar, mas prefiro que saibam a verdade desde já. Só espero que me escutem até o fim.

Assim, Sam começou a contar a história. Observou a cara de surpresa de suas filhas ao saber que o pai teve uma relação com outra mulher e o jeito como elas se encolheram quando ele disse que elas tinham dois irmãos. Cat ouviu tudo quase sem piscar. O olhar de sua filha não indicava nada de bom. Ollie, por sua vez, parecia encarar melhor tudo aquilo, apesar de ser dois anos mais nova.

— Pai — interrompeu Cat. — Como você pôde ter sido tão canalha?

— Querida, vou tentar entender tudo o que você disser, mas...

— Entender? O que você é capaz de entender? — gritou, levantando-se da cama. — Entende o sofrimento que a mamãe está passando? Mas como pôde fazer isso com a gente? Por acaso a gente não valia como família pra você? Por que você teve que procurar outra família?

— Querida — sussurrou Sam à sua filha, que estava descontrolada. — Claro que vocês valem muito como família. São a melhor família do mundo. Mas na vida às vezes acontecem coisas que não se pode explicar...

— Pois eu te explico, então — cortou Cat, cheia de ódio. — Você se envolveu com outra mulher e decidiu ter dois filhos com ela e...

— Não, Cat...

— Não?! — interrompeu a menina outra vez. — É mentira o que estou dizendo, então? É mentira que existiu outra mulher e que existem outros filhos? É mentira que, se o acidente não tivesse acontecido, você teria continuado com sua vida dupla?

Sofrendo com as verdades que escutava sua filha dizer, Sam balançou a cabeça abatido.

— Cat, querida — interveio ele, tentando aplacar aquela fúria. — Eu errei e assumo meus erros. E, por culpa dos meus erros, vou ter que me afastar de vocês, que são as pessoas que eu mais amo no mundo.

Elas não podiam acreditar no que estavam ouvindo.

— Por que você tem que se afastar da gente? — gritou Cat, entre lágrimas, enquanto Ollie continuava sentada e pensativa. — Eu não quero que você vá embora daqui. A mamãe mandou você ir embora? Ou você vai morar com seus outros filhos e abandonar a gente?

A amargura na voz de Cat partiu o coração de Sam. Ele estava numa encruzilhada, mas não podia recuar. Não podia deixar Sasha e Tommy sozinhos.

— Cat, a mamãe não me mandou ir embora — mentiu ele. Não queria que sua filha se aborresse com Kate. — Sou eu mesmo que acho que preciso sair dessa casa. Vocês têm a mamãe, a vovó e a tia Terry pra cuidar de vocês. Mas alguém precisa tomar conta das crianças. A mãe delas morreu e elas não têm ninguém nesse mundo além de mim. E eu, como pai, não posso me esconder, fingir que não é comigo e me esquecer deles. Vou lutar por elas assim como continuarei lutando por vocês a minha vida toda. Nunca se esqueça disso, querida, nunca.

— Como eles se chamam? — perguntou Ollie de repente.

Sam olhou para ela e respondeu com um sorriso triste:

— Sasha e Tommy.

— Quantos anos eles têm?

Indignada com o interesse da irmã, Cat lançou um olhar furioso na direção dela.

— O que você tem a ver com isso, Ollie?

Com uma tranquilidade assombrosa que às vezes desconcertava sua irmã, Ollie se virou para ela e, sem mover um só músculo do rosto, disse com um fio de voz, deixando Sam surpreso:

— Não é porque não te interessa que não vai me interessar também. Concordo que o papai fez uma coisa horrível, mas, se você não se importa, agora quem está falando sou eu. — E, olhando para seu pai, esperou a resposta à sua pergunta.

— Sasha tem quatro anos e meio, e Tommy um ano e oito meses.

Ollie balançou a cabeça e prosseguiu:

— Eles estão bem?

— Estão, sim, querida — respondeu Sam, emocionado. — Estão com o tio Michael. Ele ficou com eles na Filadélfia pra que eu pudesse vir aqui conversar com vocês. Só não vim antes pelo que já expliquei: estão no hospital e não têm ninguém além de mim e do tio Michael pra cuidar deles.

Sem entender por que sua irmã não mandava o pai à merda, Cat olhou desconcertada para os dois.

— Não quero ouvir mais nada — disse ela, que logo saiu e bateu a porta com força.

Ao vê-la indo embora, Sam suspirou e tapou o rosto com as mãos. Cat não iria perdôá-lo, e isso o arrasava.

— Pai, não se preocupa — sussurrou Ollie. — Você sabe como ela é.

— Ollie, sinto muito por tudo o que está acontecendo por minha culpa. Sua irmã tem razão. Sou um mau pai e...

— Pai — cortou ela. — Me recuso a acreditar que você fez isso pra magoar a gente. Mas você deveria ter pensado mais nas consequências dessa história toda. Você traiu a mamãe e traiu a gente. Como quer que a gente encare isso?

Sam estava surpreso com a maturidade de Ollie. Ela continuou:

— Me dá muita raiva tudo o que está acontecendo, porque está destruindo minha família. — E, baixando a voz, acrescentou: — Nunca pensei que você pudesse fazer uma coisa dessas com a mamãe, e estou zangada. *Muito* zangada. Sempre admirei vocês dois pela felicidade e o amor que demonstravam, e

sempre quis que alguém me amasse como você amava a mamãe. Mas depois disso acho que não vou mais conseguir acreditar no amor.

— Não diz isso, querida. Você tem que acreditar nessas coisas.

Sem querer aprofundar mais o assunto, a menina disse apenas:

— Pai, vai ser difícil, depois do que estou vivendo.

— Ollie, eu não vou abandonar vocês. Nunca faria isso. Eu amo vocês duas.

— Eu sei. Disso eu já sei — falou ela, agoniada. — Mas uma parte de você já abandonou a gente, e vamos ter que nos acostumar a viver sem essa parte que tínhamos antes. Mas eu não estaria sendo sincera comigo mesma se te dissesse que não tenho pena dessas crianças.

Sam balançou a cabeça. Ollie era espetacular em suas reflexões. Era muito parecida com a mãe.

— Vai ser duro pra eles, principalmente pra Sasha. Tommy ainda é muito pequeno e logo vai esquecer a mãe. Mas Sasha... ela, sim, me preocupa.

— Quando vou conhecê-los? — disse Ollie de repente.

Sam não soube o que dizer. Não estava preparado para aquela pergunta. Mas, sorrindo para sua filha, murmurou com lágrimas nos olhos ao ver o quanto aquela adolescente se parecia com Kate:

— Quando você quiser, querida.

— Acha que a mamãe ficaria chateada?

— Não sei, querida. Isso você deveria perguntar a ela.

Segura de si mesma, a garota fez que sim com a cabeça e falou:

— Vou perguntar, papai, pode deixar. Sei que não vai ser nada fácil pra mamãe, mas tenho certeza de que ela vai me entender.

— Eu sei... eu sei — comentou Sam, abraçando-a.

Depois de passar mais de uma hora conversando com sua filha no quarto, Sam tentou falar a sós com Cat. Mas foi impossível. Ela havia se trancado no quarto da tia e, apesar de Sam implorar mil vezes para ela abrir a porta e assim eles poderem conversar, ela se recusou. Por fim, cabisbaixo, ele decidiu deixar o assunto para outro momento. Quando descia a escada, topou de frente com o olhar duro de sua cunhada.

— Nunca poderia esperar isso de você. Jamais imaginaria que você pudesse ser tão canalha — rosnou ela, fora de si.

— Terry, não vou discutir isso contigo, porque sei que...

Mas ela não o escutava. Estava tão furiosa pelo que sua mãe lhe havia contado que sentia vontade de matá-lo.

— Tudo era perfeito demais, né?

— Sinto muito... — começou a dizer ele, mas, com um movimento rápido, ela apertou os testículos de Sam com a mão direita, e ele ficou sem ar. Sabia o quanto sua cunhada podia ser bruta.

— Se eu pudesse — disse ela, furiosa, apertando-o com força —, te deixava sem bolas pelo resto da vida. — Ao vê-lo bufando, continuou: — Dói, né, seu canalha? Mas isso não é nada comparado com a dor que minha irmã sente no coração.

— Solta ele, Terry! — gritou Kate de repente. Ela não conseguia acreditar no que sua irmã estava fazendo. — Já falei pra soltá-lo — repetiu, mais devagar.

Terry o soltou, e Sam teve que sentar na escada. Ela havia apertado os testículos de tal forma que ele mal conseguia respirar. Ficou encolhido e meio enjoado. Depois de alguns minutos, levantou ainda meio desajeitado e andou até a saída, sob o olhar atento de Kate e da bruta da irmã. Quando chegou diante da porta, virou-se para olhar sua mulher e se sentiu péssimo ao vê-la com os olhos cheios de lágrimas.

— Tchau, Kate.

— Tchau, Sam — conseguiu balbuciar ela.

Sofrendo e angustiado, ele abriu a porta que dava para a rua e saiu. Apoiou-se numa árvore próxima da entrada para pegar um pouco de ar. Aquela foi a coisa mais difícil que já teve que fazer em toda a sua vida. De repente ouviu a porta se abrir, e Serena apareceu.

— Mocinho — sussurrou ela. — Eu também vou sentir saudades. — E fechou a porta atrás de si.

Arrasado, Sam fez sinal para um táxi e pediu que o levasse ao aeroporto. Olhou para trás e viu o carro se afastando da casa onde ele havia sido tão feliz e onde deixava a sogra de quem tanto gostava e a cunhada a quem adorava, apesar do que havia acabado de acontecer, duas filhas maravilhosas que ele idolatrava e uma mulher incrível que ele amava.



*Mas as princesas também*



## Capítulo 13

O tempo passou e, como costuma acontecer, o início não foi nada fácil. Sam teve que assumir o papel de pai e mãe de Sasha e Tommy vinte e quatro horas por dia, e tentava continuar exercendo a função de pai de Cat e Ollie. Teve que aprender na marra tudo aquilo de que as crianças gostavam e não esquecer o que agradava às suas filhas mais velhas.

A questão profissional foi resolvida. Kate comprou a parte de Sam no negócio. Também chegaram a um acordo financeiro em que Kate não permitiu que qualquer um dos dois saísse prejudicado. A casa da família ficou com ela. As meninas continuariam vivendo com a mãe e poderiam ver o pai sempre que quisessem. A princípio, Sam pensou em se estabelecer em Nova York, mas era difícil começar de novo ali. Por isso decidiu seguir na Filadélfia. Mas, após algumas semanas na casa que havia dividido com Nicole, resolveu se mudar de lá. Aquele ambiente o sufocava com tantas lembranças.

Por fim, depois de pensar muito, decidiu voltar às suas origens, ao Havaí, mais especificamente à ilha de Oahu. Queria começar de novo, e aquele era o melhor lugar para criar os filhos. Depois de falar com as meninas, que não gostaram nem um pouco do fato de o pai se mudar para tão longe, Sam partiu e tentou refazer sua vida lá. Sentiria muito a falta delas, mas sabia que não tinha escolha.

Voltou à sua antiga casa em Oahu, onde havia morado na juventude com Michael. Para sua sorte, a velha Talila continuava sendo proprietária do local. Seu filho mais novo havia se casado e a colocara à venda. Quando Sam ficou sabendo disso, praticamente correu ao seu encontro, e a mulher o abraçou em meio a soluços.

Talila ainda se lembrava do dia em que a mãe Daula Paulalua, encarregada do orfanato, veio lhe dizer que precisava alugar uma casa para dois de seus filhos, ambos maiores de idade. No início receosa, Talila avisou Daula de que, se causassem qualquer problema, ela os expulsaria da casa, mas com o tempo

pôde comprovar não apenas que aqueles garotos eram pessoas maravilhosas, como também que souberam construir seu próprio lar.

A casa continuava exatamente como ele lembrava. Branca, de dois andares e com teto azul. Tinha quatro quartos, sala, cozinha, dois banheiros e um pequeno quintal onde Sam e Michael costumavam deixar suas pranchas de surfe. Mas o melhor de tudo era que a casa ficava bem em frente ao mar. Um lugar privilegiado.

As crianças estavam superfelizes com sua nova residência. Ali não havia avenidas movimentadas como em Nova York e na Filadélfia, e eles podiam sair e entrar em casa à vontade. Sam adorava vê-las brincando e se revirando na areia fina da praia. Nunca tinha passado tanto tempo com elas, e ir descobrindo seus gostos e suas personalidades era algo que o encantava.

Aos poucos, com o passar dos dias, Tommy esqueceu completamente que tivera uma mãe. Era pequeno demais para se lembrar. Sasha, ao contrário, continuava falando nela, mas a cada dia sentia menos sua ausência.

— Toma uma cerveja — ofereceu-lhe Michael ao passar pela porta da cozinha. E, depois de deixar a sua em cima da mesinha, correu em direção às crianças para brincar com elas na areia.

Sentado no balanço, Sam as observava. Agradecia a Michael pelo que estava fazendo por ele e por seus filhos. Às vezes tinha a estranha sensação de que sua vida sempre havia sido aquela e de que nunca havia existido uma vida anterior com Kate e as meninas. Michael se mudou para a ilha pouco tempo depois de Sam. As coisas em Nova York tinham mudado muito e já não havia nada que o prendesse ali. Foi assim que decidiu voltar a seu antigo lar.

Sam estava mergulhado em seus pensamentos quando Michael se aproximou com um sorriso de orelha a orelha.

— Como eu sentia saudades disso... — falou e, levantando as mãos, acrescentou: — Esse é o meu céu. Meu mar. Minha areia pegajosa. Meu surfe...

— E nossa casa, Michael. — Sam sorriu, batendo com sua garrafa de cerveja na dele para brindar.

Michael sentou ao lado de Sam e deu um gole longo para refrescar a garganta.

— Eu realmente precisava mudar de vida. Estava de saco cheio de engarrafamento, poluição, correria, loucura, assaltos. E no dia em que Terry... affff, aquela víbora — bufou ele, ao se lembrar dela —, me mandou tomar café da manhã na minha casa porque na dela eu já não era bem-vindo, tudo ficou claro pra mim. Eu tinha que voltar pra minha casa. Com meu irmão.

— Terry é terrível — disse Sam, rindo, ao se lembrar com carinho da sua ex-cunhada.

— Pois é... demais. — Michael suspirou. — Enfim. Estou feliz de estar aqui.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Esta sempre foi nossa casa e continua sendo. Tem espaço pra gente e para as crianças. E, sobre a Terry, sinto muito pelo que aconteceu.

— Tudo bem. Se antes era difícil, agora então é impossível — comentou Michael, sorrindo, depois de dar um gole na cerveja. — E desde que você me contou o que ela te fez naquele dia, cada vez que Terry se aproximava de mim eu sentia uma dor tremenda entre as pernas. Por isso, no dia em que ela falou para eu começar a tomar café da manhã em casa e tal, eu olhei pra ela e concordei como um idiota. Eu tinha medo de dizer alguma coisa que a incomodasse e que ela me fizesse a mesma carícia que fez em você.

Sam riu de novo e Michael suspirou. Sentia saudades da companhia de Terry, mas sabia que aquela relação era mais difícil do que encontrar uma agulha num palheiro. E, tentando esquecê-la, olhou para seu irmão e disse com humor:

— Aliás, querido, o que você quer que eu faça pro jantar hoje?

— Papai, tio! — gritou Sasha da beira da praia. — Vêm ajudar a gente a fazer um castelo.

Ao ouvir aquele pedido, não demoraram a correr até as crianças. Poucos minutos depois, os quatro se esforçavam para construir um castelo na areia daquela praia maravilhosa.

## Capítulo 14

Em Nova York, da janela do seu escritório no vigésimo sexto andar, Kate olhava para a rua. Observava as pessoas, pequenas como formigas, caminhando em todas as direções. Eram duas da tarde, mas ela não estava com fome. Desde a separação, seu apetite havia desaparecido. De repente a porta da sala se abriu e Terry e Shalma entraram.

— Hora do almoço — anunciou Shalma, batendo palmas. Pegou um casaco no armário e acrescentou: — Vamos, tenho uma reserva no Genovesse.

— Vão vocês, meninas — respondeu Kate. — Estou atolada de trabalho e não tenho tempo para almoços de três horas. Vou pedir pra Dakota buscar uns sanduíches na lanchonete e pronto. Está mais do que bom.

— Não vem com essa, bonitona — reagiu Terry, com as mãos na cintura. — Vamos almoçar as três juntas, está decidido.

Com isso, deram a discussão por encerrada. Kate vestiu o casaco com toda a paciência do mundo, enquanto avisava sua secretária, Dakota, de que estaria com o celular e voltaria ao escritório umas três horas depois.

Demoraram meia hora para chegar ao restaurante. Foram atendidas pelo *maitre*, que as conduziu a uma bonita área reservada.

— Nossa, esse lugar é lindo — observou Kate. — Quando inauguraram?

— Faz uns três meses — respondeu Shalma. — E espera só até provar o escalope com pimenta. É uma delícia.

— Ai, meu Deus, estou com água na boca só de imaginar — brincou Terry.

Kate sorriu para elas e, sem surpreendê-las, murmurou:

— Não estou com muita fome.

— Mas você tem que comer — Terry passou um sermão na irmã e trocou olhares com Shalma.

Aquela olhadinha despertou a desconfiança de Kate, que fechou os olhos ao se dar conta de que tudo não passava de uma armadilha.

— Kate, você tem se olhado no espelho ultimamente? — perguntou sua amiga. — Não acha que está muito magra?

— Eu e mamãe já dissemos isso a ela — interveio Terry. E com expressão amarga reclamou: — Não suporto te ver desse jeito por causa daquele canalha havaiano.

— Uns canalhas. Mereciam comer o pão que o diabo amassou — comentou Shalma, rindo.

Kate olhou para elas com cara séria e respondeu com toda a calma:

— Meninas, por favor, tentem não me irritar.

Mas sua irmã contra-atacou. Não tolerava aquela passividade.

— O que você tem que fazer é justamente se irritar, porra. Você está se destruindo por não dar um chilique nem armar um barraco com essa situação toda. É sério que você não sente vontade de dar um chute no saco do seu ex-marido por tudo o que ele fez?

Kate olhou para ela. Como podiam ser irmãs?

— Não, eu não perco tempo pensando essas bobagens.

Shalma riu, mas Terry continuou:

— Esse é o problema. Você não pensa nisso! Você se trancou no seu trabalho e em casa e se recusa a pensar em qualquer outra coisa. Mas a vida continua e eu não quero que de repente você acorde da sua letargia e se dê conta de que arruinou sua vida pelo que esse filho da Polinésia fez contigo.

— Vem cá, aonde você quer chegar com esse papo, irmãzinha?

— Quero que me diga que Sam é um desgraçado. Quero que você morra de raiva dele. Quero que minha irmã volte e expulse de uma vez por todas o fantasma que assombra aquela casa. Quero...

Cansada de escutar aquele discurso diariamente, Kate fuzilou sua irmã com o olhar.

— Acho ótimo você querer essas coisas! — gritou. — Mas já parou pra pensar no que eu quero? Ou seu objetivo é ficar me dizendo todo dia que Sam não presta? O que te deu, hein, Terry? Por acaso eu tenho que te falar tudo o que eu penso? Ou você não vai me deixar em paz pra que eu possa, do meu jeito, me recuperar de tudo o que aconteceu?

*Ai, meu Deus... a coisa vai ficar feia*, pensou Shalma, olhando para as duas.

— Tentei descobrir o que você pensa, mas você, Dona Caladinha, não abre o bico e eu já não sei mais o que fazer. Mamãe está preocupada. As meninas também, e eu preciso que você se abra comigo.

Olhando-a com severidade, Kate alfinetou:

— Tudo bem. Vou te dizer o que eu penso. Penso que adoraria que nada daquilo tivesse acontecido. Adoraria ter o Sam ao meu lado...

Boquiaberta, Terry franziu as sobrancelhas e gritou:

— Você é uma idiota, pra não dizer coisa pior!

— Por que sou idiota? Por amar alguém apesar dos erros que a pessoa cometeu? — disse Kate. — Sabe, Terry, todos nós somos humanos e erramos. E realmente Sam vacilou, e muito, por sinal, e não vou perdoá-lo nunca pelo mal que fez não só a mim, mas a todas nós. Você me perguntou o que eu queria e eu te digo o que é. Eu queria que nada disso tivesse acontecido e que Sam continuasse ao meu lado. É tão difícil entender isso?

— Calma, meninas, viemos aqui pra conversar, não pra gritar — sussurrou Shalma, mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Você não tem dignidade como mulher! — berrou Terry. E, ao ver como sua irmã olhava para ela, comentou: — Não me estranha que Sam tenha feito o que fez, porque, mesmo ele tendo te chifrado por vários anos com sabe-se lá que vagabunda, você foi até a Filadélfia e levou presentinhos para as crianças. Você é patética!

— Meninas, meninas... relaxem... — pediu Shalma, assustada com o rumo que a conversa estava tomando. — Acho que ainda tem muita coisa nessa história e não é hora de vocês magoarem uma à outra.

— Está me chamando de patética? — reagiu Kate, ignorando o comentário de Shalma. — Pra mim, a patética é você. Casou com um cara maravilhoso e, depois de infernizar a vida dele, você o abandonou como se fosse um trapo. Você é a pessoa mais egoísta que já conheci em toda a minha vida. Primeiro pensa em você, depois em você e, por fim, em você. Egoísta!

Incrédula, Terry sorriu com amargura enquanto bebia seu vinho.

— Você não sabe nada sobre Morgan.

Kate deu um tapa na mesa e prosseguiu:

— Sinceramente, irmãzinha, eu preferiria saber menos da sua vida. Sabia que o Morgan, seu ex-marido, ia ao meu escritório me pedir conselho pra tentar continuar contigo porque estava completamente apaixonado? Sabia que ele te comprou um BMW de presente e o devolveu quando você decidiu passar o aniversário com suas amiguinhas? Sabia que o Morgan chorou inconsolável diante de mim e do Sam ao descobrir que você o traía? Você não sabe de nada, querida, absolutamente nada, e sabe por quê? Porque Sam e eu, conhecendo você, tentamos fazer Morgan te esquecer.

Terry mal conseguia acreditar no que estava ouvindo, e Kate continuou:

— O Morgan não era o monstro que você pintava. Ao contrário, era uma boa pessoa. Tudo o que ele queria era que você gostasse dele e que não fosse para o Caribe farrear com suas amigas. — Terry seguia incrédula. — Você realmente acreditava que ele era um trouxa? Não, irmãzinha, ele era um bom homem que te aguentou por amor até ficar de saco cheio das coisas que você aprontava. E, quando você o encontrou na cama com aquela mulher, não foi por acaso. Ele havia planejado tudo. Queria que você sentisse na pele o que ele próprio sentia cada vez que você ia embora com suas amigas. Sabia que ia se separar de você, mas queria que, pelo menos uma vez, uma só vez, se sentisse humilhada como ele havia se sentido centenas de vezes na frente de todo mundo.

— Mas o que você está dizendo? — gritou Terry, sentindo sua intimidade invadida por Morgan e sua irmã.

— Já te disse que preferiria saber menos da sua vida. Mas, infelizmente, você não tem outra irmã a quem Morgan pudesse recorrer em busca de algum apoio moral.

— Nossa!!! Que calor. — Shalma suspirou. — Fiquem calmas, por favor.

Kate e Terry se olharam como rivais. Kate estava convencida de que, se sua irmã se atrevia a julgá-la, ela também deveria fazer o mesmo.

— Dói ouvir umas verdades, né? — ironizou Kate ao perceber como sua irmã havia ficado desconcertada. — Mas sinto muito, às vezes é necessário escutá-las pra que você se comporte e não tire conclusões erradas sobre as outras pessoas.

— Você chama de “conclusões equivocadas” o fato de seu marido ter te chifrado por vários anos com outra mulher e de ter tido com ela dois filhos que ele está cuidando agora? Que cretino safado! Se eu pego as bolas dele de novo, eu capto ele.

— Que horror, Terry — manifestou-se Shalma. — Não seja tão cruel. O Sam errou, é verdade, mas não é uma má pessoa e você deveria saber disso.

Mas Terry não queria pensar em Sam. Estava chateada com ele e mais ainda com Michael por ter ido embora sem nem mesmo se despedir dela.

— O que eu sei é que ele é um filho da mãe — disse com raiva. — Que por culpa dele minhas sobrinhas, minha irmã e minha mãe estão sofrendo, e não acho que você — acrescentou, apontando para Kate — mereça o que ele te fez.

Kate e Shalma se olharam com cumplicidade e suspiraram.

— Terry, quando o Morgan armou pra que você o encontrasse na cama com outra, ele tinha motivo pra isso? Responda sinceramente.

Ela tomou um gole de vinho e murmurou:

— Sim, ele tinha motivo.

Ao ver o olhar de Kate, Shalma levou as mãos à cabeça. Sabia o que sua amiga diria em seguida.

— E você não parou pra pensar — continuou Kate — que talvez Sam tenha feito o que fez porque eu lhe dei motivos?

Sua irmã a olhou espantada.

— Você? — perguntou Terry, sorrindo. — Mas, Kate, se você é a pessoa mais fiel, mais família e mais bondosa que eu conheço... Não fala bobagem. Não tenta justificar o comportamento dele, você não tem que fazer isso. A questão agora é que você precisa se recuperar e seguir em frente.

— E já estou fazendo isso. O que você esperava? Que me desse a louca e eu tirasse do Sam tudo o que ele tem, inclusive as filhas?

— Se me fizessem algo parecido, te juro que eu tiraria tudo da pessoa — sentenciou Terry.

— Mas eu não sou assim, Terry — murmurou Kate. — Ele me deu tudo. Me deixou o escritório, me vendeu a parte dele por um preço ridículo, abriu mão da casa e as meninas ficaram comigo. A única coisa que me pediu foi pra vê-las sempre que quiser, e é óbvio que eu vou permitir.

— Você é boazinha demais com ele — disse Terry, tomando outro gole do vinho.

— Não, Terry. Ele é que foi bom comigo e eu só estou me comportando com ele do jeito como ele se comportou há alguns anos.

— Garçom! — gritou Shalma. — Traz outra garrafa de vinho. Vamos precisar.

Mas Terry não tirava os olhos da sua irmã. Não estava entendendo nada.

— Do que é que você está falando?! — perguntou Terry.

— Há mais ou menos uns cinco anos... — Kate começou a contar. — Lembra que fiquei internada no hospital?

— Lembro. Foi quando você teve uma crise renal, né?

Lembrar-se disso tudo não era fácil, mas Kate já não podia voltar atrás. E, enchendo com vinho sua taça, deu início ao seu relato:

— Isso foi o que o Sam disse a todos vocês. Mas o que realmente aconteceu é que fui fazer um aborto numa clínica quando descobri que estava grávida de outro homem, do qual não vem ao caso falar.

— Quê?! — reagiu Terry, incrédula.

— No dia da cirurgia, peguei uma infecção que quase me matou.

Com sua taça nas mãos, Shalma acrescentou:

— Eu tive que avisar o Sam e devo reconhecer que ele agiu de maneira impecável.

Terry as escutava boquiaberta.

— Os médicos disseram a ele que aquilo era uma infecção decorrente de um aborto induzido e malfeito. — Kate se emocionou ao lembrar. — E sabe, Terry? O Sam, mesmo a par de tudo aquilo, cuidou de mim e me ajudou na recuperação. Não contou nada a ninguém, com exceção da Shalma, que sabia de tudo e foi pra ele um ombro amigo com quem ele desabafava. Quando me recuperei, contei a ele o que havia acontecido e, mesmo assim, ele disse que, se eu quisesse abandoná-lo e ir embora com o outro, ele tentaria entender. — Com os olhos cheios de lágrimas, continuou: — E pode acreditar: naquele momento eu me apaixonei por ele outra vez.

Fez uma breve pausa, enxugou as lágrimas e retomou:

— Depois de tantos anos juntos, eu estava cansada de seus cuidados e mimos, cansada de ser sempre beijada pelos mesmos lábios e tocada pelas mesmas mãos. Então fui atrás de sexo com outros homens que nunca me fizeram bem. Mas o Sam é um cara incrível, uma pessoa maravilhosa, e depois daquele episódio nós seguimos em frente sem nunca mais tocar no assunto, embora nunca mais tenhamos voltado a ser os mesmos. Talvez aquele incidente tenha feito algo se romper dentro dele, e por minha culpa o Sam acabou abrindo seu coração a outra mulher. Por isso não quero ser cruel com ele. Não seria justo. Mas claro que eu não posso negar que estou chateada. Muito chateada.

— Kate — disse Shalma num tom baixo e servindo mais um pouco de vinho —, tudo isso já estava esquecido. Por que trazer à tona de novo?

— Porque me dá raiva ver Terry julgando o Sam desse jeito, quando nem a vida dela nem a minha foram exatamente exemplares. A sua, Shalma, tem mais mérito que as nossas. Sempre lutou pra proteger seus filhos e nunca se desviou nem um milímetro do seu caminho como mãe pra alcançar seu objetivo, que era que Anthony e John fossem como são hoje, rapazes encantadores, estudiosos e responsáveis.

Olhou para sua irmã, que pela primeira vez na vida tinha ficado calada, e continuou:

— Estou muito triste por tudo o que aconteceu e posso te garantir que a raiva não me deixa nem comer nem dormir. Mas você pode ter certeza, Terry, de que tenho plena consciência de que fui eu que comecei isso tudo com meu comportamento insensato. Com isso eu não estou querendo dizer que eu o perdoo por ter tido dois filhos e mantido uma vida paralela à nossa. Mas não posso ficar magoada com ele tanto assim. Antes do Sam, fui eu que agi mal. Durante quase dois anos mantive um caso com um homem que naquele momento me satisfazia bastante. Fiquei louca por ele. Engravidei e planejei deixar o Sam e as meninas e me divorciar pra correr atrás dele. Mas aquele covarde, ao saber da minha gravidez, desapareceu da minha vida pra nunca mais voltar.

— Estou sem palavras — sussurrou Terry, olhando para as duas.

— Eu sei — disse Kate com um sorriso triste. — E te deixei sem palavras porque te contei algo que você nunca poderia esperar de mim. Da boazinha da sua irmã. Da santinha. Mas escuta, Terry: se vocês nunca souberam é porque o Sam me perdoou por amor. Além disso, ele não queria que a mamãe, você e as meninas ficassem decepcionadas comigo pelo erro que cometi. Sam preferiu ficar quieto, perdoar e seguir em frente. O que aconteceu com ele naquela época foi horrível, e em nenhum momento ele jogou na minha cara o que fez por mim há anos. Simplesmente está assumindo seu erro.

— Claro, Kate — disse Shalma pela primeira vez. — A diferença é que dá pra tapar sua história com uma mentira, mas no caso dele, com dois filhos no meio, é impossível. Ficou evidente. Sinto muito pelo que você está passando, porque te adoro e você sabe que também gosto dele, mas acho que o Sam está agindo como deveria. Cat e Ollie nunca vão estar sozinhas. Elas têm vocês duas, o pai delas, a avó, o Michael, a mim e muita gente. Mas essas duas outras crianças só têm o Sam e o Michael. Acho que ele foi corajoso. Teria sido mais fácil pra ele te lembrar o que fez por você e esquecer esses outros filhos, levando os dois pra algum orfanato.

— Sam nunca faria isso — falou Terry.

— Sinto muito que sua história tenha acabado assim — concluiu Shalma. — Isso reafirma minha teoria de que não existe príncipe encantado, só nos contos de fadas.

Terry sorriu ao ouvir aquilo. Se havia alguém que não acreditava em príncipe encantado, esse alguém era ela.

— Nunca se sabe onde encontrá-los — disse Kate, sorrindo. — E, agora que você conhece a história toda, acha que seria justo eu julgar o Sam? Não posso. Ele sempre foi bom com todas nós. Além disso, você sabe que ele é a pessoa menos egoísta que já conhecemos. Por isso eu preciso que você me ajude pra que ele não perca o carinho das meninas. Ele não merece. E, por favor, que isso fique entre nós. É algo do meu passado, que a partir de agora volta a estar enterrado.

— Não se preocupe — respondeu Terry. — Nunca mais vou tocar no assunto.

Naquela noite, Kate, sentada na penteadeira do seu quarto, pensou no que havia ocorrido à tarde. As recordações haviam inundado sua mente e ela não conseguia mais pensar em outra coisa. Lembranças tristes e alegres pipocavam em sua cabeça enquanto ela penteava seus cabelos louros e compridos.

Sentia raiva por tê-lo perdido. Ficava furiosa ao imaginar que Sam havia beijado e tocado outra mulher, e estava triste com a forma como tudo terminou. Mas ao mesmo tempo sentiu na própria pele o que Sam vivenciara ao descobrir que sua mulher o traía com Stephen. Um advogado que era amigo dos dois e por quem Kate esteve prestes a abandonar seu marido e suas filhas. Por fim, levantou-se da penteadeira, suspirou abatida e decidiu que não valia a pena ficar lembrando essas coisas.

## Capítulo 15

Dias depois, ao voltar para casa após um dia exaustivo no escritório, Kate entrou no quarto de Ollie com o pretexto de pegar um CD de música. Sabia que ela estava falando com Sam pelo Facebook ou algum chat na internet. Como boa atriz, fingiu não encontrar o disco na estante de sua filha, que interrompeu a conversa com o pai para ajudá-la. Ollie, ao não achar o CD também, saiu do quarto para procurá-lo e Kate aproveitou para ver onde Sam e a filha conversavam e o usuário dele, Talabuki. Poucos minutos depois, Ollie voltou sem o CD que sua mãe havia pedido, e Kate, que não deu muita importância ao fato, saiu do quarto sorrindo por haver conseguido aquilo que na realidade ela tinha ido buscar.

Na noite seguinte, Kate levou o notebook até a cama e pegou o papel com o endereço que tinha anotado. Agora só precisava tomar coragem para entrar na internet e procurá-lo. Desejava falar com ele. Precisava disso. Com as mãos trêmulas, digitou o link e viu vários nomes, entre eles Talabuki. Por um tempo ficou olhando para a tela e depois, sem esperar mais nem pensar em nada, abriu uma janelinha de conversa com ele. A resposta não demorou a chegar.

TALABUKI> A fim de alguma coisa?

LANA> conversar com vc, vc parece interessante

TALABUKI> aqui todo mundo é interessante, mas valeu pelo elogio

LANA> de onde vc é?

TALABUKI> Havaí, e vc?

LANA> Nova York. Conhece?

TALABUKI> vivi os melhores anos da minha vida em NY

LANA> soa meio triste do jeito como vc fala

TALABUKI> a vida é triste às vezes

LANA> é, tem razão

Assim, Kate começou pela internet uma relação de amizade com Sam sem dizer que era ela. Eles se falaram por vários dias, cada um em sua respectiva cidade, e conversavam sobre como tinha sido o dia.

## Capítulo 16

Sam e Michael acabaram alugando uma pequena sala em Honolulu, onde abriram seu próprio escritório de advocacia, que desde o início funcionou bem. Contrataram Honey, a filha da sra. Talula, para que desse uma mãozinha na casa e ajudasse com as crianças, e assim a vida começou a andar.

Um dia o telefone do escritório tocou, e, ao atender, Michael sorriu ao reconhecer a voz de Ollie. Falou com ela por um instante e depois passou a ligação para Sam.

— Oi, princesa — cumprimentou ele com alegria.

— Oi, pai, tudo bem?

— Tudo ótimo, e com você, querida?

— Tô bem, mas meio entediada. Estou cansada de estudar para as provas. Pelo menos só faltam duas.

Levantando-se para olhar pela grande janela, Sam disse:

— Relaxa, você consegue dar conta disso tudo e muito mais. Qual é o motivo dessa agradável ligação?

— É que...

— Querida, está acontecendo alguma coisa? — perguntou, preocupado.

— Não, papai, não é nada, é só que fiquei aqui pensando que, quando eu terminar as provas, ia achar muito legal conhecer sua casa e as crianças. Posso ir?

Sam ficou mudo. Estava esperando aquele momento havia meses.

— Claro que pode vir, meu amor. Minha casa é sua casa também — respondeu, sorridente. — Quando você quiser, como quiser e por quanto tempo quiser. Sua irmã vai vir contigo?

Durante todos aqueles meses Cat não quis falar nem uma só vez com seu pai. Mas, apesar de tudo, Sam sempre tentava. Era sua filha e mais cedo ou mais tarde iria procurá-lo.

— Não comentei nada com ela, pai. Se ela se animar, ótimo. Mas eu quero ir de qualquer jeito, mesmo que ela não vá.

Do outro lado da linha, Sam estava sorrindo, feliz com a notícia.

— Sem problemas. Quando as provas terminam?

— Semana que vem. A última é na quinta.

— Então se você quiser vir na sexta ou no sábado, pega um avião e eu te espero no aeroporto de Honolulu e... — Mas se deteve ao pensar em Kate e perguntou: — Você já contou pra mamãe?

Ollie sorriu. Naqueles meses havia tido muitas conversas com sua mãe e sabia o que ela pensava a respeito, então respondeu:

— Não, mas sei que ela não vai se opor.

Sam morria de vontade de perguntar por Kate. Nunca tinha ficado tanto tempo sem falar com ela, e menos ainda sem vê-la. Mas não devia alimentar falsas esperanças, então preferiu não tocar no assunto.

— Tem razão, querida. Mas fala logo com ela e em seguida me liga, assim eu já vou organizando a viagem. Que tal?

— Combinado, pai — vibrou a garota. — Agora tenho que desligar porque preciso estudar. Quando a mamãe voltar, eu falo com ela e te ligo depois, tá?

— Claro, querida. Fico esperando sua ligação.

Quando desligou o telefone, Sam sorriu ao pensar que suas filhas, ou pelo menos Ollie, iriam à sua casa e conheceriam seus irmãos. Com certeza os caçulas adorariam ter mais gente a quem se apegar.

Ollie telefonou de volta naquela mesma noite e confirmou que Kate havia concordado, mas que Cat não queria ir. Sam ficou triste ao saber da recusa da filha mais velha, mas a alegria dele voltou quando Ollie começou a perguntar sobre o que devia levar para passar uma semana com eles.

Naquela mesma noite, quando Sam entrou na internet, foi logo procurando por Lana, sua amiga virtual, para contar que sua filha iria visitá-lo. Lana se alegrou. Sam passou horas conversando com ela sobre o que sentia por suas filhas e por sua ex-mulher, sem saber que a pessoa a quem ele contava tudo aquilo era justamente a mulher maravilhosa a quem ele se referia. Kate não conseguiu reprimir as lágrimas ao ler tudo o que Sam escrevia. Ela o conhecia bem e, em suas palavras e na maneira de se expressar, podia perceber a solidão que o invadia.

Às onze da manhã de sábado, Sam estava no aeroporto de Honolulu esperando a filha com seu sorriso mais bonito. No início pensou em ir com as crianças, mas, depois que comentou isso com Michael, os dois decidiram que seria melhor ele ir sozinho. Dessa maneira poderia passar alguns momentos tranquilos com Ollie antes de chegarem em casa. Quando o portão de desembarque abriu, Sam logo avistou sua filha. Estava linda. E sorriu ao vê-lo após vários meses. Correram um em direção ao outro e se abraçaram com todo o amor do mundo.

— *Aloha*, pai! — Deu um beijo nele e acrescentou com admiração enquanto Sam colocava no pescoço dela um colar de flores: — Uau, pai, você está o maior gato e supermoreno.

— *Aloha*, princesa, você é que está a maior gata — respondeu, abraçando-a de novo.

Ollie mal podia acreditar que aquele coroa bonitão era seu pai.

— Mas, pai, nem está parecendo você! Seu cabelo está mais comprido, você está bronzeado e supersexy com essa roupa.

Sam sorriu. Realmente, sua vida e sua forma de se vestir tinham mudado desde que chegou ali. Em Nova York era um executivo com cabelo bem curto, ternos caros e gravatas de grife todo dia. Mas lá no Havaí tudo era diferente. Não precisava usar um terno de marca para mostrar que era um bom advogado. Às vezes, tanto Michael quanto ele atendiam os clientes de bermuda e camisa de manga curta ou polo. Quando tinham alguma audiência, vestiam terno por respeito ao tribunal. Com um sorriso encantador ao ver a impressão causada em sua filha, respondeu:

— Então espera só pra ver seu tio Michael. É o galã de toda a vizinhança.

— Já era em Nova York — comentou sua filha, rindo.

No caminho para casa, Sam foi lhe contando como era sua vida ali. Falou de seu trabalho e da casa, e respondeu a tudo o que ela quis saber.

— Vem cá, pai, o que eles acham de eu estar vindo visitá-los? — quis saber de repente.

— Não contei nada ainda. Não queria deixá-los ansiosos. Mas conheço a Sasha e posso garantir que ela vai adorar você. Ah, mas se prepara, porque ela é muito perguntona. E, meu amor, te conhecendo como eu conheço, sei que você também vai adorá-los. São boas crianças, você logo vai ver.

Continuaram conversando até chegarem em casa. Sam estacionou o carro na entrada da casa, pegou a mala da filha e a convidou a segui-lo. Quando entraram, Ollie olhou ao redor com curiosidade. A casa era linda e superacolhedora. De repente apareceu Michael. Sorrindo, ele se aproximou para abraçá-la.

— Eba, minha menina chegou! — gritou empolgado e a beijou com carinho. — Você está linda!

Ao ver seu tio, Ollie ficou sem palavras.

— Mas... mas... tio Michael, é você?

— Claro, princesa — disse, sorridente, sem entender a pergunta.

— Caramba — sussurrou ela, sentando-se. — Está mais bonito e jovem do que antes.

Michael se empinou e ficou olhando para ela, achando graça do comentário.

— Eu falei, meu amor — disse Sam, observando-a e sorrindo também. — Está todo metido a galã.

— Mas como vocês podem ter mudado tanto em tão pouco tempo? Parecem uns surfistas! Fala sério... Estão até usando rabo de cavalo — disse, espantada diante da mudança incrível dos dois.

— Gostou, né? Somos uns coroas rebeldes — brincou Michael ao ver sua sobrinha tão surpresa. — Mas no fundo somos os mesmos. A única mudança é que paramos de usar aqueles ternos desconfortáveis de grife e já não precisamos passar no cabeleireiro todo mês. Agora vestimos bermuda e camiseta colorida, deixamos o cabelo crescer e voltamos a surfar. Simplesmente voltamos a ser os dois rebeldes que éramos há um tempo, mas com uns anos a mais nas nossas costas e mais responsabilidades.

— Mas é sério que vocês surfam? — perguntou Ollie, incrédula. — Quando comentavam com a mamãe, eu sempre pensava que era brincadeira.

— Não, não era brincadeira nenhuma — respondeu Sam. — Eu e o tio Michael adorávamos surfar. Então, quando voltamos pra cá, depois de alguns tombos, começamos a praticar de novo. No fundo é como andar de bicicleta: a gente nunca esquece.

Ollie os observava com os olhos arregalados. Adorava vê-los assim.

— Sua mãe também sabia surfar — lembrou Michael, mas, ao ver a cara do irmão, arrependeu-se do comentário.

— A mamãe? Então era sério? A mamãe surfava?

— Claro que era sério, mocinha — respondeu Sam com certa tristeza. — Ela aprendeu, e você, se quiser, também pode. Se bem que em uma semana eu acho difícil.

— Pra minha menina nada é impossível, né, princesa? — disse Michael, rindo.

— Claro. Se a mamãe conseguiu, eu também consigo.

Nesse momento Sasha entrou chorando, de biquíni, porque Tommy havia caído. Sam e Michael saíram em disparada à procura do menino, seguidos por Sasha e Ollie, que olhava com curiosidade para a meia-irmã. Sam chegou primeiro e o pegou nos braços. Tommy chorava, com a boca e o rosto cheios de areia. Quando viram que não tinha sido nada, Michael pediu desculpas a Sam por ter deixado as crianças sozinhas quando ouviu o carro chegar. Sam sorriu e disse que tudo bem, não havia problema.

Enquanto isso, Sasha e Ollie os observavam da porta dos fundos da casa. Ao ver que seu irmão havia parado de chorar, Sasha ficou mais tranquila e pela primeira vez se deu conta de que atrás dela havia uma menina.

— Oi, meu nome é Sasha, e o seu? — disse, virando-se para ela.

— Olivia, mas todo mundo me chama de Ollie — respondeu, agachando-se e ficando de frente para Sasha. — Não se preocupa, não aconteceu nada com o Tommy.

— Como sabe o nome do meu irmãozinho?

— Vem, eu vou te contar uma coisa.

Ollie pegou a menina pela mão, levou-a até o balanço e a acomodou em seu colo. De repente travou, sem saber o que dizer, até que fixou o olhar no rosto de Sasha e em seus grandes olhos.

— Escuta, você se chama Sasha Malcovich, né? — A menina confirmou com a cabeça. — Pois eu me chamo Olivia Malcovich. E aquele que está ali com o Tommy é seu pai, né? — Sasha balançou a cabeça de novo. — Acontece que ele também é meu pai.

— Meu pai é seu pai?

Ollie fez que sim, sorrindo, e a menina exclamou admirada:

— Êêêêêêêêêê... que legal!

— É, muito maneiro! — comentou Ollie, rindo.

— E meu tio Michael é seu tio também? — voltou a perguntar a garota.

— É.

— Que mááááááááximo!

Encantada com a menina, Ollie teve vontade de enchê-la de beijinhos. Era uma fofura e parecia supercarinhosa.

— Você tem mãe? — perguntou Sasha, pegando-a de surpresa.

— Tenho — respondeu Ollie com toda a naturalidade que conseguiu. — Ela se chama Kate e está em Nova York trabalhando. Talvez algum dia você a conheça.

— Minha mamãe está no céu — disse a menina, com o dedinho apontado para cima. — E por isso você não vai conhecê-la. Mas meu pai disse que era muito boa e que amava muito a gente, apesar de eu quase não me lembrar dela.

— Mas ela sempre vai estar no seu coração — sussurrou Ollie. — Tenho certeza de que ela continua te amando lá do céu tanto quanto te amava quando estava aqui.

— Sim, é isso que o papai diz.

Para tentar mudar de assunto, já que não era algo agradável de se lembrar, Ollie disse à menina:

— Estou tendo uma ideia...

— Qual? — perguntou Sasha.

Fazendo mistério, Ollie contraiu as sobrancelhas enquanto murmurava para si:

— Bom... não sei... de repente você não vai curtir.

— Qual ideia? Fala... fala! — insistiu Sasha, morrendo de curiosidade.

Quando percebeu que conseguiu chamar sua atenção, Ollie cravou seus olhos nela.

— Bom, é que eu gostaria de ter uma irmãzinha e um irmãozinho e estava pensando em te perguntar se você e o Tommy gostariam de ser meus irmãos.

A garotinha, que ainda não era capaz de entender direito o sentido das coisas, abriu um largo sorriso e respondeu:

— Siiiiiiiiim... Assim você vai poder me defender quando a Rachel quiser me bater na escola. Promete que vai me defender?

— Claro que sim, linda — disse Ollie, sorrindo e sentindo o abraço da menina. — Claro que vou te defender. Agora sou sua irmã mais velha.

— Obaaaaaaa! — falou Sasha, olhando para Ollie com verdadeira adoração. — Outra menina... Que bom! Aqui só tem menino — acrescentou, apontando seu pai, Michael e Tommy, que vinham na direção delas e as observavam com curiosidade.

— Mas quero que você saiba que tenho uma irmã. Ela é mais velha que eu e se chama Cat — avisou Ollie. — Quer que ela também seja sua irmã? Assim seremos mais meninas ainda.

— Queeeeeeeero... — comemorou Sasha, enquanto via seu pai se aproximar. — Vou falar com meu pai e o tio Michael.

Ollie, muito séria, balançou a cabeça num gesto afirmativo. Era importante saber pedir opinião.

— Concordo. É importante que eles aceitem numa boa.

Olhando para seu pai, Ollie levou um dedo à boca, sugerindo que ela se calasse e esperasse.

— Papai, tio Michael, quero que Ollie seja minha irmã e do Tommy também. Vocês deixam? Assim ela vai ser minha irmã mais velha e vai poder me defender da Rachel. — Os dois estavam atônitos.

Sam ficou sem palavras, então Michael murmurou hesitante:

— Bom, não sei... Outra menina... Hummm... Sei lá... Se bem que essa história de ela te defender da Rachel me parece uma boa ideia. E você, Sam, o que acha disso? — perguntou, dando um tapinha nas costas dele para ver se ele reagia.

Quando Sam enfim conseguiu se manifestar, teve que conter a emoção para poder falar.

— Acho uma ideia excelente que vocês todos sejam irmãos, a melhor ideia do mundo.

— Oba! — exclamou Ollie, pulando animada, para a alegria do seu tio. Ela era uma figura.

— Ah... mais uma coisa — acrescentou Sasha, empolgada ao ver que Ollie tinha sido aceita. — Ollie me contou que tem uma irmã chamada Cat. Será que ela também poderia ser minha irmã e vir aqui?

Sam olhou com adoração para seus filhos e, depois de lançar um beijo para Ollie pela diplomacia dela em relação a tudo, chegou mais perto e respondeu:

— Acho essa ideia ainda melhor. — Deu-lhe um abraço e disse: — Te amo, querida, você é incrível...

— Mais uma menina? — reagiu Michael, ao que Sasha confirmou com a cabeça. — Então agora vou ter quatro sobrinhos. Três meninas e um menino... Ai, caramba... não sei se dou conta de todos esses pirralhos. É muita responsabilidade.

— Claro que dá conta, tio lindo. Você pode tudo — respondeu Sasha, radiante por ter conseguido sozinha aumentar a família.

## Capítulo 17

Tudo foi maravilhoso desde o início. Ollie adorava as crianças, e elas a adoravam também. No dia seguinte à sua chegada, Michael e Sam começaram a lhe dar aulas de surfe. E, embora nas primeiras tentativas ela tenha engolido bastante água, não se deu por vencida. Era determinada como a mãe e não se intimidava com a primeira dificuldade que aparecia. No fim da tarde, gritou como uma louca quando conseguiu ficar de pé por alguns segundos em cima da prancha antes de cair de novo.

Ollie reparou como as moças mais jovens, e algumas não tão jovens assim, ficavam olhando para seu pai e seu tio e tentavam se aproximar para falar com eles. Que descaradas! Sam não dava bola, mas o tio Michael, sim. Aquele gato solteiro não passava batido por nenhuma insinuação que lhe faziam, e Ollie morria de rir com isso. E, apesar de ficar meio enciumada, entendia perfeitamente por que as mulheres não saíam da cola dos dois. Estavam lindos. A mudança de vida fizera superbem a eles. Achando graça, ficou pensando no que diriam sua mãe e sua tia se os vissem e sorriu ao imaginar suas caras quando ela mostrasse as fotos que estava tirando.

Nos dias que passou com eles, visitou a ilha de Oahu. Um lugar de sonho, maravilhoso para viver. Conheceu a mãe Daula, que era exatamente como seu pai havia descrito. Uma tarde, eles a levaram ao escritório de advocacia em Honolulu, e Ollie ficou superfeliz ao ver que Sam mantinha na estante retratos dela, de Cat e de Kate. Em seguida descobriu que o tio Michael escondia na gaveta de sua sala uma fotografia de Terry. Sorriu, mas não comentou nada. Naquela visita, Ollie se sentiu mais adulta. Adorava quando, à noite, depois de colocarem Sasha e Tommy para dormir, ficavam até altas horas conversando, contemplando as estrelas e rindo.

De Nova York, Kate entrava na internet toda noite, esperando Sam aparecer on-line. Mas isso não acontecia. Ele nunca entrava. Estava com a filha e queria aproveitar o máximo de tempo ao lado dela.

Uma tarde, enquanto Sam brincava com Tommy e Sasha na praia, Michael sentou junto a Ollie na varanda da frente da casa para desfrutar da paisagem e

do mar azul incrível.

— Que maravilha — disse ele, sorrindo. — Aproveita e respira esse ar, querida, porque daqui a pouco, em Nova York, você não vai ter isso.

— É maravilhoso mesmo, tio — concordou, encantada. — Sinceramente, eu invejo vocês. Acho que esse paraíso é o lugar ideal pra viver.

Michael sorriu.

— Por que acha que eu voltei pra cá?

— Imagino que é porque você gosta.

Observando o horizonte e o oceano reluzente, ele balançou a cabeça, concordando.

— É minha terra, e você sabe que sou um homem do mar e da praia, como seu pai. Acontece que, quando ele decidiu ir atrás da sua mãe em Nova York e abrir um escritório, os dois propuseram a mim e à tia Shalma que fôssemos com eles, e a gente aceitou. Pra mim aquilo foi um desafio, uma aventura. Deixei de viver numa ilha pra viver numa grande cidade. No início me pareceu fantástico e incrível, mas, pouco a pouco, aquela novidade foi perdendo o encanto. Muita correria, engarrafamento e outros problemas. E, acredite ou não, algumas vezes eu tinha falado com seu pai sobre a possibilidade de largar tudo e voltar pra minha ilha. Mas ele sempre me fazia mudar de ideia e eu sempre tinha muita coisa pra fazer. Só que, quando aconteceu aquilo tudo que você já sabe e seu pai decidiu voltar, não pensei duas vezes e fiz o que deveria ter feito muitos anos antes.

Ollie bebeu um gole de sua Coca-Cola e cravou os olhos no seu querido tio.

— Por que acha que isso aconteceu com meus pais?

Michael suspirou. Precisava ter tato com um assunto tão delicado.

— Não sei, querida.

— Tudo era tão perfeito. Tínhamos uma família tão bonita que...

— Sabe, Ollie? Acredito que casar com a pessoa ideal é uma loteria. Às vezes você ganha, outras vezes perde. Tudo depende de seus números e os de seu par coincidirem.

— Essa história de loteria eu já ouvi várias vezes — disse a menina. — Mas o que não entendo é como o papai fez o que fez com a mamãe. Eles se amavam tanto, e tudo era tão perfeito, que, quando se separaram, nós todos ficamos

deslocados. É como se não encontrássemos mais nosso lugar e tudo houvesse acabado.

— Por que você diz isso? — perguntou Michael, olhando seriamente para ela.

Levantando-se da cadeira, Ollie explicou:

— O que você acha? Porque minha casa não é mais o que era antes. Pra começar, meu pai, que todo mundo adorava e que era o elo da família, e você sabe disso muito bem — Michael concordou —, não mora mais ali; você, tio Michael, já não toma café da manhã com a gente, nem vai lá jantar, e sentimos falta do seu bom humor e suas histórias, que faziam todo mundo rir; Cat está insuportável e irritada com o mundo inteiro; a tia Terry tenta segurar as pontas, mas mesmo ela está diferente, às vezes fica muito pensativa e já não sorri tanto quanto antes; a vovó está triste e, por mais que tente disfarçar, não consegue; e a mamãe é o fantasma ambulante da casa. Come pouco, tenta esconder seu mal-estar, mas não consegue enganar a gente. E faz um tempo que se tranca no quarto toda noite até altas horas com a luz acesa pra trabalhar. Só trabalha e trabalha, e deixou de curtir a vida. Resumindo, se você entrasse lá em casa, perceberia como a tristeza está no ar.

— Querida, sinto muito. Como você descreve, parece realmente melancólico demais.

— E é assim que está mesmo. — Olhando para seu pai na praia, continuou: — E o pior de tudo, tio Michael, é que eu sei que a mamãe ama o pai e que ele ama ela. Mas não querem dar uma nova chance um ao outro.

— São adultos, Ollie, e...

— Mas tem uma coisa que eu não entendo nessa história — cortou a menina. — Por que a mamãe não foi mais dura com o papai? Por que essa aparente normalidade entre eles? Não sei, acho que, se um dia eu me casasse e de repente ficasse sabendo que meu marido mantinha uma relação paralela e que ainda por cima teve filhos com essa outra mulher... Juro, tio Michael, que eu ficaria furiosa e todo mundo saberia.

Michael havia pensado a mesma coisa centenas de vezes. Kate era uma mulher de personalidade forte, e ele ainda não conseguia entender essa aparente calma diante de uma situação tão complicada. Muito menos foi capaz

de compreender o fato de ela ter levado brinquedos para os outros filhos de Sam quando eles estavam no hospital. Mas não queria botar mais lenha na fogueira.

— Querida, as pessoas às vezes reagem de acordo com o coração e não com a razão.

Negando-se a se dar por vencida, a menina perguntou:

— Você acha que o papai pensa nela?

Michael olhou seu irmão brincando na praia com os filhos e fez que sim com a cabeça.

— Acho não, eu tenho certeza. Ele me fala muito da sua mãe e de vocês e eu sei que morre de saudades. Inclusive um dia eu estava procurando uma coisa e, ao abrir uma das gavetas da mesinha de cabeceira dele, vi uma foto da sua mãe.

— Eu sabia! — disse Ollie, com um sorriso de orelha a orelha. — A gente tem que fazer alguma coisa, tio Michael.

Mas Michael não estava nem um pouco disposto a se meter numa enrascada.

— Desculpa, minha linda, mas eu não vou me meter nessa confusão. O problema é do seu pai e da sua mãe, e eles já estão bem grandinhos pra saber o que querem fazer.

— Eu sei que já estão grandinhos — disse a menina —, mas talvez precisem de um empurrãozinho pra ficarem juntos de novo e por acaso eu vivo com a mamãe e você com o papai.

— Sua encrenqueira! — falou Michael, sorrindo. — Além disso, não esqueça que Sasha e Tommy também estão e...

— Eu nunca iria esquecê-los — prosseguiu. — São crianças maravilhosas que precisam do carinho de uma mãe, e quem melhor do que minha mãe poderia dar esse carinho? — Seu tio suspirou e olhou para cima, fingindo contrariedade. — Além disso, eu sei que a mamãe adoraria esses dois...

— Você é uma autêntica bruxa, mocinha... *muito... muito* bruxa.

— E já que vamos dar um empurrãozinho — cochichou, maliciosa —, se você quiser, posso dar outro empurrão na tia Terry.

Michael engasgou com a cerveja.

— Olivia Malcovich... te chamar de bruxa é pouco. Você é a rainha das bruxas! Nem pense em fazer nada, hein! A insuportável da sua tia e eu não temos nada a ver, ok? Sua bisbilhoteira...

Ollie sorriu e, ao ver seu tio contraindo as sobrancelhas, chegou mais perto dele e perguntou:

— Aliás, falando em bisbilhoteira, o que é que você foi procurar na mesa de cabeceira do papai quando encontrou a foto da mamãe? Alguma coisa que você precisava e que tinha acabado?

— Sua filha da... — disse, rindo e incrédulo ao perceber o quanto Ollie havia crescido.

— Camisinha? — insistiu. — Era isso que você procurava?

Michael ficou de pé num salto.

— Nossa, mocinha... Em que colégio de sem-vergonhas você está estudando?

Morrendo de rir, ela passou a mão no queixo.

— Mas, tio Michael... No colégio eu tenho aula de educação sexual e as meninas da minha idade já falam de sexo. Crescemos! — E, seguindo com a brincadeira, sussurrou: — Aliás, meu pai guarda camisinhas na mesa de cabeceira?

Negando-se a responder e surpreso com aquele interrogatório, Michael se afastou dizendo:

— Chega, não quero mais falar desse assunto contigo.

Ollie, ainda rindo, olhou de relance para ele. Estava disposta a fazer alguma coisa por seu pai e por seu tio.

O dia da viagem de volta a Nova York foi um drama. Sasha chorava, inconsolável, sem entender por que sua irmã tinha que ir embora. Para acalmá-la, tiveram que dizer várias vezes que Ollie voltaria. Quando chegou a hora de passar pelo portão de embarque, Ollie beijou Tommy e Sasha, depois seu tio, que a fez prometer que não demoraria a visitá-los de novo, e por fim seu pai.

— Papai — murmurou, abraçando-o. — Foi maravilhoso passar esses dias com você.

Triste por ter que ficar longe dela, Sam tentou parecer forte.

— Pra mim foi um sonho, e espero que se torne realidade mais vezes.

— Com certeza. E até pretendo trazer Cat nas próximas vezes.

O comentário conseguiu arrancar um sorriso de Sam, que beijou o topo da cabeça de sua filha e murmurou com amor:

— Conhecendo você como eu conheço, não duvido nada.

Depois de distribuir mais beijos entre todos, Ollie andou até o portão de embarque, apesar de não ter nenhuma vontade de se afastar deles.

— Ah! Tio Michael... Tio Michael! — gritou, justo antes de passar pela porta. — Não se esquece daquele empurrãozinho!

— Do que ela está falando? — perguntou Sam com curiosidade.

Sem querer revelar o significado daquela palavra, Michael olhou para seu irmão e disse, enquanto lhe escapava um sorriso:

— Hummm... Nada, nada... É só um passo de dança que eu ensinei a ela. O *Hula* do empurrãozinho.

## Capítulo 18

Nos dias seguintes à volta de Ollie, ninguém na casa quis perguntar como estavam Sam e Michael na ilha de Oahu. Mas cada uma daquelas mulheres morria de curiosidade de saber o que estava acontecendo lá. Ollie se fez de difícil. Se quisessem saber, que perguntassem, então. E ela não teria problema algum em responder.

Ollie decidiu mandar imprimir as fotos que havia tirado nas férias, e depois de buscá-las se divertiu revendo-as junto com sua amiga Sira. Como Ollie já imaginava, Sira ficou surpresa ao ver seu pai e seu tio. Aqueles senhores de terno que ela vira por vários anos se transformaram em dois homens sensuais e atraentes.

Na mesma tarde, quando chegou em casa, guardou as fotos no bolso da blusa jeans que estava usando. Mas se certificou de que sua avó e sua irmã Cat pudessem notar a embalagem da loja de fotos saindo um pouco do bolso. A

primeira a perguntar foi Cat, que depois do jantar foi ao quarto da irmã e bateu na porta, pedindo permissão para entrar.

— O que você está fazendo? — perguntou Cat, já entrando.

Prendendo o cabelo num rabo de cavalo alto, Ollie respondeu:

— Ia entrar na internet pra falar com o papai. Quer falar com ele também? Tenho certeza de que ele ia amar.

Cat morria de vontade de falar com o pai e o tio. Sentia muito a falta deles, mas seu orgulho excessivo a impedia de reconhecer isso, então respondeu:

— Não, deixa pra lá, não estou a fim. Mas... mas diz que eu mandei lembranças.

— Ok. Você está perdendo. É uma pena que não queira falar com ele. O papai ficaria muito feliz. — E, olhando-a fixamente, perguntou: — Por que você age assim com o papai? Ele nunca te tratou mal. Muito pelo contrário. Ele te adora.

Cat se sentia confusa, mas quis deixar clara sua postura.

— Ele foi um cafajeste com a mamãe e com nós duas. Abandonou a gente pra viver com a nova família dele e...

— Não concordo — interrompeu Ollie. — Realmente ele errou com a mamãe, e eu nunca vou perdoá-lo por isso. O que me incomoda é que a mamãe não o xinga e você, ao contrário, não para de xingá-lo sempre que fala nele. E sobre essa ideia de que ele abandonou a gente... Não. Não. E *não*. O papai *não* nos deixou e garanto que essa decisão foi mais dolorosa pra ele do que pra gente. Mas, claro, é preciso ser um pouco madura pra entender que eu e você temos uma mãe, uma avó e uma tia pra cuidar da gente, e essas outras crianças não têm ninguém além dele. O que você esperava que o papai fizesse? Que as abandonasse? Que fingisse que elas não existiam? Ah, Cat... parece que você não conhece o papai. E, quanto a Sasha e Tommy, você é uma idiota por não querer conhecer os dois. São maravilhosos, e o que mais me irrita é saber que, se você os conhecesse, iria adorá-los e...

— Você não tem como saber se eu ia gostar deles ou não — cortou Cat, já mal-humorada.

— Claro que sei — respondeu ao ver a irmã prestes a chorar. — Te conheço e sei que você está sofrendo por tudo o que aconteceu. Quero que você saiba que eu também sinto a falta dele, e também a mamãe, a vovó e até a tia Terry. — Sorriu ao mencioná-la. — Mas as coisas aconteceram desse jeito e a gente precisa aceitar. Ou você acha que não fiquei chateada com ele por causa dessa história toda? Claro que fiquei! Eu disse a ele e já conversamos. Mas você fugiu do problema, como costuma fazer sempre. Eu não sou como você. Eu não fujo. Eu fico onde estou, enfrento o problema e tento resolver. E, apesar de eu não ter gostado do desfecho, eu aceitei porque foi uma decisão deles. E, antes que você diga qualquer coisa, quero que saiba que me recuso a acreditar que o papai e o tio não gostam de mim só porque resolveram cuidar das crianças. Sei que me amam e demonstram isso sempre. Inclusive nesses dias que passei em Oahu e depois que voltei pra casa.

Depois daquele sermão todo, Cat enxugou as lágrimas. Sabia que sua irmã tinha razão e que, com seu orgulho e teimosia, a única coisa que conseguia era fechar portas. Então, pela primeira vez em vários meses, ela foi sincera.

— Você é minha irmã mais nova, mas é tão madura que parece mais velha que eu. Às vezes me envergonho de ser tão... tão ridícula.

— Sou apenas dois anos mais nova — brincou Ollie. E, aproveitando aquele momento, acrescentou: — Cat, o que aconteceu foi horrível, e todos nós, incluindo o papai, sabemos disso. Mas você nunca parou pra pensar por que a mamãe reagiu dessa forma? Talvez tenham acontecido entre eles mais coisas do que a gente sabe e...

— A mamãe continua aqui com a gente, Ollie. Ela não foi embora.

— Eu sei, mas havia duas crianças pequenas que precisavam que alguém cuidasse delas. Me escuta, ô cabeça-dura. Você tem que falar com o papai e se acertar com ele. Você está morrendo de saudades dele, e ele de você. O papai seria o homem mais feliz do mundo se você o procurasse. E, sinceramente, Cat, acho que ele merece.

Cat ia responder, mas a emoção a fez contrair o rosto e ela conseguiu apenas murmurar com um fio de voz:

— Não sei como me aproximar dele. Tenho vergonha e não sei o que dizer.

Ao ver que sua irmã enfim tinha dado o braço a torcer, Ollie continuou:

— Isso a gente resolve rapidinho. Hoje à noite vamos fazer uma surpresa pra ele, quando dissermos que quem está on-line é você. Que tal?

— Combinado — disse Cat.

Ollie estava feliz por ter finalmente conseguido fazer sua irmã entender que na vida nem tudo é preto no branco.

— Quer ver as fotos que eu tirei com eles? — perguntou, com olhar matreiro.

— Estou morrendo de curiosidade — admitiu Cat.

Sem perder um segundo, pegou o envelope onde havia guardado as fotos e passou ansiosa para Cat, doida para ver sua reação.

— Caramba! — gritou. — Não posso acreditar. Esse é o papai?

— É — respondeu Ollie, sorrindo. Na foto, ele estava um gato com a roupa de neoprene laranja e azul e a prancha de surfe debaixo do braço. — Cat, foi *incrível*. Nunca tinha me divertido tanto com eles. Foram férias maravilhosas, as melhores da minha vida, e pretendo repeti-las sempre que der.

— O papai está aprendendo a surfar?

— Ele e o tio Michael são dois *mestres* do surfe — respondeu com orgulho.

— Tudo o que contavam não era mentira. Era verdade, Cat! Inclusive me ensinaram e eu vou continuar com as aulas quando voltar.

Na foto seguinte, Ollie e as crianças apareciam sentadas na areia e sorrindo.

— Esses são o Tommy e a Sasha. São tão lindos que é difícil não se apaixonar. São carinhosos, dóceis... Não tenho nada de ruim pra falar sobre eles. O papai e o tio Michael estão fazendo um trabalho incrível, como fizeram com a gente.

Emocionada, Cat sorriu ao ver a menina tão loura quanto Ollie. E, quando observou Tommy e o viu sorrir com aqueles olhinhos puxados, não pôde deixar de comentar:

— Como se parece com o papai!

— É igualzinho, Cat... mas acho que vai ser tão brincalhão quanto o tio Michael.

Quando Ollie passou para a foto seguinte, Cat deu outro gritinho:

— Meu Deus! O tio Michael está muito gato!

— Não é? — brincou Ollie ao ver o retrato do seu tio com um boné ao contrário, bermuda jeans meio rasgada e uma camiseta vermelha desbotada. — Está lindo, sim. Aqui ele estava fazendo croquetes. Você não faz ideia de como ele cozinha bem.

De repente se ouviu o breve toque indicando o início do chat.

— Escuta, vamos deixar as fotos pra depois. O papai acaba de ficar on-line. É sua chance. Aproveita!

Cat se apresentou ao pai com o usuário “Catwoman”. No início ele não reconheceu, mas, quando realmente se deu conta de quem era, só faltou pular de alegria. Sam estava supernervoso. Fazia meses que não falava com sua filha, e precisavam tanto conversar que as explicações ficaram em segundo plano. Conversaram por cerca de uma hora, e depois Ollie teve que pedir à irmã que dissesse a ele que ela falaria outro dia.

— Viu como não foi difícil falar com o papai?

Radiante por ter conseguido ser racional e deixar o orgulho de lado, Cat admitiu:

— Pois é. Obrigada por me colocar no meu lugar, Ollie. Não fosse por você, muitas vezes eu não saberia como resolver os problemas. Claro que não foi difícil. Nunca seria. Por que eu sou assim, em vez de ser tão sensata quanto você?

— Porque cada um é como é, com suas qualidades e defeitos. — E, pegando as fotos, disse, sorridente: — Quer ver mais?

Dois segundos depois, o quarto voltou a se encher de risos.

Naquela noite, quando Terry entrou em casa, foi direto à cozinha para tomar um copo de leite. Estava exausta. O dia havia sido difícil. Bebeu tudo de uma vez e colocou o copo na máquina de lavar louças. A caminho do quarto, passou pelo de Ollie e ouviu as risadas, então decidiu abrir a porta e ver o que estava acontecendo ali dentro.

— Meninas, posso participar da festa?

Ao ver a tia, Cat disse:

— Se você visse as fotos do papai e do tio Michael, ficaria igual à gente. Aquilo despertou totalmente seu interesse.

— Sério? — E, aproximando-se delas, sussurrou: — Posso ver?

Mas Ollie, que sabia dar uma de sonsa quando queria, perguntou:

— Ué, por que você quer ver as fotos? Aqui só aparecem, segundo você, uns canalhas filhos da mãe.

— Ollie! — gritou Terry, espantada. — Olha a boca suja! Por que diz isso?

— Porque ouvi você dizer isso no dia em que a mamãe contou que o tio estava indo morar com o papai em Oahu — respondeu, olhando para ela com interesse.

Envergonhada, Terry confirmou com a cabeça.

— É verdade que eu disse isso. — Suspirou. — Mas foi num mau momento e logo me arrependi. Não penso mais assim e sua mãe sabe disso.

Depois daquele almoço em que sua irmã havia contado sobre o aborto e sobre o modo como Sam tinha se portado na ocasião, Terry se deu conta de que havia julgado a situação sem conhecer todos os detalhes. E, embora o que seu ex-cunhado tivesse feito não fosse correto, ela relaxou sua atitude em relação a ele. No entanto, o fato de Michael ter partido sem sequer se despedir dela a magoou muito. Ele desapareceu de sua vida e nunca mais deu notícias.

— E o que te fez mudar de opinião? — perguntou Ollie, curiosa.

Terry olhou para ela e sorriu. Não pretendia contar nada do que sabia.

— Sou impulsiva e simplesmente me deixei levar pela minha raiva. Depois o tempo passa e, quando você se acalma, acaba se dando conta de que não deveria ter agido como agiu. Foi isso que aconteceu, Ollie.

Ao ver sua tia abatida e sem energia, algo raro nela, Cat perguntou:

— O que houve, tia? Você parece triste.

Negando com a cabeça, ela sorriu.

— É que hoje estou exausta de tanto trabalho. Em dias assim eu penso que uma mudança cairia bem.

— Podia dar uma radicalizada como fizeram o papai e o tio — disse Cat, sorrindo e olhando para sua irmã. — Eles, sim, souberam mudar, né?

Ollie balançou a cabeça, concordando. Querendo descobrir se sua tia sentia pelo seu tio o que ela suspeitava, Ollie sorriu.

— Vamos ver — responder Terry. — Vocês me mostram as fotos pra que eu veja essa mudança de uma vez por todas ou preferem que eu arranque esses retratos das mãos de vocês?

Ollie então arrumou as fotos e, atenta à expressão da tia, entregou a ela.

— Tome e veja com seus próprios olhos.

Segundos depois, a cara e a boca aberta de Terry diziam tudo.

— Mas olha só... — sussurrou ela ao ver Michael.

— Estão supergatos — comentou Cat. — Não estão, tia?

Terry ficou sem palavras e só o que conseguiu fazer foi balançar a cabeça, concordando. Aquelas fotos a faziam pensar de novo em momentos de seu passado. E, quando chegou ao retrato de Michael de bermuda com a escumadeira nas mãos, engoliu em seco e disse com um fio de voz:

— Está maravilhoso...

— Pois é, e você não faz ideia da quantidade de mulheres que ficam perseguindo o tio e o papai. Todas querem falar com eles. Todas querem que eles as ensinem a surfar — provocou Ollie, atraindo o olhar da tia.

— A mãe de vocês já viu essas fotos? — perguntou Terry, irritada.

— Ainda não, mas amanhã eu mostro pra ela. — E, estendendo as mãos, acrescentou: — Tia, estou cansada, você pode me devolver as fotos?

Como se queimassem em suas mãos, Terry entregou os retratos enquanto Cat ia embora para seu quarto.

— Claro. Toma, querida. Até amanhã.

Quando Ollie ficou sozinha no quarto, abriu um sorriso. Naquela noite, sem planejar nada, ela conseguiu fazer sua irmã falar com seu pai e deixar sua tia Terry sem palavras. De repente a porta voltou a se abrir e sua tia apareceu novamente.

— O que foi? — perguntou Ollie.

Confusa e ainda boquiaberta pelas imagens que viu, Terry perguntou:

— Essas fotos são de agora?

— Claro, tia, são de agora, sim. Não viu que eu apareço nelas? — respondeu Ollie, passando a mão pelos cabelos.

Transtornada e sentindo-se boba, Terry se desculpou em seguida.

— Que idiota que eu sou. Claro, você também aparece. Tem razão.

— Eu entendo, tia. Quando eu vi eles, pensei a mesma coisa. Mas o sol de Oahu fez superbem aos dois. — E repetiu, com malícia: — E você não tem ideia do sucesso que eles fazem com as garotas.

— Claro, dá pra imaginar. — Suspirou. — Eles têm que viver a vida. Até amanhã, querida.

Quando fechou a porta, Ollie tapou a boca com um travesseiro para rir sem que ninguém a ouvisse. Seu plano podia funcionar. E, antes de apagar a luz, olhou a foto do seu tio e disse, rindo:

— Primeiro empurrãozinho, tio Michael. Primeiro empurrãozinho.

## Capítulo 19

No dia seguinte, todas se sentaram juntas para o café da manhã. Tinham o costume de se reunirem antes de cada uma mergulhar em seus afazeres diários. Serena foi a primeira a se acomodar à mesa e, quando suas netas apareceram, ela já estava bebendo os últimos goles de café.

— Bom dia, vó — saudou Cat com alegria, surpreendendo-a.

Feliz por vê-la sorrir, respondeu:

— Bom dia, minhas lindas. Dormiram bem? Sentiram muito calor?

— Eu nem percebi — respondeu Ollie. — Estava tão cansada que nem me dei conta do calor.

— E eu dormi como uma pedra — disse Cat.

Abanando-se com um guardanapo, Serena comentou:

— Que sorte, hein, meninas! Porque foi uma agonia só. Acabei tendo que levantar e sair um pouco até o jardim. Lá pelo menos estava fresquinho.

Nesse momento entrou Terry, ainda de pijama. Algo que raramente costumava acontecer.

— Terry, querida, você está doente? — perguntou Serena.

— Não, mãe, não se preocupe — respondeu, sorrindo. — Decidi tirar o dia de folga hoje.

— Que beleza — disse Ollie e, ao escutar os passos de sua mãe, acrescentou olhando para sua irmã: — No Havaí o dia deve estar melhor do que aqui. Aposto que o papai e o tio vão à praia surfar.

Kate surgiu na copa, como sempre impecável em seu terninho cinza e seu coque, mas ao ouvir aquilo sentiu seu estômago se contrair. Pelo menos conseguiu disfarçar.

— Muita sorte viver na praia — concordou Cat. — Deve ser muito maneiro.

— E como é! — disse Ollie. — Quando você vir onde o papai e o tio moram, vai ficar alucinada.

Terry e Kate se olharam e não comentaram nada, então Ollie continuou:

— O papai e o tio vivem na beira da praia, e à noite você dorme ouvindo o barulho do mar. De manhã, quando você acorda, fica surpresa ao ver as mil tonalidades diferentes do azul do oceano. *Ai... é incrível!*

Depois de ouvir por uns dez minutos sobre as maravilhas de se viver no Havaí, Terry se dirigiu à sua irmã, que ainda não havia aberto a boca:

— Kate, a Ollie te mostrou as fotos das férias dela?

Saindo da bolha em que havia se fechado ao escutar falar do Havaí e de Sam, Kate olhou espantada para sua irmã.

— Por que está de pijama? — perguntou.

— Ela disse que vai tirar um dia de folga — comentou Serena, rindo.

Kate achou estranho, pois sua irmã não comentara nada no dia anterior.

— Ahhh, que sorte, um dia livre! — Kate suspirou. — Eu tenho duas audiências, um processo por divórcio e com certeza algumas outras coisas. — Mas, ao lembrar o que sua irmã havia perguntado, acrescentou: — Que fotos?

— Mãe, ontem à noite eu falei com o papai pela internet — contou Cat, empolgada.

Kate sorriu. Era uma ótima notícia. Agora entendia por que Sam não havia puxado assunto com ela, embora estivesse on-line. Ficou feliz ao saber a razão.

— Que bom, querida. O papai te ama muito e sei que pra ele com certeza foi importante falar contigo. — E, olhando para sua filha mais nova,

perguntou: — Foi você que a convenceu, né? — Ollie confirmou com a cabeça.

Serena as observou sem dizer nada. Falar de Sam e Michael ainda era doloroso e ela procurava evitar o assunto. Sentia muito a falta deles.

— Você está certa, mãe — confirmou Cat. — E com certeza foi mesmo graças a ela que eu me reconciliei com o papai.

— Acho que vocês nunca estiveram brigados de fato, querida — sussurrou Kate, mas, ao sentir o chute da sua irmã por baixo da mesa, virou-se para ela.

— Perguntei se Ollie te mostrou as fotos das férias — repetiu Terry, dando outro chutezinho em sua irmã.

Sem entender direito do que ela estava falando, Kate respondeu com calma:

— Não. Ela não me mostrou nada. — E, consultando o relógio, acrescentou: — Aliás, meninas, se vocês não se apressarem, vão chegar atrasadas no colégio.

— Vamos, mocinhas. Ai, meu Deus... já está tarde... — comentou Serena.

— Caramba! — exclamou Cat. — Hoje é que a gente não chega.

Kate reagiu com rapidez.

— Um minuto. Vou beber o café e já levo vocês.

— Nada disso, filha — disse Serena e se levantou. — Pode tomar o café tranquilamente que eu mesma levo as meninas na escola.

— Valeu, vó — falou Ollie, terminando seu achocolatado. — Mãe, quer ver as fotos das minhas férias?

*Estou que não me aguento de curiosidade,* pensou Kate.

— Se você quiser me mostrar, querida, claro que vou adorar ver.

Ollie tirou o envelope da mochila, mas, antes de entregá-lo à sua mãe, acrescentou:

— Se você quiser, posso separá-las, pra você ver só aquelas em que eu apareço.

— Não, meu amor — disse, sorrindo, sob o olhar atento de todas. — Não precisa fazer isso, eu já conheço a Sasha e o Tommy, e são umas crianças adoráveis.

— Ollie! — repreendeu-a Serena. — Acho que não tem cabimento você ficar mostrando essas fotos pra todo mundo. Não faz sentido.

— Mas, vó, eu não acho que...

— Mãe — interrompeu Kate. — Ollie faz muito bem em me mostrar as fotos das férias dela. E mais: se ela não tivesse oferecido — mentiu —, eu mesma teria pedido. São as fotos da minha filha e, se são importantes pra ela, também são importantes pra mim.

— Mãe, por favor — disse Terry. — Não seja exagerada. São só umas fotos.

Serena, que não tocava no nome de Sam desde que ele havia ido embora, protestou. Foram muitas as noites em que, impotente, ela ouvia pela porta sua filha chorar. Isso ficou marcado em seu coração, junto a outras coisas que ela se negava a lembrar.

— Você sabe o que faz. E eu não me acho exagerada. Só digo o que penso — falou antes de sair. — Meninas, por favor, deem uma agilizada ou vão chegar tarde.

Ollie se aproximou da mãe, entregou o envelope com as fotos e lhe deu um beijo.

— Depois que tiver visto tudo, deixa no meu quarto, por favor.

— Claro — respondeu Terry, pegando-as. — Não se preocupa. Anda, vai com a vovó e com a Cat, pra não se atrasarem.

Quando Ollie saiu e as duas irmãs ficaram a sós, Terry comentou:

— A mamãe, hein, vou te contar! Quando quer, sabe deixar o clima meio tenso.

Kate tentou desculpar.

— É normal. Ainda não aceitou a história toda do Sam. Adorava ele e também gostava muito do Michael, e ficou arrasada com tudo o que aconteceu.

Com impaciência, Terry passou o envelope de fotos à sua irmã.

— Pega e vê.

— Garota — disse Kate, rindo. — Você está nervosa. O que foi?

— Olha as fotos — reagiu Terry, apressando a irmã — e me diz logo.

Com as mãos trêmulas, Kate abriu o envelope, tirou as fotografias e a primeira que encontrou foi uma de Ollie na praia.

— Está linda — disse Kate, sorrindo. Mas, quando viu a seguinte, ficou sem palavras e seu sorriso se congelou.

Ao ver sua reação, Terry tirou as fotos de suas mãos e a abraçou. Mas Kate se desvencilhou do abraço e pegou os retratos novamente.

— Ai, meu Deus... meu Deus...

— Sei o que você está pensando — disse Terry, enquanto sua irmã parecia não acreditar no que via.

— Está muito gato, não acha? — falou Kate, mostrando a foto em que Sam aparece com seu macacão de neoprene e a prancha de surfe.

Incapaz de mentir, Terry concordou com a cabeça.

— Tem razão. Ontem, quando vi essas fotos, te juro que foi como se eu voltasse ao passado. Fiquei tão atordoada que voltei ao quarto da Ollie pra perguntar se as fotos eram atuais. Tinha que ver a cara dela. Deve ter pensado que eu estava louca.

Mas Kate mal podia respirar. Ver Sam em todo seu esplendor em Oahu enchia sua cabeça de recordações maravilhosas.

— Voltar para aquela ilha fez muito bem a ele. Está ótimo e parece bem feliz — conseguiu dizer, por fim.

— Só ótimo? — disse Terry, suspirando. — Não falo nada então, espera só até ver o Michael.

Nesse momento apareceu a foto de Michael com a escumadeira nas mãos, e Kate soltou uma gargalhada. Arrancando o retrato das mãos de sua irmã, Terry perguntou:

— Está mais lindo que nunca, né? Ou sou eu que vejo ele dessa forma?

Kate olhou para Terry com curiosidade.

— Não vai me dizer agora que está a fim do Michael? — Terry não respondeu. — Poxa, Terry, ele passou anos atrás de você, e você não dava a menor bola, e agora...

— Nem pensar — disse Terry, devolvendo a foto. — Só estou apreciando. Vendo essas fotos, eu me lembrei de outras que você tinha me mostrado quando conheceu os dois.

— É verdade. Eu tenho umas fotos como essas lá no meu quarto. — E, levantando-se, acrescentou: — Vem, vamos buscar, você vai ver como eles

quase não mudaram.

Terry consultou o relógio e disse:

— Só pra lembrar, maninha: você tinha duas audiências, um processo de divórcio e...

Kate parou de repente.

— Isso eu resolvo rapidinho.

E, sem se importar com nada, tirou os sapatos de salto, ligou para sua secretária e passou as tarefas para outros advogados. Assim que desligou, olhou para sua irmã com um sorriso triunfante.

— Tenho o dia livre. Pra isso é que sou chefe.

Como duas garotinhas, as irmãs subiram as escadas correndo, entre risinhos, como não faziam havia anos. Por um momento voltaram à adolescência. Aquilo era como fazer uma travessura sem a mãe saber, e isso deixava as coisas ainda mais interessantes. Sob o olhar atento de Terry, Kate tirou o terninho assim que chegaram ao seu quarto. Terry balançou a cabeça num gesto de aprovação ao ver a forma esplêndida que estava, mesmo depois de ela ter tido dois filhos.

— Terry, me faz um favor: pega o álbum azul que está ali em cima daquela estante — disse enquanto soltava suas longas madeixas louras e fazia um rabo de cavalo.

— Toma — disse Terry, entregando o álbum.

— Aqui estão. Ai, meu Deus... você vê o quanto essas fotos são parecidas?

Terry estava boquiaberta. Realmente as fotos que Ollie havia tirado eram bem similares às de vinte anos antes. Numa delas se viam Sam e Michael vestidos com suas roupas de borracha. E em outra Michael aparecia descascando batatas com uma bermuda parecida com a que usava na foto de Ollie. Kate olhou com carinho para aqueles retratos. Sam e Michael não tinham mudado muito, e inclusive, pensou ela, talvez estivessem mais atraentes agora que eram mais maduros.

— Por que você deixou o Michael ir embora? — perguntou Kate ao ver sua irmã toda concentrada diante de uma das fotos.

Terry não respondeu nem olhou para ela. Só tinha olhos para aquele retrato em que Michael e ela riam, fantasiados de Fred Flintstone e sua mulher Wilma.

Naquele dia, naquela festa, acabou que uma bossa nova, “Desafinado”, virou a música deles.

— Por que você nunca lhe deu uma chance? — insistiu Kate.

— É difícil explicar — falou Terry. — Ele era um bom amigo e eu adorava a companhia dele. E não nego que tinha uma quedinha por ele, e sei que ele também tinha por mim. Mas acho que a gente sempre teve medo de começar alguma coisa e estragar nossa amizade. Nós dois sabemos por experiência própria que, quando você vai pra cama com alguém, nada volta a ser como antes. Além disso, tudo era bonito demais. Você e o Sam, eu e o Michael... era tudo muito perfeito e eu tinha certeza de que não seria uma boa ideia.

— Por que, quando eu te disse que ele ia embora com o Sam, você não fez nada pra impedir?

Terry deu de ombros e confessou:

— Por covardia. Fiquei com medo de me sentir rejeitada. Sou uma covarde, eu sei.

— Mas você se enganou. O Michael nunca teria te rejeitado.

— Como você pode dizer isso se foi ele que foi embora sem se despedir?

— Terry — respondeu Kate —, ouvi o que você disse a ele na manhã em que sugeriu que ele fizesse todas as refeições na casa dele. De onde eu estava, vi sua cara e a dele. Como ele ia se despedir depois disso tudo?

O comentário de Kate foi doloroso para Terry, mas ela sabia que sua irmã tinha razão.

— Mas eu achava que ele sabia da história do Sam e da existência dos filhos dele. Sei que mandei mal nesse dia, mas não podia suportar a ideia de ele vir toda manhã e agir como se nada tivesse acontecido.

— Ele também não sabia de nada até a história vir à tona — explicou Kate. — Acho até que foi legal da parte dele continuar vindo pra cuidar da gente, mesmo que o Sam tivesse ido embora.

Cansada, Terry fez que sim com a cabeça e logo se esparramou na cama.

— Não tenho forças pra ligar pra ele. Tenho certeza de que já se esqueceu de mim.

Kate não tinha tanta certeza disso. Michael era como Sam, fiel ao seu próprio coração. Mas, sem vontade de ficar remoendo o assunto, disse:

— Talvez você tenha razão. É hora do Michael começar a vida dele. Enquanto você estava casada, ele não ousou se aproximar e, quando você se separou, ele foi logo aceitando a própria derrota. Talvez seja melhor assim.

— Por que eu sou sempre tão estúpida? — perguntou Terry, levantando-se. — É como se eu nunca vivesse a realidade, como se eu nunca estivesse de acordo com a vida que levo.

— É, maninha, você é meio complicada mesmo — disse, abraçando-a, enquanto olhava as fotos. — Mas o Michael, com esse cabelo comprido de agora, está um arraso, exatamente como no dia em que eu o conheci.

— Eu sei — falou Terry, sorrindo com tristeza. — Quando você me apresentou a ele, lembro que o que mais me chamou a atenção foi a simpatia dele e a forma de se vestir. Os dois eram diferentes dos carinhos que a gente conhecia aqui em Nova York. Enquanto nossos amigos falavam de boates e drogas, eles falavam de surfe. De pegar onda. Eram realmente diferentes, né?

Kate observou as fotos com saudade e balançou a cabeça, concordando.

— Eram e ainda são... Olhando essas fotos, dá pra ver que agora eles estão onde tinham mesmo que estar.

Entendendo muito bem por que ela dizia aquilo, Terry insistiu:

— E isso deveria te fazer refletir, não acha?

— Sei o que você quer dizer — concordou Kate. — O Sam viveu em Nova York todos esses anos por minha causa e pelas meninas. Inclusive deixou de lado a ideia de ir à praia no verão pra ir com a gente à Europa. Agora me dou conta de que errei ao tentar fazer o Sam levar um determinado tipo de vida.

— Não exagera: você não apontou uma arma na cabeça dele.

— Eu sei — disse Kate, sorrindo. — Mas não prestei atenção. Me acomodei à minha vida e não olhei pra trás pra ver se deixava alguma coisa no caminho. E agora percebo que sim.

— Você ainda ama o Sam, né?

— Como poderia não amar? — respondeu Kate, levantando as mãos. — O que aconteceu entre a gente há alguns anos foi pra mim uma enorme prova de amor. E por isso nunca armei um escândalo desde que fiquei sabendo da outra vida dele. Só fiz o que meu coração mandou. Só isso.

Ao sentir a tristeza nas palavras de Kate, Terry a abraçou e acrescentou, procurando oferecer todo o apoio de que era capaz:

— E você foi incrível.

— Às vezes — prosseguiu Kate — me dá vontade de pegar um avião e ir até Oahu falar com ele. Mas, quando penso um pouco, me dou conta de que seria um erro.

— Por que seria um erro?

— Não saberia como explicar, Terry. Talvez eu também seja uma covarde e, se voltasse com o Sam, teria que dar explicações demais, principalmente pra mamãe, e não estou disposta a remoer o passado.

— Mas, Kate, você não tem que se preocupar com o que os outros pensam. Deve se preocupar com o que você quer e ponto.

— Eu sei disso, mas não ia suportar ouvir a mamãe falando mal do Sam, porque isso acabaria me levando a confessar que sua filha respeitável foi uma filha da... ao cometer uma loucura que resultou num aborto e que o Sam botou o assunto debaixo do tapete justamente pra ela não ter esse desgosto.

— Não pensa assim, mulher.

— Não consigo evitar. Agora, diante de todo mundo, o Sam é visto como um canalha, quando a canalha na história fui eu há alguns anos e o Sam fez tudo pra ninguém ficar sabendo.

— Você voltaria com ele?

— Não sei. Às vezes penso que correria atrás dele como uma louca pra abraçá-lo e beijá-lo, mas em outros momentos acho que as coisas mudaram tanto que nada voltaria a ser como antes.

— Numa coisa te dou razão. Nada voltaria a ser como antes — disse Terry e perguntou: — Você acha que existe felicidade?

— A felicidade é uma utopia que só poucas pessoas conseguem manter. O que eu acredito é que existem momentos felizes, e eu e o Sam fomos felizes, apesar de tudo.

Terry acariciou com ternura os cabelos sedosos da irmã.

— Sabe, eu adoro conversar contigo. Você é tão sensata e realista, exatamente o contrário de mim, que sou totalmente teimosa e precipitada. Ainda bem que tenho você pra me fazer entender as coisas. O engraçado é que

com as suas filhas acontece igual: Cat, pro azar dela, é como eu, e Ollie é como você.

Kate sorriu para ela com cumplicidade.

— Em momentos como esse, te olho nos olhos e seu olhar me transporta pra nossa infância, e parece que a gente volta a ser aquelas meninas que trocavam confidências.

— O importante é não esquecermos que temos uma à outra. — E, depois de se abraçarem, Kate foi até o banheiro pegar uns lenços de papel. As duas estavam com os olhos cheios de lágrimas. Quando voltou, Terry ficou observando a irmã e perguntou: — Kate, você nunca pensou em mudar o visual?

— Hummm, não. Pra quê?

Sorrindo, Terry encolheu os ombros.

— A verdade é que você está ótima com essas madeixas loiras, mas há quanto tempo você não faz um penteado diferente? E mais: há quanto tempo você não usa um jeans?

Kate sorriu.

— Jeans? E vou usar quando? Nas audiências? Não... não quero perder a imagem de uma advogada dura e eficiente. — As duas riram e ela continuou: — Quanto ao cabelo, nisso eu te dou razão. Desde os 15 anos eu não mudo o estilo. Mas é mais prático usá-lo assim. Nos tribunais, o coque me dá seriedade.

Sem dar tempo de Kate reagir, Terry a puxou pela mão e a levou ao enorme espelho do quarto.

— Vem cá um minuto. Não acha que nós duas precisamos mudar o visual?

— Terry, aonde você quer chegar com isso?

Sem tirar os olhos do espelho, perguntou:

— Seja sincera, Kate: quando você olha pra mim, o que vê?

Kate observou detidamente sua irmã.

— Eu vejo você, ué. Ok... ok. — Sorriu ao reparar que sua irmã protestaria. — Vejo uma trintona gata. Cabelo castanho e liso, olhos verdes, olheiras e um roupão branco.

— Que sem graça isso que você falou, né? — Kate pensou um pouco e concordou. — Agora vou te dizer o que eu vejo em você. Vejo uma mulher

cheia de olheiras também, com um belo corpo escondido numa roupa de executiva. Cabelo bonito, mas fora de moda e sem graça. Resumindo, uma boa matéria-prima que pode melhorar.

Achando graça do comentário da irmã, Kate se olhou no espelho e acrescentou:

— Mas eu não tenho a menor vontade de mudar. Gosto da roupa que uso e do meu cabelo e não quero parecer sexy. Estou satisfeita assim.

— O que acha de irmos ao cabeleireiro e nos darmos uma massagem de presente? Sabe, algum tratamento de chocoterapia ou algo do tipo.

Mas Kate insistiu:

— Repito: não penso em mudar meu visual.

— Mas o cabelo cresce de novo — incentivou Terry. — Nunca ouviu aquele lance de se renovar ou morrer? E falta muito tempo ainda pra gente estar morta e enterrada, então vamos fazer alguma coisa em nosso dia livre. Que tal?

Feliz por finalmente ver sua irmã sorrir, Kate, enquanto vestia uma calça escura e uma camisa de seda bege, disse:

— Vou te acompanhar, mas saiba que não pretendo fazer nenhuma loucura.

Sorrindo, Terry calçou os sapatos, prendeu o cabelo num rabo alto e respondeu:

— Vem comigo e eu te garanto que a gente vai se divertir.

## Capítulo 20

O sol em Oahu naquele dia estava mais forte do que nunca. Sam estava no escritório ouvindo a sra. Peebles. Queria se divorciar do marido Tlico Telicua, após quarenta anos de casamento, porque havia chegado à conclusão de que ele não a amava mais.

Os anos de experiência na profissão o ensinaram a reconhecer que aquela mulher nunca se separaria do marido, mas Sam a escutou com paciência. Quando a sra. Peebles saiu da sala após uma hora de conversa, Michael se

levantou da mesa e pegou para Sam uma Coca-Cola geladinha do frigobar que mantinham no escritório.

— Toma, irmão, você merece — disse, colocando a bebida em cima da mesa.

— Valeu, Michael — disse e balançou a cabeça esgotado. Depois acrescentou com um sorriso: — Na próxima vez é você.

Desde a primeira visita daquela mulher, tinham combinado em se revezar no atendimento. Cada vez seria um que falaria com ela.

— Tá um calor infernal — queixou-se Michael, olhando pela janela. — O mar está supercalmo. Não vai rolar surfe hoje.

Sam consultou sua agenda.

— Hoje tenho um dia emocionante. Dentista com a Sasha e pediatra com o Tommy. Tenho a tarde cheia.

Michael sorriu e, pousando a mão no ombro do irmão, disse:

— Hoje é sexta. O que acha de ligarmos pra Honey e pedirmos pra ela ficar com as crianças pra gente ir ao Aloha Skatt's tomar umas cervejas?

— Boa ideia, *querido* — brincou Sam. — Mas por enquanto vamos almoçar. Estou morrendo de fome.

— Caramba — disse Michael. — Já são duas e meia. No fim das contas vamos ter que cobrar da sra. Peebles. Vem, levanta essa bunda daí e vamos no bar do Dick comer alguma coisa.

Ao chegarem ao Mohana Life, cumprimentaram alguns amigos. O bar do Dick era o típico restaurante-bar em frente à praia, onde à tarde os surfistas e turistas comiam e à noite bebiam.

Samantha, mulher do Dick, sempre sorria ao vê-los e lhes preparava alguma coisa gostosa para comer. Gostava de ter por perto aqueles dois lindos advogados que eram seus amigos havia muitos anos. Adorava se gabar com suas amigas da intimidade que tinha com eles, pois tanto Sam quanto Michael eram ótimos partidos que a maioria das garotas gostaria de fisgar. Enquanto - Samantha preparava a comida, eles andaram até o fundo do bar para jogar sinuca. Entre risadas e piadinhas, começaram o jogo, até que de repente um homem se aproximou.

— Sam e Michael! Que alegria ver vocês — exclamou.

— Stephen Morello — saudou Michael, chegando perto dele. — O que está fazendo por aqui?

— Oi, Stephen — disse Sam sem se aproximar.

Stephen Morello era advogado de uma firma em Nova York. Sam e ele já haviam se enfrentado em dois julgamentos, mas também já haviam tomado umas cervejas juntos. Estranhando a fria recepção de Sam ao colega, Michael olhou para seu irmão e percebeu que a expressão dele havia mudado completamente.

— Meninos, ainda estão juntos? — brincou Stephen. — Vou acabar achando que vocês são mesmo um casal.

Michael pegou Sam pelos ombros e entrou na brincadeira.

— Sim, amigo, e somos muito felizes. Temos dois filhos lindos e uma casa superfofa. Passa lá um dia desses pra conhecer.

— Sério — disse Stephen. — O que vocês estão fazendo por essas bandas?

Apoiando-se na mesa de sinuca, Sam respondeu:

— Já faz uns meses que nos mudamos pra cá.

— Não me diga que Kate também está aqui — comentou, olhando ao redor.

Nesse momento Sam bufou, e Michael, sem entender o que acontecia, percebeu que aquele encontro casual não ia terminar bem.

— Não, ela não está aqui. A gente se separou.

Para acalmar os ânimos, Michael tentou desviar a conversa.

— E você, o que está fazendo na nossa ilha?

— Vim com uma amiga — disse, apontando para uma loura deslumbrante que vestia um biquíni azul minúsculo e estava bebendo no balcão. — É sério que você se separou da Kate?

— É.

Rindo, Stephen olhou para Sam e deu umas batidinhas no ombro dele.

— Fez bem. Pra que ficar com uma só quando se pode ser livre e ter todas as mulheres que quiser?

Sam sentiu seu estômago se contrair e, aproximando-se de Stephen de um jeito intimidador, disse entre dentes cerrados:

— Você esqueceu a parte que diz: “desde que não haja um canalha sem escrúpulos que se envolva com sua mulher e arruíne sua vida”.

Sem entender nada, Michael ficou alerta. O que estava acontecendo ali?

— Do que você está falando, Sam? — perguntou Stephen, meio irritado.

Incrédulo pelo atrevimento do recém-chegado, Sam tentou voltar para o jogo de sinuca. Se não fizesse isso, ia acabar quebrando a cara dele.

— Só vou te dizer uma coisa, seu desgraçado filho da puta — falou Sam, pegando o taco e dando com ele em Stephen, que, ao sentir o golpe seco no meio das suas pernas, ficou quase sem respirar e caiu no chão. — Você se comportou como um canalha ao se envolver com a minha mulher. Mas o pior foi quando soube do bebê e desapareceu, deixando a Kate sozinha com um problemão. Só espero que a vida te dê em dobro todo o sofrimento que você causou, seu cafajeste maldito. — Dito isso, Sam soltou o taco de sinuca sobre a mesa e saiu do bar.

Testemunha muda de toda aquela cena, Michael continuava sem entender nada. Olhou para Stephen, que gemia de dor no chão, mas sem pensar duas vezes saiu atrás do seu irmão, que corria furioso em direção ao escritório.

— Você pode me esperar? — gritou Michael. Mas Sam não o escutava.

Ao entrar no escritório, Sam foi direto para o banheiro, fechou a porta e jogou um pouco de água no rosto. Finalmente ele fizera o que tantas vezes tinha desejado. Quando Michael entrou, imaginou que seu irmão estaria no banheiro e o esperou pacientemente do lado de fora. Mas, passados dez minutos, ao ver que Sam não saía dali, acabou indo embora. Um pouco depois, voltou com o almoço que tinham pedido no bar do Dick.

— *Amorzinho*, vamos almoçar? — perguntou Michael, dando leves batidas na porta.

Do outro lado, Sam sorriu. Acabou se animando a sair e se sentou para comer sem dizer uma só palavra.

— Posso saber o que houve? — perguntou Michael após alguns minutos de silêncio.

— Paguei uma dívida antiga.

— Tinha acontecido alguma coisa entre você e o babaca do Stephen e você não me contou nada?

Sam confirmou com a cabeça, e Michael acrescentou, após enfiar um pedaço de carne na boca:

— Ultimamente você vive me surpreendendo, hein... Não sei mais se é você quem está na minha frente ou um completo desconhecido.

Ao ver sua expressão séria e as sobrancelhas contraídas, Sam suspirou. Michael não merecia tantos segredos, então ele decidiu por fim revelar ao irmão certos fatos dolorosos de sua vida.

— Vou te contar se você me prometer que isso vai ficar entre a gente.

— Prometo. — E, para relaxar a fisionomia tensa que via no rosto de Sam, fez algo que Sasha sempre fazia quando ia contar um segredo. Moveu a mão como se fechasse a boca com uma chave e depois fingiu atirá-la longe.

— Como você é bobo — disse Sam, enfim sorrindo.

E começou a narrar a história toda, deixando Michael totalmente perplexo. Quando Sam terminou o relato, seu irmão disse:

— Juro que nunca na vida eu poderia imaginar uma coisa dessas. Você está me dizendo que a Kate, a mulher perfeita, se envolveu com esse desgraçado, ficou grávida e pensou em abandonar você e as meninas pra ir embora com ele?

— Sam confirmou com a cabeça, demonstrando tristeza ao lembrar o fato.

— Inacreditável. Até as pessoas perfeitas cometem erros.

— Kate é perfeita — disse Sam. — Mas é humana como você, como eu e como todo mundo, e erra também. Na época fiquei muito magoado, mas eu a amava tanto que acabei perdoadando.

— Agora entendo por que a Kate nunca fez um verdadeiro escândalo quando descobriu a tua história. Agora sim estou entendendo tudo.

Ao pensar em sua ex-mulher, Sam pôs a mão na testa preocupado e confessou:

— Mas, apesar de eu ter perdoado a Kate, foi esse erro dela que abriu caminho para meu envolvimento com a Nicole.

— Como você conheceu a Nicole? — Michael ousou perguntar. Sabia que aquele era um terreno delicado e até então não havia se arriscado nele.

— Lembra quando viajei pra Alemanha? — Michael fez que sim. O avião de Sam havia feito escala na Alemanha pra pegar uns passageiros. — Durante o voo, quando pedi umas bebidas, a aeromoça se confundiu e deu a minha pra Nicole e a dela pra mim. Percebemos na hora e, em vez de avisar a aeromoça pra ela fazer a troca, nós mesmos fizemos isso diretamente e começamos a conversar. Não paramos de conversar até chegar a Nova York. E, apesar de eu ter perdoado a Kate, algo dentro de mim estava rompido. Naquela época a Kate estava fria e distante comigo e, quando conheci a Nicole, não consegui resistir. Precisava que alguém me abraçasse e me dissesse que me amava. E quando conheci a Sasha, tão pequenininha, tão bonita, com essa carinha de anjo, eu...

— Sasha?! Como assim “quando conheci a Sasha”?

— Ela não é minha filha biológica, mas eu gosto dela como se fosse.

— Mas então a Sasha... o que...? — perguntou Michael, cada vez mais incrédulo.

— Quando eu a conheci, tinha seis meses. Um dia começou a me chamar de pai — ele sorriu ao lembrar — e eu não consegui negar. Era minha filha, na prática. Um tempo depois, o Tommy nasceu e eu dei aos dois o meu sobrenome. São meus filhos. Não deixaria ninguém fazer mal a Sasha, porque pra mim ela é tão filha quanto Cat, Ollie e Tommy. E, por favor, isso não pode sair daqui. Não quero que ela saiba disso nunca.

— Não se preocupe. Esse segredo vai morrer comigo.

Confiando nas palavras do irmão, Sam sorriu e continuou:

— Quando aconteceu o acidente da Nicole, dei graças a Deus por ter reconhecido a menina e o menino com os meus sobrenomes. Não fosse por isso, eles perderiam um monte de direitos e, ainda que com o tempo eu conseguisse provar que sou o pai do Tommy, não aconteceria o mesmo com a Sasha. Se isso acontecesse, eu não me perdoaria nunca — disse, e em seguida murmurou emocionado: — Ela é minha filha.

Depois de uma pausa breve, porém carregada de emoções, por fim Michael pousou sua mão morena sobre a perna de Sam e perguntou:

— Irmão, você tem mais alguma coisa pra me contar?

Sam respondeu com um sorriso.

— Desculpa por nunca ter te falado da Nicole e das crianças, mas eu não queria te envolver em algo que eu mesmo sabia que era errado. Só que a vida às vezes é difícil de compreender e...

— Sam... Posso te perguntar uma última coisa?

— Fala, irmão.

— Por que você não se separou da Kate? Poderia ter começado uma vida nova com a Nicole e as crianças.

Sam respirou fundo e disse:

— Porque eu não podia viver sem a Kate. Eu a amava e ainda a amo demais. Até hoje tenho dificuldade de dormir à noite sem tê-la ao meu lado. Sei que é extremamente egoísta da minha parte dizer isso, mas eu amava a Kate, e Nicole me amava. Teve um momento em que decidi que aquela relação com a Nicole teria que acabar. Mas um dia ela me ligou e disse que estava grávida. Naquele instante eu fiquei paralisado, e, quando ela me confessou que não queria abortar, aquilo me alegrou. Falei com ela e deixei as coisas bem claras. Eu amava minha mulher e minhas filhas, e nunca, acontecesse o que acontecesse, pensaria em me afastar delas. Nicole tinha umas ideias muito liberais e, mesmo contrariando sua mãe — disse ele, sorrindo —, aceitou viver comigo mesmo sabendo que eu nunca deixaria a Kate. A gente se via pouco, só alguns dias por mês. Mas isso bastava. O resto você já sabe.

— Como eu nunca percebi nada?

— É que nós, humanos, sabemos esconder segredos, por isso você também não descobriu a história da Kate. Mas agora você já viu: no fim a vida sempre acaba trazendo a conta, e uma coisa que você acreditava estar sob controle acaba saindo dos eixos e...

— Tenho outra pergunta — disse Michael. — Sei que eu já tinha dito antes que era a última, mas...

— Desembucha, irmão — respondeu Sam, mesmo sabendo que muitas outras perguntas ainda estavam por vir.

— O que você pensava em dizer a Sasha e Tommy quando eles crescessem? Eles perguntariam aonde o pai ia com tanta frequência.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Pra ser sincero, nunca pensamos muito nisso. Vivíamos o presente. Imagino que, quando chegasse o momento, iríamos enlouquecer ao pensar no que dizer, mas... não, não pensamos. — Com cara triste, olhou fixo para seu irmão e sussurrou: — Tadinha da Kate, se você visse como ela cuidou do Tommy aquele dia no hospital enquanto eu me encarregava da Sasha... Nunca vou poder esquecê-la. É uma mulher incrível e eu espero que seja feliz. Ela merece.

Nesse instante, Michael pensou em Ollie e naquela história do “empurrãozinho” que ela planejava dar.

— Você também merece o melhor — disse Michael. — Escuta, se você topa, podemos jantar em casa hoje e continuar essa conversa.

Sam concordou. Ter enfim contado tudo aquilo com naturalidade era algo que o reconfortava.

— Acho ótimo. Obrigado, Michael.

— De nada. — E, para fazê-lo sorrir, acrescentou: — Ah, e fique sabendo que você conseguiu acabar com o Stephen. Já estou até vendo aquela louca deslumbrante que estava com ele tendo que colocar compressas de gelo a noite toda.

Os dois caíram na gargalhada.

## Capítulo 21

Em Nova York, ao voltar da escola, Cat e Ollie encontraram a avó sozinha lendo um livro, como costumava fazer toda tarde. Chegou a hora do jantar e, como Kate e Terry não apareciam, as meninas começaram a preparar uma salada enquanto Serena colocava no forno uma carne para assar.

— Que estranho a mamãe não ter voltado do trabalho ainda — comentou Ollie.

— E onde será que sua tia se enfiou? — perguntou Serena.

— Com certeza estão juntas — respondeu Ollie sem dar importância ao fato. — De repente a tia Terry foi buscar a mamãe no trabalho.

— Mas poderiam ter ligado — protestou a avó. — Pra alguma coisa esses celulares delas têm que servir.

Nesse momento a porta da casa foi aberta, e as três puderam ouvir risadas vindo daquela direção.

— Oi, meninas — disse Terry de repente ao entrar na cozinha, seguida por sua irmã. — Desculpem a demora, mas é que fomos fazer compras e depois tomar algo e acabamos nos atrasando.

Achando graça da situação, Kate observava as caras de espanto de suas filhas e sua mãe.

— Mãe? Tia Terry? — disse Cat, surpresa, soltando o recipiente da salada.

— E aí, o que acham do nosso visual? — perguntou Terry. — Demos uma passadinha no cabeleireiro.

Ollie se aproximou da sua mãe. Parecia vinte anos mais jovem.

— Mamãe está a maior gata. Esse corte ficou perfeito.

— Ai, meu Deus, minhas filhas — reclamou Serena. — O que vocês fizeram nesses cabelos?

Boquiaberta, Kate ia responder, porém Cat fez isso por ela.

— Mas, vó, elas estão maravilhosas!

Ollie mal conseguia articular as palavras. De repente, parecia que seus pais e tios resolveram competir para ver quem aparentava ser mais jovem.

— Terry, pela cara da mamãe, acho que fiz mal em cortar o cabelo — brincou Kate.

— Pois eu acho que ficou ótimo — elogiou Ollie, reparando que sua mãe havia cortado o cabelo igual ao da Meg Ryan: curtinho, desfiado e com umas mechas mais loiras.

— Obrigada, meu amor — agradeceu a mãe.

Ainda observando o novo visual, Cat perguntou:

— E onde você comprou essa calça jeans e essa blusa verde? Eu quero uma!

Terry, empolgada com a mudança que havia convencido Kate a fazer, exigiu a atenção de suas sobrinhas:

— Alguma alma caridosa poderia dizer alguma coisa de mim também?

Ollie deu uma risada e, apesar da cara de irritação da sua avó, disse:

— Tia, você está muito linda. O cabelo cacheado e ruivo fica ótimo em você. E esse macacão jeans que você está usando é um arraso. Onde vocês compraram essas roupas, hein?

— Depois que a gente saiu do salão e tomou uns drinques — respondeu Terry, observando sua irmã, que não conseguia parar de rir —, levei a mãe de vocês a uma loja superalternativa. Não é o máximo? — As meninas balançaram a cabeça, concordando. — Se vocês quiserem, a gente pode ir lá amanhã e comprar alguma roupa. Tem umas coisas muito fofas lá.

— Quero um macacão igual ao seu — pediu Cat, que não conseguia parar de olhar o visual da tia.

Kate topou, animada.

— Então amanhã a gente vai lá.

— O que deu em vocês? — perguntou Serena. — Por que compraram jeans rasgados? Não poderiam ter comprado novos?

Todo mundo sorriu, menos ela.

— Mãe, isso é o que está se usando hoje em dia — explicou Terry. — A roupa é nova, mas agora se faz assim, meio gasta mesmo.

Mas sua mãe não estava para brincadeiras e comentou com rispidez:

— Terry, não acha que está indo longe demais? Não basta você cometer loucuras? Tem que arrastar sua irmã junto? Sua irmã é a mãe dessas duas meninas e não acho que ela deva sair por aí com essa pinta de garota de 15 anos. A gente está acostumada com esse seu jeito meio destrambelhado, mas não leve sua irmã para o mau caminho junto contigo. Ela sempre teve um comportamento digno e respeitável.

Cat e Ollie pararam de observar o novo visual da mãe e da tia e voltaram a atenção para sua avó, que em poucos segundos conseguira arruinar o clima descontraído que havia se instaurado quando as duas pisaram em casa. Por alguns minutos, as risadas tinham voltado às suas vidas, até que Serena cortou o barato de todo mundo — algo raro nela.

Kate não conseguia acreditar no que estava ouvindo, e Terry se calou. A alegria em seus olhos se transformou em raiva.

— Mãe, não acho que...

— Fica quieta, Terry — ordenou Kate. Sua irmã estava levando uma tremenda bronca e ela não ia permitir isso. — Mãe, eu te amo muito e te respeito pra caramba, mas nunca mais quero ouvir você dizer que a Terry não é digna nem respeitável, porque talvez ela seja mais digna e respeitável do que eu.

Terry chegou perto de Kate para tentar interrompê-la, mas sua irmã fez um gesto indicando que ficasse quieta.

— Além disso, se eu cortei o cabelo ou vesti uma calça jeans, que já vi que não te agradou, não estou prejudicando minhas filhas, e você não pode culpar a Terry por isso, já que ninguém me obrigou a vestir essa roupa. Sinto muito se você não gosta da nossa aparência, mas talvez a gente goste. Se alguém me vir com essa pinta, como você diz, isso não significa que a pessoa vai obrigatoriamente esquecer que sou a chefe de um escritório de advocacia. O que você está pensando, que eu vou trabalhar assim? Pelo amor de Deus, mãe, não seja ridícula. Eu sempre soube separar muito bem minha vida profissional da pessoal, mas, talvez graças à minha irmã — disse, aproximando-se de Terry —, eu me dei conta de que a vida não é só trabalho. Também precisamos aproveitar as coisas e desfrutar da companhia das pessoas. Além do mais, é graças a ela que eu e as meninas estamos sorrindo pela primeira vez em vários meses, e não vou permitir que você a humilhe na minha frente.

Com os olhos cheios d'água, Serena se levantou e saiu da cozinha.

— Sinto muito pela vovó, mas você mandou muito bem, mãe — comentou Ollie.

Olhando para Terry, que nesse momento enxugava suas lágrimas, Kate sussurrou:

— Espero que isso faça a vovó refletir.

Todo mundo sabia o quanto Serena sentia a falta de Sam e Michael. Era isso que estava amargando sua vida, porque em geral ela não se comportava dessa forma ríspida.

— Cara, a vovó, hein! Vou te contar! — protestou Cat, aproximando-se de Terry. — Não liga, não, tia. Pra gente, você é o máximo.

— Obrigada, querida — respondeu, sorridente.

Kate bagunçou com carinho os cachos ruivos de sua irmã.

— Vem, abre um sorriso e vamos jantar. Ollie, anda, vai lá chamar a vovó.

Ollie saiu em direção ao quarto de Serena, mas se surpreendeu ao encontrá-la no início da escada.

— Vó — sussurrou, aproximando-se dela —, vem, vamos jantar.

— Estou indo — respondeu Serena sem olhar para a neta. Não queria que ela visse as lágrimas que corriam por suas bochechas. Ollie então voltou para a cozinha.

Dez minutos depois, estavam as cinco sentadas em torno da mesa, comendo em silêncio. O episódio ocorrido alguns momentos antes as havia emudecido, até que de repente Serena disse:

— Terry, me desculpa, filha. Sua irmã tem razão. Às vezes falo as coisas sem pensar, e acho que fui muito dura com você.

— Não se preocupa, mãe — respondeu Terry sem olhar para ela.

Mas Serena insistiu:

— Só vou me calar quando você disser que me desculpa. Fui uma bruxa e não me dei conta de que você fez a Kate sorrir como há muito tempo ela não sorria. E só por isso eu já deveria ter ficado quieta em vez de ter falado aquelas bobagens.

— Tudo bem, mãe — respondeu Terry, sorrindo e olhando-a nos olhos. — Eu te desculpo. Vamos esquecer essa história.

Serena então se levantou para dar um beijo carinhoso na cabeça ruiva de sua filha, e Kate sorriu ao ver o gesto carinhoso de sua mãe. Aí sim. Essa, sim, era a grande Serena.

— Bom, tem outro detalhe que eu gostaria de saber. Conheço vocês duas e essas olhadinhas que vocês trocam me deixam desconfiada. Estão escondendo alguma coisa?

Surpresa com a sagacidade da sua mãe, Kate respondeu:

— Só te digo que no próximo sábado à noite eu e minha irmã temos um encontro e vamos a uma festa.

Ollie ficou sobressaltada. Aquilo podia atrapalhar seus planos.

— Como assim?! — reagiu Cat.

— Com quem? — perguntou Ollie.

— Eu sabia — disse Serena, rindo. — Sabia que esses olhares escondiam alguma coisa.

Kate e Terry se entreolharam e sorriram.

— Bom, meninas, quando a gente contar, vocês não vão acreditar — disse a tia. — Estávamos tomando uns drinques num bar hoje à tarde, quando de repente o garçom avisa que nossa conta foi paga por uns caras da mesa ao fundo. — Ao escutar isso, Kate começou a rir. — Primeiro ficamos surpresas, depois agradecemos ao garçom e voltamos aos nossos drinques. Acontece que, quando os caras estavam indo embora, eles passaram do nosso lado e se apresentaram. Sabem quem eram?

— Fala, tia, conta logo! — gritou Cat. — Você está me deixando nervosa!

— Pede pra mãe de vocês contar, porque eu ainda não consigo acreditar — falou Terry, achando graça.

Kate enxugou os lábios com o guardanapo e olhou para suas filhas curiosas.

— Eles eram... ninguém menos que Gary Smacks, Jack Birmingans e Paul Baston. Os modelos que estão fazendo o maior sucesso.

Cat e Ollie ficaram sem palavras, mas foi Cat quem primeiro se manifestou após aquela revelação:

— Ai, mãe, fala sério. Com certeza vocês confundiram. Como poderiam ser eles?

Kate e Terry se olharam. Elas sabiam que ninguém acreditaria.

— Na boa — disse Ollie —, acho que eles estavam de brincadeira com a cara de vocês. Por acaso vocês acham que Jack Birmingans, Paul Baston e Gary Smacks não teriam nada melhor pra fazer do que convidar duas mulheres mais velhas como vocês pra sair e...

Ao escutar esse comentário, Serena caiu na gargalhada. A dócil Ollie acabava de chamar de velhas a mãe e a tia.

— Que atrevida essa garota! — protestou Terry. — Está chamando a gente de *coroa*?

— Tia, não falei *coroa* — desculpou-se Ollie, ao perceber que talvez não tivesse escolhido as melhores palavras. — Quando falei em “mulheres mais velhas”, estava querendo dizer que eles, além de serem mais jovens que vocês, estão sempre rodeados de garotas novas e lindas. Isso não significa que eu esteja chamando vocês de coroas. Só acho que eles deviam estar de brincadeira.

— Tudo é possível nessa vida — disse Serena, rindo. — Eu não duvidaria da palavra da mãe de vocês e menos ainda da tia de vocês. Você sabe que ela, por causa do trabalho, conhece muitos modelos e atores.

— Mas, vó — falou Cat —, como quer que a gente acredite nessa história? É como se me dissessem que amanhã o Robert Pattinson vai vir na minha casa tomar café da manhã comigo e que além disso vai me perguntar se quero leite ou granola. Você acha que acreditariam em mim? Claro que não, né?

— Ok, ok, ô meninas desconfiadas — disse Terry, olhando para sua irmã. — Isso tudo é muito simples de provar. Vocês mesmas vão ver se eles estavam de brincadeira com a nossa cara no sábado, quando eles vierem buscar a gente às oito e meia. Eles nos chamaram pra jantar e pra uma festa.

— É isso aí — concordou Kate, achando graça da situação. — Vocês mesmas vão comprovar. E agora, mãe, me passa a salada que estou com fome.

Depois dessa conversa, as cinco mulheres continuaram o jantar entre risadas e apostas sobre quem teria razão no sábado à noite.

## Capítulo 22

Os dias passaram bem depressa. Kate percebeu que a mudança no seu visual teve um efeito positivo. Todo mundo se surpreendia ao vê-la e a elogiava por seu novo look. Ela se olhava no espelho e às vezes nem sequer se reconhecia. Mesmo quando vestia os terninhos e as roupas de sempre, a imagem que via era outra. Estava mais jovem e ousada. Também os homens a olhavam de um jeito diferente. Já não pareciam intimidados, mas sim interessados. De tarde, quando passeava com suas filhas ou com Terry, enfiava-se naquela calça jeans e se sentia mais nova, e essa sensação lhe fazia muito bem.

À noite, quando se despi sozinha em seu quarto, pensava em Sam. O que ele acharia de seu novo visual? Kate tinha certeza de que ele adoraria. O que ela via diante do espelho agora era justamente a imagem que fez Sam se apaixonar em outros tempos. Uma aparência dinâmica e cheia de frescor. Estava um

pouco mais velha, mas seu corpo, apesar das gestações, não havia mudado muito. E talvez estivesse mais sexy do que nunca.

Foram muitas as noites em que entrava na internet para falar um pouco com ele. Era incrível o vínculo que se havia desenvolvido entre os dois. Sam chegou a dizer que, quando fosse a Nova York, iria visitá-la. Um dia ele comentou com ela sobre o Skype, que avisava quando estavam conectados e por meio do qual poderiam falar sem necessidade de entrarem em nenhuma sala de bate-papo. Kate o instalou, mas avisou que não usaria a webcam, apenas escreveria.

O sábado chegou. Cat e Ollie esperavam ansiosas para conhecer os homens que a boba da sua mãe e a boba da sua tia acreditavam serem os modelos. Kate e Terry se arrumaram nervosas. No quarto, Kate tentava escolher a melhor roupa para a ocasião. Fazia anos que não tinha um encontro com um homem e não sabia direito o que deveria vestir. Nesse momento Terry entrou sem bater na porta. Estava um arraso com um vestido azul-royal.

— Que tal esse vestido? — perguntou Terry, parando diante da irmã.

— Incrível!

— Que bom, e o que eu faço com o cabelo? Prendo ou deixo solto? — perguntou.

— Acho que você deveria deixar solto. Assim está ótimo.

Terry se deteve e observou sua irmã de cima a baixo.

— Mas, Kate, por que você ainda está assim?

— Não sei o que vestir. Não tenho nada tão bonito quanto esse vestido azul que você está usando. Todas as minhas roupas são sérias, sóbrias, formais, e eu não encontro nada apropriado — respondeu, desesperada e indecisa.

— Vamos ver — disse Terry e se enfiou no closet. Acabou escolhendo um vestido preto. — Prova esse aqui.

— Esse?!

— É, veste aí e eu vejo o que posso fazer — propôs Terry.

Era um vestido preto de gola alta, manga curta e uma saia externa de tule por cima.

— Convenhamos, maninha, esse é o vestido mais feio que já vi em toda a minha vida, apesar de ser da Valset, aquela grife supercara. Vamos ver o que

podemos fazer — disse Terry, analisando-o. — Por enquanto, vamos tirar esse tule que está atrapalhando.

— É horrroso. Não acho que dê pra fazer muita coisa pra melhorar. — E, sorrindo, perguntou: — O que será que me deu quando eu resolvi comprar uma roupa tão ridícula?

— Sinceramente, não faço ideia. Mas tira ele e me traz uma tesoura.

Kate fez o que Terry mandou e ficou espantada ao ver a irmã descosturando o vestido. Primeiro ela removeu a saia externa de tule. Depois descosturou as mangas e por fim cortou o tecido. Sem dizer mais nada, levantou e foi até a máquina de costura da mãe. Pouco tempo depois, estava diante de Kate com o vestido nas mãos.

— Prontinho. Pode vestir.

Boquiaberta ao ver o trapo que a irmã lhe devolveu, Kate protestou:

— Quer que eu vista isso?

— Quero.

— Terry, se antes era horrível, agora está pior ainda.

— Falei pra você vestir — exigiu Terry. — Preciso ver se tenho que fazer mais algum ajuste.

Kate suspirou e começou a colocar o vestido, que estava mais leve e fácil de botar. Quando se olhou no espelho, quase caiu para trás. Aquele vestido horrroso havia se transformado numa roupa linda e sexy que ficava ótima nela.

— Uau! — exclamou Terry. — Está um arraso! Hoje não tem pra mais ninguém.

— Mas, Terry — disse Kate, ainda sem acreditar —, o que você fez pra que ele parecesse outro?

— Foi fácil. Tirei as mangas pra deixar seus braços descobertos e, principalmente, esses seus ombros tão bonitos. Eliminei aquela horrrosa saia de tule e dei uma mexida nele pra que virasse um vestido preto apertado e provocante. E por último fiz uma abertura na lateral direita da saia pra você poder caminhar melhor e, claro, pra você mostrar esses pernões que tem.

Kate se olhava no espelho e se achava deslumbrante.

— Não está muito escandaloso? — perguntou.

— Espera, falta um detalhe — apressou-se Terry, abrindo uma gaveta da cômoda. — Toma, põe isso aqui.

Sem hesitar, Kate vestiu umas luvas de seda que iam até os cotovelos.

— Caramba, isso é o máximo, me sinto como aquela personagem Gilda, do filme — disse, rindo. — Mas, me diz, quando você aprendeu a fazer essas coisas? Você vive me surpreendendo.

— Quando você estava completamente mergulhada na sua vida, com trabalho, marido, filhas e essas coisas, eu resolvi aprender coisas que me interessavam. Há algum tempo me inscrevi num curso de restauração de móveis antigos, outro de design gráfico e o último foi um de corte e costura. Adoro trabalhar com tecidos e desenhar roupa. Você ficou ótima, maninha. Agora trate de se maquiar um pouco, e assim vamos estar prontas. Espera só até ver a cara das suas filhas quando te virem assim.

— Aiii... quero ver é a mamãe — murmurou Kate. — O que será que ela vai pensar disso tudo?

Terry sorriu e, sabendo que sua mãe seria a primeira a aplaudi-la, acrescentou:

— Que ela pense o que quiser. A vida é nossa. Ela teve a dela e nós temos que viver como quisermos. Aliás, gostosona — comentou sorrindo —, lembre-se de que a gente precisa sair pra fazer compras porque você tem um armário cheio de roupa, mas nenhuma delas serve.

Uma hora depois se ouviu a campainha da porta. Terry entrou no quarto para chamar a irmã.

— Vem, vamos descer logo, antes que eles desmaiem de fome — apressou ela — ou fiquem impacientes.

A chegada delas impressionou todos os que aguardavam na sala. Cat e Ollie ficaram boquiabertas, sem palavras, quando apareceram os homens que a mãe e a tia aguardavam. Realmente eram Gary, Jack e Paul! Eles já estavam acostumados com o furor que sua presença causava entre as adolescentes em geral, que olhavam para eles como se tivessem visto um fantasma. Mas, como

se não bastasse, as duas meninas ficaram mais espantadas ainda com o visual de Kate e Terry. Era a primeira vez que viam sua mãe assim. Onde tinha arrumado um vestido tão bonito?

— Mãe, como você está linda! Parece outra mulher — comentou Ollie.

— Obrigada, querida, é isso mesmo que eu quero parecer: outra — respondeu Kate.

Nesse momento chegou Serena, que aplaudiu ao vê-las.

— Meninas, vocês estão deslumbrantes. Quero que se divirtam muito essa noite e que amanhã a cidade inteira de Nova York fale do quanto vocês estavam lindas — disse e, virando-se para os três modelos, acrescentou, com o dedo apontado: — E vocês, hein, olha lá aonde vão levar minhas filhas e muito cuidado com elas. Divirtam-se e dirijam com atenção.

— Mãe! — exclamaram as duas em uníssono.

Eles sorriram, e Jack disse num tom cortês:

— Não se preocupe, senhora. Vamos de limusine e assim não haverá problemas com a bebida. Eu dou minha palavra de que suas filhas vão se divertir essa noite e que a senhora vai tê-las de volta em algumas horas.

Dito isso, Kate e Terry saíram de casa acompanhadas por três homens maravilhosos, cada um mais bonito que o outro. Entraram na limusine branca e partiram, deixando Cat e Ollie mudas do choque de terem falado com aqueles modelos.

Naquela noite, Ollie se trancou no quarto e entrou na internet para falar com seu pai.

**TALABUKI> Tudo bem em casa?**

**SUGAR> Sim e não.**

**TALABUKI> Pode me contar, querida...**

**SUGAR> A mamãe e a tia Terry saíram. Tinham um encontro hoje à noite.**

**TALABUKI> Tanto a mamãe quanto a tia são mulheres livres e podem fazer o que tiverem vontade.**

**SUGAR> Eu sei, pai, mas é que elas saíram com Gary Smacks, Jack Birmingans e Paul Baston.**

**TALABUKI> E quem são esses aí? Ollie, vou te ligar pra gente conversar melhor, ok?**

**SUGAR> ok.**

Ollie sorriu, satisfeita. Seu pai havia mordido a isca. Estava confirmado: ele ainda se importava com Kate. Segundos depois o telefone tocou e ela atendeu.

— Ollie, oi, querida, me conta o que está acontecendo — disse, ansioso. Saber que sua Kate tinha um encontro não lhe agradava nem um pouco.

— Pai, não é nada — respondeu, sorrindo com malícia. — É que estou completamente surpresa. Essa noite vieram uns caras supergatos aqui em casa pra buscar a mamãe e a tia e levar as duas pra jantar e beber por aí.

Sam sentiu um nó na garganta. Uns caras supergatos? Quem seriam, por acaso?

— Ollie — perguntou com curiosidade —, quem são esses sujeitos?

Nesse momento Ollie sorriu e, como se eles fossem os astros mais famosos de Hollywood, deu um gritinho, deixando Sam meio surdo do outro lado da linha.

— Pai, você não conhece eles? Fala sério, como você está por fora — disse com ênfase exagerada. — Simplesmente são três modelos que estão super na moda. São lindos, altos, simpáticos... Ai... pai... E você precisava ver só como a mamãe e a tia estavam um arraso, pareciam verdadeiras modelos.

Sam suspirou.

— Mas desde quando sua mãe e sua tia conhecem esses caras? — perguntou, levantando-se da cadeira.

— Não sei, pai. Mas, se eu te contasse como as coisas estão mudadas por aqui, você ia achar surreal. — Ollie sorriu de novo. — Outro dia a mamãe e a tia saíram às compras e foram ao cabeleireiro. Depois beberam em algum lugar e esses três modelos convidaram elas e ficaram de jantar juntos hoje.

— Não consigo acreditar — comentou Sam, incrédulo. Será que falavam da mesma Kate?

Tentava assimilar o que sua filha estava contando. Kate saindo com uns desconhecidos... Isso não era o estilo dela. Nesse momento entrou Michael e,

ao ver a cara de Sam, olhou desconcertado para ele, bem quando seu irmão estava dizendo:

— E o que você quer dizer com esse papo de que as coisas mudaram por aí?

— Pai, só posso dizer que a mamãe mudou o visual e está linda. Bom, se você visse, não reconheceria ela nem a tia — comentou, esperançosa de que Michael estivesse perto e ficasse sabendo que Terry também estava metida naquilo tudo.

As palavras de Ollie não demoraram a causar efeito em Michael, embora ele ainda não estivesse totalmente a par do assunto.

— Como assim, sua mãe e sua tia mudaram o visual? — perguntou Sam, sorrindo. Não imaginava Kate fazendo uma mudança drástica em sua vida. Nunca fizera nada assim.

Michael, que estava escutando, aproximou-se e indicou a Sam que perguntasse sobre Terry.

— Não acredito que tenham mudado tanto assim, principalmente sua mãe.

— Pai, você está enganado. Olha, só pra você ver o quanto está errado, posso te dizer que a mamãe cortou aquelas madeixas elegantes e deixou o cabelo curtinho e desfiado, no estilo Meg Ryan. Pintou algumas mechas num tom mais louro, quase branco, e se você tivesse visto ela com a calça jeans rasgada, não teria reconhecido.

— Sua mãe de jeans, e ainda por cima rasgado? — bufou Sam, quase gritando, fazendo cair a cerveja que estava segurando. — Cortou o cabelo? Mas ela nunca fez isso nos vinte anos em que a conheço.

Michael insistiu novamente para que Sam perguntasse por Terry.

— Escuta, e sua tia, o que foi que ela fez? Pintou o cabelo de verde?

*Isso está dando certo*, pensou Ollie.

— Ah, a tia... cacheou o cabelo e pintou de *vermelho*. Está a maior gata e, se você tivesse visto ela com o macacão jeans que comprou, mal teria acreditado.

— Então tá — repetiu Sam para que Michael escutasse. — Sua tia está usando macacão jeans, cacheou o cabelo e agora está linda com suas madeixas ruivas. Eu acredito em você, filha. Sua tia é muito bonita.

Michael se sentou e Sam teve que se esforçar para não rir quando seu irmão pôs a mão no coração num gesto dramático e teatral.

— E aonde elas foram? — perguntou Sam, como quem não quer nada.

Ollie riu. Seu pai era muito inocente nesses assuntos.

— Não sei, pai. Quero que chegue logo amanhã pra elas me contarem aonde foram. Jack, Gary e Paul vieram buscá-las numa limusine branca e foram embora. Ai, pai... você tinha que ver! Elas estavam um arraso.

— Posso imaginar — alfinetou, enciumado. — Bom, querida, já deve ser tarde pra você. Por que não vai dormir e amanhã a gente se fala de novo?

— Tá bom, pai — respondeu Ollie. — Ah, peraí, pai, fica na linha que a Cat quer te dar um oi.

E com isso Sam teve que ouvir de novo tudo o que Ollie já havia contado sobre sua mãe e sua tia. Para piorar, Cat era mais exagerada que a irmã ao narrar uma história, dando mais dramaticidade aos detalhes. Estava claro que Sam e o tio Michael se importavam com aquelas mulheres e que não dormiriam tranquilos naquela noite.

Já na cama e antes de apagar a luz de seu abajur, Ollie disse, orgulhosa de si mesma:

— Segundo empurrãozinho.

Poucos minutos depois, adormeceu com um sorriso nos lábios.

Enquanto isso, em Oahu, Sam e Michael não falavam de outra coisa.

— Elas saíram com quem? — perguntou Michael outra vez.

— Com um tal de Gary Smacks, Jack Birringans e Paul sei lá o quê.

— E quem são esses caras? — quis saber Michael.

— Segundo minhas filhas, são dois modelos muito famosos.

— Espera — pediu Michael. Ele digitou esses nomes no computador e disse: — Olha eles... são bem bonitões mesmo.

Sam chegou mais perto, moveu a cabeça afirmativamente ao ver as imagens e reagiu:

— Ah, não é pra tanto.

— Com certeza são gays — afirmou Michael. — Olha só o cabelo deles, todo penteadinho.

— Kate nunca foi chegada a esse tipo de homem.

— Porra, e se bobear eles depilam as sobrancelhas — brincou Michael. — São uns maricas, isso sim.

— Não duvide, irmão — disse Sam.

— Não duvido mesmo.

— Pois é — falou Sam, sorrindo. E, desligando o computador, acrescentou: — Sem problemas com isso.

Dez minutos depois, Michael entrou na sala novamente e encontrou Sam vasculhando outra vez a página daqueles modelos. Antes que Michael dissesse qualquer coisa, seu irmão comentou:

— São livres pra fazer o que tiverem vontade e com quem tiverem vontade.

— Tem razão — observou Michael e, virando para sair, despediu-se: — Até amanhã, Sam.

Michael foi embora. Mas Sam não conseguia parar de pensar no assunto. Então sua relação havia mesmo acabado? Por que se sentia tão mal cada dia que passava sem ver Kate? Ela seria feliz sem ele? Por que resolveu mudar de visual? Será que estava bonita? Sim... não tinha a menor dúvida. Essas perguntas e muitas outras martelavam na sua cabeça e ele não encontrava resposta para nenhuma delas.

Deitado na cama de seu quarto, Michael observava o broche que tinha nas mãos. Era a única coisa que ele possuía de sua mãe. Aquele broche com um bilhete assinado por uma mulher chamada Thalia era a única lembrança concreta do seu passado. Mas não era nisso que ele pensava agora. Esse era um assunto encerrado, esquecido. O que ocupava sua mente nesse momento era Terry. Por que justamente agora não conseguia tirá-la da cabeça? Aqueles olhos verdes e aquele olhar insinuante o haviam deixado louco desde a primeira vez que a vira... Adorava Terry e esquecê-la seria um grande desafio, mas ele ia conseguir.

## Capítulo 23

A muitos quilômetros de Oahu, Kate e Terry se divertiam como havia tempos não acontecia. Os modelos bonitões as levaram para jantar no Votruart, um restaurante superchique frequentado apenas por ricos ou famosos. Acostumada ao luxo, Kate estava feliz ao se ver rodeada por atores que tantas vezes tinha visto nos filmes.

Ao longo da noite, Jack fez de tudo para agradar a Kate, e Gary se dedicou a Terry. As duas tinham se dado conta disso e, em meio a sorrisos maliciosos, deixavam-se seduzir. Eles tomavam a liberdade de pegá-las pela cintura e beijá-las no pescoço. Enquanto esperavam numa espécie de balcão, aguardando o coquetel que o garçom traria, Kate viu alguém conhecido e cochichou à irmã:

— Terry... Terry... disfarça, mas olha só quem está ali.

Virando-se rapidamente, Terry sussurrou:

— Ai, meu Deus... Ele é ainda mais bonito ao vivo.

As duas riram como duas colegiais, e Kate acrescentou:

— Como diria Cat, *ele está no ponto...*

Sem poder deixar de escutar esses comentários, Gary perguntou, olhando para as duas com seus lindos olhos verdes:

— Querem que eu apresente vocês a ele?

As duas se olharam incrédulas, e Terry falou:

— Você está perguntando se a gente quer conhecer o George Clooney?! Claro que sim!

Achando graça, Gary fez as apresentações. George era seu amigo, e as duas mulheres puderam comprovar que aquele galã era mesmo encantador e tinha um senso de humor incrível. Também foram apresentadas a Channing Tatum, Valeria Mazza, Estela Ponce, Eric Dane, Nicolas Cage e Cher, que, ao ver o vestido de Kate, perguntou quem era o estilista. Sem pensar duas vezes, Kate apontou sua irmã Terry, que quase engasgou.

Lá pelas seis da manhã, depois de uma noite diferente e ao mesmo tempo maravilhosa, estavam prontos para ir embora da festa quando de repente Terry parou e perguntou:

— Gary, você conhece aquele ator ali?

Olhando para onde ela indicava, ele fez que sim com a cabeça.

— É o Robert Pattinson. Um cara muito gente boa. Quer que eu te apresente?

— Claro — disse Terry, sorrindo, enquanto Kate caía na risada ao se dar conta das intenções da irmã.

Por volta das oito da manhã, Serena entrou na cozinha. Quase teve um troço ao ver a aglomeração de gente ao redor da mesa tomando café: suas filhas, os homens com quem elas haviam saído e outro sujeito que ela não reconheceu. Terry gesticulou para que ela não falasse nada e fosse chamar as meninas para tomarem café. Achando graça da situação, mas ao mesmo tempo se sentindo desconcertada com aquilo tudo, Serena obedeceu, e todos, incluindo Terry, correram para se esconder. Só um deles permaneceu à mesa. Cinco minutos depois, ouviam-se os passos de Cat e Ollie, que estavam descendo e reclamando que era domingo e não entendiam por que tinham de madrugar.

Quando entraram na cozinha, viram a pessoa que supunham ser sua avó lendo o jornal. Toda manhã, Serena tinha seu ritual: o café e o jornal. Ainda de pijama e com os cabelos despenteados, elas continuaram resmungando, pegaram suas xícaras e andaram até a mesa. Logo que as meninas sentaram, Robert Pattinson baixou o jornal, revelando seu rosto, e olhando fixamente para elas perguntou:

— Leite ou granola?

As duas ficaram pálidas. Diante delas estava seu grande ídolo e elas não sabiam o que fazer, até que ouviram as risadas de sua mãe e sua tia, que se aproximaram e disseram:

— Estão vendo como até a coisa mais incrível pode ser verdade? — Suas filhas concordaram com a cabeça, alucinadas com a presença do famoso. — Quem diria que Robert Pattinson estaria sentado na nossa mesa, tomando café com vocês?

Todo mundo começou a rir. E então Ollie se deu conta de algo. Se era possível que seu ator favorito estivesse em sua casa tomando café da manhã — uma ideia que ela não teria nem em seus melhores sonhos —, por que não seria

possível que seus pais voltassem a ficar juntos? Ou mesmo que seus tios, Terry e Michael, dessem mais uma chance um ao outro? E assim ela prometeu a si mesma que faria tudo o que estivesse a seu alcance para que tudo isso acontecesse.

De madrugada, em Oahu, um pensativo Sam estava sentado na varanda dos fundos de sua casa enquanto tomava um café e observava as ondas. Gostava de vê-las chegando enfurecidas até a costa e quebrando com força, com seu resplandecente brilho espumoso. Naquela tarde, após a conversa com suas filhas, não conseguiu tirar Kate da cabeça. Só podia pensar nela. Sua Kate. À noite ele não foi capaz de dormir e, por fim, após se revirar na cama centenas de vezes, decidiu se levantar. E ali estava ele, às seis e meia da manhã, tomando uma xícara de café, quando de repente apareceu Michael, que, a julgar por sua aparência, não devia ter pregado o olho também.

— Quer mais café? — perguntou Michael da cozinha, ao ver Sam sentado lá fora.

Ele aceitou, e Michael encheu duas xícaras com café quente, colocou duas colheres de açúcar e passou pela porta dos fundos para sentar junto do irmão.

— Acordou cedo hoje, hein, cara?!

— Acho que não sou o único — respondeu Sam.

Michael balançou a cabeça afirmativamente e olhou na direção do mar. Passaram uns dez minutos assim, em completo silêncio, até que Michael se levantou e disse:

— Tá ventando hoje. É um dia bom pra pegar onda.

Saboreando seu café, entrou na cozinha outra vez, sob o olhar atento de Sam, que o conhecia bem e sabia que, quando tinha um problema, sempre tentava mudar de assunto. Era sua estratégia de defesa. Um recurso que - Michael empregava desde criança. Minutos mais tarde, saiu de casa com a roupa de borracha preta e com a prancha de surfe debaixo do braço.

— Vou dar um pulo na água. Se anima?

Sam o olhou, ainda com a xícara de café nas mãos.

— Quando a Honey chegar pra tomar conta das crianças, eu vou.

Michael moveu a cabeça num gesto afirmativo, prendeu o cabelo num rabo de cavalo e saiu rumo à praia.

— Vamos aproveitar agora, porque daqui a algumas horas isso aqui vai ficar cheio de gente e não vamos poder surfar tranquilamente — disse, mas de repente se deteve e, virando-se para Sam, acrescentou: — A propósito, a Kate e a Terry merecem o que existe de melhor, e tenho certeza de que aqueles bonitões não são gays.

Sam concordou com a cabeça. Michael deu de ombros e seguiu seu caminho em direção à praia. Sem tirar os olhos dele, Sam o observava amarrando a cordinha da prancha no tornozelo e depois caminhando na praia para entrar no mar. Sam tomou os últimos goles do café, deixou a xícara sobre a mesinha e, passando a mão pelo cabelo, murmurou:

— Você deve ter razão, irmão. Você deve ter razão.

## Capítulo 24

Os dias passaram e tudo voltou a seu ritmo em Nova York. Uma tarde, Jack, o modelo, apareceu na casa de Kate sem avisar. Serena se surpreendeu ao vê-lo. Aquele jovem tão agradável sentou ao lado dela e respondeu a todas as perguntas que ela fazia a respeito das fofocas sobre famosos.

— Leslie Prats vai se separar de Howard Resgial?

— Vai.

— Mas eles parecem o casal perfeito — comentou Serena, olhando-o fixamente.

Com um sorriso encantador, Jack se aproximou dela e cochichou divertido:

— Não são tão perfeitos assim. E sinto te informar que o casamento deles era só de fachada, porque as preferências sexuais dos dois são outras.

A mulher tapou a boca com as mãos e conseguiu murmurar:

— Sério?! Não acredito!

— Ai, Serena! — disse ele, rindo. — Se eu te contasse...

— Estou passada — respondeu ela, encantada com a companhia de Jack.  
— Ele parece tão másculo e ela é tão bonita que eu não consigo acreditar no que você está me falando.

— Nesse mundo de festas e rios de champanhe, quanto mais perfeito alguém parece, mais segredos essa pessoa esconde. — Ele abriu um sorriso cativante e perguntou: — Quando conheceu a gente, você pensou que eu, Paul e Gary éramos gays?

Serena ficou espantada com a pergunta e negou com a cabeça, sem saber o que responder. Achando graça, Jack comentou:

— Tudo bem, Serena. Não tem problema me dizer o que você achava. Em geral, nós, modelos masculinos, quase sempre somos tachados de gays. Mas na minha profissão tem de tudo, como em qualquer outra. Há os que são gays e os que não são. E eu posso te garantir — disse com um sorriso incrivelmente sedutor — que eu adoro as mulheres, assim como Gary e Paul.

Envergonhada, Serena retribuiu o sorriso.

— Deus do céu, meu filho, você diz cada coisa...

Nesse instante a porta da cozinha se abriu e Cat e Ollie entraram, voltando da escola. Ficaram surpresas de encontrá-los ali. Cat ficou toda boba. Jack era perfeito. Mas Ollie, embora também o achasse lindo, ficou preocupada. A presença dele só podia atrapalhar seu plano.

Piscando de um jeito que fez sua irmã e sua avó sorrirem, Cat perguntou:

— O que você está fazendo aqui? Você marcou com a mamãe?

— Não exatamente. Não vim por causa dela, mas por causa de vocês, embora antes eu tenha que falar com ela — respondeu ele, levantando-se para cumprimentá-las.

— Por nossa causa? O que você quer dizer com isso? Fala looooooooooogo — apressou-o Cat.

— Cat! Pelo amor de Deus! — Serena a repreendeu. — Não seja impertinente.

— Desculpa, lindinha, mas não posso falar nada até sua mãe chegar e eu conversar com ela. Não quero que ela se aborreça comigo.

— Tá certo — sussurrou Ollie. — Melhor que ela não se aborreça mesmo.

Vinte minutos depois, Kate apareceu. Ao vê-la, Jack se levantou rapidamente, andou até ela e deu um beijo educado em sua bochecha. Kate apreciou isso. Na presença das meninas, as demonstrações de carinho tinham de ser comedidas.

— Bem, Jack, não me diga que a gente tinha marcado alguma coisa e eu esqueci.

Com um sorriso impressionante que fez Cat suspirar, Jack respondeu:

— Não, pode ficar tranquila. Não tínhamos combinado nada.

— Mãe, o Jack quer te perguntar uma coisa. Pelo visto tem a ver com a gente — disse Cat, que não aguentava mais aquele mistério todo.

— Pois diga, então — falou Kate, convidando-o a se sentar ao lado dela.

— Vamos fazer um desfile beneficente pra arrecadar doações para uma ONG que educa crianças no Brasil. Alguns modelos famosos vão participar, mas queremos convidar também alguns amigos não famosos e eu havia pensado em chamar vocês todas, se você não se importar, Kate — concluiu ele, deixando-as boquiabertas. — Como eu disse, é beneficente e ninguém vai receber nada, mas é por uma boa causa.

— Maaaáá! — gritou Cat, exaltada. — Se você disser que não, eu nunca vou te perdoar.

— Cat! — repreendeu-a Serena.

Encantada com a proposta, Kate disse à sua filha:

— Querida, claro que eu não vou dizer não pra vocês. Só em relação à minha participação. Esse tipo de coisa não é pra mim. Mas, se vocês estão a fim, então vão em frente!

— Como assim não é pra você? — disse Jack, tentando animá-la. — É superfácil e eu posso te ensinar as quatro regras de ouro.

Mas Kate não dava o braço a torcer.

— Obrigada, mas não — respondeu ela. — Se as meninas querem participar, não tenho nada contra, mas eu... nem pensar. Morreria de vergonha.

— Tenho certeza de que você se sairia superbem. Ouça o que o Jack está falando. Não deve ser tão difícil assim — interveio Serena.

Ao escutar isso, o modelo se virou para ela e a convidou:

— Serena, você também pode desfilar.

— Eu? — gritou, desconcertada ao ver a cara que suas netas faziam. — Sem chance. Que horror, que vergonha!

— Mãe. Não deve ser tão difícil assim. Ouça o que Jack está falando — disse Kate em tom de brincadeira, repetindo o comentário de Serena.

Sua mãe olhou para ela e deu um risinho cúmplice, enquanto Cat gritava emocionada:

— Eu quero, mãe! Eba, que maneeeeeeeiro! Vou desfilhar!

Ollie, que havia permanecido calada e apenas observava a situação, pensou que aquilo tudo poderia ser de grande ajuda para seu plano.

— Eu também quero participar. Com certeza vai ser divertido — disse ela, olhando para sua mãe.

Kate sorriu, moveu a cabeça afirmativamente e acrescentou:

— Vocês têm meu apoio. Agora liguem para o pai de vocês e peçam a autorização dele também. Vocês são menores de idade e nós dois ainda decidimos por vocês.

Sem tempo a perder, as meninas correram até o telefone, mas, quando o alcançaram, Cat olhou para a irmã e disse:

— Fala com ele, Ollie. Você tem mais lábia que eu, e, mesmo que ele não goste da ideia, eu sei que você vai dar um jeito de convencê-lo.

— Certo. Vamos ligar logo, aí eu te digo o que ele falou.

Quando ficaram sozinhas, Ollie discou o número do pai e contou a ele a proposta de Jack, o modelo gatíssimo e supersimpático, amigo especial de sua mãe. Ollie disse a seu pai que elas estavam muito empolgadas com a possibilidade de participar daquele evento beneficente, mas que só poderiam aceitar se ele e o tio Michael as apoiassem e aplaudissem, pois era importante para elas que eles dois estivessem presentes. Sam suspirou. Estar no mesmo ambiente que sua ex-mulher e o atual acompanhante dela não lhe parecia uma boa ideia, mas ele não podia dizer não à sua filha, então prometeu que iria, sim.

Depois da conversa, Ollie voltou assobiando ao jardim. Cat deduziu o que aquilo queria dizer e gritou, radiante de alegria. Enquanto sua irmã conversava sobre o desfile com sua mãe, sua avó e Jack, Ollie sorria pela oportunidade

maravilhosa de reunir em Nova York as quatro pessoas que ela mais queria ver juntas. “Outro empurrãozinho”, pensou.

## Capítulo 25

Três semanas frenéticas se passaram, e durante esse período Jack buscava as meninas no colégio e as levava, em seu maravilhoso carro esportivo, aos ensaios do desfile no auditório onde o evento seria realizado.

Ao longo dessas semanas, Kate falou por Skype com Sam, que continuava sem saber quem se escondia por trás do usuário Lana. Ele contou a ela que em breve iria a Nova York para ver suas filhas desfilarem, e Kate teve que se fingir de surpresa com a notícia. Sam disse também que essa seria uma boa ocasião para eles se conhecerem pessoalmente. Nervosa e meio perdida, pensou em mil desculpas, mas Sam insistia que não haveria muitas oportunidades como aquela.

Depois de falar com ele, Kate não conseguia dormir. Em que encrenca ela foi se meter?! De um lado, adoraria jantar com ele, como Sam havia sugerido, mas de outro sabia que era impossível. Como ele reagiria ao saber que a estranha com quem havia falado por todos aqueles meses era ela e não uma simples desconhecida? Aflita pela confusão que ela própria tinha provocado, desceu até a cozinha para tomar um copo de leite. Isso iria acalmá-la. Mas, ao entrar lá, viu Terry sentada tranquilamente no jardim, contemplando as estrelas.

— Oi, o que você está fazendo aqui? — perguntou Kate, aproximando-se dela.

Ao escutar a voz da irmã, Terry virou-se.

— O céu está lindo. E você, o que está fazendo acordada a essa hora?

Inquieta, Kate deu de ombros.

— Me deu vontade de tomar um copo de leite — respondeu, por fim.

Terry, que conhecia muito bem a irmã, perguntou:

— Hummm, vamos ver, que preocupação é essa que não te deixa dormir?

— Nenhuma.

Levantou uma sobrancelha e sorriu.

— Sou sua irmã, e só de te olhar nos olhos já sei que alguma coisa está acontecendo. Você vai me contar ou vai me obrigar a continuar perguntando várias vezes até você desistir de guardar segredo e acabar desembuchando?

Kate suspirou e, sentando-se a seu lado, contou o que estava ocorrendo com Sam. Terry reagiu imediatamente:

— Está me dizendo que conversa com o Sam toda noite e ele não sabe que é você?

Aturdida, Kate confirmou com a cabeça.

— Eu sei... Eu sei... É uma loucura! Mas eu só fazia isso pra poder falar com ele e agora estou metida na maior encrenca e não sei como sair. Como eu vou encontrá-lo? — disse, desesperada.

*Ai, essa minha irmãzinha não para de me surpreender,* pensou Terry.

— Caramba, Kate. Putz... Como você tem coragem de enganá-lo depois de tudo o que aconteceu? Ficou louca? Não vê que essa mentira absurda pode atrapalhar as coisas e fazer com que elas terminem ainda piores?

Consciente do que sua irmã lhe dizia, Kate tapou os olhos.

— Eu sei e me sinto péssima. Por que será que fiz isso? — murmurou.

Por alguns segundos as duas permaneceram caladas, até que Terry, tirando o cabelo do rosto, resolveu tomar uma iniciativa para ajudar a resolver aquela complicação.

— Hummm, vamos pensar. Temos três opções.

— Três?

— Ahã, maninha. A primeira é aparecer e deixá-lo descobrir que você é você.

— Não! Sem chance!

— A segunda — prosseguiu Terry — é não aparecer e dar um bolo nele.

— Tadinho. Eu não faria isso com ele.

— E a terceira — disse Terry, rindo — é mandar alguém no seu lugar.

Kate olhava perplexa para sua irmã.

— Mandar alguém no meu lugar? — perguntou.

Terry fez que sim com a cabeça e, dando de ombros, acrescentou:

— Bom, se você não quer aparecer e também não quer deixar o Sam esperando, o único jeito é fazer alguém se passar por Lana. Não acha que é uma ótima ideia?

Naquele momento, Kate não sabia se era ótima ou não. A única coisa de que tinha plena consciência é de que era a única opção.

— Talvez não seja má ideia. Seria apenas uma noite e eu poderia orientar minha substituta sobre como a Lana é e, principalmente, sobre tudo o que falei com o Sam nesses meses todos. Acha que seria viável?

Terry concordou, divertindo-se com a proposta, mas Kate não estava totalmente convencida.

— Certo. Temos um ótimo plano, mas não conheço ninguém que poderia fazer esse favor — comentou.

— Eu tenho várias amigas que vocês dois não conhecem. Se você quiser, posso falar com uma delas e ver se aceita. Tenho certeza de que, quando eu mostrar a foto do Sam, ela vai topa na hora.

— Acho que isso não está certo — falou Kate, irritada. Aquilo lhe parecia um comércio de sexo.

Mas Terry não lhe deu ouvidos.

— Que tipo de mulher você fez o Sam acreditar que a Lana é? — perguntou.

— Uma mulher normal. Mora em Nova York. É separada, tem dois filhos e trabalha numa loja de roupas. Nada mais.

— Loura? Morena?

Kate negou com a cabeça.

— Cara, que sem graça você é, hein! — brincou Terry. — Quando uma pessoa entra numa sala de bate-papo, costuma dizer que é uma beldade. Pra sua informação, na internet somos todas lindas, altas, verdadeiras máquinas sexuais com corpos incríveis.

— Mas é que eu e o Sam não estamos dando em cima um do outro — defendeu-se Kate.

— Ah, não? — reagiu Terry, achando graça. — Então me diz o que te leva a ficar toda noite conversando com um suposto desconhecido.

Irritada porque no fundo sabia que sua irmã estava certa, Kate disse:

— Não me olha com essa cara, ou eu te mando para aquele lugar!

— Ok... Ok... Não fica assim, vai — interveio Terry com um sorriso conciliador. — Mas, querendo você ou não, é claro que essa situação toda mexe com você. — E, sem deixar Kate dizer algo, acrescentou: — Já sei! Já tenho a candidata perfeita. Carol!

— Carol? Quem é Carol? — perguntou Kate.

Olhando para sua irmã, que a encarava com expressão séria, Terry respondeu:

— Carol é uma maquiadora que trabalha com a gente no estúdio. Está separada e adora conhecer gente. E mais: acho que ela vai gostar de conhecer o Sam. — Baixando a voz, admitiu: — Se bem que ela é meio oferecida e duvido que desperdice a oportunidade.

Kate suspirou. Será que era uma boa ideia mesmo? Devia permitir que outra mulher se passasse por ela? E, sem conseguir responder a todas as perguntas que passavam pela sua cabeça, deixou sua irmã continuar com o plano.

— Quer que eu fale com ela amanhã?

Confusa, Kate disse:

— Não sei, Terry. Se o Sam souber, não vai achar a menor graça. Vai se sentir manipulado e enganado.

— Convenhamos, ele vai se sentir manipulado de qualquer jeito ao saber que você é a mulher com quem ele conversa toda noite.

Kate se sentia péssima, mas acabou aceitando.

— Tudo bem. Pode falar com essa tal de Carol e, se ela topa, marcamos de jantar com ela e acertar os detalhes.

— Combinado, então. Amanhã eu falo com ela — disse Terry e, sorrindo, acrescentou ao entrar na cozinha: — Mas você se mete em cada uma, hein, vou te contar! E o engraçado é que só eu levo a fama. A mamãe só reclama de mim. — Mas, ao ver a cara triste da irmã, perguntou: — Você está morrendo de saudade dele, né?

Kate fez que sim com a cabeça.

— Estou, sim, Terry. Falar com ele é uma necessidade. Quando conversamos, eu me sinto bem e, mesmo sabendo que não estou agindo certo,

não consigo evitar.

Dois minutos depois, cada uma foi para seu respectivo quarto. Precisavam descansar.

No dia seguinte, Kate recebeu no escritório uma ligação de Terry. Carol havia aceitado, e as três jantariam às oito no Troops. Quando Kate desligou o telefone, suas mãos tremiam. Aquilo não estava certo. Era uma loucura. Mas não havia outra solução se ela quisesse continuar falando com Sam quando ele voltasse de Nova York.

Às oito em ponto, Kate entrava supernervosa no restaurante que havia combinado com sua irmã e com Carol. Elas ainda não tinham chegado, então se sentou a uma mesa para esperar. Poucos minutos depois, viu Terry entrar e, atrás dela, uma morena extremamente atraente.

— Boa noite, maninha. Essa é a Carol — disse Terry.

Surpresa, Kate cravou os olhos no decote enorme que ela estava usando e teve que reconhecer que, desde já, essa mulher era uma máquina sexual.

— Oi, Carol, prazer.

— Prazer — respondeu, cumprimentando-a com dois beijinhos.

Durante o jantar, Kate acabou relaxando e, na hora da sobremesa, conseguia até sorrir apesar dos chutes que precisou dar na irmã por baixo da mesa a cada vez que ela fazia uma gracinha envolvendo Sam. Conversaram por mais de duas horas. Kate lhe passou todas as informações e deixou bem claro àquela mulher que ela só teria de ser agradável com Sam.

— Tudo esclarecido, né? — perguntou Terry.

— É, e eu adorei a ideia — disse Carol. — Sempre gostei desses encontros às cegas. Ah, mas não se preocupe, nunca vou esquecer que sou a Lana, a mulher com quem ele fala toda noite. E, mesmo que pegue meio mal dizer isso, preciso admitir que seu ex é um cara bem sexy. — Kate franziu as sobrancelhas. — Desde que vi a foto que a Terry me mostrou, não consegui parar de pensar nele.

— Carol — avisou Kate. — Só quero que você seja simpática com ele. Mais nada.

Carol sorriu. Jogou o cabelo para trás e respondeu num tom baixo:

— Pode deixar. Mas seria impossível não comentar que seu ex é um gato.

— É importante pra minha irmã que não aconteça mais nada — esclareceu Terry.

— E se ele se insinuar pra mim? — perguntou Carol, surpreendendo-as.

Irritada ao imaginar a situação, Kate respirou fundo e respondeu:

— Carol, se ele fizer isso, você decide.

Despediram-se dela e, a caminho do carro, Terry disse:

— Se você não está segura, amanhã eu falo com a Carol pra esquecer essa história toda.

Por um momento Kate esteve prestes a dizer que interrompesse a missão. Mas aquela mulher era sua única oportunidade de não furar com Sam. E, convencendo-se de que não aconteceria nada fora do planejado, respondeu:

— Vamos em frente com isso. Acho que vai ser melhor assim.

Naquela noite, Kate suspirou ao entrar no quarto e pôr o notebook em cima da cama. Faltavam quatro dias para o desfile beneficente, e ela estava nervosa por voltar a ver Sam. Se alguma coisa estava clara para ela, é que aquela mulher sedutora, cheia de curvas insinuantes, iria deixar Sam paralisado. Afinal de contas, ele era um homem de carne e osso. Em nenhum momento Kate se descrevera dessa forma, mas ele também não chegou a perguntar nada. Os dois se limitavam a falar de si e de suas vidas.

Abatida, olhou para o computador. Sabia que ele estava do outro lado da tela, e Kate havia combinado de lhe dar uma resposta naquela noite. Por fim, segura do que estava fazendo, entrou na sala de bate-papo e ele rapidamente a cumprimentou.

**TALABUKI> Oi**

**LANA> Oi**

**TALABUKI> Pensou no que eu te propus naquele dia? Vai ser só um jantar**

**LANA> A resposta é sim**

**TALABUKI> Ótimo. A gente vai finalmente se conhecer.**

LANA> Onde nos encontramos?

TALABUKI> O que acha de sábado, às cinco e meia da tarde, na esquina da Sunset Street? Tem um café chamado Larry's. A gente pode tomar alguma coisa ali e depois você vai no desfile comigo e com meu irmão Michael. E em seguida a gente sai pra jantar.

LANA> Ir no desfile? Eu? Não. Suas filhas não iam gostar nada disso.

TALABUKI> Você é uma amiga, elas não têm por que se incomodar.

LANA> Certo. Como vou te reconhecer?

TALABUKI> Vou estar de calça jeans e camisa azul. E, pra não restarem dúvidas, vou colocar um chapéu de caubói.

LANA> Está louco?

TALABUKI> E você? Como é?

LANA> Alta e morena. Acho pouco provável que você não me note.

TALABUKI> Gata e atraente? Que sorte a minha.

LANA> Até sábado.

Quando se desconectou, Kate sentia vontade de esganar alguém. Por que marcou aquele encontro?

## Capítulo 26

Na sexta-feira bem cedinho Honey chegou para cuidar das crianças. Sam e Michael ficaram na praia com elas até as onze, depois tomaram banho, arrumaram as malas e se despediram o mais rápido que puderam para que as crianças não sofressem. Antes de ir, Sam repetiu mil vezes a Honey que ele deixaria o celular ligado o tempo todo e disse a ela para não hesitar em ligar caso acontecesse alguma coisa.

Quando o avião pousou em Nova York, os dois sentiram uma grande tristeza. Tinham vivido muitas anos naquela cidade frenética, e as lembranças tomaram conta deles. Assim que chegaram ao hotel, telefonaram a Oahu para se

certificarem de que as crianças estavam bem e depois ligaram para as meninas. Ao saber que seu pai e seu tio já estavam em Nova York, as duas ficaram histéricas. Mas eles não foram convidados para jantar em sua antiga casa. Kate havia se recusado a recebê-los, e as meninas tiveram que se conformar com isso.

No sábado, a casa de Kate era uma loucura só. Todas estavam supernervosas, mas cada uma por um motivo diferente, e elas não compartilharam umas com as outras. À tarde, por volta das cinco e meia da tarde, Kate consultou o relógio. Carol já devia estar no Larry's esperando Sam. E era isso mesmo. Sentada na cafeteria, Carol olhava ao redor em busca do homem da foto, quando de repente o viu aparecer com o chapéu de caubói. Abriu um sorriso para ele.

— Não sei quem pode ser — cochichou Sam a Michael, sentando-se no balcão. — Lana é meio reservada e nunca me mandou uma foto. Só me disse que era morena e alta.

Achando graça daquele encontro às cegas, Michael pediu umas cervejas e disse em tom de brincadeira:

— Desde que não seja uma psicopata, está valendo.

— Não fala besteira.

— Espero que ela te reconheça logo — disse Michael, rindo. — Porque você está pagando o maior mico com esse chapéu ridículo.

De repente, Sam bateu os olhos numa morena sentada ao fundo do café e, ao ver que ela sorria, murmurou:

— Acho que é aquela ali que está olhando pra gente e sorrindo.

Sem disfarçar, Michael se virou para olhar e, depois de dar um assobio de aprovação, perguntou:

— A morena do fundo?

Sam fez que sim com a cabeça. Surpreso, Michael percebeu que a morena de calça preta bem justa e top vermelho estava se aproximando deles.

— Uaaaaaaau!!! — exclamou. — Assim que a gente chegar em casa, quero que você me explique direitinho como faz pra paquerar uma lindeza dessas na

internet.

Ao ver a desconhecida chegando cada vez mais perto, Sam sorriu e acenou com a mão, enquanto respondia a Michael.

— Não fala bobagem. Eu não me envolvo com ninguém pela internet. É só uma amiga.

Ao ficar bem diante deles, ela o chamou de Talabuki e, em meio a risadas e brincadeiras, cumprimentaram-se com um beijo na bochecha e passaram a usar seus nomes reais. Sam a apresentou a Michael. Depois de algumas cervejas e uns minutos de bate-papo agradável, Carol se desculpou e disse que tinha que ir ao toalete. Quando ela se afastou, os dois homens se viraram para observá-la. Ela era um mulherão e parecia bem segura de si. Isso deixou Sam surpreso. Lana dava a impressão de ser uma mulher tímida quando eles conversavam pela internet, e aquela ali não tinha absolutamente nada de tímida.

— Estou sem palavras. Deus do céu! — disse Michael.

— Exatamente, Deus do céu! — repetiu Sam, boquiaberto.

— Viu o corpão que ela tem? — comentou Michael. — Cara, ela parece a Catherine Zeta-Jones.

Sam sorriu e concordou. Carol era linda mesmo.

— Tenho que admitir que estou surpreso.

— E eu, irmão... e eu...

— Esperava outro tipo de mulher. Não sei. Acho que não encaixa muito bem na mulher com quem eu converso toda noite.

— Bom, se não encaixa pra você... — brincou Michael. — Pode deixar comigo, porque pra mim encaixa direitinho.

Sam caiu na gargalhada e, dando pouca importância a isso, explicou:

— Você está confundindo as coisas. Minha relação com a Lana é de amizade. Só isso. — E, ao lembrar o motivo da sua viagem a Nova York, acrescentou: — O que eu mais quero é ver minhas filhas. Estou morrendo de vontade de dar um abraço nelas.

Michael deu um gole na cerveja, olhou bem nos olhos do irmão e perguntou:

— Só nelas?

Sabia que não conseguiria enganar Michael, mas se sentia incapaz de lhe dar a razão. Então, em vez disso, respondeu:

— Se você está falando da Kate, realmente vou ficar feliz em vê-la, mas minha viagem a Nova York é pra ver minhas filhas. E você, hein? Não está com vontade de ver mais ninguém?

Pousando sua mão morena sobre o ombro do irmão, Michael reconheceu:

— Fiz essa viagem só pra ver minhas sobrinhas... — hesitou e, cravando os olhos no irmão, acrescentou: — Mas, cá entre nós, quem eu estou querendo enganar? Claro que quero ver as meninas, mas também estou louco pra encontrar a chata da Terry. E você por acaso vai me dizer que não está querendo muito ver a Kate também?

Sam suspirou e murmurou como um bobo:

— Faz tanto tempo que a gente não se vê que eu não sei como vou reagir quando encontrar a Kate. Mas, claro, irmão, quero muito vê-la.

— Sabe o único problema que eu vejo nessa história? — disse Michael ao reparar em Carol saindo do banheiro e falando ao celular. — Que a Kate vai te ver acompanhado por esse mulherão.

Sam havia pensado na mesma coisa minutos antes, mas respondeu:

— Para com isso... que estou começando a me arrepender de ter convidado a Lana pra vir com a gente. Mas já não posso voltar atrás. De qualquer forma, ela é só uma amiga e nada mais.

— Ah, sim, claro, mas essa “amiga” é muito sexy e além disso está te dando o maior mole.

— Por isso que eu te digo que ela não se encaixa na imagem que eu fazia dela — repetiu ele, rindo. — A Lana, ou Carol, parecia supertímida e eu imaginava que fosse mais discreta. Nunca passou pela minha cabeça que fosse essa gostosona, com um piercing em forma de coração no umbigo.

Ao voltar, Carol se desculpou pela demora. Claro que não comentou com eles que havia falado com Terry e contado a ela que tudo estava correndo às mil maravilhas. Carol estava adorando aquele encontro. Tinha achado Sam ainda mais bonito e interessante ao vivo do que na foto. E, com um pouco de sorte, se ele se insinuasse para ela, a noite poderia acabar muito bem.

A caminho do auditório, Carol recebeu uma ligação. Era sua amiga Bárbara. Imaginando que ela também poderia ser uma mulher atraente, Michael pediu a Carol que a convidasse a ir ao desfile com eles. Bárbara aceitou e, quando eles chegaram, ela já estava esperando na porta. Era mais nova que Carol, mas tão bonita quanto, com a diferença de que era loura e usava uma saia que mais parecia um cinto largo, deixando à mostra suas pernas incríveis.

*Isso está ficando cada vez mais complicado*, pensou Sam ao ver Michael sorrindo de orelha a orelha.

Entraram com elas no auditório lotado e procuraram um lugar para sentar. No início, Sam pensou em ir ao vestiário para falar com suas filhas, mas, ao ver a aglomeração ali em frente, decidiu fazer isso apenas no final.

Do outro lado do salão, Serena, atenta a tudo, viu Sam e Michael e sorriu. Ali estavam seus garotões, mais lindos que nunca. Mas, quando reparou nas mulheres deslumbrantes junto com eles, não gostou nem um pouco. Dois dias antes, sua neta Ollie lhe havia revelado os planos secretos que tinha e, ao vê-los acompanhados, Serena pensou que tudo iria por água abaixo. Mas segundos depois ela voltou a sorrir. Queria só ver como suas filhas reagiriam àquilo. Justo nesse momento chegaram Terry e Kate e se sentaram ao lado de Serena.

— Mãe! — disse Kate, emocionada. — Quando você vir as meninas, vai ficar louca. Elas estão lindas!

Alheia à presença de Sam e Michael, Terry movia os ombros no compasso da música de Barry White.

— É incrível o que os estilistas fazem... Mãe, você logo, logo vai ver como as meninas estão um arraso. — E, ao perceber a cara de Serena, perguntou sussurrando: — O que houve?

Serena apontou à direita. Terry não sabia o que ela queria dizer, até que viu a cabeça de Sam.

— Não se preocupe, mãe. Kate já superou essa história.

Dito isso, Terry se concentrou em achar Michael. Mas as luzes eram fracas e não ajudavam na procura, até que por fim ela o viu e ficou sem fôlego. Ao notar sua reação, Serena sorriu satisfeita, ao mesmo tempo que pensava: *Ah... minha filha. Michael é o único homem que te deixa assim, desconcertada.*

Sem conseguir tirar os olhos dele, Terry suspirou, aturdida. Adorava o sorriso dele. Era seu cartão de visita. Sempre estava sorrindo. Ela notou que Michael estava mais moreno e com o cabelo mais comprido que de costume. Estava maravilhoso. Mas de repente se deu conta de que ele falava e sorria para alguém que estava a seu lado e que não era nem Sam nem Carol, mas uma loura que ela não conhecia. Nesse momento, Gary se aproximou dela e, pegando-a pela cintura, perguntou:

— O que houve, linda? Por que essa cara?

Terry se desvencilhou de seu abraço. Não entendia por que ele estava tão grudento naquele dia.

— Nada, só estou ansiosa pra ver minhas sobrinhas.

— Falta pouco pra começar — sussurrou. — Você vai ver só como elas vão se sair superbem. Estou indo. A gente se vê daqui a pouco, linda. — Deu um beijo em seu pescoço e saiu.

Chegando perto das suas filhas, Serena comentou:

— Claro que vão se sair bem. Minhas netas se saem bem em tudo.

— Mãe, gostei de ver. É assim que se fala. Pensamento positivo acima de tudo — disse Kate, rindo.

Terry se levantou meio nervosa. Precisava se movimentar um pouco ou teria um troço.

— Vou ao banheiro antes que comece.

Surpresa com a seriedade da sua irmã, Kate foi atrás dela.

— Espera, vou junto. Mãe, a gente não vai demorar nem dois minutos.

Quando conseguiram atravessar a primeira fileira de assentos e se afastaram de Serena, Kate pegou o braço da irmã e perguntou:

— O que foi?

Virando-se com expressão furiosa, Terry respondeu:

— Eu vi os dois, e a mamãe também.

Kate entendeu perfeitamente a quem ela se referia.

— Cadê eles? — quis saber.

— Em frente ao lugar onde a gente está sentada, mas à direita — disse, irritada.

Ao ver sua irmã ficando na ponta dos pés para conseguir vê-los, Terry a puxou pela mão e a levou até uma lateral, de onde apontou:

— Estão ali. Dá pra ver?

Demorou alguns segundos até poder distingui-lo no meio de tanta gente, mas finalmente o viu. Ali estava Sam. O homem que havia sido seu marido por tantos anos... ali estava ele e parecia se divertir junto àquela morena. Sem abrir a boca, observou Carol e resmungou para si mesma ao reparar no visual superprovocativo que ela exibia. Lana não deveria se vestir assim. Em seguida viu Michael ao lado de uma loura deslumbrante e ficou triste ao perceber como Sam e Michael trocavam olhares divertidos e riam por alguma coisa. Com o coração batendo violentamente, comprovou como eles pareciam ter rejuvenescido depois que deixaram Nova York. Kate ia dizer algo quando ouviu Terry a seu lado:

— Quem é essa vaca?

Quase gaguejando de tão nervosa que estava, Kate respondeu:

— Bom... eu... eu não tenho a menor ideia. — E perguntou, desconcertada: — Você acha que a gente deve ir lá dar oi?

Terry não permitiu que Kate continuasse olhando para eles. Pegou-a pelo braço e a puxou.

— Está louca? Eles que venham cumprimentar a gente.

Kate balançou a cabeça, concordando. Sua irmã tinha razão.

— É... é... Acho que é melhor assim. — E, sem conseguir tirar os olhos de Sam, acrescentou: — Terry, você precisa ficar calma. Aproveita o desfile. O que tiver que ser será.

Mas nesse momento Kate viu Carol acariciando o cabelo de Sam.

— Cara, o que essa vadia está querendo? — gritou Kate.

Terry pegou com carinho a mão de sua irmã e cochichou:

— Acho que a gente não deveria ter colocado a Carol nessa história. Quando falei com ela por telefone hoje à tarde, não gostei nem um pouco da voz dela — disse Terry e suspirou. — Eu sabia que ela era assim, meio atirada, que partia pra cima e tal, mas não tanto. Merda! Se eu soubesse que ela agiria dessa forma, nem de brincadeira teria proposto a ela que participasse disso tudo.

Atordoada ao ver o jeito como aquela mulher olhava para Sam e sorria, Kate grunhiu.

— Sabe o que eu acho mais surreal? O fato de que ela está ali porque eu pedi.

Consciente de que aquela história poderia acabar mal, Terry comentou:

— Vamos esperar. A primeira coisa que temos que fazer é nos acalmar. Eles são livres e nós também. Então, agora vamos voltar aos nossos lugares e curtir o desfile das meninas, senão vai acabar rolando uma briga feia por aqui, com sangue até.

Kate não conseguiu reprimir o riso. Era patético.

— Tem razão — disse, pegando-a pelo braço.

Dois minutos mais tarde, estavam sentadas em seus lugares ao lado de Serena.

De seus assentos, e apesar da aparente felicidade, Sam e Michael não estavam tranquilos sabendo que as mulheres que eles realmente desejavam ver estavam por perto.

— Você viu as duas? — perguntou Sam, acima do barulho ensurdecido da música.

— Nem sinal — sussurrou Michael. — Você acha que elas vieram mesmo? Sam esboçou um sorriso.

— Cara, não tenho a menor dúvida. Você acha que a Kate e a supertia Terry iriam perder o desfile das meninas?

— Verdade. Claro que elas não perderiam — concordou Michael.

Carol, que estava cada vez mais animada, pousou seu queixo no ombro de Sam e perguntou:

— Meninos, do que estão falando?

Michael respondeu rapidamente:

— Que estamos com muita vontade de ver logo as meninas. Faz um tempão que não as vemos e estamos ansiosos.

Nesse momento, Carol se lembrou de uma coisa que Kate havia comentado.

— Mas a Olivia não esteve há pouco tempo com vocês?

— Esteve — disse Sam, sorrindo ao recordar. — Mas não importa, estou ansioso pra ver minhas filhas.

Após ajeitar o cabelo pela milésima vez, a loura perguntou:

— Quantos filhos você tem, afinal? Porque se aqui você tem duas, e no Havaí você deixou mais...

— Ele tem quatro — esclareceu Carol e, olhando para ele com um sorriso sedutor, acrescentou: — E tenho certeza de que todos são incríveis como o pai.

— São melhores que o pai. E muito mais bonitos — respondeu Michael, rindo da cara que Sam fazia.

A loura piscou de um jeito provocativo e perguntou a Michael, apoiando a mão na coxa dele:

— Você tem filhos?

— Oficialmente, nenhum — disse Michael, sorrindo. — Mas confesso que sou como uma mãe para todos os filhos do meu irmão. Principalmente para os mais novos.

Nesse momento, as luzes do auditório se apagaram, a passarela se iluminou e o ator Steve Martin apareceu. Ele era o apresentador e começou agradecendo a toda a plateia. Após falar sobre cifras e porcentagens, explicou que tudo o que fosse arrecadado naquela noite com a venda das peças seria destinado a uma ONG brasileira.

Com música de Michael Jackson, o espetáculo começou e vários modelos de renome surgiram na passarela, entre eles Gary e Jack, o que fez centenas de mulheres darem gritinhos de alegria. Ao passarem em frente ao lugar onde Terry e Kate estavam sentadas, eles acenaram e mandaram um beijo para elas — gesto que não passou despercebido para o público. Sam e Michael, que haviam se dado conta daquilo, tiveram a certeza de que suas garotas estavam ali, embora não pudessem distinguir ninguém por causa do jogo de luzes.

Nesse instante Ollie apareceu no palco. Estava linda com um vestido branco da Versace. Kate, Serena e Terry aplaudiram orgulhosas. Sam e Michael começaram a gritar o nome dela, também aplaudindo. A menina reconheceu as vozes de seu pai e tio na plateia e os procurou com o olhar, mas os holofotes não lhe permitiram ver absolutamente nada.

Pouco depois Gary surgiu de novo, agora de braço dado com Cat. Os dois estavam vestidos com roupa da Moschino, num look casual e irreverente. Arriscaram uns passos de dança que haviam ensaiado com outros modelos nas últimas semanas e depois saíram de cena. O desfile durou quase meia hora, e no final o público foi para outro salão, onde estavam servindo bebidas e canapés. De onde estava sentada, Kate podia perfeitamente ver Sam sem ser vista. Reparou que ele olhava para todos os lados e sorriu ao perceber como o rosto dele se iluminou diante da presença de Cat e Ollie, que se atiraram em torno do seu pescoço.

— Por que não vai lá falar com eles? — perguntou Serena. — Coragem, filha! Senão vão achar que você é uma covarde.

Mas Kate estava tão emocionada com o que havia visto que mal conseguia mexer as pernas.

— Não, mãe. Estou sem forças.

Em silêncio, observaram Cat abraçando Michael, que lhe deu um beijo carinhoso, enquanto Sam apresentava suas acompanhantes. Ollie olhou desconfiada para Carol. Quem era aquela mulher?

— Vocês viram a mamãe ou a tia? — perguntou Ollie.

— Ainda não — respondeu Michael. — Isso aqui está tão cheio que é impossível encontrá-las.

— Devem estar com Gary e com Jack — disse Cat sem pensar. — Pai, você gostou mesmo da nossa apresentação?

Sam, orgulhoso de suas filhas, respondeu feliz:

— Vocês arrasaram, queridas. São as top models da minha vida.

Sem conseguir deixar de olhar para Carol, que não parava de segurar o braço de seu pai, Ollie perguntou, receosa:

— Quanto tempo você vai ficar em Nova York?

Notando a cara feia que Ollie fazia ao olhar para a morena, Michael respondeu:

— Amanhã a gente volta, querida. A Honey ficou tomando conta da Sasha e do Tommy. Espero que eles não tenham aprontado muito.

Nesse momento, Terry passou por ali com duas taças na mão e empalideceu ao se encontrar frente a frente com eles. Tentou escapular, mas Ollie já a tinha

visto e gritou:

— Tia Terry, tia Terry, olha só quem está aqui.

*Ollie, eu vou te esganar, sua linguaruda...*, pensou ao escutá-la.

Incapaz de ignorar o chamado da sobrinha, Terry respirou fundo e se virou, topando com os olhos escuros de Michael. Aproximou-se deles e os cumprimentou com um sorriso caloroso.

— Oi, Sam. Oi, Michael. Bom ver vocês por aqui.

Ao tê-la bem à sua frente, Michael sentiu um nó na garganta. Terry estava linda com aquele cabelo ruivo e aquele olhar selvagem. Mas quando ela não esteve bonita, afinal?

— *Aloha*, Terry! — brincou Sam, arrependendo-se imediatamente por tê-la saudado com tanta alegria. — Não tinha te reconhecido. Você está uma gata.

— Obrigada, Sam — respondeu com frieza.

E, depois de um olhar breve porém intenso, Carol parou de tocar em Sam por alguns segundos. Enquanto tentavam ser cordiais um com o outro, Michael não conseguia articular uma palavra. Terry usava uma saia de cintura baixa com apliques metálicos e um top branco que deixava descobertos seus lindos ombros. E aquele cabelo... ai, meu Deus, aquele cabelo ruivo caía perfeitamente nela.

— Michael — falou Sam ao ver o irmão parado como uma múmia. — Não vai cumprimentar a Terry?

Reagindo em questão de segundos, Michael se aproximou dela, deu dois beijinhos e balbuciou:

— Claro. Desculpa se fiquei sem ação, mas é que eu não esperava te ver assim.

Satisfeita com a impressão causada, Terry levantou o queixo e perguntou com ironia:

— Assim? É um desfile de roupa informal. Não me diga que estou horrorosa porque vou ficar arrasada.

*Você nunca poderia estar horrorosa, nem com muito esforço*, pensou Michael. Mas em vez disso respondeu:

— Não, claro que não. Você está ótima. É só que eu não te esperava neste momento.

— Ah, que susto. Obrigada pelo elogio! — respondeu Terry.

Olhando ao redor, Ollie perguntou, cheia de segundas intenções:

— Cadê a mamãe?

— Ali — disse Cat, apontando para o fundo do salão.

Nesse momento, Terry viu um jeito de escapar e disse:

— Vou avisá-la.

Mas Ollie, agarrando-a pelo braço, virou-se para a irmã e falou:

— Cat, por favor, vai buscar a mamãe. Diz que o papai e o tio estão aqui com a gente.

Após trocar um olhar sombrio com Ollie, Terry acrescentou:

— Sim, querida, vai lá. Diz que a taça dela está comigo e que se ela demorar eu vou acabar bebendo.

Quando Cat chegou perto de sua mãe, disse que a tia estava esperando junto com Sam e Michael e que pediu para apressá-la. Ao ouvir isso, Kate ficou boquiaberta.

— Você ouviu, né? — Serena a empurrou. — Vai logo, antes que a Terry beba as duas taças.

Kate resistiu. Estava um tanto surpresa e só conseguia balbuciar:

— Mãe, não estou a fim. Além disso, prometi esperar o Jack aqui.

Mas Serena não desistiu. Sua filha tinha de se encontrar com Sam, fosse como fosse.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. Se o Jack vier, eu digo onde você está.

Kate suspirou e andou até o lugar onde eles estavam. Viu Terry falando com Ollie, ao mesmo tempo em que Sam sorria diante do que as duas deveriam estar comentando. Conforme se aproximava, suas pernas tremiam cada vez mais. Quando faltavam apenas dois metros para percorrer, engoliu a saliva, inspirou fundo, caprichou no sorriso e perguntou:

— Do que vocês riem tanto?

Ao se virar e dar de cara com o olhar de Kate, Sam não soube o que dizer. Centenas de noites sonhando com ela e imaginando como seria esse primeiro

encontro após tudo o que ocorreu, e agora ele estava ali como um adolescente inseguro, olhando-a com cara de bobo.

— Kate! — gritou Michael, abraçando-a.

Ao sentir-se nos braços de seu ex-cunhado, Kate sorriu. Michael a estava abraçando. Ela havia sentido tanto a falta dele... Depois de se afastar dela, Michael disse, com um sorriso de orelha a orelha:

— Eu estava morrendo de vontade de te ver. Você está linda.

— Digo o mesmo — conseguiu falar.

Piscando um olho, aquele havaiano sedutor olhou para elas e perguntou:

— Mas o que foi que fizeram esses meses todos com as mulheres da família Dallet, pra que vocês ficassem tão lindas?

Terry sorriu, toda derretida. Mas, ao se dar conta disso, foi logo mudando de expressão.

— Obrigada, galanteador — disse Kate num tom carinhoso e, virando-se para Sam, que ainda não havia aberto a boca, falou: — Oi, Sam. Bom te ver de novo.

Tentando disfarçar a enxurrada de emoções engasgadas, Sam deu um passo à frente, abraçou-a, aspirou seu perfume e disse:

— Oi, Kate.

Ao ver como Sam olhava para ela, Kate soube na hora que ele havia gostado do seu novo look. Ela o conhecia bem e sabia que, quando erguia a sobrancelha direita, era sinal de aprovação. Naquela noite, enquanto se vestia para ir ao desfile, ela se produziu pensando nele. Queria estar bonita para ele. Colocou uma saia hippie azul-celeste e um top preto cruzado nas costas e tentou passar uma aparência jovem cheia de frescor. Se bem que agora, comparando-se com a exuberância de Carol, sentia-se péssima.

Mas foi justamente isso que desarmou Sam. Aquele ar jovem e irreverente, o cabelo desfiado e meio bagunçado, em vez de seu típico coque alto e seu terninho, deixou Sam tão desconcertado que ele não encontrava as palavras. Ao ver a reação de seu pai, Ollie tentou ajudá-lo.

— Ela está linda, né, pai? — perguntou.

Sam fez que sim com a cabeça, sem pestanejar.

— Lindíssima — disse, sorrindo, num tom sincero. — Desculpa, Kate, mas estou sem palavras. Fiquei paralisado ao te ver e senti a mesma coisa quando vi a Terry. Vocês estão tão mudadas que...

— Espero que a mudança tenha sido para melhor — brincou Terry, cravando os olhos nele.

Depois de passar sua taça de vinho a Sam, para que ele molhasse a garganta e tentasse recuperar a normalidade, em vez de ficar com aquela cara de bobo, Michael e ele disseram em coro:

— Claro que sim.

Os dois se olharam pensando num palavrão. A loura de madeixas incríveis, ao se ver meio deslocada do grupo, apresentou-se.

— Oi, eu sou a Bárbara, se é que alguém está interessado.

Michael ficou irritado. Quem dera permissão para ela se meter onde não era chamada?

— Oi, Bárbara, prazer — disse Terry. — Você tem um cabelo lindo.

— Ah... obrigada — disse, sorrindo, enquanto agarrava Michael pelo braço, dando a entender a Terry que aquele homem era dela.

Terry achou graça daquele gesto de advertência, mas Michael não gostou nem um pouco. E, reprimindo a vontade de arrancar aqueles peitos siliconados, Terry virou-se para Carol, que estava atrás de Sam, e perguntou:

— E você, quem é?

Ao ver a cara feia que sua cunhada fazia, Sam suspirou e a apresentou.

— Essa é a Carol. Uma amiga.

As mulheres se olharam nos olhos e Kate ergueu a sobrancelha diante daquela morenaça, deixando muito claro que não estava nem um pouco satisfeita com a atuação dela. Mas Carol, em vez de captar a mensagem e agir de acordo, agarrou-se ainda mais a Sam.

— Prazer, Carol — disseram Kate e Terry ao mesmo tempo, estendendo a mão para cumprimentá-la.

Nesse momento apareceu Gary e pegou Terry pela cintura, erguendo-a no ar. Depois de dar um beijo na ponta do seu nariz, perguntou:

— E aí, gata, o que você achou? Suas sobrinhas arrasaram, né? — Puxou-a para si e sussurrou, na frente de todo mundo: — Aliás, já te falei como você

está deslumbrante hoje? — E tascou-lhe um beijão na boca.

Esforçando-se em sorrir da melhor forma possível, Michael presenciou aquele espetáculo e, quando não pôde mais aguentar, virou-se para o outro lado.

— Me deixa descer, seu bobo — pediu Terry, sem entender por que ele agia desse modo e estava tão grudento naquela noite. Nunca havia tomado tantas liberdades. Mas, nesse momento, apesar de se irritar um pouco com seu comportamento, ela não se importou. E mais: ela até gostou que Michael entendesse que a vida dela seguia em frente mesmo sem ele.

Ao assistir àquela demonstração de carinho, Michael teve vontade de partir para cima daquele estúpido e dar um soco na cara dele. Olhou para Sam, que negou com a cabeça. Então Michael se conteve e continuou em seu lugar, fingindo-se indiferente à cena. Em seguida pegou Bárbara pela cintura, e ela adorou a iniciativa.

Ollie não podia acreditar no que estava vendo. Aquilo parecia uma comédia de erros, e ninguém fazia nada para consertar a situação.

— Vou pegar uma bebida — disse Gary e, olhando para elas, perguntou: — Alguém quer alguma coisa?

Nesse momento Terry viu uma chance de escapar e interveio rapidamente:

— Eu quero. Vou contigo. Minha garganta está seca e eu preciso beber algo.  
— E, virando-se para eles, disse: — Adorei rever vocês. Passem lá em casa qualquer dia pra gente beber alguma coisa.

— Hum, acho que não vai dar — respondeu Michael. — Amanhã a gente volta pra casa. Quem sabe na próxima vez.

Terry olhou fixamente para ele e, embora tenha ficado supertriste ao ouvir isso, falou com indiferença:

— Ah... que pena. Fica pra próxima.

Gary, que a esperava a dois passos de distância, perguntou:

— Terry, querida, você vem?

Ela cravou seu olhar em Michael, depois se virou e desapareceu em meio ao burburinho. Quando já estava mais afastada deles, empurrou bruscamente Gary e o repreendeu, irritada:

— Por que você fez isso?

— Desculpa, Terry — respondeu Gary, sorrindo. — Pelo teu olhar, - imaginei que você precisava que eu fizesse algo assim. Te achei meio transtornada.

— Fala sério! — reagiu ela com uma expressão que indicava estar prestes a esganá-lo.

— Tá bom. Vou falar a verdade — admitiu, por fim. — Mas só se você prometer que não vai abrir o bico.

— Ok. Desembucha! Por que você agiu daquela forma?

Depois de olhar ao redor e comprovar que ninguém poderia escutá-los, Gary esclareceu:

— Foi mal, gata, mas sua mãe me mandou agir assim.

Incrédula, Terry abriu a boca e falou, quase gritando:

— Minha mãe?!

— Juro, Terry. Ela me ligou ontem à noite e me pediu que fosse carinhoso com você porque você estava precisando. E hoje, ao ver como você olhava para aquele sujeito moreno, entendi o que sua mãe queria dizer.

Ainda sem conseguir acreditar, Terry sorriu.

— Minha mãe? Mas como...

— Disse que queria ver a reação de um tal de Michael.

Terry não pôde se conter e voltou a gritar:

— Minha mãe te pediu isso? — E, levando as mãos à cabeça, exclamou: — Meu Deus, ela ficou louca!

— Não sei se ela ficou louca, mas, quando cheguei aqui, ela estava procurando o Jack, não sei pra quê. Se bem que agora eu posso imaginar o motivo.

— Ai, meu Deus — murmurou Terry. — Encontra o Jack! Agora!

Alheios a tudo, Sam e Kate continuavam conversando como duas pessoas civilizadas. Ollie estava adorando tudo aquilo, mas ao mesmo tempo observava discretamente seu tio Michael. Via que ele estava irritado e não parava de esticar o pescoço e olhar ao redor à procura de Terry. Nesse momento, Carol e Bárbara se afastaram e eles ficaram a sós.

— Você parece ótima, Kate — disse Sam, devorando-a com o olhar. — Sério, a mudança te fez muito bem.

— Obrigada. E você... resolveu deixar o cabelo crescer, é? — disse Kate, desfrutando do momento.

Ele esboçou um sorriso encantador, que Kate retribuiu da mesma forma.

— Pra você ver, né? Uns deixam o cabelo crescer, outros cortam.

Ela queria lhe fazer mil perguntas, mas só conseguiu formular uma:

— Está gostando de morar em Oahu?

— Estou, sim. O escritório que eu e Michael abrimos em Honolulu é pequeno, mas dá conta do recado. E o melhor de tudo é que não precisamos usar gravata!

— Ah... isso com certeza você está adorando.

O rosto de Sam se iluminou.

— Claro, isso eu não posso negar.

Nervosa como uma adolescente, ela disse:

— Ollie me contou que sua casa é muito bonita e que você ensinou ela a surfar.

— A casa em que estou morando é aquela que você conheceu. — Ela se surpreendeu, e ele acrescentou: — E, quanto ao surfe, você sabe que ali isso é normal.

Kate estremeceu ao se lembrar da maravilhosa lua de mel que passaram naquela casa, enquanto Sam continuava falando:

— Não é muito grande, mas está boa pra gente e o mais importante é que fica bem pertinho do mar. Quando voltei a Oahu, me dei conta de que o mar é vital pra mim.

Kate fez que sim com a cabeça, estampando um sorriso triste.

— Eu sei, eu também me dei conta disso com o tempo. — E, tentando não se emocionar com as centenas de recordações que passavam por sua mente, perguntou: — E como foram as aulas de surfe com a Ollie?

Sam sorriu e se aproximou dela com cumplicidade.

— Eu e Michael tentamos ensinar a ela todo o possível. Mas ainda precisa de algumas aulas pra poder se equilibrar na prancha por mais tempo. De qualquer forma, ela tem muita força de vontade — contou ele.

— Ela vai conseguir. Você sabe que a Ollie é determinada e consegue tudo o que quer.

— É como você — concordou ele. — E você também conseguiu.

Sem entender a que ele se referia, Kate perguntou:

— Consegui o quê?

— Equilibrar-se na prancha, lembra?

Os dois se olhavam fixamente e respiravam num mesmo compasso.

— Ah, sim. Claro que eu lembro, mas acho que agora isso seria impossível.

— Não é bem assim — sussurrou Sam, louco para beijá-la. — Tem coisas que a gente nunca esquece.

Kate ficou toda arrepiada ao ouvir aquilo.

— Talvez você ache difícil no primeiro dia, mas no segundo você vai se lembrar de tudo rapidinho. — Ao escutar a si mesmo, Sam limpou a garganta e, passando a mão pelo cabelo, continuou: — De qualquer forma, se você quiser voltar a surfar, é só me falar. Você sabe que eu adoraria te ensinar de novo.

— Vou pensar — disse Kate, sorrindo, e piscou para ele. Instantes depois, arrependeu-se. A piscada era um gesto que eles sempre trocavam. Era um código secreto que significava: “Estou a fim”.

Enquanto Sam e Kate continuavam falando, Michael se afastou deles para deixá-los mais à vontade e ficou sozinho. Tentou não procurar Terry com o olhar, mas era impossível e, quando menos esperava, acabou encontrando-a. Estava sozinha diante do bar, pedindo alguma coisa ao garçom. Atraído como um ímã, Michael chegou perto dela.

— Pede outra vodca pra mim — sussurrou em seu ouvido.

Assustada com aquela proximidade, Terry se encolheu. Recompôs-se como pôde, moveu a cabeça afirmativamente e fez o novo pedido ao garçom.

— Toma — ofereceu Terry. — Aqui está sua bebida.

— Obrigado, linda. Onde foi parar o modelo?

Terry pulou como uma mola.

— Escuta, ô garanhão da ilha. Faz o favor de não se meter com meus amigos.

Michael levantou as mãos e disse, com um sorriso que a desconcertou:

— Sinto muito, ô dondoca da cidade. Não sabia que você ficaria tão irritada com meu comentário. Aliás, você me chamou de “garanhão da ilha”?

Nesse momento começou a tocar “Desafinado”, a bossa nova brasileira de que eles tanto gostavam.

*Se você disser que eu desafino amor  
Saiba que isto em mim provoca imensa dor  
Só privilegiados têm o ouvido igual ao seu  
Eu possuo apenas o que Deus me deu  
E se você insiste em classificar  
Meu comportamento de antimusical  
Eu mesmo mentindo devo argumentar  
Que isso é bossa nova...*

Durante anos, cada vez que soava essa canção doce e melodiosa, os olhos de Terry e Michael se cruzavam e os dois começavam a dançar, deixando muito claro por uns minutos o que sentiam um pelo outro. O problema era que nunca davam um passo além. Mas aquela noite era diferente, e Michael, segurando sua mão, perguntou como tantas outras vezes:

— Quer dançar?

Terry deu um passo atrás.

— Não.

Com um sorriso sedutor, Michael deu um passo à frente.

— Vem. É a nossa música.

Inquieta pela tortura que ele lhe infligia, Terry fez que sim com a cabeça, como uma boba, mas com um suspiro de frustração que o fez dar uma risada, respondeu:

— Olha, Michael, vai à merda. Ou melhor, vai buscar a loura que você trouxe hoje e me deixa em paz.

Terry deu meia-volta e começou a abrir caminho em meio às pessoas. Michael ficou ali com sua taça nas mãos, sem saber o que fazer, até que suas pernas começaram a segui-la. Ao alcançar Terry, pegou-a pelo braço, levou-a para um canto do salão onde não havia ninguém e, pressionando-a contra a parede, ele a escutou gritar enquanto sentiam as faíscas que havia entre eles.

— Posso saber que diabo você quer comigo, Michael?

Enlouquecido pelo momento, pela música e pela enorme vontade de beijá-la, Michael disse, sem conseguir tirar os olhos daqueles lábios tentadores:

— Como assim que diabo eu quero?!

— Michael, se afasta de mim, eu estou avisando.

Assustando-a com o olhar, Michael balançou a cabeça e, sem soltá-la, sussurrou perto da sua boca:

— Vou te soltar e me afastar. Mas não sem antes fazer o que desejo fazer toda vez que danço essa música contigo.

Dito isso, soltou sua taça, que se estilhaçou no chão, tomou Terry entre seus braços e a beijou com toda a paixão contida por tantos anos. Ela lutou para se desvencilhar daquele abraço, mas pouco a pouco foi cedendo e acabou respondendo àquele beijo apaixonado enquanto as vozes de George Michael e Astrud Gilberto cantavam aquela música suave. Sem querer afastar sua boca da de Michael, Terry levou as mãos até o cabelo dele e o acariciou, apaixonada. Ao sentir que ela havia desistido de se soltar, ele cochichou de um jeito que a deixou arrepiada:

— Isso é o que eu quero, linda. Você ainda não percebeu depois de tantos anos?

— Michael, por que você não fez isso antes?

Ele a enfeitiçou com mais um sorriso e voltou a beijá-la. Nem no melhor dos seus sonhos teria imaginado uma situação como aquela. Percorreu com carinho a boca da mulher que o deixava louco e, depois de saciar momentaneamente seu desejo por ela, sussurrou bem pertinho:

— Eu tinha medo. E na verdade ainda tenho medo de te soltar e nunca mais ter você assim comigo.

Atordoada e excitada pelo desejo incontrolável que sentia por ele, Terry disse enquanto acariciava sua bochecha com delicadeza:

— Você foi embora sem se despedir e...

— Eu sei — admitiu, afrouxando o abraço. — Pensei que você não queria sab...

Nesse momento Terry viu Bárbara sair do banheiro feminino e, em um terrível ataque de ciúmes, puxou o cabelo de Michael.

— Pensou, é? Pois eu não acho que você tenha pensado muito em mim, já que veio tão bem acompanhado hoje aqui.

Michael ficou todo bobo ao perceber o ciúme que Terry demonstrava. Isso significava que ela também havia sentido a falta dele. Mas também soube, ao ver os olhos furiosos dela, que o que havia começado tão bem iria acabar mal.

— Sabe, metidinho?

— O quê, resmungona?

Desconcertada com aquele sorriso que a deixava louca, ela gritou, soltando-se de seus braços:

— Por mim você pode ir embora hoje com a sua... sua... louca de farmácia e, como amanhã você vai voltar pra sua ilha, com um pouco de sorte a gente esquece tudo isso que aconteceu!

— Não vou esquecer, nem você, querida. Pode ter certeza disso.

— Te garanto que sim. Claro que eu vou esquecer.

Ele a agarrou pelo pescoço novamente. Não queria se afastar dela.

— Terry... eu...

Michael se deu conta de que as pessoas ao redor estavam olhando, mas ela levantou um dedo para calá-lo e protestou, soltando-se de novo:

— Não quero te ver nunca mais, Michael. Entendeu?

— Como você pode me beijar do jeito como fez há alguns segundos e...? — bradou, incapaz de acreditar no que estava acontecendo, muito menos depois daquele momento de paixão.

— Eu é que te beijei?

— É... pensa bem... lembra... — disse num tom de zombaria, mas, ao ver sua cara contrariada, Michael se irritou: — Escuta aqui, você está maluca ou o quê?

Isso a aborreceu ainda mais e ela o empurrou para se desvencilhar dele, ao mesmo tempo que gritava:

— Realmente estou maluca se acho que pode haver alguma coisa entre nós dois — disse, afastando-se dele.

Irritado e sem se importar com o fato de as pessoas estarem observando, Michael foi atrás dela.

— Não, senhorita, você não vai fugir de mim assim, não. — E, imobilizando as mãos dela, acrescentou: — O beijo que você me deu esclareceu muitas coisas pra mim. E vai dizer que não sentiu o mesmo que eu?

Incapaz de dar o braço a torcer apesar de saber que não estava com a razão, ela tentou se defender.

— Eu te beijei?! — gritou, olhando-o bem nos olhos, enquanto ele esboçava um pequeno sorriso. — Foi você, seu verme desgraçado, que foi atrás de mim e me beijou.

Sem querer se afastar dela, Michael sussurrou, deixando-a arrepiada:

— Sabia que você fica linda quando está nervosinha?

— E sabia que você é um imbecil? — respondeu, tremendo e cada vez mais desconcertada.

Michael sorriu com ternura enquanto se divertia com a imagem que ela lhe oferecia.

— Eu sei que sou um imbecil — disse baixinho, antes de pousar de novo seus lábios sobre os dela. — Mas sou um imbecil que está louco por você e que enlouqueceria se não te beijasse agora mesmo.

Em seguida a beijou e Terry correspondeu. Era impossível para ela não responder àquela boca voraz e aos seus lábios doces e ardentes. Mas, quando ele notou que ela estava ficando mais relaxada, afrouxou a pressão que exercia sobre ela, e Terry aproveitou o momento para levantar a perna e lhe dar uma bela joelhada no saco, que derrubou Michael no chão e o fez se contorcer de dor.

Terry não podia acreditar no que acabava de fazer e, consciente de que todo mundo estava olhando, disse, furiosa:

— Você já me provou que é um imbecil, mas louca ficaria eu se me deixasse levar por um galinha como você.

Dito isso, Terry se afastou, explodindo de raiva. Com uma expressão constrangida e morrendo de dor, Michael ergueu a cabeça e murmurou para as pessoas que olhavam:

— Não é nada... Tá tudo bem. Ela me ama. Não é nada de mais.

Kate e Sam se aproximaram rapidamente para ajudá-lo. Fizeram-no sentar numa cadeira, e Sam não conseguiu reprimir uma brincadeira:

— Caramba, a Terry continua acertando onde mais dói — disse, olhando para sua ex-mulher.

— Sinto muito, Michael — falou Kate, horrorizada.

— Eu sinto mais ainda, pode ter certeza — sussurrou.

Kate e Sam trocaram um olhar.

— O que te deu pra perseguir minha irmã dessa maneira? Ficou louco, é?

— Realmente estou louco — disse, suspirando. — Mas sua irmã está mais louca do que eu imaginava.

— Essa Terry... — brincou Sam. — Com a joelhada que te deu, acho que ela decidiu que você não pode ter filhos.

— Sem piadinha, porque tá doendo horrores — disse Michael.

Ao escutar o comentário de Sam, Kate se irritou e não conseguiu deixar de alfinetá-lo:

— Já tem gente demais com filhos, né?

Sam lamentou o comentário infeliz e, ao ver como ela olhava para ele, soube que a trégua daquela noite havia chegado ao fim. Nesse momento, Jack se aproximou e, pegando Kate pela cintura, perguntou:

— Querida, o que houve?

Agarrando-se nele, ela respondeu, diante do contrariado ex-marido:

— Minha irmã, que cumprimentou um velho amigo. — E, olhando para Sam, acrescentou: — Aliás, Jack, deixa eu te apresentar o Sam. É o pai das minhas filhas. Sam, esse é o Jack, um amigo. E esse aí que está sentado e se contorcendo pelas carícias da minha irmã é o famoso tio Michael.

— Prazer — disse Jack, apertando a mão de Sam. Olhou para Michael e falou: — Eu te daria a mão também, mas acho que não é o melhor momento.

Michael fez que sim com a cabeça, sem olhar para ele.

— Considere-se cumprimentado, colega — respondeu de má vontade.

Depois de um silêncio incômodo mas significativo, Jack abraçou Kate por trás e beijou seu pescoço.

— Querida, a gente vai na festa da Carolina Herrera. Está pronta?

Kate sorriu com malícia, embora não entendesse por que ele estava tomando aquelas liberdades. Dois dias antes ela havia falado com ele e deixado

bem claro que não queria se envolver com ninguém. Primeiro precisava colocar sua vida em ordem.

Apertando os punhos, Sam olhou para Jack com vontade de quebrar a cara dele. Mas, em vez disso, atraiu Carol para si com um rápido movimento. Ela havia se aproximado do grupo ao presenciar a cena entre Michael e Terry.

— A gente também vai, não é, linda?

Surpresa com aquele comentário, Carol confirmou com a cabeça, e Kate, que não estava disposta a aguentar aquela situação por nem um segundo a mais, afirmou:

— Adorei ver vocês.

— A gente também — respondeu Sam, irônico.

Sem sequer olhar para seu ex-marido, Kate colocou a mão no ombro de Michael e murmurou, já se afastando:

— Espero que você se recupere logo. Tchau e divirtam-se.

Poucos minutos depois, Sam e Michael, que já conseguia ficar de pé, saíram do auditório acompanhados por Carol e Bárbara, que estavam desconcertadas. Serena, que havia assistido a tudo num discreto segundo plano, sorriu diante do que acabava de presenciar. Ollie não sabia se ria ou se chorava, mas sua avó, surpreendentemente, piscou um olho para ela. Então decidiu não tirar conclusões precipitadas, mas sim esperar o momento em que pudesse trocar impressões com Serena, que era a voz da experiência nesses casos.

Naquela noite, Sam e Michael convidaram as garotas para jantar num restaurante italiano. Após a refeição, que foi ficando cada vez mais animada, terminaram em um bar cubano, onde dançaram salsa até altas horas da madrugada. Depois, como dois cavalheiros, eles a acompanharam até suas casas e voltaram ao hotel, onde continuaram bebendo até desabarem na cama.

Irritadíssimas, Kate e Terry foram à festa organizada pela famosa estilista Carolina Herrera. Mas não estavam nem um pouco no clima. Depois do que havia acontecido, o que elas mais queriam era conversar e desabafar. Então, assim que puderam, escaparam até uma das varandas. Ou conversavam ou explodiriam de tanta raiva.

— Ai, meu Deus, que vergonha — começou Terry, levando as mãos à cabeça. — Tadinho do Michael. Como eu pude fazer aquilo?

Kate balançou a cabeça, concordando. Foi uma cena bastante embaraçosa mesmo.

— Pois é, Terry, você ficou maluca? O que te deu pra agir daquela forma?

— Não sei — disse, constrangida. — De repente eu estava superfeliz porque ele estava me beijando e me dizendo coisas maravilhosas, mas... mas quando vi aquela loura peituda, me bateu um ódio e... e... Ai, meu Deus!... Sou uma anta!

— Então você gostou do beijo, né?

Com um sorriso malicioso, mas os olhos repletos de lágrimas, Terry exclamou:

— Ah, sim... claro que eu gostei! Adorei!! Foi o melhor beijo que já me deram em toda a minha vida. E, putz, foi o Michael! Passei anos esperando esse momento divino, meigo e sensual — sussurrou ao lembrar. — E olha como tudo acabou. Pior, impossível!

— Falando sério, Terry, é difícil te entender.

— Eu sei. Nem eu me entendo.

Kate não pôde reprimir um sorriso. Ouvir sua irmã falar abertamente sobre o que Michael a fazia sentir... não tinha preço.

— Terry, você realmente me espanta. O cara de quem você é a fim e que estava incrível hoje te pega de jeito, te beija e diz que está louco por você. E você, em troca, humilha o sujeito na frente de dezenas de pessoas, dando uma joelhada onde mais dói. Sério, por que não pensa um pouquinho antes de agir?

A jovem tapou o rosto com as mãos. Sabia que havia vacilado.

— Sou um monstro. Ele vai me odiar pelo resto da vida. Tadinho. Não merecia aquilo. Mas eu fiquei cega... cega... e...

Destapando o rosto de sua irmã, Kate levantou o queixo dela com carinho.

— Fica tranquila. Não acho que o Michael vai te odiar por muito tempo. Mas, sim... você é um monstro, se bem que você precisa reconhecer que é um monstro com muita sorte, ao ter esse gato babando por você. E você sabe que não é de agora. É de sempre.

— Mas o que eu fiz é imperdoável — disse Terry, soluçando.

— Relaxa, sua boba. — Kate tentou consolá-la e lhe deu um abraço. — O Michael vai te ligar. Hoje foi ele que tomou a iniciativa de demonstrar na

frente de todo mundo que é louco por você. Fica tranquila. Ele vai te procurar.

— E se não me procurar? — perguntou Terry.

— Aí você mesma liga pra ele.

— Nem pensar... — murmurou, desvencilhando-se do abraço da irmã.

— Não seja tão orgulhosa, Terry — repreendeu-a Kate. — O orgulho não vai te levar a lugar nenhum. Acredita em mim. Sei disso por experiência própria.

As duas balançaram a cabeça e ficaram em silêncio por alguns minutos.

— E você e o Sam? Como ficaram as coisas? — quis saber Terry.

— Tudo bem. Normal. Conversamos tranquilamente, até você resolver dar aquele chute no Michael, aí eu e o Sam fomos ajudar, e ele acabou fazendo um comentário infeliz e a gente começou a se alfinetar.

— Você sentiu alguma coisa quando o viu?

— Claro. Senti uma vontade imensa de matá-lo.

As duas sorriram. Elas sabiam que o sentimento real foi justamente o contrário.

— Somos patéticas — disse Terry com um fio de voz.

— Totalmente patéticas — concordou Kate, contemplando as estrelas. — Nem com 15 anos eu fazia e dizia tanta bobagem. Sabe o que é o pior de tudo? Que eu e o Sam nos conhecemos superbem e sabemos como machucar um ao outro. E foi isso que fizemos hoje. Quando o Jack chegou, fechamos com chave de ouro.

— O que o Jack fez?

— Sinceramente, ainda não entendo. De repente se aproximou da gente, me chamou de “querida” e beijou meu pescoço. E acho que o Sam não gostou muito disso, porque logo pegou a Carol de surpresa e bom... você já imagina.

Terry começou a rir.

— Comigo aconteceu a mesma coisa com o Gary.

— Sério?

— Sério. Já te explico. E, quando eu te contar quem foi que mandou o Jack e o Gary se comportarem dessa maneira na frente do Sam e do Michael, você não vai acreditar.

— Quem? — Kate não estava entendendo nada.

— Ninguém menos que nossa querida mãe.

— A mamãe? — gritou Kate, incrédula. — Tem certeza?

Terry fez que sim com a cabeça.

— Absoluta. Gary admitiu que a mamãe havia pedido que ele fosse carinhoso comigo porque queria ver a reação de um tal de Michael. Surreal, né?

— Não posso acreditar — sussurrou Kate.

— É pra acreditar, sim, porque o Gary estava falando a verdade.

— Mas o que a mamãe tem a ver com tudo isso?

— Hummm, vai saber...

— Mamãe agora está dando uma de cupido?

## Capítulo 27

Na manhã seguinte, a pedido de Sam, a recepção do hotel os acordou às nove em ponto. Queriam tomar um banho antes de deixar o quarto. Mas quando se levantaram, sentiram que suas cabeças estavam prestes a explodir.

— Putz, que noite — queixou-se Michael.

Sam franziu a sobrancelha e botou a mão na testa.

— Ufffff... fazia tempo que eu não bebia tanto — disse num fiapo de voz.

— Acho que acabamos com todo o álcool existente na face da Terra.

— É, cara, com certeza...

Levantando-se da cama para esticar as pernas, Michael apoiou a mão na parede, encolheu uma perna e ficou bufando. Ao ver isso, Sam perguntou:

— A joelhada que a Terry te deu ainda está doendo?

Ao pensar naquela mulher, Michael conseguiu se esticar e disse, rosnando:

— Não fala o nome dessa maluca, porque meu saco ainda está doendo horrores.

Sam não conseguiu reprimir uma risada.

— Quem mandou se aproximar tanto dela... Você já sabia que ela era imprevisível.

Ao ver o ar de deboche no rosto do irmão, Michael suspirou.

— Ah, que se dane — disse, porém logo murmurou com um sorriso: — Mas, apesar de tudo ter acabado mal, te juro, irmão, que eu fiquei satisfeito pelo que fiz, porque no fim das contas eu tive a certeza do que sentimos um pelo outro. Valeu a pena.

— E o que você vai fazer?

— Absolutamente nada.

— Nada? Mas, se você diz que valeu a pena, por que não vai fazer nada?

Sorrindo, Michael se espreguiçou.

— Não foi fácil, mas eu já dei um passo em direção a ela. Agora, se ela realmente quer alguma coisa comigo, já sabe onde me encontrar. Então vou tomar banho, depois seguimos para o aeroporto, pegaremos nosso avião e voltaremos pra casa.

— Você sabe o que faz — disse Sam, ainda sentado na cama. — Em questões de amor, não sou a pessoa mais indicada pra te dar conselhos, irmão.

Michael se deteve um momento antes de desaparecer atrás da porta do banheiro.

— Escuta, ô garanhão da ilha — disse, usando a expressão com que Terry havia se dirigido a ele. — A Kate está incrível. Cá entre nós, nem quando era mais nova ela estava tão sexy quanto ontem à noite.

Ele tinha razão, mas Sam não estava com vontade de falar sobre isso.

— Você não ia tomar banho?

Michael fez que sim, e poucos segundos depois se ouviu o barulho da água do chuveiro. Sozinho no quarto, Sam ficou olhando para a parede. Michael dissera a verdade. Sua ex-mulher estava deslumbrante, e, ao se lembrar daquele bonitão beijando o pescoço de Kate, Sam foi tomado por uma raiva enorme. Foi até a mesinha de cabeceira e abriu a carteira. Pegou uma foto de Kate e ficou olhando por alguns segundos, depois guardou o retrato justo quando Michael estava saindo do banho com uma aparência melhor.

— Toma uma ducha também. Você vai se sentir novinho em folha.

Sem dizer nada, Sam obedeceu. Instantes depois, o telefone do quarto começou a tocar. Michael atendeu e foi avisado de que havia uma senhora na recepção esperando por eles. Pensou que seria Carol e, sem hesitar, disse ao

repcionista que a mandasse subir. Depois entrou no banheiro e comentou com Sam:

— Ligaram da recepção pra avisar que a Carol está subindo.

— A Carol está subindo?! — perguntou, espantado.

— Está. Deve ter vindo se despedir.

— A gente combinou isso ontem à noite?

— Não faço a menor ideia, cara.

Nesse instante ouviram umas batidinhas na porta. Ainda com a toalha amarrada na cintura, o cabelo molhado e o peito nu, Michael foi lá abrir.

— Serena! — exclamou, surpreso ao vê-la.

— Oi, garotão — disse, sorrindo e aproximando-se dele para dar um beijo na bochecha.

Ao abraçá-la, Michael fechou os olhos, encantado de voltar a encontrá-la.

— Vai me convidar pra entrar? Ou vim numa hora ruim?

Ele se afastou da porta, ainda confuso.

— Imagina, Serena. Você é sempre bem-vinda.

Ela entrou e reparou na bagunça do quarto enquanto Michael recolhia a roupa que haviam jogado no chão na noite anterior e abria a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco. Ao ver como Michael estava constrangido, Serena pegou a mão dele e sussurrou:

— Michael, querido, não se preocupe com nada.

Nesse momento Sam saiu encharcado do banheiro, coberto apenas com uma toalha ao redor da cintura, enquanto enxugava o cabelo com outra.

— Humm, vamos ver, quem resolveu aparecer aqui a essa hora?

— Eu — respondeu Serena, achando graça por ele ainda não a ter visto.

Ao ouvir aquela voz, tirou a toalha da cabeça.

— Serena, é você?

Diante daqueles dois deuses desconcertados, Serena abriu os braços e perguntou:

— O que houve? Não vai me dar um beijo? Sei que sou velha e meio sem graça, mas, convenhamos, não se nega um cumprimento ou um beijo a ninguém.

Sem hesitar, e com um enorme sorriso estampado no rosto, Sam foi até ela e a abraçou. Ele estava com muitas saudades.

— Que bom te ver! — exclamou e, olhando ao redor, acrescentou: — Desculpa a bagunça. A gente chegou tarde ontem e...

— Vou te falar a mesma coisa que falei para o Michael: não se preocupe.

Apesar da aparente normalidade que Serena demonstrava, suas pernas tremiam de emoção. Sentia-se feliz por estar de novo com os seus dois garotões. Aqueles a quem ela havia mimado e de quem havia cuidado desde o dia em que apareceram em sua vida. Eles a convidaram a se sentar na poltrona do quarto. Por alguns segundos, Serena olhou emocionada para aqueles dois homens que ela vira se tornarem maduros. Eles se sentiam como dois bobalhões diante dela: estavam quase nus e ainda não sabiam o motivo daquela visita.

— Pela cara de vocês, imagino que estejam se perguntando o que vim fazer aqui.

— Sinceramente, Serena — disse Sam —, estamos muito felizes em te ver, mas não sabemos a razão da visita, e acho que falo em nome dos dois. — Michael balançou a cabeça, concordando.

— Vim aqui porque ontem eu não pude cumprimentar vocês no auditório e porque eu queria dizer uma coisa antes que vocês fossem embora. Pelo que entendi, vocês voltam pra casa hoje, né? — Os dois confirmaram e ela continuou: — E, antes de dizer o que tenho a dizer, preciso confessar uma coisa. Sou uma mulher vivida e, na minha idade, faço e falo o que me dá vontade, simplesmente porque eu quero e porque acho que devo fazer.

— Caramba, Serena — interveio Michael. — Pelo visto hoje você levantou com a corda toda, hein!

Os três sorriram com aquele comentário, e em seguida ela perguntou:

— Você está bem, querido? Porque aquela joelhada que minha filha Terry te deu ontem foi cruel. Eu não consegui acreditar quando vi.

Michael suspirou.

— Estou bem, sim. Já não está doendo meu...

— Bom... bom... — interrompeu Serena. — Não precisa ser tão claro. Pra mim basta saber que você está melhor. — E, enrugando a testa, confessou: —

Tenho uma filha extremamente bruta. Peço desculpas por ela. Não sabia o que estava fazendo.

— Discordo, Serena — cortou Michael. — Acho que ela sabia, sim, o que estava fazendo e foi me acertar onde mais dói.

Com um sorriso dócil, ela olhou para ele.

— Você também a acertou onde mais dói.

— Deus me livre bater numa mulher — disse Michael, sem entender o comentário de Serena.

— Não falo de agredir fisicamente — reagiu Serena. — Falo que você tocou na ferida. E a ferida da Terry é no coração. E você, ontem, com sua impulsividade, acabou roubando o coração dela.

— Mas essa fera tem coração? — brincou Michael.

— Segundo a mãe dela, sim — cochichou Sam, divertindo-se.

— Minhas filhas têm corações incríveis que só batem quando vocês estão por perto. E sei bem o que estou falando. Sou a mãe delas e conheço as duas como ninguém.

Sam e Michael se olharam espantados, embora secretamente satisfeitos com o que estavam ouvindo. Logo se sentaram na cama e se puseram a escutar tudo o que Serena viera lhes dizer.

— Quanto a você — continuou, apontando para Michael —, acha que nunca reparei nas faíscas que saem entre vocês dois sempre que estão juntos?

— Serena — Michael começou a dizer —, eu acho que...

— Espera, Michael, ainda não terminei. — Ele se calou, deixando que ela prosseguisse. — Ontem à noite vocês me confirmaram o que eu passei anos desconfiando. E olha, filho, tenho que reconhecer que te adoro, como sempre adorei o Sam. — Os dois sorriram feito bobos. — De todos os homens que já cercaram a Terry, você é meu preferido, porque sempre cuidou dela e se comportou como um cavalheiro, deixando ela decidir o que queria fazer... e, sinceramente — cochichou, pegando a mão dele —, não sei como você pôde aguentar ver a Terry com um monte de idiotas. O que houve entre vocês ontem à noite é o que deveria ter acontecido há muitos anos. Minha filha te adora e você adora ela. E o amor, pra que seja bonito e verdadeiro, tem que ter

paixão e loucura. E isso, garotão, vocês têm de sobra. Então só me resta perguntar: o que você vai fazer agora?

Boquiaberto, Michael olhou para Sam e, dando de ombros, respondeu, confiante de que aquilo era o melhor a se fazer:

— Nada, Serena. Não vou fazer absolutamente nada.

— Nada? — repetiu ela, assombrada. — Mas, rapaz, você não entendeu o que eu disse?

— Entendi muito bem — respondeu Michael. — Mas as coisas não são tão fáceis quanto você pensa. Com a Terry, não. — A mulher suspirou. — Você tem razão em tudo. É verdade que sempre saíram faíscas quando eu e Terry simplesmente nos olhávamos. Mas ontem rolou um curto-circuito tão grande que o melhor, no momento, é que a gente não se veja.

— Mas, filho, eu acho que...

— Serena, agora deixa que eu falo, ok? — Ela moveu a cabeça num gesto afirmativo e ele continuou: — Ontem à noite eu deixei bem claro pra sua filha o que eu sentia por ela. Mas você e metade do auditório puderam ver a reação dela. Portanto, e como não estou disposto a receber nenhuma outra *carícia*, vou pegar um avião, voltar pra minha casa e seguir com minha vida. E, se a *Dona Emburrada* — Serena não conseguiu reprimir o riso diante de um apelido como esse — quiser alguma coisa, é ela que vai ter que correr atrás. E pode ter certeza, Serena, de que se ela vier me procurar eu não vou dar um chute nela, como ela fez comigo. Ao contrário, vou demonstrar do que sou capaz para fazê-la feliz.

— Como você é romântico... Que brega! — debochou Sam.

E Serena não resistiu e fez um carinho em seu braço antes de se manifestar.

— Não concordo, Michael, mas não vou me meter na relação de vocês. Já falei que vocês dois são uns idiotas, mas enfim... — E, ao ver a cara de Sam, perguntou: — E você, está rindo do quê? Também vai embora pra casa e não vai fazer nada?

— Serena, se o Michael decidiu fazer as coisas desse jeito, eu respeito ele. Já é bem crescidinho e sabe muito bem como deve levar a vida.

Ela não conseguia acreditar no quão estúpidos todos os homens podiam ser em matéria de amor.

— Não estou falando da vida do Michael, ô cabeça-dura — Serena o repreendeu. — Estou falando da *sua* vida. Vocês têm que agir como homens, não como crianças, se é que vocês ainda não entenderam. Sam, repito, estou falando da *sua* vida, querido — acrescentou, desesperada.

Claro que ele havia entendido desde o início, mas não estava a fim de falar sobre isso.

— Escuta, Serena, se tem algo que aprendi nesse tempo é a aceitar as coisas como são. E, nesse caso, não existe outra saída.

— Michael, querido, pode me deixar a sós com o Sam um minutinho? Preciso falar com ele em particular.

Ele fez que sim com a cabeça e se levantou, mas Sam o agarrou pela mão e o fez sentar de novo. E, olhando para Serena, esclareceu num tom ríspido:

— Não tenho segredos com ele. No passado eu cometi o erro de fazer isso, mas já aprendi a lição. Serena, se você quiser falar, vai em frente, mas meu irmão continua aqui.

Michael olhou para ele. Era a primeira vez que falava naquele tom com Serena, e ela não se intimidou e prosseguiu:

— Muito bem, garotão. Vamos conversar, então. Minha primeira pergunta é: por que não existe uma solução pro relacionamento com a minha filha?

— Porque aconteceu uma coisa que impede que haja uma solução — respondeu.

— Essa resposta não vale, Sam.

Ele não entendia aonde ela queria chegar.

— Desculpa, Serena, mas acho que você está se metendo num assunto particular — disse Sam.

— Nem você nem seu tom de voz me impressionam. Te fiz uma pergunta e não saio daqui enquanto você não responder.

Após trocar um olhar de incredulidade com seu irmão, Sam falou, irritado:

— Fui infiel à sua filha. Mantive uma relação extraconjugal e tive dois filhos. Por isso não tenho como voltar atrás. Agi como um verdadeiro canalha e

humilhei a Kate. O que mais você quer que eu diga?

— Você perdoou a Kate em outro momento — respondeu ela, para sua surpresa.

— O que foi que você disse? — Sam não sabia como interpretar aquilo.

— Que em outro momento você perdoou minha filha, inclusive a ajudou e, graças ao seu carinho e à sua perseverança, vocês dois seguiram em frente.

Sam não podia acreditar que Serena também sabia o que havia ocorrido e, quase sem fôlego, murmurou depois de trocar um olhar com Michael:

— Não estou entendendo o que você quer dizer. Seja mais precisa, por favor.

Serena se levantou da cadeira e sentou ao lado dele.

— Sam, nunca te falei nada, mas eu sei tudo o que aconteceu. Sei que a Kate, durante um tempo, teve um caso com outro homem e ficou grávida dele. Sei que resolveu fazer um aborto e teve complicações e precisou ser internada no hospital. — Sam a olhou confuso, mas ela continuou: — Também sei que, infelizmente, aquele aborto impediu vocês de terem mais filhos. E que você, apesar de todo o mal que minha filha te fez naquele momento, perdoou e seguiu em frente. E, claro, sei que você escondeu o problema pra que a gente não soubesse a verdade.

— Serena, você não deveria saber disso — murmurou, confuso.

Com carinho, ela passou a palma de sua mão pelo cabelo molhado de Sam.

— Eu me interei de tudo, mas não disse nada por egoísmo, por minha filha. Sou a mãe dela e você é o melhor homem que ela teve e jamais terá.

Nesse momento, Serena perdeu a compostura e começou a chorar. Sam a abraçou, enquanto Michael corria até o banheiro para pegar lenços de papel. Quando se acalmou, Serena continuou:

— Nunca tive a chance de te agradecer por continuar ao lado dela. E nunca vou poder te agradecer por amar tanto a Kate quanto você amou e ainda ama.

— Quem te contou foi a própria Kate? — perguntou ele, aturdido.

— Não. Ela não sabe que eu sei.

— Então, quem foi?

Depois de assoar o nariz e beber o copo d'água que Michael lhe deu, ela respondeu:

— Bom, eu fiquei sabendo meio por acaso. Num dos dias que fui visitar a Kate no hospital, encontrei uma amiga e ela me disse que sua filha trabalhava lá. Como a Kate estava muito fraca, pedi à minha amiga pra falar com a filha dela e se informar se estava acontecendo alguma coisa. E, bem...

— Caramba... — sussurrou Michael, entregando a ela outro lenço de papel.

— Minha amiga disse pra eu não me preocupar. Que, graças à intervenção do doutor Sceller, a Kate não tinha nenhuma outra sequela além de não poder mais ter filhos, apesar de terem agido como carneiros com ela na clínica onde fez o aborto.

— Sinto muito, Serena. Deve ter sido horrível saber as coisas dessa forma — disse Michael, abraçando-a.

— Pois é — concordou ela. — Foi um desgosto muito grande, mas, apesar de ter ficado sabendo, decidi não abrir a boca.

— Como você se inteirou do resto da história? — perguntou Sam.

— Uma noite, adormeci na poltrona da sala de jantar. Você e a Kate desceram até a cozinha e eu acordei ao ouvir minha filha soluçando e te contando a verdade. Escutei tudo, Sam. Foi sem querer. E juro que naquele momento, ao ver sua reação com minha filha, tive a certeza de que você era o melhor homem que poderia passar pela vida dela. — Sam se emocionou com o comentário e deu um beijo em Serena, e ela prosseguiu: — Por isso, e apesar de ter ficado muito triste ao saber que você foi infiel, refleti bastante e entendi sua situação também. Sei que, depois do aborto, a Kate se afastou um pouco de você. Ficou mais fria e reservada. Vi seu sofrimento, garotão. Em silêncio, eu percebia sua dor só de te olhar. Sentia que você precisava que alguém te abraçasse e te beijasse. Mas eu não podia fazer nem dizer nada. Achava que aquele segredo deveria permanecer entre vocês dois.

— Foi difícil, Serena — disse Sam, comovido. — E, mesmo que pareça duro dizer assim, admito que, sem querer, acabei conhecendo uma pessoa que me deu carinho sem pedir nada em troca. Agi mal, reconheço isso e vou pagar pelo meu erro o resto da vida. Mas adoro meus filhos, Serena. Todos os quatro. E eles não têm por que pagar pelos erros dos pais.

Emocionado e em silêncio, Michael apenas observava a cena. Sam assumia seu erro, inclusive o aumentava ao incluir Sasha na história.

— Por isso não entendo por que minha filha não o perdoou. Por acaso ela esqueceu que você a perdoou? — insistiu Serena, pegando a mão de Sam.

Cheio de tato, Sam tentou explicar.

— Não, ela não esqueceu. Pode ter certeza disso, Serena. A Kate foi fantástica comigo e com as crianças. Mas às vezes a vida não permite que aceitemos certas coisas, e eu tenho que me conformar com a decisão dela.

— Mas, Sam, pra você também foi difícil.

— É, foi. Mas, no caso da Kate, foi algo que passou e que achávamos que só eu e ela sabíamos, enquanto no meu caso há duas crianças no meio da história, e isso muda tudo.

— Muda o quê?

— Ué, Serena — disse Sam —, tudo. Acho estranho essa pergunta vir logo de você, que é a mãe da Kate e deveria estar do lado dela, não do meu.

— Eu estou do lado dela, Sam — falou Serena. — Mas deixa eu te fazer outra pergunta. Se minha filha não tivesse feito o aborto e o pai da criança tivesse desaparecido, deixando ela sozinha e desamparada naquele momento, exatamente como fez, o que você teria feito? Continuaría casado com ela e aceitaria aquele bebê ou teria se separado dela?

Ele nem pensou duas vezes. A resposta era bem clara.

— Teria continuado com ela e criado o bebê como se fosse meu filho. Toda criança merece o calor e o afeto de uma família.

Após alguns segundos de silêncio, em que os três tentavam controlar as emoções, Serena prosseguiu:

— Quero que você saiba que a Kate continua te amando. Eu tenho certeza disso. — E, olhando para Michael, acrescentou: — E também posso te garantir que a Terry está apaixonada por você.

— Acho que você se engana — disse Sam, sorrindo com tristeza. — A Kate só tem carinho por mim, e ontem à noite eu pude comprovar isso.

Ao escutar isso, Serena abriu um sorriso e esclareceu:

— Se você está dizendo isso por causa do Jack, te garanto que minha filha não está nem aí pra ele, do mesmo modo que a Terry não dá a menor bola para o Gary. — Beliscou os braços deles e insistiu: — Elas só se importam com

vocês. Por isso eu vou perguntar de novo: o que vocês vão fazer com as suas vidas, hein, garotões?

Michael e Sam se olharam. Ver os fatos da forma como Serena estava vendo era maravilhoso, mas os dois sabiam a realidade. E a realidade começava com a constatação de que aquelas relações eram difíceis e terminava com a convicção deles de não querer morar em Nova York outra vez.

— Serena — respondeu Sam —, o que vamos fazer com nossas vidas é tentar vivê-las da melhor maneira que sabemos. E essa maneira é pegando um avião que sai daqui a três horas e voltando pra nossa casa.

Desesperada, Serena levou as mãos à cabeça.

— Homens... Homens... Que cabeças-duras vocês são... — E, ao ver que sorriam, disse entredentes: — Como diz minha neta, que babacas!

— Vou lavar sua boca com sabão agorinha — brincou Michael.

— Serena! — exclamou Sam, em meio a risadas. — Qual neta disse isso?

Ao se lembrar da conversa que tivera com Ollie na noite anterior, ela comentou, ajeitando o cabelo:

— Conto o milagre, mas não revelo o nome do santo. — E então se levantou e pegou sua bolsa.

— Já está de saída? — perguntou Michael.

Acariciando o rosto dele, ela respondeu:

— Estou. Já falei pra vocês tudo o que eu tinha pra falar.

Enternecido pelo carinho que ela sempre demonstrava a eles, Sam disse:

— Se você esperar a gente se vestir, podemos te dar uma carona de táxi.

— Não precisa. Ainda sei voltar sozinha. Além disso, assim posso dar uma caminhada.

Ficando na ponta dos pés, deu um beijo na bochecha de Michael, e ele a abraçou com ternura.

— Tchau, garotos. Boa viagem. E espero ver vocês em breve.

— Claro. E escuta... você pode nos fazer uma visitinha quando quiser. Nossa casa é sua, não se esqueça disso.

O convite a deixou emocionada. Mesmo com o passar dos anos, aqueles dois continuavam sendo os bons meninos que ela conheceu.

— Tá bom — disse, sorrindo. — Quando as meninas forem, pode ser que eu me anime e vá com elas passar alguns dias. Assim vou conhecer esses pequerruchos.

Sam vibrou. Tinha certeza de que Serena iria se encantar com seus filhos.

— Ótimo. Eu e Michael adoráramos.

— Eu sei, garotão — respondeu, abraçando-o. Depois deu um beijo de despedida e falou: — Façam uma boa viagem e não esqueçam que eu amo vocês.

Dito isso, foi embora. Quando os dois ficaram sozinhos no quarto, Michael tentou animar o irmão, ao ver sua cara desconcertada:

— Vem... a gente precisa se arrumar. Temos duas crianças esperando a gente em Oahu.

Depois de sair do hotel, Serena foi caminhando tranquilamente até o Central Park, onde pegou um táxi que a levou de volta para casa. Ao chegar, encontrou Ollie sentada no sofá da sala. Vendo sua avó arrumada ao meio-dia, ela se levantou depressa e perguntou:

— Vó, aconteceu alguma coisa?

— Por que teria que ter acontecido alguma coisa? — E, depois de ter certeza de que não havia ninguém além delas, explicou: — Fui ver seu pai e seu tio.

— Sério? — perguntou a menina. A avó confirmou com a cabeça. — Então me conta: como eles estavam?

Ela se sentou ao lado de sua neta e disse:

— Parecem cansados. Devem ter ido dormir muito tarde. E estão emocionalmente abatidos.

— Pois é, vó, eu te falei. Ontem à noite deu tudo errado. Tadinho do tio Michael. Que joelhada horrível ele levou da tia. E fiquei com pena do papai quando ele viu a mamãe indo embora com o Jack.

Serena sorriu, convencida de que a história daqueles quatro ainda não tinha acabado.

— Não se preocupe. Esses ciúmes podem ajudar.

— Vó!

— Acredita em mim — disse ela, achando graça. — Deixa eles sofrerem mais um pouco e você vai ver como vão voltar rapidinho.

— Você acha, vó? — perguntou, boquiaberta.

— Ah, sim... claro que acho.

— Mas se isso não acontecer? E se depois de ontem cada um decidir seguir sua vida?

Com um olhar malicioso, Serena riu.

— Não se preocupe, querida. A gente vai ter alguma ideia.

— Ai, vó, você é terrível. Está pensando em quê?

Aproximando-se dela, Serena cochichou:

— Por enquanto, ninguém precisa saber que eu encontrei os garotos hoje de manhã. E daqui a alguns dias você fala com seu pai e diz a ele que quer passar as férias de verão em Oahu. Com certeza a Cat vai querer ir também e, claro, eu mesma vou junto com vocês, porque eles me convidaram. Então só vai ficar faltando a gente inventar alguma coisa pra convencer sua tia e sua mãe a irem também.

Nervosa e empolgada, Ollie achou ótima a estratégia de Serena.

— Você é genial, vó. Genial! Essas ilhas são maravilhosas para as pessoas se apaixonarem — disse Ollie, abraçando a avó.

Nesse momento ouviram as vozes de Terry e Kate. Serena se levantou e cochichou de novo:

— É o que ouvi dizer, querida. Sabe como é, né? Se a montanha não vai a Maomé...

— Maomé vai à montanha — terminou Ollie, num fiapo de voz.

Animada com os planos que tinham em mente, Serena se virou para ver suas filhas e cumprimentou com alegria:

— Bom dia!

— Só se for pra você — murmurou Terry.

— Nossa, pelo visto você não está de bom humor hoje — respondeu com um sorriso que irritou sua filha.

Kate, que, em vez de ter se acalmado depois dos acontecimentos da noite anterior, estava ainda mais irritada, alfinetou com uma expressão indecifrável:

— Humor?... Humor? Só se for o seu, mãezinha. — E, dirigindo-se à sua filha, ordenou: — Ollie, pode nos deixar um minutinho a sós com a vovó?

Serena olhou para sua neta e, após um movimento de cabeça, a menina se levantou.

— Tá bom.

Depois que Ollie saiu, Serena perguntou sem hesitar:

— O que houve, querida?

Postando-se diante dela, Terry a repreendeu:

— O que houve é que a gente gostaria de saber por que ontem à noite você mandou o Gary e o Jack ficarem agarrando a gente daquela maneira. O que deu em você, mãe? Você quer complicar ainda mais as coisas?

— Do que você está falando? — perguntou inocentemente, enquanto observava sua neta Ollie escondida atrás da porta.

— Mãe, por favooooooooor — protestou Kate.

— Olha só, mãe — gritou Terry, mais temperamental que a irmã —, você nunca se meteu na minha vida e não é agora que eu vou deixar você começar. Menos ainda quando se trata daqueles vermes imundos de quem eu prefiro nem citar os nomes.

— Está se referindo ao Sam e ao Michael? Tadinhos. Não chama eles assim.

— Mãe, de que lado você está? — disse Kate, que não estava entendendo nada.

Serena ia responder quando Terry, retirando o cabelo ruivo do rosto, vociferou:

— Que história é essa de querer ver a reação do Michael? Você ficou louca, mãe? Não lembra tudo o que aconteceu? E não percebe que, agindo assim, a única coisa que você faz é prejudicar a gente? Ai, mãe! Eu nunca teria imaginado que você seria capaz de uma coisa dessas. Nunca!

Teatralmente, Serena tirou um lenço do bolso de seu casaco e, fazendo cara de triste, disse num tom de gemido:

— Minhas filhas, vocês têm razão e eu sinto muito. Sei que agi mal, mas... mas não podia ter feito outra coisa.

Ollie estava atônita e mal podia acreditar no quanto sua avó era boa atriz.

— Como assim não podia ter feito outra coisa?

— Ah, mãe, claro que você podia ter feito outra coisa — replicou Terry, cada vez mais furiosa. — Podia ter se mantido fora disso, como sempre fez.

Serena desatou a chorar copiosamente, diante dos olhares perplexos de suas filhas e sua neta.

— É que... — disse em meio aos soluços — é que eu não podia suportar ver os dois chegando tão bem acompanhados por aquelas mulheres lindas, e vocês...

Mas não completou a frase. Continuou chorando enquanto Ollie teve que tapar a boca para não soltar uma enorme gargalhada. Sua avó era uma figura!

Kate e Terry se olharam alarmadas. Sua mãe nunca havia chorado desse jeito.

— Vem, mãe, não fica assim. Por favor, não chora — disse Kate, tentando acalmá-la.

Mas Serena, liberando toda a sua veia interpretativa, enxugou os olhos e disse:

— Eu queria que eles vissem como vocês estavam lindas mesmo sem eles. Principalmente, queria que vissem que homens do porte de Jack e Gary ficam loucos por vocês. Ou por acaso vocês acham que pra mim foi fácil ver os dois acompanhados por aquelas moças, enquanto minhas filhas, minhas lindas filhas, estavam sozinhas? — E, depois de um profundo suspiro de lamento, prosseguiu: — Não. Eu não pude resistir. Quis mostrar pra eles que vocês valem muito mais que aquelas duas.

Comovida, Terry sorriu e se sentou ao seu lado para abraçá-la.

— Mamãe, mamãe... você é cheia de surpresas — murmurou.

Kate se acomodou do outro lado de Serena e, passando os braços em torno dos ombros dela, disse:

— Mãe, pelo amor de Deus, não chora. Fica calma, senão a pressão vai subir. Pra gente não faz diferença o que eles veem ou deixam de ver. Eu e a Terry somos felizes assim, com você e com as meninas. Sério, mãe, não se preocupa.

Abraçada às filhas, Serena piscou um olho para Ollie, que se divertia com aquela cena. Depois de alguns segundos, ela se desvencilhou do abraço e, levantando-se, murmurou com voz trêmula:

— Minhas filhas, me desculpem. Prometo que não vou mais interferir na vida de vocês.

Terry a beijou com amor. Sua mãe era maravilhosa.

— Aliás, de onde você vem tão linda e arrumada a essa hora?

Serena teve que conter o riso.

— Fui à igreja. Não consegui dormir direito, pensando no que fiz. E agora, com licença, mas preciso subir para o quarto e descansar um pouco até a hora do almoço. Estou exausta.

— Isso, mãe — disse Kate. — Sobe e tira um cochilo. E, de verdade, não precisa se preocupar com nada.

Com o rosto ainda abatido pelo choro, Serena foi embora. Quando as irmãs ficaram sozinhas, Terry murmurou:

— Cá entre nós, a mamãe é imprevisível. Você acredita que ela veio da igreja mesmo?

— Olha, Terry, minha cabeça está doendo tanto que pra mim tanto faz de onde ela veio. O importante é que já sabemos por que a mamãe agiu daquela forma. Ai, me dá até pena...

— Tadinha da mamãe. Como está sofrendo!

Enquanto isso, Serena ria escondido com sua neta Ollie no caminho para o quarto.

— Vó, você é melhor que a Bette Davis. Que drama! Que força! Depois desse desempenho, você merece um Oscar de melhor atriz.

Achando graça do comentário de Ollie, Serena respondeu, baixando a voz:

— Tá bom, tá bom, sua atrevida. Agora você já sabe: fica de bico calado pra gente poder levar nosso plano adiante.

— Às suas ordens, Bette Davis.

Cinco minutos depois, as duas, reunidas no quarto de Serena, pensavam em qual poderia ser o próximo empurrãozinho.

## Capítulo 28

Passado um tempo, Sam começou a planejar as férias de suas filhas. Mal podia acreditar que elas estariam perto dele em breve. Ollie já dissera que as duas morriam de vontade de ir, e Sam não perdeu tempo. Como Serena também se animou a viajar, ele falou com a sra. Talula, que aceitou alugar para eles a casinha ao lado. Era exatamente igual, mas tinha poucos móveis: apenas algumas camas que seus netos usavam quando iam visitá-la.

Sam ligou para suas filhas, que ficaram muito felizes com a notícia.

— Que legal, pai! — gritou Ollie. — Assim vamos ter mais espaço e poderemos almoçar e jantar juntos todo dia.

— Sim, princesa — disse, sorrindo e olhando para o mar. — O que a mamãe falou sobre a viagem?

— Por ela tudo bem. E até nos animou a te convencer a levar a gente pra conhecer algumas ilhas. — Sam sorriu. — Já a tia se irritou um pouco com a vovó. Não entendeu por que ela iria com a gente. Mas depois conversou com a mamãe e acho que agora está mais relaxada. Se bem que você sabe como ela é, né? Nunca se sabe...

— Não se preocupa. Isso vai passar. — Sam não conseguiu reprimir um sorriso. Podia imaginar o quanto Terry devia estar uma fera.

Quando Sam desligou o telefone, Michael apareceu pela porta, brincalhão como sempre.

— Queridinho. Já coloquei as crianças pra dormir. Enfim, sós! — disse, mas, ao olhar para seu irmão, perguntou: — Por que está com essa cara tão séria?

— Acabei de falar com a Ollie pra contar sobre a casa que vamos alugar, e ela ficou superfeliz.

— E por que você está com essa cara, então?

— Não sei... — suspirou Sam. — Talvez seja pela vontade enorme que eu tenho de ver as duas e abraçá-las.

Michael se apoiou no batente da porta.

— Só elas?

— Engraçadinho... — disse Sam, bufando. — Pois fique você sabendo que a Kate está adorando a ideia de as meninas virem passar uns dias aqui com a gente, mas não posso dizer o mesmo da sua doce e encantadora Terry.

Michael esboçou um sorriso triste ao se lembrar daquela mulher que por tantas noites tirava seu sono.

— Ué, Sam, já era de se esperar isso da parte dela. Sua cunhada continua como sempre. Não mudou nem um tiquinho. Ainda é uma autêntica barraqueira.

Abatido, Michael deu meia-volta e foi para o seu quarto. Fechou a porta e deitou na cama, preparado para passar por mais uma daquelas intermináveis noites, em que a lembrança e o perfume de Terry inundariam sua mente e seu corpo.

Finalmente chegou o dia. O avião aterrissou na hora prevista e Sam ficou radiante quando os portões do desembarque se abriram e suas filhas apareceram junto com a avó.

— Papai! — gritou Ollie, empolgada. — Estamos aqui!

— Papai! — exclamou Cat, enquanto Serena sorria diante da alegria de suas netas ao verem Sam.

Foi correndo na direção delas e as abraçou eufórico.

— *Aloha*, princesas! Que bom que vocês estão aqui!

— E eu? Ninguém vai me abraçar, não? Sou invisível? — disse Serena.

Sorrindo, Sam se virou para ela, deu-lhe um abraço afetuoso e sussurrou num tom brincalhão:

— Mas como você é ciumentinha. *Aloha*, Serena. Bem-vinda à minha terra.

A mulher sorriu, desvencilhou-se dele e perguntou, olhando para os lados:

— Cadê meu outro garotão?

— Está em casa esperando a gente — respondeu Sam.

— Deve estar com a Sasha e o Tommy — disse Ollie tranquilamente.

— Sim, querida, ele está com eles — confirmou seu pai, pegando a mala de Serena.

— E por que não vieram? — perguntou Cat.

— Bom, porque... — começou a dizer Sam, mas Serena o interrompeu.

— Meninas, deixem de perguntas e não vamos perder mais tempo aqui. Aliás, Sam, preciso ir à farmácia. — E, ao ver uma ali mesmo no aeroporto,

disse, dando dinheiro às suas netas: — Vão até lá e comprem o remédio pra enjojo, por favor.

Quando as meninas se afastaram, Sam fez menção de dizer algo, mas Serena se antecipou.

— Por que Michael e as crianças não vieram? Você vai escondê-los enquanto eu estiver aqui? Porque, se for assim, garotão, juro que pego o primeiro avião de volta a Nova York.

— Não. Não é isso — disse Sam, sorrindo, ao se dar conta de que ela o repreendia como no passado. — É só que eu não sabia se devia trazê-los ao aeroporto. Eu estava inseguro em relação a isso.

— Pode ir perdendo essa insegurança, Sam. Eu vim pra cá já sabendo da realidade.

— Tudo bem... tudo bem — disse ele. — Não se preocupa. Eu não vou mais ficar inseguro em relação a isso.

— Sam, acho que, depois de tudo o que aconteceu, as coisas ficaram claras entre a gente e...

— Tem razão — interrompeu ele e, para mudar de assunto, cochichou: — Por sinal, já comentei que você está linda hoje?

Isso lhe trouxe recordações. Era uma brincadeira a que Sam havia recorrido mil vezes quando queria encerrar qualquer leve discussão entre eles.

— Não começa, vai, seu puxa-saco — respondeu Serena, rindo. — Olha lá, as meninas estão vindo.

— Estamos aqui — disse Cat. — Toma, vó, seus comprimidos.

— Obrigada, querida. Resolvi comprar só por via das dúvidas — disse, enquanto passava pela porta junto com Cat.

Ollie ficou ao lado de seu pai e, surpreendendo-o como sempre, sussurrou:

— Imagino que a vovó já tenha te passado o sermão dela, né?

Sam achou graça do comentário da filha: ela conhecia muito bem Serena.

Quando chegaram à casa alugada para elas, ele desligou o motor do carro. Mas, depois de pensar por alguns segundos, resolveu ligá-lo de novo e foi para a casa

ao lado. Ollie foi a primeira a descer do automóvel e correr para dentro, seguida por uma tímida mas curiosa Cat, enquanto Sam ajudava Serena a descer.

— Pensei em parar aqui primeiro pra você ver o resto da família antes de irmos pra casinha que aluguei pra vocês.

— Ótimo. Assim que eu gosto. Sem hesitar.

Sam sorriu e, pegando-a pelo braço, andou até o interior da casa. O que Sam não desconfiava é que Serena estava muito nervosa. Iria conhecer o motivo da separação de Sam e sua filha, mas era tão boa atriz que ninguém se deu conta disso. Ao entrar naquela casa agradável, luminosa e acolhedora, seu olhar percorreu todos os cantos.

— Devem estar na parte de trás. Na praia — disse Sam.

Sem deixar de olhar ao redor, Serena parou no meio da sala.

— Que casa maravilhosa. É exatamente como vocês descreveram — disse com sinceridade ao se lembrar das vezes que havia escutado falar daquele lugar.

Sam também olhou em volta e fez que sim com a cabeça.

— Pra mim e para o Michael, essa sempre foi nossa casa. Nosso ponto de referência.

Nesse momento apareceu Michael.

— Serena, finalmente você chegou! — disse, abraçando-a.

— Como você está, querido?

Com um amplo sorriso que a emocionou, ele respondeu:

— Melhor agora que você está aqui.

Comovida com aquele encontro caloroso, a mulher murmurou com os olhos cheios d'água:

— Fico feliz em ver que certas coisas nunca mudam.

— Pra você, nunca mudarão.

— Obrigada, garotão — disse e, enxugando as lágrimas, acrescentou: — Eu estava dizendo ao Sam que a casa é maravilhosa. Que ótima luz vocês têm aqui e como ela é harmoniosa.

Michael olhou de um jeito cúmplice por cima dos ombros de Sam e murmurou:

— É nosso ninho de amor. Um lugar muito especial.

Serena caiu na gargalhada com aquele comentário.

— Onde estão as crianças? — perguntou com curiosidade, olhando mais uma vez ao redor.

— Estão falando com a Ollie e a Cat. Vem, vou te apresentar a elas — disse Michael e, pegando-a pela mão, os três foram até a parte de trás da casa.

Assim que passaram pela porta dos fundos, Serena ficou maravilhada ao se ver diante de um mar incrível e cristalino. Mas seus olhos logo se dirigiram a um grupo de crianças que estavam num canto da praia.

— Ollie! — gritou Sasha, abraçando Ollie. — Que legal que você está aqui. Eu estava morrendo de saudade.

— Eu também, linda. Tudo bem por aqui?

— Tudo.

— E a Rachel? Voltou a bater em você? — A pequena confirmou com a cabeça, e Ollie, franzindo a testa, murmurou: — Acho que vou ter que ir atrás dessa menina e dizer umas coisinhas a ela. — Ao ver que Sasha sorria, Ollie pegou sua irmã pela mão e disse: — Olha, Sasha, lembra que eu te falei que tinha uma irmã? — A menina balançou a cabeça, concordando. — Então, ela veio aqui conhecer você e o Tommy.

Com uma timidez pouco comum, Cat a cumprimentou:

— Oi, Sasha.

— Oi, Cat — respondeu ela, agarrou com força a mão de seu irmão e disse: — Esse aqui é o Tommy. Não fala muito porque é pequeno, mas também está feliz em te conhecer, assim como eu.

Cat se aproximou, deu um beijo na bochecha dele e o garoto sorriu.

— Oi, Tommy — falou e, olhando de novo para a menina, perguntou: — Posso te dar um beijinho também?

Sasha não hesitou e, antes que Cat fizesse qualquer movimento, ela mesma se atirou em seus braços e deu um beijo estalado.

— Quer ser minha irmázinha e do Tommy?

Emocionada, Cat olhou para Ollie, que deu de ombros, e respondeu:

— Claro que quero.

Nesse momento, a menina deu uma risada e, com cara de sapeca, cochichou:

— Você vai ver quando o tio Michael ficar sabendo. Outra menina!

Depois desse comentário de Sasha, entraram felizes na casa, alheias aos olhares atentos de Sam, Michael e Serena. Quando notou a presença deles, Sasha perguntou:

— Quem está com o papai e o tio?

— É a vovó. Ela veio com a gente — respondeu Ollie.

— Que bom! — disse a menina, pondo-se a correr na frente delas.

A partir da casa, dava para ver as meninas se aproximando e Sasha vindo até eles. Ao chegar diante dos três, ela parou de repente, olhou fixamente para Serena e disse:

— Oi. Eu sou a Sasha e esse que está vindo com minhas irmãs é o Tommy, meu irmãozinho.

Agachando-se para ficar na altura da menina, Serena respondeu:

— Oi, Sasha. — E, colocando a mão no rostinho dela, murmurou: — Você é muito linda, sabia?

— Sabia. Meu pai fala isso — respondeu, sorrindo. — Diz que eu pareço a mamãe. Ela era muito bonita.

Sam fechou os olhos e esperou o desastre. Mas Serena o surpreendeu ao responder:

— Não duvido, querida. Então, só pra confirmar, você é a Sasha e esse rapazinho que vem nos braços da Ollie é o Tommy.

— Isso. Olha só...

Ao imaginar o que a menina ia perguntar, Sam murmurou enquanto a pegava pela mão:

— Sasha, fica quietinha, querida.

— Deixa ela falar, Sam — replicou Serena, olhando-a nos olhos. — Diga, meu amor, o que você ia perguntar?

Ao ver a agonia de Sam, Michael pegou a menina nos braços para dar uma mãozinha a ele.

— Xiiii... Serena, você não a conhece. Quando começa a perguntar, ela não para, e você ainda vai ficar muitos dias aqui na ilha. Então é melhor que ela não te encha de perguntas logo no início.

Naquela noite, jantaram todos juntos um churrasco que fizeram nos fundos da casa. Foi uma noite bem agradável, na qual voltaram a ser uma família, embora faltassem alguns membros dela.

## Capítulo 29

Nos três primeiros dias, todos aproveitaram a praia, o sol e o mar. Pareciam felizes e, como Sam e Michael imaginavam, Serena aceitou as crianças com o maior carinho e sem nenhuma restrição, e sempre que podia brincava com elas. Rapidamente decorou o suco preferido de Sasha e a melhor maneira de botar Tommy para dormir. Como sempre, Serena ajudava em tudo e tê-la por perto facilitava a vida deles.

Uma noite, enquanto Sam lia uma historinha para sua filha antes de dormir, ela o interrompeu com uma de suas perguntas inesperadas:

— Papai, você acha que a Serena gostaria de ser minha avó?

*Eu, sabia, querida. Sabia que mais cedo ou mais tarde você perguntaria isso,* pensou Sam e deixou o livrinho sobre a cama.

— Você já tem uma vovó, princesa.

— Não, papai. Ela foi para o céu junto com a mamãe.

Com dor no coração, Sam moveu a cabeça num gesto afirmativo.

— Eu sei, querida, mas ela era sua vovó — disse e, pegando o livro de volta, acrescentou: — Deita. Fecha os olhinhos e tenta dormir.

— Mas, papai, eu quero ter uma avó como a Ollie e a Cat. Por que eu não posso?

Engolindo com dificuldade, Sam repetiu:

— Sasha, você tem uma avó. Mas ela está no céu, junto com a mamãe, vendo tudo o que você faz aqui.

— Isso eu já sei — insistiu a menina, que pegou a foto que ficava na sua mesinha de cabeceira e disse: — Eu sei que minha mãe e minha avó são essas, mas eu queria ter uma mãe pra me abraçar e me fazer sanduíches de queijo e

uma avó pra me dar beijinhos e me comprar sorvete. Ollie e Cat têm. Por que eu não?

— Escuta, querida — respondeu Sam, cada vez mais encurralado pelas insistentes perguntas da menina. — Serena te adora e vai te dar todos os beijinhos que você quiser, mas ela não é sua avó e...

— Mas de repente, se eu perguntar, ela vai dizer que sim — interrompeu, sem se dar por vencida. — Ela é muito legal comigo e talvez vá gostar da ideia.

Confuso, Sam largou o livro e, tentando não ser muito duro com uma criança tão pequena, respondeu:

— Olha, Sasha, não acho uma boa ideia. Você é muito nova para entender certas coisas, mas eu sou seu pai e preciso que você confie no que eu te digo. Não pergunte mais nada, por favor. Promete?

Serena podia ser uma mulher adorável, mas aquilo tudo lhe parecia excessivo.

— Mas, papaaaaaaai... — queixou-se a menina.

— Princesa, a Serena te adora. Posso garantir que ela vai brincar contigo, vai comprar um monte de sorvete pra você e vai te dar mil beijos e abraços, mas, por favor, promete pra mim que não vai pedir isso a ela.

A cara séria de seu pai, somada às lágrimas que ela viu brotar nos olhos dele, fez a menina finalmente concordar.

— Tá bom, papai.

Sam a abraçou e a beijou na cabeça com ternura. Apesar de estar cercada de pessoas que a amavam, a menina sentia falta do que nunca poderia ter e isso afligia seu coração. Do outro lado da porta, Michael havia escutado a conversa entre pai e filha e não pôde deixar de suspirar ao ver Sam encolher-se de tristeza, então voltou ao seu quarto sem dizer nada.

No dia seguinte, lá pelas onze da manhã, estavam quase todos pegando sol na praia. Fazia um dia bonito, mas ventava, por isso a praia logo se encheu de surfistas.

— Pai — disse Ollie. — Acha que posso entrar no mar hoje com vocês e com a prancha?

Ao ver a cara contrariada que Serena fazia, entendeu que ela não gostou muito da ideia.

— Nem pensar, querida. Hoje só as pessoas experientes vão poder surfar, e você, minha lourinha linda, ainda não sabe o suficiente pra conseguir se virar sozinha ali dentro.

Aliviada, Serena balançou a cabeça e disse:

— Tá vendo, Ollie? Como você é cabeça-dura!

A jovem ia protestar quando se ouviu a vozinha de Sasha.

— Ollie, vem brincar comigo na areia?

Depois de olhar para seu pai e sorrir, Ollie se levantou.

— Claro. Estou indo agorinha.

Sasha pegou seu balde e foi até a beira da praia. Mas parou no caminho para olhar seriamente na direção de Serena. Ao ver que a menina a observava, Serena sorriu. Segundos depois, a menina retribuiu o sorriso. Serena não podia ignorar o jeito como Sasha a olhava. Inclusive quando estava fazendo carinho em uma de suas netas, ela exigia sua atenção com os olhos ou com gestos. Sasha era uma menina muito carinhosa e precisava o tempo todo que alguém a abraçasse e, embora Michael e Sam lhe dessem muita atenção, a menina buscava Serena continuamente.

— Uau... uau... — brincou Michael, enquanto não perdia de vista o lugar para onde muitos outros surfistas olhavam. — Você viu a bunda daquela menina que está colocando um chapeuzinho no Tommy?

Sam dirigiu o olhar para onde Michael indicava. Junto a seu filho havia uma moça agachada com um minúsculo biquíni que mostrava mais do que escondia.

— Que visão incrível. — Sam riu, olhando descaradamente, assim como todo mundo.

De repente a menina se levantou, e qual não foi a surpresa deles ao ver quem era.

— Cat! — gritou assustado enquanto se aproximava dela correndo com uma toalha. — Como é que você sai de casa assim?

— O que é que tem, pai? — respondeu contrariada, sentindo-se glamorosa com aquele biquíni preto, os óculos Moschino e um chapéu de palha. — Pai, por favor, tira essa toalha de cima de mim agora mesmo.

— Mas você ficou louca? — repreendeu-a Michael, aproximando-se dela com outra toalha. — Como tem coragem de sair desse jeito?

Irritada com a implicância do seu pai e seu tio e a insistência deles em cobri-la com uma toalha, ela gritou, fora de si:

— Vocês estão doidos ou o quê? Nunca viram um biquíni?

— Você chama isso de biquíni? — exclamou Michael, perplexo, e ao ver uns caras olhando para ela, bradou: — E você aí... ou para de olhar pra minha sobrinha com essa cara ou eu parto pra cima de você!

— Tio Michael! — gritou Cat, envergonhada.

— Tirem os olhos de cima dela — bufou Sam, dirigindo-se a uns meninos. — Essa é minha filha e tratem de tomar muito cuidado.

— Pai! Tio Michael! — disse, furiosa. — Ou vocês tiram essas toalhas de cima de mim ou eu mesma tiro e vai ser pior. Isso aqui é um biquíni e não estou mostrando nada que as outras também não mostrem. Tirem essas toalhas agora mesmo ou eu não respondo por mim!

Aquele ultimato, somado à cara irritada que a jovem fazia, levou Sam e Michael a baixarem as toalhas para deixar passar uma deslumbrante Cat. Envergonhada por seu pai e seu tio, ela se sentou ao lado da avó e da irmã, que estavam morrendo de rir.

— Me sinto péssimo, Sam — sussurrou Michael, constrangido.

Sam não podia acreditar no que tinha acabado de acontecer.

— Como ela cresceu, né?!

— Ai, meu Deus, eu olhei pra bunda da Cat, minha sobrinha, de uma maneira indecente — disse, preocupado. — Me sinto péssimo — repetiu Michael.

— Se serve de consolo — sussurrou Sam —, eu olhei de maneira tão indecente quanto você, sem reparar que era minha filha.

Eles se entreolharam com expressão séria e, ao se darem conta do absurdo da situação, acabaram caindo na gargalhada, enquanto as meninas os observavam desconcertadas.

À tarde, após um maravilhoso dia de sol e praia, Serena comentou que queria ligar para suas filhas. Sam e Michael não hesitaram em oferecer o telefone de casa. Ela consultou o relógio, discou o número e calculou a hora em Nova York.

— Oi, Kate. Como você está, querida?

Ao reconhecer a voz de sua mãe, ela sorriu.

— Bem, mãe, e vocês? Como estão as coisas por aí? — respondeu, deixando-se cair no sofá ao lado da irmã.

Ao ver pelo canto do olho que Sam e Michael estavam atentos à sua conversa, respondeu em alto e bom som:

— Tudo ótimo, filha. Isso aqui é uma maravilha. A casa é uma beleza e o lugar onde os garotos moram é um paraíso.

Ao se lembrar com carinho daquela casa, Kate sorriu.

— Sim, mãe. Eu lembro que era um lugar muito bonito. Como estão as meninas?

— Ótimas. Hoje fomos à praia e eu fiquei vendo os garotos surfarem. Kate, você nunca me contou que eles eram tão bons nisso. Ai, mas que medo eu sentia cada vez que caíam! Parecia que iam quebrar a cabeça.

— Mãe, isso eu te disse há muitos anos. E pode ficar tranquila, porque o Sam e o Michael sabem se virar muito bem na água. Por sinal, como estão seus enjoos?

— Não senti mais nada. Acho que o clima aqui me faz superbem. Bom, e a Terry, por onde anda?

— Está aqui do meu lado. Espera, vou passar o telefone pra ela. Um beijo, mãe, e diz pras meninas que eu amo as duas.

— Tá bom, querida. Pode deixar que eu falo, sim.

Terry pegou o telefone que a irmã lhe estendeu e disse:

— Oi, mãe, tudo bem?

— Tudo ótimo, Terry — respondeu e viu que Michael ficou tenso. — Estou passando umas férias incríveis. Filha, esse lugar é um paraíso.

Terry não pôde reprimir um sorriso e murmurou para fingir que não estava se importando:

— Bom, não é pra tanto, mãe.

— É sim, filha — insistiu. — Isso aqui é maravilhoso. Sol, bebidas geladinhas e excelente companhia. Ai, filha, eu adoraria que vocês viessem passar uns dias com a gente. Seria ótimo, e acho que o ar daqui faria muito bem a vocês.

Michael ficou petrificado. Terry ali?

— Não acho que seja boa ideia, mãe — respondeu ela rapidamente. — O clima não está pra isso. Não faz sentido reunir todo mundo agora.

Serena sorriu e repetiu num tom claro e alto:

— Filha, pelo amor de Deus, não teria problema algum. Não acho que os garotos se importariam se você e a Kate viessem passar uns dias aqui. Quer que eu pergunte?

— Não.

— Tem certeza, filha? Olha que...

Terry se levantou do sofá de um salto, alarmando sua irmã.

— Não, mãe. A resposta é *não*.

— Tá bom, filha... tá bom. Não precisa ficar assim.

Michael sorriu ao imaginar a resposta e relaxou.

— Mãe, escuta — disse Terry, mais tranquila. — O importante é que vocês aproveitem e que voltem bronzeadas e descansadas.

— Combinado, filha — respondeu Serena e, ao ver que Sam e Michael tinham ido dar atenção às crianças, acrescentou: — Anotem esse telefone para o caso de precisarem de alguma coisa e os celulares não funcionarem.

Depois de ter certeza de que a filha tinha anotado o número, Serena se despediu dela e desligou.

— Hora de dormir — comentou Michael, levantando-se enquanto pegava Tommy nos braços e incentivava Sasha a dar boa-noite.

— Poxa, tio, só mais um pouquinho! — pediu a menina.

Michael coçou a barba que estava começando a crescer.

— Hummm, vamos ver, você quer que eu leia a parte da história em que a princesa lutava contra o duende verde e fedorento?

— Quero!

— Então, meu amor, você tem que deitar agora, porque se ficar tarde eu não vou poder ler.

— Tá boooooooooom — gritou Sasha, que numa fração de segundos desapareceu da sala.

Surpresa com o jogo de cintura de Michael para lidar com aquela situação, Serena fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Caramba, Michael, estou vendo que você leva jeito pra cuidar de crianças.

— Adoro cuidar desses diabinhos. E hoje eu fiquei de ler pra Sasha uma das histórias preferidas dela.

Sam, que entrava trazendo uma chupeta para Tommy, pegou o menino nos braços.

— Não sei o que faria sem o Michael. Ele cuida de todas as minhas necessidades — disse.

— De todas? — brincou Ollie.

Ao entender a piada de sua filha, Sam riu e Michael esclareceu, achando graça:

— Podemos dizer de quase todas, porque, acredite ou não, eu também ajudo seu pai a conhecer algumas garotas da ilha.

Ollie não gostou nem um pouco de ouvir aquilo, mas disfarçou.

— Aliás, são lindíssimas as moças da ilha — interveio Serena. — Não têm nada a ver com as meninas de Nova York. Fazem mais o tipo “beleza exótica”.

— Têm uns corpos incríveis — concordou Cat.

— São muito exóticas. Como eu! — brincou Michael, caminhando atrás de Sasha.

— Não. Você é um palhaço, isso sim — disse Serena.

— Disso não há a menor dúvida — concordou Sam.

— Por falar nas ilhas, podíamos ir amanhã fazer um passeio em Pearl Harbor e na praia de Waikiki. O que vocês acham? — sugeriu Ollie, tentando mudar de assunto.

— Ótimo! — respondeu Serena, entusiasmada.

— Então está combinado — confirmou Sam. — Amanhã vamos todos a Waikiki.

O passeio foi um sucesso. Primeiro foram a Pearl Harbor. Um lugar histórico onde, no dia 7 de dezembro de 1941, morreram 2.335 marinheiros americanos ao serem atacados de surpresa pelos japoneses. Em consequência daquele ataque, os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial.

Comovidos pela história, eles visitaram as instalações, incluindo o submarino Bowfin. O tour abrangia também um passeio numa lancha da Marinha dos Estados Unidos. Desembarcaram no Memorial Arizona, construído sobre o casco afundado do encouraçado *U.S.S. Arizona*. Serena terminou a visita com lágrimas nos olhos. Tudo aquilo trazia recordações que haviam ficado guardadas em seu coração durante anos. Ao vê-la tão triste, Sam a abraçou para que ela pudesse extravasar seus sentimentos. Depois foram até Waikiki, onde curtiram uma praia incrível.

— Uau. Esse lugar é impressionante — comentou Serena, mais animada.

— Pai — disse Ollie —, quanta gente tem aqui!

Sam olhou ao redor e sorriu.

— Filha, estamos em Waikiki! É o maior destino turístico das ilhas. Isso aqui é o paraíso do turismo.

— E você não faz ideia de como é caro — observou Michael. — Aqui se paga por tudo. Daqui a pouco vão cobrar até pra respirar.

Ao ver uma casinha de madeira pintada em tons verdes, Ollie disse:

— Olha, pai, naquela construção cheia de pranchas há uns cartazes oferecendo aulas de surfe.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro, filha. É a maneira que muitos velhos surfistas encontraram de ganhar a vida.

Michael olhou com curiosidade para o lugar apontado.

— Talvez o Bumasa esteja lá.

— Bumasa? — perguntaram em coro Serena e as meninas.

— É um velho amigo. Vive de dar aulas aos turistas — explicou Sam.

Michael olhou novamente ao redor para localizá-lo e apontou em sua direção.

— Olha, lá está ele. Vamos falar com ele.

Andaram até a casinha. Ao vê-los se aproximar, Bumasa saiu e deu um longo abraço neles. Sam apresentou Serena e suas filhas, e ele as elogiou educadamente, dizendo que eram muito bonitas. Conversaram um pouco, depois se despediram e seguiram seu caminho. À tarde, enquanto pegavam sol na praia, Ollie perguntou:

— Pai, vocês poderiam dar aulas de surfe?

Sentando-se para olhá-la, Sam fez que sim com a cabeça.

— A gente já deu aulas, filha.

— Sério? — perguntou Cat, espantada.

Depois de colocar o chapeuzinho verde quadriculado em Tommy, Michael disse:

— Sério, querida. Há muitos anos, quando não éramos advogados, essa era uma forma fácil de ganhar dinheiro.

— E com certeza também deveria servir pra vocês conquistarem as garotas — disse Serena, sorrindo, e acrescentou: — E eu não estranharia se soubesse que vocês as conquistam até hoje...

Michael piscou um olho para ela.

— A gente faz o que pode, Serena — brincou ele.

Uma gargalhada geral tomou conta do ambiente depois desse breve diálogo, até que Cat apontou com o dedo.

— Olha, pai, seu amigo Bumasa vai dar uma aula.

Nesse momento, Bumasa, um surfista já não tão jovem, mas ainda cheio de energia, caminhava na direção da água na companhia de uma garota.

— Claro, princesa, é o trabalho dele. Há aulas de surfe nessa praia desde os anos 1930. As ondas não são enormes, mas têm força para fazer a prancha deslizar por elas e assim a pessoa pode quase dançar com as ondas.

— Quanto custa a aula? — perguntou Cat, curiosa.

— Acho que uns 45 dólares a hora — disse Michael. — Por que pergunta?

— Só por curiosidade, tio.

— É engraçado ouvir você dizer isso de “dançar com as ondas”. Soa estranho — observou Serena.

Michael se virou para ela e, depois de piscar para umas meninas que o olhavam, acrescentou:

— Quando uma pessoa está surfando, sente como se o corpo, o mar e o céu fossem uma coisa só. É a união dos elementos, e esse conjunto faz com que você sinta o “Mana”.

— *Mana?* — perguntou Cat. — O que é isso?

Os dois irmãos se olharam, e foi Michael quem respondeu:

— O Mana é a união de várias coisas. É o poder mágico que se sente quando você dança com as ondas. Quando seu corpo sente o Mana, você consegue voar.

Ao ver as caras das meninas, Sam acrescentou:

— É incrível sentir isso e muito difícil de explicar. É como o seu tio diz. Um poder especial. Um pico de adrenalina impressionante. O Mana é o poder.

— Parece bom — disse Ollie. — E, realmente, na primeira vez que consegui me equilibrar por um segundo em cima da prancha, senti uma adrenalina incrível.

— Então imagina quando você pode cavalgar por mais que alguns segundos em cima das ondas — disse Michael, acariciando os cabelos louros dela.

— Espero sentir o Mana. Eu adoraria! — comentou, sorrindo.

Cheio de orgulho pelo modo como sua filha observava o mar e o surfe, Sam trocou um olhar com seu irmão e, abraçando aquela pequena, murmurou:

— Tenho certeza de que você vai sentir.

## Capítulo 30

Dois dias depois, Ollie e Cat foram até a casa de seu pai para tomar café da manhã, como já era habitual.

— *Aloha* — saudou Ollie ao entrar.

— *Aloha*, lindas — respondeu Sam.

— Bom dia, princesas — falou Michael. — Sentem aqui com a gente na mesa.

— Onde está a vovó? — perguntou Sam, surpreso com a ausência.

— Ela estava exausta — explicou Cat. — Disse que preferia descansar um pouco mais.

Ao consultar seu relógio, Michael apressou a pequena Sasha.

— Termina logo o leite pra eu te levar para a escola.

A menina resistiu.

— Não quero ir. Quero ficar aqui com a Ollie e a Cat. E estou com dor de barriga.

Michael e Sam se olharam e sorriram. Sasha e seu teatrinho...

— Nem pensar, mocinha. Já conhecemos essa história — sussurrou Sam. — Ontem você já faltou, isso não vai acontecer hoje de novo.

Com uma expressão emburrada, ela deu um chute no pé da mesa.

— Não é justo. Quero ficar com elas.

Para tentar acalmá-la, Ollie interveio:

— Prometo que vamos te buscar no colégio. Depois a gente vai à praia e vai construir um castelo de areia enorme pra poder brincar com a Barbie, quer?

A menina coçou o queixo, pensou um pouco e concluiu que não era má ideia. Bebeu seu leite e respondeu:

— Tá bom. Mas não esquece que vocês vão ter que me buscar.

Sam e Michael se olharam e suspiraram. Aquela menininha estava se tornando uma espertinha e sabia como conseguir o que queria.

— Sam, vou dar um pulo no escritório pra ver se chegou alguma correspondência. Volto em uma hora. Vão pensando aí o que vocês querem fazer hoje.

Dito isso, Michael saiu com as crianças e Sam ficou sozinho com suas filhas.

— Então, meninas, o que estão a fim de fazer hoje?

— O que acha de irmos a Honolulu fazer compras?

Sam sorriu. Cat e sua mania de shopping.

— Você é incorrigível, querida — disse ele, mas, como queria satisfazer todos os caprichos delas, aceitou. — Não se fala mais nisso, então. Quando o tio voltar, vamos todos a Honolulu.

— E a vovó? — perguntou Ollie.

— Terminem o café da manhã que eu vou lá falar com ela, depois eu volto.

Sam caminhou até a casa ao lado. Bateu na porta e foi entrando.

— Serena, posso entrar?

— Claro — disse ela, saindo da cozinha.

Ao ver a cara dela, perguntou preocupado:

— O que houve? Está se sentindo mal?

Sentando-se no sofá da sala, ela respondeu:

— Estou um pouco cansada, mas não precisa se preocupar. Sabe como é, filho... A idade.

Mas a resposta dela não o convenceu.

— Sério. Se você está passando mal, Serena, eu te levo agora mesmo ao hospital.

— Nada disso, Sam, não fala bobagem. Quais são os planos pra hoje?

— Suas netas querem ir a Honolulu fazer compras — disse, rindo.

A mulher fez cara de horror.

— Me recuso. Não vou! Fico esperando vocês aqui tranquilamente.

Mas Sam não achou aquilo uma boa ideia.

— Como você vai ficar sozinha?

— Pelo amor de Deus, garotão. Vocês vão me abandonar pra sempre ou só por algumas horas?

Dando-se por vencido, ele acabou aceitando.

— Certo. Mas vai lá pra casa. Lá é mais confortável que aqui. Você pode ligar a tevê e assistir a um filme ou o que você quiser. Além disso, ali tem telefone, para o caso de você precisar de alguma coisa. De qualquer forma, tanto eu quanto o Michael vamos levar o celular. Você pode ligar pra gente.

— Vou tomar um banho e quando eu terminar vou até sua casa.

— Tá. Vem sim. Vamos estar te esperando.

Sam voltou para casa e aguardou a chegada de Serena e Michael.

Pouco depois apareceu Serena com um semblante melhor que o de minutos antes, e Sam ficou mais tranquilo. Meia hora mais tarde, Michael voltou e, depois que seu irmão comentou os planos das meninas para aquele dia, ele suspirou com um sorriso. Pouco depois os quatro saíram, deixando Serena tranquila no balanço dos fundos da casa, de frente para o mar. Mexendo os pés, acabou adormecendo, até que um barulho a despertou. Era o telefone. Sem pensar duas vezes, foi logo atender.

— Alô.

— Bom dia. Por favor, eu gostaria de falar com Sam ou Michael — disse uma mulher.

— Eles não estão no momento. Telefone mais tarde ou ligue para os celulares deles.

A mulher do outro lado da linha suspirou.

— Se você quiser deixar uma mensagem, eu posso tentar entrar em contato com eles — acrescentou Serena, tentando ajudar.

— Olhe, estamos ligando da creche da Praia Branca. É sobre a Sasha. Ela caiu e vai ter que levar uns pontos na cabeça.

Serena levou um susto ao ouvir isso e, com as mãos tremendo, perguntou:

— Ai, meu Deus, como está a menina? O que houve?

Ao entender que a senhora com quem falava devia conhecer a menina, a mulher respondeu:

— Estava brincando com as meninas no balanço, acabou se soltando e bateu a cabeça. Ela está bem. Só está chorando e sentindo um pouco de dor. Quer que o pai dela ou o tio venha logo buscá-la.

Rapidamente Serena se ofereceu para ir até lá.

— Onde vocês estão agora?

— No hospital geral de Oahu. Na emergência.

Sem dar tempo de dizerem mais nada, Serena ordenou:

— Não saiam daí. Estou indo agora mesmo buscá-la.

Desligou o telefone e em seguida digitou o número de Sam, mas estava fora de área. Então ligou para Michael, mas também estava sem sinal. Com os nervos à flor da pele, ligou para a central de informações e pediu o número de alguma companhia de táxis. Cinco minutos depois, havia um carro na porta de casa, esperando por ela. Em vinte minutos chegou ao hospital. Foi correndo até a emergência e perguntou por Sasha Malcovich. Mandaram Serena esperar na sala por alguns minutos. Mas a espera parecia eterna, até que de repente viu duas moças passarem pelas portas verdes. Uma delas carregava Sasha nos braços. A cara da menina estava vermelha, e seus olhinhos, inchados de tanto chorar. Ao vê-la, Serena andou até ela com o coração apertado.

— Ô, minha lindinha, como você está?

Uma das enfermeiras olhou para ela. Como a menina não respondia, ela própria se encarregou de dizer:

— Está melhor. Ainda com um pouco de dor, mas agora está bem, não é, Sasha?

— Minha cabeça tá doendo — gemeu a menina, apontando para a testa com um grande curativo. Tinha levado cinco pontos.

— Não chora, meu amor. Vem no meu colo — disse Serena.

Mas a moça que carregava Sasha não a largou. Não conhecia Serena e não podia deixar as crianças com desconhecidos. Ao ver aquilo, Serena a encarou contrariada.

— Sinto muito, mas não posso deixar a menina com a senhora. Tenho que levá-la à creche para que o pai dela ou o tio vá lá buscá-la.

A menina começou a chorar enquanto estendia os braços para Serena.

— Mas eu quero ir com ela pra minha casa.

— Não pode, querida — insistiu a moça. — Você vai com a gente até a creche.

Comovida com as lágrimas no rosto da menina, Serena insistiu:

— Não está vendo que a menina me conhece? Não sou uma estranha.

— Quero ir com ela — berrou Sasha.

— Temos que esperar seu pai ou seu tio chegar — repetiu a enfermeira.

— Me deem a menina — implorou Serena.

— Sinto muito, senhora, mas não posso. Tente entender.

As duas moças se entreolharam ao verem a cara furiosa de Serena, e uma delas interveio:

— Me desculpa, senhora, eu realmente sinto muito, mas não podemos deixar a Sasha com ninguém além das pessoas autorizadas pelo pai dela.

Impotente, Serena via a garotinha chorando desconsolada e perguntou com severidade:

— Bom, quem foi que ligou pra casa do Sam?

A mais alta se manifestou, enquanto a outra tentava acalmar a menina.

— Fui eu.

— Muito bem — disse Serena. — Pois eu sou a pessoa que estava na casa dele, e foi comigo que você falou.

Com olhar frio, a mulher respondeu:

— Sinto muito, senhora, mas já dissemos que não podemos deixá-la levar a menina.

— Eu quero ir com ela! — esperneou Sasha, com o rosto congestionado de tanto chorar.

Firme em seu propósito de não permitir que levassem a menina, Serena não deu bola para o que elas disseram.

— Vem comigo, querida. — Mas a moça voltou a puxar Sasha para si. — Faça o favor de soltar a menina e me deixe levá-la pra casa.

As moças se olharam, sem entender por que insistia tanto, e uma delas perguntou com ironia:

— E quem é a senhora para eu deixar a menina com você?

— Sou a avó dela! Solte a Sasha agora!

Ao escutar isso, as moças lhe entregaram a menina.

— Desculpe, senhora, nós não sabíamos.

Mais tranquila com a menina em seus braços, Serena sorriu.

— Sem problemas, moça. Entendo que você estava apenas cumprindo seu dever. Faz muito bem — disse e, ao ver que a menina se aninhava em seu peito, acrescentou: — Poderiam fazer a gentileza de pedir um táxi para nos levar pra casa?

— Não se preocupe, senhora. Nós a levamos — falou uma delas.

Sasha ficou agarrada ao pescoço de Serena durante todo o trajeto. Quando chegaram em casa, as moças a ajudaram a entrar e se despediram, deixando-as sozinhas pela primeira vez. Depois de se certificar de que a menina estava bem, Serena a acomodou no balanço da parte de trás da casa, pegou água e voltou depressa para perto dela. Ao vê-la retornar, Sasha estendeu os bracinhos para Serena pegá-la de novo. Queria carinho. Era o remédio de que ela mais precisava naquele momento.

— Está melhor, querida? — perguntou Serena após alguns minutos.

A menina olhou para ela com os olhos ainda vermelhos pelo choro.

— Ainda tá doendo, mas estou muito bem aqui.

Serena sorriu, feliz por saber que sua companhia a reconfortava.

— Que bom, meu amor. É isso que eu quero: que você esteja bem — sussurrou.

Ela notou que pouco a pouco Sasha ia ficando mais relaxada. Seu corpinho estava caindo no sono. Serena abaixou a cabeça e deu um beijo nos cabelos dela. Ao sentir isso, a menina abriu os olhos e sussurrou, encantada:

— Obrigada.

Emocionada com aquele olhar e aquele “obrigada”, Serena perguntou:

— Obrigada pelo quê, lindinha?

— Por querer ser minha vovó. A que eu tinha está no céu com a mamãe.

Ao ouvir isso, Serena lhe deu outro beijo enquanto lágrimas escapavam por seus olhos. Duas horas mais tarde, continuava sentada no balanço com a menina em seus braços, quando de repente escutou um carro chegando e pessoas entrando correndo em casa. Sam apareceu ali assustado, seguido por Michael, com Tommy no colo, e atrás dele as meninas.

Serena moveu a mão para indicar que não se preocupassem.

— Acalme-se, Sam... Ela está bem... está bem.

Depois de passar a mão pelo rosto num gesto desesperado, Sam se ajoelhou junto à cabecinha de sua filha e lhe deu um beijo. Nesse momento a menina acordou e ele sorriu.

— Oi, princesa. Como você está, meu amor?

— Papai, dói aqui — disse, apontando para o curativo.

Ao ver os olhos dele se enchendo de lágrimas, e sem saber o que dizer, Serena pôs a mão em seu queixo e acabou falando:

— Não se preocupe, Sam. Essa menininha esperta está bem. — Engoliu o nó de emoções presas em sua garganta e acrescentou: — Deram cinco pontos na testa dela e daqui a uma semana temos que voltar lá para retirarem. É isso. Está tudo sob controle.

Michael deixou Tommy nos braços de Cat, ajoelhou-se diante da menina e beijou a mão dela.

— Caramba, princesa. Que susto você nos deu.

Sam olhou para Serena, que segurava sua filha.

— Obrigado, Serena. Na creche me contaram tudo o que aconteceu. Nossos celulares ficaram sem sinal dentro do shopping. Muito obrigado.

Para aliviar o clima, ela sorriu.

— Por favor, garotão, o que você esperava que eu fizesse? — perguntou e, ao vê-lo sorrir, acrescentou: — Que maravilha! Quantos agradecimentos estou recebendo hoje!

— Por que você diz isso? — perguntou Ollie.

— Porque alguém já me agradeceu antes do seu pai — disse, enquanto a menina lhe dedicava um sorriso encantador que deixou Sam e todos os outros sem palavras.

— De quem você está falando, vó? — perguntou Cat, curiosa.

Serena olhou orgulhosa para a menina sentada em seu colo.

— Minha linda Sasha me agradeceu também por eu querer ser a vovó dela. — Nesse momento, Sam se emocionou e Serena piscou para ele, depois acrescentou, virando-se para Tommy: — E claro que também me considero a vovó desse pequerrucho lindo.

Michael engoliu em seco e sorriu. Serena era uma mulher incrível.

Ao ver a cara do seu pai, a menina reagiu com rapidez e, olhando-o, disse para a surpresa de todos:

— Papai, juro que eu não perguntei nada. Foi ela que falou.

Ao escutar isso, Sam e Michael começaram a rir, e Serena perguntou, espantada:

— Que história é essa de perguntar, querida?

Sam pegou Sasha em seus braços fortes e lhe deu um beijo. E, olhando com admiração para Serena, piscou um olho para ela.

— É uma história que eu vou te contar outro dia, *vovó*.

A menina sorriu. Naquela noite, Sasha não se desgrudou de sua avó nem por um segundo.

Dias depois, foram jantar no restaurante de Dick e Samantha. Honey ficou cuidando das crianças pequenas em casa.

— Prazer em conhecê-la, senhora — cumprimentou Dick quando Sam apresentou Serena.

Com um sorriso encantador, ela respondeu:

— O prazer é meu.

Nesse momento, Michael foi falar com Makay, o filho de Dick e Samantha. Ele estava dando uma mãozinha a seus pais no bar.

— Makay, vem cá, quero te apresentar minhas sobrinhas.

Ele deixou numa mesinha o pano de prato que estava segurando e foi até onde eles estavam.

— *Aloha*, bem-vindas à ilha — saudou com entusiasmo.

— Estas são minhas filhas, Ollie e Cat, e ela é minha sogra, Serena. — Ao dizer isso, Sam foi logo se retratando, envergonhado: — Desculpa, Serena, é o hábito.

— Mas, garotão, eu acho ótimo continuar sendo sua sogra. Pra que mudar isso?

— Você é incorrigível — respondeu Sam, rindo.

Makay puxou papo com as meninas e juntos eles se dirigiram ao fundo do restaurante. Lá ele apresentou Thais, que estava com um grupo de amigos. As duas jovens conversaram um pouco com eles, até que Sam chamou suas filhas para jantar.

— Pai, que pessoal simpático! Podemos ir lá tomar alguma coisa com elas? — disse Cat, fascinada com aqueles novos amigos.

— Vocês sozinhas? — perguntou Sam.

Michael sorriu ao ver a cara das sobrinhas.

Para que Sam tivesse tempo de assimilar o fato de as filhas terem crescido, Serena disse:

— Deixem o pai de vocês pensar um pouco. De qualquer forma, primeiro vocês precisam jantar.

Fizeram uma refeição deliciosa e, na hora da sobremesa, Dick e Samantha se sentaram com eles.

— Makay me disse que daqui a pouco vocês vão com eles tomar refrigerante.

Convencido de que não podia negar, Sam revirou os olhos, fingindo contrariedade, e concordou.

— É, ele convidou a gente — respondeu Cat, que tinha visto dois morenos incríveis e estava de olho neles.

— Não se preocupa, Sam — Samantha o tranquilizou. — São meninos encantadores e muito responsáveis.

Nesse momento Makay se aproximou, junto de Thais.

— Ollie, Cat — disse a garota com expressão preocupada e nervosa. — Desculpem, mas... preciso voltar pra casa. — E se afastou sem dar mais explicações.

— Eu te acompanho — disse Makay, com certo constrangimento. — Hoje não vamos poder sair. Que tal amanhã?

— Ótimo — concordaram as irmãs, ainda um pouco decepcionadas.

— Então amanhã eu ligo pra casa do pai de vocês — disse, correndo atrás de Thais.

Samantha e Dick se olharam.

— Isso não me cheira nada bem. Alguma coisa aconteceu — disse Samantha.

Nesse momento, três caras louros e inconvenientes, que pareciam ter bebido além da conta, começaram a gritar no balcão:

— Garçom... garçom!

Suas vozes fizeram todo mundo no bar olhar para eles enquanto o outro gritava:

— O que tá acontecendo aqui? Por que ninguém serve bebida nessa joça?!

Levantando-se, Dick olhou para Sam e Michael.

— Acho que vamos ter um probleminha.

— Quer que a gente vá junto? — perguntou Michael, já se erguendo também.

— Não se preocupa, amigo. Já estamos acostumados com essas cenas.

No balcão, Dick conseguiu acalmar os ânimos. Os homens pareciam ter se acalmado ao falar com ele.

— Que raiva, pai — resmungou Cat. — Com um programa tão bom que surgiu pra hoje...

Sam não respondeu. Apenas esboçou um sorriso de felicidade contida por suas filhas não terem saído naquela noite.

— Amanhã vocês vão — interveio Serena. — Lembra o que o garoto combinou contigo...

Mexendo em seus lindos cabelos castanhos, Michael cochichou:

— Relaxa, querida. Vocês ainda vão ter muitas férias pra poder sair por aí com novos amigos.

Nesse momento, Dick passou diante deles. Estava acompanhado pelos três homens que haviam causado o alvoroço no bar. Ele arranjou para eles uma mesa do lado de fora do restaurante, em frente à praia.

— Resolvido — disse, sorrindo, ao entrar de novo no estabelecimento.

— Que idiotas — disse Michael com raiva. — Como podem ser tão inconvenientes?

Samantha sorriu. Eles estavam acostumados com aquele tipo de gente.

— Alguns estrangeiros — observou ela — acham que estar de férias é beber sem controle.

— Uma pena desperdiçar a vida desse modo — comentou Serena.

Dick fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Infelizmente, senhora, muitos dos turistas que vêm aqui parecem estar bêbados as férias inteiras.

As horas foram passando e, entre risadas e histórias, quando se deram conta, já eram duas da manhã.

— Senhoritas — disse Michael. — A noite está linda e a companhia é muito agradável, mas acho que está na hora de voltarmos pra casa.

— Ah, sim — disse Ollie, rindo. — Antes que os príncipes virem sapos.

— Só um segundo — falou Cat. — Vou ao banheiro rapidinho. Já volto.

— Vou com você — disse Ollie, levantando-se.

Do lado de fora, enquanto esperavam as duas meninas, Serena, Sam e Michael conversavam com Dick e Samantha sobre o que planejavam fazer nas férias. Cinco minutos depois, saíram Ollie e Cat. Quando se dirigiram ao grupo que as aguardava, um dos homens embriagados que Dick havia conduzido para fora pegou Cat pelo braço.

— Ei, me solta! — gritou Cat, encarando-o.

— Deixa disso, eu sei que você está a fim — reagiu ele, aproximando-se ainda mais dela.

Michael se virou para trás e logo viu o que estava acontecendo. Então rapidamente andou na direção deles.

— Solta minha sobrinha imediatamente ou te dou uma surra! — berrou ele.

— Sai de cima de mim, seu idiota! — gritou Cat, dando um chute na panturrilha dele.

Aquele golpe fez o homem soltar seu braço. Ao ver a cena, Sam se aproximou correndo e morrendo de raiva.

— Se você encostar na minha filha de novo, eu te mato! Me ouviu, ô babaca?

— O que você está fazendo com o meu amigo? — perguntou um dos outros bêbados inconvenientes.

— Nem metade do que poderia fazer se ele encostar outra vez na minha sobrinha! — disse Michael, enfurecido.

Serena chegou perto do grupo para tentar acalmar os ânimos.

— Garotos, garotos, fiquem calmos. Cat, Ollie, vocês estão bem? — Elas fizeram que sim com a cabeça. — Vem, vamos embora, não queremos encrenca com esses sem-vergonha.

Ao escutá-la, o terceiro deles se aproximou e provocou Serena:

— Olha a velha louca. O que foi que você disse, vovó?

— Seu desgraçado!! — gritou Serena de repente, deixando todo mundo espantado, enquanto batia na cara dele com sua bolsa, fazendo o sujeito perder o equilíbrio.

O segundo estúpido, ao presenciar aquilo, virou-se na direção dela com intenções nada boas.

— Sua puta velha.

— O que foi que você disse? — gritou Sam.

Ainda incrédulo diante do que acabava de ouvir, Michael perguntou:

— Você chamou essa senhora de puta?

— Chamei, sim — confirmou o sujeito, cambaleando. — O que é que tem? Por acaso eu não posso dizer o que me dá na telha?

Vendo que aquilo tudo podia acabar em mais confusão, Dick e Samantha tentaram apartar a briga, mas Michael interveio de novo:

— Você pode dizer o que te dá na telha, sim, mas há um pequeno detalhe. Na minha frente, ninguém xinga essa senhora, ouviu bem?

Nesse momento levantou o punho para dar na cara dele, mas Sam o deteve repentinamente.

— Não, Michael, não bate nele — disse.

Com expressão séria, Michael olhou para ele e perguntou, irritado:

— Por que eu não iria bater nesse idiota?

— Porque quem vai bater nele sou eu. — E depois de dizer isso Sam lhe deu um belo soco no estômago, fazendo o sujeito se contorcer de dor.

Após aquele ataque, o primeiro homem, já recuperado do chute na panturrilha, levantou-se e empurrou Sam, que acabou caindo. Ao ver aquela cena, Cat e Ollie se puseram a dar chutes novamente no cara, que caiu outra vez. O segundo homem, o que havia sido golpeado com a bolsa, levantou-se, mas Serena e Samantha deram bandejadas em sua cabeça. Michael ajudava Sam a se erguer do chão, quando de repente o terceiro sujeito se levantou, partiu para cima de Michael e o fez desabar. Cat se lançou contra esse, saindo em defesa do tio, mas ele a afastou brutalmente com a mão e a empurrou contra uma das mesas. Furioso, Sam se atirou contra o homem e começou a dar socos nele até que Dick fez de tudo para separá-los, antes que eles acabassem se matando.

— Você está bem, querida? — perguntou Michael, levantando Cat.

Com cara de dor, ela apontou para as costelas e disse:

— Tá doendo aqui, tio.

— Ai, meu Deus — exclamou Serena.

Angustiado e sem se importar com o sangue que jorrava de sua boca, Sam se aproximou dela e disse:

— Onde dói, meu amor?

— Aqui, nas costelas.

Mal conseguindo acreditar naquela pancadaria, Ollie chorava assustada. Samantha foi até ela e a abraçou.

— Vamos levá-la ao hospital — sugeriu Serena, nervosa.

Morrendo de raiva e ainda com sede de vingança, Michael olhou para os baderneiros que estavam no chão e gritou:

— Se tiver acontecido alguma coisa com a minha sobrinha, eu juro que mato vocês.

— A polícia já chegou — informou Dick. — Levem a Cat para o hospital e daqui a pouco eu ligo pra saber como estão as coisas.

Os policiais detiveram os bêbados, e Michael, Sam e Serena seguiram com as meninas até o hospital de Oahu. Foram direto para a emergência, e uns médicos levaram Cat.

— Espero que não seja nada — sussurrou Serena, enquanto esperava que sua neta saísse de novo pela porta.

Sam ficava mexendo o tempo todo no cabelo, num gesto de nervosismo, quase enfartando de tanta preocupação, e dizia:

— Não entendo como isso tudo pôde acontecer.

Ao ver a aflição do pai, Ollie tentou acalmá-lo.

— Bom, pai, é muito fácil. Uns bêbados idiotas que não tinham nada pra fazer resolveram armar encrenca com quem aparecesse na frente deles. Calhou de ser a gente.

— Boa explicação — concordou Michael.

— Mas é verdade, tio — prosseguiu ela e, observando o aspecto deles dois, a menina perguntou: — Vocês estão bem?

Sam avaliou os nós de seus dedos, feridos e ensanguentados, e fez um gesto afirmativo com a cabeça, enquanto tentava estancar o sangue do lábio com um lenço de papel que Serena lhe ofereceu.

— É, irmão... — disse Michael, sorrindo, ao ver seus punhos no mesmo estado. — Ficamos um bom tempo sem nos meter numa encrenca dessas. Bom, pelo menos vi que você continua com seus reflexos em ordem.

— Minha nossa, que susto! — exclamou Serena, olhando ao redor. — O mundo está ficando louco.

Ollie abriu um sorriso para Sam e Michael, a quem ela tanto adorava, e disse:

— Nunca tinha visto vocês dois brigando assim. Quem diria, esse meu pai e esse meu tio, hein?!

— Aliás, Serena, adorei ver você acertando em cheio aquele cara com a sua bolsa. Ele ficou desnortado. Agora já sei de onde veio o pavio curto de certa

pessoa que conhecemos — observou Michael.

— Fica quieto, seu sem-vergonha, porque eu não quero rir.

— Mas é verdade, vó. Você e sua bolsa são uma arma de destruição em massa.

Sam estava totalmente calado e alheio àquela conversa, e Serena, que entendia sua preocupação, aproximou-se dele.

— Sam, filho, você está bem?

Tenso, ele respondeu:

— Estou, sim, Serena. Só quero que a Cat saia logo e que ela esteja bem.

Três minutos depois, as portas se abriram e um médico jovem e bonito passou por elas, acompanhado de Cat. Todo mundo se levantou depressa e se aproximou deles.

— Como você está, princesa? — perguntou Sam, ainda preocupado.

— Estou bem, papai. Não se preocupa — respondeu Cat, que tentava parecer mais velha aos olhos do médico bonito.

— Não se preocupe, senhor. Apesar de ter sido atingida nas costelas e de ter sofrido uma pequena fissura em uma delas, vai se recuperar logo com um pouco de repouso e bastante carinho e cuidado.

— Em carinho nós somos especialistas — disse Serena, sorrindo.

— Tem que ficar com o curativo por oito dias e depois vocês voltam aqui com ela pra gente ver como está. — E, dirigindo-se a Cat, acrescentou: — Quando sentir que está doendo de novo, pode tomar outro analgésico. Por alguns dias você vai precisar tomar esse remédio e, principalmente, o mais importante: nada de movimentos bruscos. Entendido, senhorita?

Depois de piscar como uma boba, a jovem fez um gesto afirmativo com a cabeça, deixando todo mundo sem palavras.

— Claro, doutor. Não se preocupe.

O médico foi embora e Michael sugeriu:

— Bom, galera, é melhor a gente ir pra casa porque já está bom por hoje, né?

Ao saírem do hospital e se dirigirem até o carro, Cat, que estava de braço dado com seu pai, perguntou:

— Quando mesmo a gente tem que voltar?

— Daqui a oito dias — respondeu Serena.

Um sorriso se esboçava no rosto da menina, enquanto ela comemorava entusiasmada:

— Que bom! Espero que, quando a gente voltar, esse mesmo médico me atenda. Ai, meu Deus... ele é tão lindo.

Com um sorriso, Serena respondeu olhando para Sam, que estava calado e sério:

— Caramba, menina, você diz cada coisa...

Aproximando-se de sua irmã, Ollie concordou:

— Mas ela tem razão, vó. O médico é um gato. Dá vontade de torcer o pé ou algo assim, só pra ele poder me atender.

Aquele comentário fez todo mundo rir, menos Sam. E Michael, achando graça, observou:

— É, meninas, pelo visto vocês puxaram a mim.

Todos caíram na risada outra vez, e Sam parou e acabou explodindo:

— Não estou entendendo nada. O que há com vocês, hein? Estamos saindo do hospital com a Cat machucada e vocês aí falando sobre a aparência do médico. — E, apontando para Michael, rosnou: — E você é o pior. Não percebe o que podia ter acontecido essa noite?

Michael ia responder, mas Ollie se adiantou.

— Pai, não fica assim. Não aconteceu nada de grave. Ah, pai, você não se dá conta de que foi a maior aventura?!

Tenso, Sam voltou a gritar:

— Aventura?! Você acha uma aventura o fato de sua irmã ter sofrido uma fissura nas costelas? Ai, meu Deus... juro que cada dia que passa eu entendo menos vocês.

Michael e Serena se entreolharam. Sam estava histérico e, quando Michael foi novamente tentar dizer alguma coisa para acalmar o irmão, Cat interveio primeiro:

— Pai! Estou bem! E justamente por isso a gente precisa rir. E, sim, o médico é uma gracinha e agora, quando penso no que aconteceu, não consigo deixar de rir da situação. — Sam a encarou. — E hoje descobri um lado do meu pai e do meu tio que eu não conhecia e...

— E o que me diz da bolsada que sua avó deu? — disse Michael, rindo. — Impagável.

— Isso foi incrível mesmo — concordou Ollie, rindo. — Ver a vovó dando golpes com a bolsa dela naquele cara é uma das coisas mais engraçadas que já presenciei na minha vida.

— E o que me diz do soco que o tio deu no cara quando ele se meteu com a vovó e como o papai fez ele desabar no chão? — lembrou Cat, também achando a maior graça.

— Fiquem vocês sabendo, garotões, que eu me senti superprotegida com vocês.

— Foi um prazer, Serena — disse Michael. — Por sinal... quero que você me dê umas aulinhas de *bolsada-combat*.

Sam os observava enquanto todos riam à beça. E, depois de soltar a adrenalina acumulada por aquele episódio, começou a rir também e todo mundo relaxou.

— Tio — protestou Cat, levando as mãos às costelas. — Não me faz rir, porque eu não posso.

Ainda caminhando em direção ao carro, Michael reparou em dois jovens que pareciam Makay e Thais.

— Esse é o Makay?

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça, e em seguida disse a Serena e às meninas que entrassem no carro.

Com semblante sério, ele e Michael se aproximaram do casal e ouviram os gemidos da jovem. Aceleraram o passo alarmados e, quando estavam a poucos metros, Michael perguntou:

— O que está acontecendo, gente?

Makay abraçava Thais, que estava aos prantos. Sam chegou mais perto dela e disse:

— O que houve, linda?

A moça tentou falar, mas apenas conseguiu dizer num fiozinho de voz:

— Minha... minha mãe está internada.

Sem entender ainda o que havia ocorrido, Michael perguntou:

— Mas o que aconteceu?

Thais não conseguia falar, e Makay se encarregou de responder:

— Aconteceram alguns problemas na casa dela. A mãe da Thais está internada e o pai morreu.

Ao escutar aquilo, Thais se debulhou em lágrimas novamente, e Michael deu um beijo em sua cabeça e sussurrou:

— Sinto muito, querida.

— Eu também — respondeu ela em meio a soluços. — Mas principalmente pela minha mãe.

— Sabe o que aconteceu? — perguntou Sam com expressão séria.

— Houve uma briga em casa. Meu pai chegou bêbado, bateu na minha mãe, pegou uma faca de cozinha e cravou duas vezes nela. Ao ouvirem os gritos da minha mãe, os vizinhos chamaram a polícia, meu pai fugiu e bateu com o carro.

— Ah, querida, sinto muito — sussurrou Sam.

Com raiva contida, a jovem murmurou:

— Eu não fico triste por meu pai ter morrido. Pra ser sincera, fico até feliz. Era uma pessoa má, que nunca amou a gente. Mas ela, minha mãe, não merecia ser tratada dessa forma.

Nesse momento, Samantha e Dick vieram correndo até eles.

— Meninos, o que houve?

Makay contou a história a seus pais, e Samantha abraçou a jovem, que chorava copiosamente em seus braços. Ao lembrar que o esperavam, Sam disse:

— Gente, preciso ir porque as meninas estão esperando no carro.

— Como a Cat está? — perguntaram Dick e Samantha.

— Bem, apenas sofreu uma fissura na costela. Não se preocupem.

Comovido, Michael olhou para Sam.

— Vou ficar com eles, caso precisem de alguma coisa.

Seu irmão fez que sim com a cabeça. Se suas filhas e sua sogra não o estivessem esperando no carro, ele também ficaria ali. Em seguida, todas elas perguntaram sobre o que tinha acontecido e se surpreenderam ao escutar o relato.

— Isso sim é um problema sério, muito sério — sussurrou Serena. — Tadinha da menina e da mãe dela. Devem ter vivido um inferno.

— Tem razão — concordou Sam e, depois de olhar para elas com ternura, disse: — Vamos pra casa. Vocês precisam descansar.

## Capítulo 31

Depois dos acontecimentos da noite anterior, eles foram presenteados com um belo dia ensolarado. Passaram a manhã na praia, e na hora do almoço todos estavam em casa. Cat se acomodou confortavelmente na poltrona, com uma bandeja de comida no colo, enquanto os demais se sentaram ao redor da mesa.

— Como está a mãe da menina? — perguntou Serena.

Exausto por ter passado a noite inteira no hospital, Michael olhou para ela e respondeu:

— Considerando a gravidade do quadro, até que está bastante bem. Vai precisar continuar internada pelo menos duas ou três semanas. Aquele desgraçado deu um baita golpe na coitada. Ela quebrou duas costelas e fraturou um braço, está com várias contusões na cabeça e levou facadas na perna e em um dos braços.

Todos ficaram horrorizados.

— Tadinha — comentou Ollie.

— É horrível — sussurrou Serena.

— Que desgraçado esse marido dela! — disse Sam. — Não me estranha que a Thais tenha dito que não lamenta a morte do pai.

— Que situação horrível — repetiu Serena. — E essa menina, o que ela vai fazer agora?

Michael tomou um gole d'água e respondeu:

— Por enquanto vai ficar com o Dick e a Samantha, até que a mãe receba alta ou a avó chegue de Lanai. Logo, logo vamos saber o que poderemos fazer por elas.

Cat, que até então estava quieta, pediu:

— Pai, me dá um analgésico que a dor está voltando.

Sam se levantou em seguida. Pegou o remédio e um copo d'água e se aproximou carinhosamente dela.

— Pronto, aqui está, querida. Já, já vai passar — disse baixinho, acariciando os cabelos dela. — Quer que eu vá com você até minha cama e lá você descansa um pouquinho?

— Quero sim, pai. Acho melhor.

Com cuidado, ele a ajudou a se levantar e a levou até a cama. Quando Sam voltou para a sala, Ollie tinha saído com Sasha e Tommy para brincar na praia.

— Sam — disse Serena. — Eu estava comentando com o Michael que seria melhor ligar pra Kate e contar o que aconteceu com a Cat.

Consultando o relógio, ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro. Eu já tinha pensado nisso ontem à noite. Quando a Cat levantar, a gente liga.

— Ótimo, filho. Assim que eu gosto — disse Serena.

Naquela tarde, quando Sam achava que ninguém estava escutando, ele decidiu telefonar para Kate. O que ele não sabia era que Serena, junto com as netas, estava observando tudo e já tinha traçado um plano com elas.

Com as mãos trêmulas, Sam discou o número de telefone que por muitos anos havia sido o seu também. Depois de dois toques, alguém atendeu.

— Alô.

— Oi, Terry. Aqui é o Sam.

Estranhando aquela ligação repentina, ela respondeu:

— Oi, Sam, tudo bem?

Ao notar que a voz dela estava tranquila, Sam sorriu. Gostava muito de Terry e às vezes sentia falta de seu maravilhoso senso de humor.

— Tudo e você? Como está?

Terry se sentou para falar com ele e respondeu de modo bem direto:

— Preparando uma viagem.

— Vai viajar? Que ótimo. Pra onde?

Ela achou estranho que sua mãe não tivesse comentado nada com eles e esclareceu:

— Vamos pra Europa com uns amigos, eu, Kate e Shalma.

Embora lamentasse que sua ex fosse viajar com pessoas que ele nem conhecia, Sam respondeu:

— Que beleza. Espero que se divirtam.

— É o que todas nós esperamos. — E, acelerando a conversa, perguntou:  
— O que você queria?

— Falar com a Kate. Pode passar o telefone pra ela?

— Só um minuto. Vou chamar. Acho que ela está no quarto arrumando a mala.

— Obrigado, Terry, eu espero.

Com o aparelho nas mãos, Terry correu escada acima à procura de sua irmã. Ao entrar no quarto, viu Kate toda envolvida com a arrumação da mala, e, tapando o bocal, murmurou:

— Adivinha quem está na linha?

Kate lançou um olhar travesso na direção dela e respondeu:

— Pela sua cara, deve ser o George Clooney ou alguém do tipo.

Terry negou com a cabeça e, cochichando para que ele não escutasse, sussurrou:

— É o Sam.

Kate ficou paralisada ao ouvir aquele nome.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou.

De repente Terry se deu conta dessa possibilidade e respondeu com cara de preocupação:

— Ai, meu Deus... nem cheguei a perguntar.

Sem perder um segundo, Kate tirou o telefone da mão de sua irmã e atendeu.

— Sam.

Nervoso ao escutar a voz dela, conseguiu dizer:

— Oi, Kate, tudo bem?

Mas ela não queria conversar. Queria apenas saber o que estava se passando.

— Tudo, mas fala. Aconteceu alguma coisa?

Ele suspirou, e Kate, levando as mãos à boca, disse na frente de Terry:

— O que houve, Sam? Fala logo.

Sem querer alarmá-la demais, Sam se acomodou numa cadeira e começou a contar, enquanto três pares de olhos o observavam pela porta entreaberta:

— Ontem a Cat caiu. Sofreu uma pequena fissura na costela. Vai precisar ficar de repouso alguns dias, mas está bem. Não se preocupe.

Kate se assustou com a notícia e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Minha filha... Mas ela está bem?

— Está. Não se preocupe. Está tudo bem. Mas achei que eu deveria te avisar.

De repente Sam notou a presença de alguém e, ao se virar, viu Cat se aproximando dele.

— Está falando com a mamãe? — perguntou ela, e Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Passa pra mim. Quero falar com ela.

— Kate, pra você ver que ela está bem, vou colocá-la na linha — disse Sam, com um sorriso nos lábios.

— *Aloha*, mãe — saudou Cat ao pegar o telefone. — Estou viva. Então pode ficar tranquila.

Ao escutar a voz dela, Kate suspirou aliviada.

— Querida, você está bem? Está sentindo dor?

— Mãe, dói um pouco, mas é assim mesmo — respondeu Cat. — Mas estou bem, sim. Só que eu ficaria boa mais depressa se você estivesse aqui comigo.

Surpreso, Sam olhou para sua filha, mas permaneceu calado enquanto Kate falava do outro lado da linha.

— Fico mais calma agora que falei contigo, querida. Está se divertindo por aí?

— Pra caramba, mãe... Está muito legal! É tudo tão diferente, tão alucinante, que às vezes parece que estamos vivendo em outro mundo — disse, e em seguida fez voz de criança pequena e sussurrou: — Mas estou com saudades e queria te ver, mãezinha.

Cat tossiu e a dor na costela a fez se contorcer. Alarmado, Sam chegou perto dela, acomodou-a numa cadeira e perguntou preocupado:

— Cat... Cat... você está bem, querida?

— Estou, sim, pai — disse bem baixinho. — Eu senti dor quando tossi.

Do outro lado da linha, Kate gritava assustada:

— Cat! Cat! Sam! Alguém está me ouvindo?

Pegando o telefone das mãos de sua filha, Sam respondeu:

— Kate, não se preocupe, está tudo bem. É que ela tossiu e isso fez a costela doer e...

Sem permitir que ele terminasse a frase, Kate tomou uma decisão e, para o espanto de Terry, disse:

— Sam, amanhã eu pego um voo pra Oahu. Preciso ver a Cat.

Boquiaberto, Sam mal conseguia acreditar no que tinha acabado de ouvir e perguntou:

— O que foi que você disse?

— Que amanhã eu pego um voo. Tem problema?

Sam estava surpreso, mas conseguiu reagir rápido e dizer:

— Não, não. Claro que não. Acho ótimo que você venha. É só que eu não esperava.

Cat sorriu discretamente e piscou para a avó e a irmã, que em silêncio se abraçaram atrás da porta. O plano havia funcionado.

Sem querer pensar no que acabava de dizer, Kate acrescentou:

— Então está combinado. Quando eu souber o número do meu voo, eu ligo. E, por favor, será que você poderia me buscar no aeroporto?

— Claro — respondeu Sam, nas nuvens.

Eles então se despediram, e Kate se virou para sua irmã, que ainda estava boquiaberta com o que tinha escutado:

— Desculpa, Terry, mas não vou poder ir pra Europa. A Cat sofreu um acidente e eu quero estar com ela.

Ao ouvir a palavra “acidente”, a jovem se assustou e perguntou:

— O que aconteceu?

— Pelo que disseram, ela caiu e fraturou uma costela ou alguma coisa assim. Mas não sei se devo acreditar que foi só isso ou se tem algo mais que eles estão me escondendo.

Desconcertada, Terry não disse nada e, sem perder um segundo a mais, Kate perguntou:

— O que você vai fazer? Vai pra Europa ou vem comigo?

Sem pensar duas vezes, Terry respondeu:

— Se você diz que a menina está bem, eu vou pra Europa. Não quero pisar em Oahu.

Kate sentou na poltrona para refletir sobre a decisão que acabava de tomar e olhou fixamente para a irmã.

— Preciso que você venha comigo — implorou, com olhar de súplica.

— Sem chance, Kate. Sem chance.

— Por favoooooooooor — disse, segurando sua mão. — Preciso do seu apoio para estar ali com o Sam e com as meninas. Com certeza a Shalma vai entender por que a gente não pode ir com ela pra Europa.

— Não, Kate. Não tenho nada a fazer em Oahu.

— Por favor... por favoooooooooor — insistiu Kate.

— Ai, Kate... — disse Terry, irritada. — Você sabe que o que está me pedindo é muito difícil pra mim. Não quero encontrar com ele e...

— Eu sei, mas preciso que você esteja ali comigo.

O pedido insistente da sua irmã, somado à sua vontade secreta de ver Michael, acabou fazendo Terry ceder. Sentando-se ao lado de Kate, ela murmurou:

— Tá bom. Vou ligar pra Shalma. — E, apontando o dedo, acrescentou: — Mas que fique bem claro que eu estava muito a fim de ir pra Veneza e conhecer um italiano gato que se derretesse por mim e dissesse o tempo todo que sou maravilhosa.

— Você não precisa de italiano nenhum — cochichou Kate. — Tenho certeza de que algum havaiano gato vai te dizer isso também — acrescentou, provocando sua irmã.

Com fingida indiferença, Terry negou com a cabeça.

— Espero que esse cara de quem você está falando nem chegue perto de mim, porque senão ele vai ter problemas comigo — murmurou. — Ah... se vai!

Dito isso, as duas sorriram, enquanto a muitos quilômetros de distância Serena perguntava, surpresa:

— A Kate vem pra cá amanhã?

Estampando um sorriso de orelha a orelha, Sam confirmou com a cabeça, sem se dar conta de nada.

— Vem. Quando ela fizer a reserva, vai me ligar pra passar o número do voo e me dizer a que horas chega, pra eu poder buscá-la no aeroporto.

Serena não cabia em si de tanta alegria. Seu plano tinha dado certo. Sua filha estaria ali em breve. Agora só faltava Kate arrastar Terry junto, e tudo seria perfeito.

— Eba! A mamãe vem pra cá! — comemorou Ollie enquanto trocava um olhar ardiloso com sua irmã, e as duas davam risadinhas. — Isso é maravilhoso. A tia vem também?

Sam franziu a sobrancelha e respondeu:

— Não sei, filha. Ela não me disse mais nada.

— Bom, filho — disse Serena, sorrindo e deitando-se na espreguiçadeira da praia. — Mais uma pra Oahu. Nesse ritmo, acho que vamos acabar todos aqui.

Aproveitando que Sam caminhava de volta para casa, ainda radiante pela iminente visita de Kate, as três se entreolharam com cumplicidade.

— Caramba, Cat. Você é uma excelente atriz.

A jovem sorriu.

— Isso foi mais que um empurrãozinho. Foi um belo de um empurrão, isso sim — acrescentou Ollie.

As três começaram a rir. Quando Michael chegou em casa naquela noite e recebeu a notícia, de início ficou surpreso, mas depois acabou se alegrando por seu irmão.



*Uma segunda chance*



## Capítulo 32

Kate havia ligado na noite anterior para informar que chegaria ao aeroporto de Honolulu por volta das três e meia da tarde. Sam estava muito ansioso quando atendeu o telefone. Ainda não podia acreditar que iria vê-la em poucas horas.

Michael chegaria mais tarde. Havia saído cedo para ver Dick e Samantha, que queriam organizar toda a papelada de Thais e sua mãe, Vaitere, em relação a seu novo status de viúva, entre outras burocracias. Mas primeiro iriam com Thais ao enterro do pai dela.

Às três e quarenta da tarde, Ollie e Sam esperavam impacientes no aeroporto. Os painéis informavam que o avião já tinha aterrissado e que os passageiros sairiam pelo portão 3. Com a adrenalina a mil, Sam tentou respirar fundo e, acompanhado da filha, aguardou que o portão fosse aberto.

— Mamãe! — gritou Ollie, acenando para ela.

Ao vê-los, Kate abriu um sorriso de orelha a orelha, enquanto Sam ficou paralisado. Sua ex-mulher estava linda de jeans e blusa vermelha.

— Oi, querida — respondeu Kate, abraçando a filha. Logo que viu Sam, cumprimentou-o também. — Oi, Sam.

Com um movimento automático, ele se aproximou dela e lhe deu dois beijinhos.

— Oi, Kate.

Olhavam-se nos olhos quando alguém falou:

— Ei, querida, não vai cumprimentar sua tia, não?

Incrédula, a menina se virou e gritou surpresa:

— Tia Terry! Que legal que você está aqui!

Espantado, Sam esboçou um sorriso e pensou na cara de Michael quando a visse.

— Oi, Sam — disse Terry, sem se aproximar.

Mas ele deu um passo à frente e a cumprimentou com dois beijos.

— *Aloha*, Terry, que surpresa. Eu não sabia que você viria.

Com uma expressão difícil de decifrar, a ruiva disse:

— Eu também não sabia. Foi uma decisão de última hora.

Sem conseguir tirar os olhos de Sam, Kate perguntou:

— Como está a Cat?

— Bem — disse, e seu sorriso fez Kate estremecer. — Não se preocupe.

Pegaram as malas e andaram até o carro. Aquela paisagem trazia muitas recordações a Kate. Tudo estava igual, e parecia que tinha sido ontem que ela esteve lá pela última vez. Quando chegaram a seu destino, Sam foi diretamente para a casa que haviam alugado para Serena e as meninas. Assim que estacionou o carro, Serena apareceu na porta, e Kate e Terry se atiraram em seus braços.

— Querida! Que alegria te ver aqui também! — comemorou ela ao avistar Terry.

Aquela visita superava todas as suas expectativas. Todos estavam juntos em Oahu e isso era um ótimo sinal. Ansiosa para ver sua filha, Kate perguntou:

— Cadê a Cat?

Feliz por ter suas filhas por perto, Serena pôs os braços em torno dos ombros das duas e disse, já andando:

— Está na casa do Sam e do Michael. Vem, vamos até ela. Ela vai se surpreender quando vir vocês.

A casa permanecia em silêncio. Sasha e Tommy estavam na creche. De repente, Kate deu de cara com sua filha dormindo numa poltrona azul na sala. Sam sorriu ao vê-la, enquanto Kate se agachava e a beijava.

Ao sentir o beijo, Cat abriu os olhos e gritou de alegria.

— Mãe! Oi, mãe! Que bom que você veio!

Radiante por estar ao lado de sua filha e ver com seus próprios olhos o que havia acontecido com ela, Kate perguntou:

— Como você está, querida?

— Bem. Melhor agora que você está aqui — sussurrou com ternura, enquanto Serena e Ollie sorriam.

Ainda nas nuvens, Sam olhava para todas elas. Kate, sua Kate, estava ali. Em Oahu. Mas ele acordou de seu sonho quando Terry resolveu se pronunciar.

— Bom... imagino que minha presença também te deixa feliz, não? — comentou Terry, rindo e fazendo menção de abraçar a sobrinha.

Ao vê-la, Cat ficou eufórica e, depois de trocar um olhar com suas cúmplices, gritou:

— Sua presença é um luxo, tia! Que bom que você está aqui! Que bom!

Todos riram durante um bom tempo, antes de se sentarem para fazer um lanche e, com delicadeza, contarem a Kate exatamente o que acontecera. No início, ela olhou para Sam com cara de reprovação, e ele tentou lhe explicar a situação de forma bastante suave, para não assustá-la. Mas, quando as meninas falaram da bolsada que Serena deu e da briga em que Michael e Sam se meteram, todo mundo caiu na gargalhada outra vez.

— Claro que agora, contando a história toda, fica engraçado, mas garanto que na hora eu não achei a menor graça — disse Sam, sorrindo.

— Se eu estivesse ali, dava um belo chute no saco deles — comentou Terry, e todos morreram de rir.

Sem conseguir evitar, Sam cochichou:

— É, né? Você continua muito coerente, sempre atingindo onde mais dói.

Ao dizer isso, todas olharam para ele, e Serena interveio para botar panos quentes:

— Bom... bom... foi mesmo uma cena e tanto.

Ao ver que Kate olhava com adoração para sua filha, Sam sussurrou para ela:

— Sério, Kate, não precisa se preocupar com nada. Está tudo bem.

Achando graça da história, Terry disse após dar um gole em sua cerveja:

— Caramba, mãe, eu não sabia que você tinha essa habilidade toda com a bolsa.

Sorrindo para todo mundo, especialmente para as netas, a mulher comentou:

— Tenho muitas outras habilidades, filha, que você logo vai descobrir.

Às seis da tarde, Michael telefonou para avisar Sam de que buscaria as crianças na creche quando estivesse voltando para casa. E, sem conseguir se segurar, perguntou:

— Como está a Kate? Chegou bem?

— Está ótima. Agora está se instalando na casa ao lado — respondeu, sem querer dar mais explicações. Ele estava doido para ver a cara de seu irmão

quando encontrasse a Terry ali. — Até mais.

Enquanto as duas mulheres desfaziam as malas na outra casa, Sam aproveitou para tomar uma cerveja sentado no balanço do quintal. Era incrível, pensou ele. Lá estava todo mundo junto outra vez, a família que eles foram durante tantos anos.

— Um dólar por seus pensamentos — disse alguém de repente, às suas costas.

Ao se virar, deu de cara com o olhar divertido de sua cunhada.

— Terry, eu não sabia que você estava aqui. Quer uma cerveja?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, e ele se levantou, abriu a geladeira e entregou uma cerveja para ela. Depois se acomodaram no balanço novamente.

— Que casa linda você tem, Sam. É uma maravilha — disse ela, para quebrar o gelo.

— Pois é, a gente adora isso aqui — respondeu no plural, e ela entendeu. — Essa casa sempre foi o nosso lar. Nosso ponto de referência. Foi a maior sorte que estivesse disponível quando voltamos pra ilha.

E os dois permaneceram calados por alguns minutos, olhando para o mar, até que Terry, muito séria, acabou falando:

— Sam, eu queria pedir desculpas pelo que eu te fiz naquele dia. Foi mal... você sabe como sou impulsiva e...

Sam a conhecia. Sabia que Terry nunca pedia desculpas só por pedir. Se ela estava pedindo agora, é porque se arrependia de verdade. Ele tomou um gole de cerveja e respondeu:

— Está desculpada, sua boba... — Ela lhe deu um leve empurrão. — Sei que agi mal num determinado momento e assumo as consequências. — E, fazendo-a sorrir, gesticulou. — Mas cada vez que me lembro daquilo, ai... volto a sentir dor.

Envergonhada, Terry tapou o rosto e protestou:

— Ai, meu Deus, Sam! Mil desculpas, mas você já me conhece: primeiro faço a burrada, depois penso melhor no que fiz. Esse é meu erro.

Brindando com a cerveja dela, Sam a olhou nos olhos.

— Às vezes dá pra perdoar alguns erros, e esse é um deles. Mas já te disse muitas vezes, Terry: você precisa pensar antes de agir, porque você é muito impulsiva e isso pode fazer as pessoas se afastarem.

— Eu sei — concordou ela, dando um gole na cerveja.

De novo ficaram em silêncio, contemplando as ondas, até que Sam falou:

— Quando é que você vai perguntar por ele?

— Por ele quem?

Sam a encarou e, ao ver em seus olhos um traço de cumplicidade, respondeu:

— Pelo Pato Donald.

— Você conhece o Pato Donald? — brincou ela.

Achando graça daquela conversa, Sam respondeu:

— Ah, Terry, nem vem, a gente se conhece. Por acaso você não vai perguntar pelo Michael?

Terry fingiu indiferença e deu de ombros.

— Não pretendia fazer isso, não. Humm, vamos ver: por que eu deveria perguntar por ele?

— Porque eu acho que chegou o momento de vocês serem sinceros e colocarem as cartas na mesa.

— Sinceros?! Cartas na mesa?!

— Ahã...

— Olha, Sam, não sei o que está passando na sua cabecinha, mas já estou sendo sincera quando digo que não tenho a menor intenção de saber dele. E, quanto a colocar as cartas na mesa, eu com esse... esse... idiota, não jogo de jeito nenhum!

— Hummm, ok.

Sam se recostou e, em silêncio, começou a se balançar com os pés. Ninguém falou nada até que finalmente Terry murmurou:

— Ok, eu desisto. Cadê o Michael?

— Cuidando de um problema de uns amigos nossos.

Terry estava morrendo de curiosidade e não conseguiu segurar outra pergunta:

— Ele sabe que estou aqui?

Sam negou com a cabeça, e ela perguntou, olhando diretamente nos olhos dele:

— Pisei na bola com ele, né?

Sam fez um gesto afirmativo.

— Acho que os últimos encontros entre vocês não foram lá muito bons — comentou ele e, tocando a ponta do nariz dela, murmurou: — Não se esqueça: primeiro pensar, depois agir. Não o contrário. Vai ser melhor pra você.

E Terry abriu seu coração como nunca antes havia feito quando o assunto era Michael.

— Sei que ele sente alguma coisa por mim — acabou admitindo. — Sempre soube porque ele nunca negou. E o pior de tudo isso é que eu também sinto algo por ele. Mas, Sam, pensa bem: nossa relação é impossível. A gente ia se matar em questão de dias! E... e...

Sam ficou surpreso diante daquela revelação sincera e repentina.

— Fico feliz em saber que você gosta mais dele do que eu imaginava. Nunca teria imaginado — sussurrou ele com cumplicidade.

Ao se dar conta de que havia se aberto demais para ele, Terry tentou mudar o rumo da conversa e resolveu alfinetá-lo.

— Eu também não teria imaginado tudo o que aconteceu com você — murmurou, irritada.

Aquela ruiva não era fácil, e pelo visto nunca mudaria. Quando se sentia encurralada, partia para o ataque.

— Não estamos falando de mim, Terry, mas de você e do Michael — respondeu Sam. — Não muda de assunto, que eu te conheço, tá?

— É que eu não sei por que estou falando disso com você. Logo com você!

— Porque gosta de mim e sabe que eu nunca faria nada pra prejudicar você ou o Michael. E, agora que chegou o momento da verdade em relação a vocês dois, deixa eu te dizer que faz anos que vejo como vocês olham um para o outro. E o que está claro pra mim é que só vocês podem fazer com que haja alguma coisa ou não. Eu sou um mero espectador que se dispõe a escutar com paciência as duas partes. Só isso. E agora, Terry, minha querida, você pode voltar a me atacar e se aborrecer comigo, como sempre faz quando ouve alguma verdade que te desagrada.

Aquelas palavras e sua sinceridade a fizeram sorrir apesar de tudo, porque ela sabia que Sam tinha razão. Suspirou e se recostou no balanço.

— Sentia falta dessas conversas com você — confessou ela.

De repente ouviram alguém se aproximando, e os dois se viraram para ver quem era. Logo deram de cara com Kate.

— Oi — cumprimentou ela, meio tímida. — Terry, a mamãe quer que você vá lá pra ela explicar alguma coisa da casa ou sei lá o quê.

— É pra já — disse, levantando-se do balanço.

— Corre, corre, ô covarde! — gritou Sam, sorrindo.

Terry deu meia-volta, piscou para ele e desapareceu pela porta.

— Que história é essa? — perguntou Kate, achando graça do adjetivo que ele usou.

— Terry teve um momento de lucidez — respondeu Sam, sem revelar mais do que isso. — Quer beber alguma coisa?

Kate se sentou ao lado dele e pegou a cerveja que sua irmã havia deixado.

— Lucidez? Lucidez em relação a quê?

Sam tentou desfrutar daquele momento: Kate, ele e o mar ao fundo.

— Terry me pediu desculpas pelo que aconteceu naquele dia e ainda falamos, de passagem, sobre o que ocorreu entre ela e o Michael na última vez que se viram.

Ao se lembrar daquele momento, Kate sorriu disfarçadamente.

— Tadinho do Michael. Toda vez que me lembro daquele episódio, me dá arrepios.

Morrendo de vontade de beijá-la, Sam disse:

— Espero que eles conversem. — E, para mudar de assunto, pois não fazia ideia do quanto Kate sabia a respeito dos sentimentos de sua irmã, ele perguntou: — E você? Como está?

Kate deu de ombros. Sabia que aquela pergunta era inevitável.

— Bem. Assimilando as mudanças e tudo o mais.

— Sinto muito, Kate, e...

Mas ela não o deixou terminar e levantou a mão.

— Sam, não vamos mais falar disso. Agora a gente deve levar adiante as nossas vidas da melhor maneira possível, pra não prejudicar as pessoas que nos

amam a nossa volta.

— Sei disso.

— Onde estão a Sasha e o Tommy? — perguntou ela.

Sam compreendeu que ela não queria falar sobre o que tinha acontecido, então encerrou a conversa e respondeu:

— Na creche. O Michael vai buscá-los antes de voltar pra casa.

— E eles estão aceitando bem as mudanças?

— Estão, sim — suspirou, contemplando o mar. Não podia continuar olhando para ela, porque não resistiria de tanta vontade de beijá-la. — São pequenos e se adaptam muito rápido a tudo.

— Ollie comentou comigo que ela e a Sasha se dão superbem — disse Kate, nervosa por tê-lo tão perto.

— É difícil não se dar bem com a Sasha. Até a Cat, com toda a sua desconfiança, acabou se derretendo. Tenho três filhas maravilhosas.

— Sim. São ótimas.

— E sua mãe é incrível, hein?

— Minha mãe?

— Eu sempre soube que ela era fantástica, mas esses dias, aqui comigo, ela foi mais do que fantástica. Só pra você ter uma ideia: a Sasha está chamando ela de “vovó”.

— Sério? E o que a minha mãe diz disso?

Sam suspirou, pois sabia o que estava por vir e confessou:

— Está adorando. — E, meio preocupado, acrescentou: — Mas, conhecendo a Sasha, tenho medo de que, quando ela vir você e a Terry aqui e souber que são a mãe e a tia da Ollie e da Cat, ela queira que vocês sejam o mesmo pra ela.

Kate ficou tensa. Não estava disposta a aceitar aquilo e reagiu:

— Então você vai ter que explicar pra ela de alguma maneira que eu não sou a mãe dela, nem Terry é a tia. Concorda?

Embora a resposta dela fosse dolorosa para ele, Sam não estava em condições de contestar nada.

— Não se preocupa. Vou tentar explicar tudo direitinho. Só queria te prevenir do que poderia acontecer, porque conheço a menina. Aliás, quanto

tempo vocês vão ficar aqui?

Aquela pergunta a pegou de surpresa. Kate não havia planejado nada.

— Bom, não sei... alguns dias até eu ter certeza de que a Cat está melhor. Depois a gente volta pra casa e vê se ainda é possível ir pra Europa, como tínhamos planejado.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça e, encarando-a de repente, perguntou:

— Está saindo com alguém?

— Tenho uns amigos. E você?

— Tenho umas amigas.

Interrompendo a conversa, Ollie chegou até eles e, ao ver como se olhavam, quis saber:

— Do que vocês estão falando?

Kate se levantou e acariciou o rosto de sua filha.

— De nada em especial, querida. Vou ver se a Cat quer alguma coisa. — E em seguida desapareceu.

Ao perceber que havia interrompido algo, Ollie se sentou ao lado do pai e sussurrou:

— Cheguei numa hora ruim, né?

Sam olhou para ela e, abraçando-a, respondeu:

— Princesa, você nunca chega numa hora ruim.

## Capítulo 33

— Você está bem? — perguntou Michael, aproximando-se de Thais.

— Estou, sim, Michael. Obrigada — respondeu ela, olhando para ele com um sorriso triste. — Eu só quero que isso termine logo e eu possa voltar ao hospital pra ficar perto da mamãe. Só estou aqui porque ela me pediu. Porque, sinceramente, esse sujeito que está ali dentro — apontou para o caixão — não me desperta nenhum sentimento bom. Não tenho o menor carinho por ele.

Nunca foi legal com a mamãe, nem comigo, apesar de ela sempre ter gostado muito dele.

— Isso que você está dizendo é muito duro, menina — falou Michael, ciente da revelação cruel que ela estava fazendo.

Thais balançou a cabeça, concordando.

— O mais duro é viver isso todo dia, mas já acabou. O pesadelo finalmente terminou e eu só espero que eu e a mamãe possamos começar a viver em paz.

Samantha, que havia escutado tudo em silêncio, acariciou o braço dela com ternura.

— Claro que sim, querida. Agora vocês vão poder viver em paz, e não se preocupe com nada. Faremos todo o possível pra ajudar vocês.

A menina olhou para eles e murmurou agradecida:

— Vocês todos são tão bons comigo e com a mamãe que eu nem sei como vou poder pagar por tudo o que estão fazendo pela gente. Se não fosse por vocês, eu estaria sozinha no meio desse monte de problemas.

— Não pensa nisso — tentou animá-la Makay, que a adorava. — Agora o que você precisa fazer é seguir em frente, viver sua vida, e de preferência melhor do que antes.

Ela concordou com a cabeça e, ao se lembrar de algo, perguntou:

— Que horas a vovó chegaria mesmo?

Samantha respondeu:

— Dick foi buscá-la no aeroporto, não se preocupe. Ele vai levá-la ao hospital.

Ao ver o caixão do seu pai sendo baixado à sepultura, a menina respirou aliviada. O inferno que foi obrigada a aguentar desde pequena havia finalmente acabado, e o que ela mais desejava agora era ver a avó, voltar para perto da mãe e, como tinha dito segundos antes, poder viver em paz.

Depois do funeral, Michael a levou de carro até o hospital junto com Samantha e Makay. No trajeto, ele falava para distrair a menina. Ao chegar, parou o carro bem na entrada.

— Michael, eu adoraria te apresentar à minha mãe — disse Thais ao se despedir dele.

Mas Michael tentou deixar para outro dia. Ele tinha pressa. Estava ansioso para ver Kate.

— Eu também adoraria, mas talvez seja melhor em outro momento.

Thais não se deu por vencida e, olhando-o nos olhos, implorou:

— Por favor. Minha mãe vai adorar te conhecer.

Incapaz de recusar, acabou estacionando o carro e os acompanhou. Assim que saíram do elevador e chegaram ao sexto andar do hospital em que Vaitere estava internada, deram de cara com a médica que cuidava dela.

— Dra. Newton! — gritou Thais ao vê-la. — Como está minha mãe?

A médica sorriu diante da presença da jovem. Não podia esquecer a expressão de dor daquela menina na noite em que chegou com sua mãe ao hospital.

— *Aloha*, Thais — cumprimentou a mulher. — Sua mãe está respondendo muito bem ao tratamento.

— Sério? — disse a menina, chorando de emoção, e Makay e Michael se aproximaram para confortá-la.

— Não precisa mais chorar — consolou a médica, reparando em Michael pela primeira vez. — Sua mãe está bem. Ela precisa te ver alegre, porque o melhor remédio para um doente é a energia positiva dos que estão ao seu redor.

Totalmente de acordo com o que a médica dizia, Michael sorriu e balançou a cabeça, concordando.

— Então já sabe, né, querida? Vem, enxuga essas lágrimas e vamos lá ver sua mãe.

Makay, que havia assumido uma postura protetora em relação a Thais, tirou um lenço do bolso e ofereceu à menina.

— Vem, querida — incentivou Samantha. — Levanta esse ânimo e vem ver sua mãe.

Enquanto os dois jovens caminhavam até o quarto 605, Samantha e Michael foram falar com a doutora.

— Meu nome é Michael Talaua e sou amigo da família — apresentou-se, estendendo a mão.

Aquela médica bonita e sensual cravou novamente seus olhos em Michael.

— Dra. Amanda Newton.

Consciente daqueles olhares, e numa tentativa de se fazer notar, Samantha perguntou:

— Doutora, o que a senhora disse é verdade?

— Dentro do possível, sim — respondeu ela. — As costelas fraturadas vão demorar um pouco para deixar de incomodar. O braço quebrado também vai levar um tempo para sarar. As contusões e os hematomas, que é o que mais se vê à primeira vista, vão desaparecer, e as facadas que ela levou não atingiram partes vitais, felizmente. Acreditem em mim — insistiu a bela médica —, em duas ou três semanas ela vai receber alta, mas precisará de ajuda em casa durante um tempo. — Nesse momento o bipe da médica começou a tocar. — Vocês me dão licença, preciso ir. Mas fiquem tranquilos que estou bem atenta ao quadro dela.

— Nós agradecemos — disse Samantha, que ainda observava como os dois não paravam de se olhar.

A doutora se encaminhou com passos firmes em direção ao balcão das enfermeiras, e de lá falou por telefone durante alguns segundos. Pouco depois, eles a viram ir embora com uns papéis na mão.

— Vem, sorrzinho — brincou Samantha. — Vamos ver a Thais.

— Sorrzinho? — perguntou Michael, rindo.

Entre risadas e brincadeiras, chegaram ao quarto. Assim que entraram, viram Thais beijando sua pálida mãe. A pobre mulher de cabelo escuro e olhos puxados estava inchada como um balão pela quantidade de golpes que havia sofrido. Samantha se aproximou dela e a cumprimentou.

— *Aloha*, bonitona. Como você está, querida?

— Melhor... melhor — respondeu bem baixinho, olhando-a com seus olhos inchados.

De repente irrompeu uma voz potente, com um acentuado sotaque havaiano.

— Espere só alguns dias e ela vai voltar a ser a linda mulher de sempre.

— Sra. Bahole — alegrou-se Samantha, chegando perto dela para lhe dar dois beijinhos. — Que bom vê-la de novo! Ainda que seja nessas circunstâncias...

— Entendo, entendo — concordou a mulher, triste.

Nesse momento Thais pegou a mão de Michael e o conduziu até a cama de sua mãe.

— Mamãe, esse aqui é o Michael. O advogado amigo do Dick e da Samantha que vai ajudar a gente a pôr toda a papelada em ordem.

A mulher tentou sorrir, e Michael, comovido, só conseguiu dizer:

— Prazer em conhecê-la, senhora. Não se preocupe com nada. Meu irmão e eu ajudaremos em tudo que pudermos.

Vaitere estendeu a mão para apertar a de Michael, e com um fio de voz murmurou:

— Obrigada. Muito obrigada. E, por favor, não me chame de senhora.

— Tudo bem — disse ele, sorrindo. — Não se preocupe com nada. O importante agora é que você se recupere e saia logo daqui.

— Michael — chamou Samantha para atrair a atenção dele. — Essa aqui é a sra. Bahole, a mãe de Vaitere.

Aproximando-se daquela mulher de feições marcantes e intensos olhos negros, Michael a cumprimentou.

— Prazer em conhecê-la, senhora.

A mulher olhou para ele com gratidão, disse:

— O prazer é meu.

A porta se abriu e uma enfermeira entrou para injetar medicação no soro de Vaitere. Todos saíram do quarto, e Michael aproveitou a ocasião para se despedir.

— Preciso ir. Tenho que pegar a Sasha e o Tommy na creche.

— Você tem filhos, Michael? — perguntou a sra. Bahole.

— Bom, não sei bem o que responder — disse ele e, ao ver como ela o olhava com cara de espanto, esclareceu: — Não, não são meus. São os filhos do meu irmão, Sam.

A mulher balançou a cabeça em sinal afirmativo.

— São umas crianças encantadoras — disse Samantha. — Um dia desses você tem que conhecê-las. Vai adorar.

— Quando a senhora quiser — completou Michael.

Observando-o com aqueles seus belos, porém cansados, olhos negros, a mulher disse:

— Vou dizer a mesma coisa que minha filha: não me chame de “senhora”, porque assim você está me fazendo parecer mais velha. — E, aproximando-se dele, acrescentou: — Michael, obrigada pela ajuda que você está nos dando nesse momento difícil. Não quero parecer cruel, mas não sinto a menor pena por esse sem-vergonha ter se matado. Ah, e, por favor, faça tudo o que tiver que fazer e não se preocupe com o dinheiro, porque vamos pagar seus honorários.

— Sra. Bahole — sussurrou, olhando para ela. — Não se preocupe com nada. — Consultou o relógio e disse: — Tenho que ir, senão não vai dar tempo de buscar as crianças. Até logo.

Enquanto Michael se afastava pelo corredor, a mãe de Vaitere o observava e dava graças a Deus por sua filha e sua neta terem amigos tão bons ao lado delas.

## Capítulo 34

— Chegamos! — gritou Michael ao entrar em casa, com Tommy pendurado em seus ombros.

— Papai! Papai! — exclamou Sasha. — Vem ver o desenho que eu fiz pra você.

Ao ouvir a voz da filha, Sam foi correndo em sua direção.

— Oi, princesa. É lindo! Sempre quis ter um desenho assim — disse, abraçando-a.

Michael interveio:

— Achamos tão bonito que vamos prender com um ímã na porta da geladeira, não é, querida?

— É, sim, pai. Eu e o tio decidimos isso no carro, no caminho pra cá.  
Sam foi até a cozinha, onde fez o que a menina pediu.

— Então não se fala mais nisso. Aqui fica ótimo.

Orgulhosa do que havia feito, a criança olhou ao redor e perguntou:

— Cadê a Ollie, a Cat e a vovó?

— Já estão vindo — respondeu Sam. — Anda, vai lavar as mãos que eu vou te dar uns biscoitinhos.

Quando a menina correu para o banheiro, Michael perguntou:

— E aí, como estão as coisas?

— Tudo bem... por enquanto tudo bem — respondeu com um meio sorriso.

— E esse sorrisinho, hein? Aconteceu algo emocionante?

Ao ver que Terry se aproximava pela porta de trás, Sam respondeu:

— Não, ainda não. Mas está pra acontecer...

Michael deu uma risada ao ver seu irmão tão otimista, e nesse momento uma voz surgiu:

— Sam, minha mãe disse que...

Mas Terry não conseguiu continuar, porque diante dela estava seu maior objeto de desejo.

— Oi, Michael — balbuciou como pôde.

— *Aloha*, Terry. Você por aqui? — respondeu quando foi capaz de reagir.

— Vim fazer companhia pra Kate. Foi ela que me pediu — explicou, nervosa, sem tirar os olhos dele.

Virando-se para Sam e encarando-o com olhar assassino, Michael suspirou.

— Mas que divertido — disse e, olhando para ela, acrescentou: — Estou encantado com sua visita. E já sabe, né? Se precisar de algo, pode esquecer que moro aqui.

— Seu idiota! — protestou ela.

— Sim. Eu sou mesmo — disse Michael, emitindo um risinho desagradável. — Além de ser o garanhão da ilha. Tem mais alguma coisa que essa sua boquinha meiga gostaria de dizer?

— Ah, claro... Não me provoca, hein! — bufou Terry.

Ao ver a confusão que estava se armando, Sam fez menção de dizer alguma coisa, quando uma irrequieta Sasha apareceu na sala.

— Papai, já lavei as mãos. Me dá o biscoito?

Conhecendo Sasha e sabendo que ela não tinha papas na língua, Sam a pegou nos braços antes que ela perguntasse alguma coisa ou fizesse algo que pudesse irritar Terry.

— Olha, querida, essa é a Terry, tia da Ollie e da Cat. Ela veio passar uns dias com a gente.

Ainda furiosa com a recepção de Michael, Terry se esforçou para sorrir, até que reparou nos pontos que a menina tinha na cabeça. Nesse momento entraram Serena e as outras.

— Olha só minha pequerrucha — gritou Serena.

— Oi, vovó — disse, atirando-se em seus braços.

— O que é que vocês fazem com as crianças aqui? — perguntou Terry em tom de brincadeira.

Sam sorriu. Ver Sasha e Cat machucadas dava mesmo o que pensar.

— Pois é, filha — explicou Serena. — A gente se meteu na maior encrenca.

— Tô com dodói — disse a menina, olhando para Terry e sem se dar conta da presença de Kate. — Mas já não está doendo tanto, e quando dói é só um pouquinho.

Terry tentou reprimir o riso diante da expressividade da menina.

— Puxa, sinto muito, Sasha. Deve ter sido uma pancada forte.

— Afffff... o maior susto. — A menina suspirou, e Terry acabou esboçando um sorriso.

Kate tomou coragem, respirou fundo e disse:

— Oi, Sasha. Lembra de mim?

Ao vê-la, a menina arregalou seus olhos azuis e gritou com um sorriso de orelha a orelha:

— Papai... papai! É a sua amiga Kate, aquela moça bonita que me deu uma Barbie.

— Eu sei, princesa — respondeu Sam, sorrindo, apoiado no batente da porta ao lado de Michael, que não abria a boca. — Mas não precisa gritar.

Empolgada em ver tanta gente, a menina olhou para Kate e disse:

— Ainda tenho aquela Barbie, mas o Tommy vive roubando de mim. Mas eu cuido dela porque é uma das minhas preferidas.

— Não se preocupe — disse Kate. — Tenho certeza de que o Tommy só quer brincar um pouquinho com ela. — E, chegando mais perto da menina, acrescentou: — Fico feliz por você se lembrar de mim.

A menina estendeu a mão e, com um sorriso que desarmou Kate, tocou o cabelo dela e disse:

— Você cortou o cabelo.

— É.

— Adorei — falou Sasha e, olhando para seu pai, que as observava com atenção, comentou: — Papai, a Kate está linda, né?

Michael sorriu e cochichou no ouvido de seu irmão:

— Essa menina é uma autêntica neta da Serena.

Sam olhou para ele sem entender nada e, movimentando-se com nervosismo, acabou balbuciando:

— Sim, querida, a Kate está linda.

Consciente de que aquela situação era constrangedora para todos, Kate quis mudar de assunto e perguntou:

— Onde está o Tommy?

— Ali — disse Michael.

— Oi, Tommy — cumprimentou-o Kate, indo para perto dele. — Nossa... que moto mais bonita você tem. Posso ver?

Sorrindo, o menino lhe entregou a moto e segundos depois esticou os bracinhos para que ela o pegasse.

— Você quer vir comigo? — Tommy fez um gesto afirmativo com a cabeça, e Kate, sem pensar duas vezes, pegou-o nos braços diante do olhar atento de Sam e dos outros presentes.

Com a pequena Sasha nos braços, Serena observava a cena quase às lágrimas. Às vezes ela se surpreendia com suas filhas, ao ver como elas reagiam às dificuldades da vida.

Sam estava tão nervoso que não conseguia falar. Ollie e Cat, por sua vez, estavam adorando ver seus pais juntos na mesma casa, e Terry e Michael tentavam não olhar um para o outro, a fim de evitar um curto-circuito.

— Foi o tio Michael que comprou essa moto. É igual à dele — comentou a pequena Sasha.

— Você tem uma moto? — quis saber Terry.

— Tenho. Mas pra você é como se eu não tivesse.

Todos olharam surpresos para ele.

— Você quer andar de moto com o tio? — perguntou Sasha, incapaz de ficar de boca fechada.

— Nem sonhando — murmurou Michael, mas sua voz acabou saindo tão alta que todo mundo escutou.

— Isso nunca me passaria pela cabeça, seu metido — respondeu Terry, irritada.

— Por que você não quer levar ela pra passear, tio? — perguntou a menina, olhando para Michael.

Arrepentido de ter pensado em voz alta, Michael se abaixou e, tentando amenizar a situação, disse:

— Princesa, não é qualquer um que pode andar na minha moto...

Terry fez menção de responder, mas acabou ficando quieta. Sua irmã Kate havia dirigido a ela um olhar de recriminação. Mas a criança era curiosa demais.

— Vocês estão bravos? — perguntou.

Sam pegou a menina nos braços.

— Chega de perguntas, linda... — sussurrou ele.

— Mas por quê? — insistiu.

Querendo acabar com aquela situação tão desconfortável, Michael mudou de assunto:

— Quem quer sorvete de morango?

Sasha esqueceu tudo e gritou:

— Eeeeeeeeeeeeeuuuuu!

Quando Michael desapareceu com a menina, Serena olhou para Terry, que deu de ombros.

— O que acham de jantarmos no restaurante do Dick? — propôs Sam, sentindo vontade de sair de casa para acalmar os ânimos.

Empolgados com a ideia, todas entraram no carro de Sam, enquanto Ollie subiu na moto do tio. Quando chegaram lá, Sam se aproximou do balcão junto com Kate, que, emocionada, cumprimentou Dick e Samantha. A última vez que tinham se visto havia sido no casamento da alemã com o havaiano.

Terminado o jantar, Dick e Samantha foram até a mesa deles, e ela brincou com Michael ao falar da médica. Essa conversa não passou despercebida a Terry, que, no entanto, se esforçou para disfarçar o mal-estar.

Serena olhava encantada para todos eles. Estava maravilhada por ter ao seu lado as pessoas a quem mais amava no mundo, entre eles aquelas duas crianças que passaram a fazer parte da sua vida. Depois da sobremesa, Kate tentou reprimir um bocejo, e Sam, solícito, sugeriu que voltassem para casa. Kate e Terry deviam estar cansadas da viagem. Ao chegarem, todos se despediram, e cada um foi para suas respectivas casas.

## Capítulo 35

Quando entraram em casa, Serena e as meninas foram se preparar para dormir, deixando Kate e Terry sozinhas em seu quarto.

— Kate, como você está? — perguntou Terry, da cama.

— Estranha, e você?

— Com vontade de sair correndo — brincou Terry. — Aliás, que gracinha aquela menina. E o menino é um fofo.

Kate balançou a cabeça, concordando, e sorriu. Mas não queria pensar neles.

— E sobre o Michael, o que você me diz? — perguntou.

Terry não conseguia tirá-lo da cabeça.

— Ele me odeia — murmurou.

— Normal — concordou Kate. — Você o humilhou não faz muito tempo.

— Não me dirigiu a palavra a noite inteira.

— Dá um tempo pra ele.

— Não vou dar tempo coisa nenhuma... E digo mais: não dou a mínima para ele!

— Terry, para com essa bobagem. Você está louca pra que ele fale contigo. Não adianta negar!

Ela não respondeu. Estava com raiva demais.

— Sei que talvez você não goste de tocar no assunto, mas preciso lembrar que o último encontro de vocês não foi exatamente divertido. Michael terminou feito um trapo no chão, morrendo de dor.

— Você tem razão. Mas ele fez por merecer, o cretino.

— Terry... — protestou Kate, mas, ao ver a irmã bufar, acabou desistindo de contra-argumentar. — Vamos dormir. Estamos precisando.

— Boa noite.

Em poucos segundos, Kate começou a respirar profundamente e Terry deduziu que ela havia adormecido. Tentou fazer o mesmo, mas era impossível. Ficou se revirando na cama e ao fim, desesperada, decidiu se levantar e tomar um copo d'água. Na cozinha, com o copo na mão, abriu a porta dos fundos da casa e resolveu se sentar no balanço para relaxar ouvindo o barulho do mar. Sentindo a brisa em seus cabelos enquanto se balançava no compasso das ondas, seus olhos acabaram se fechando e ela pegou no sono.

De repente, acordou sem saber quanto tempo tinha passado desde que adormecera. Alguém a havia coberto com uma manta azul. Voltou a olhar para a frente e viu que a cor do horizonte e também a do mar tinham mudado desde a última vez que ela observou, e subitamente escutou uma voz a seu lado:

— Uau... A Cruella de Vil acordou.

Terry logo reconheceu a voz e o sotaque.

— Michael? — perguntou, sobressaltando-se.

Ele estava sentado nos degraus da entrada da casa, e seu rosto exibia uma expressão divertida.

— Sim, senhora. Esse é meu nome.

*Ai, meu Deus, que humilhação...*, pensou ela, horrorizada, e se ergueu do balanço imediatamente.

— Devo ter adormecido. Não sei há quanto tempo estou aqui.

— Bom, considerando que são sete da manhã e que eu te encontrei aqui roncando e morrendo de frio por volta das cinco...

— Roncando?! — gritou. — Foi mal, gatinho, mas sinto te informar que eu não ronco, não.

— Tem certeza?

— Absoluta!

Michael sorriu e fez menção de dizer alguma coisa, mas ela se antecipou:

— Você disse que são sete da manhã?

Michael se levantou e foi se acomodar ao lado dela no balanço.

— Pra ser mais exato, são sete e vinte.

Confusa, Terry retirou o cabelo do rosto, que estava despenteado por causa da brisa, e sussurrou:

— Sentei aqui pra tomar um copo d'água e... putz, devia ser tipo uma ou duas da madrugada!

— Então que belo cochilo você deu no balanço, hein! Hoje você vai ficar com o corpo todo moído.

*O que me dói é não ter coragem de te beijar, seu idiota*, pensou ela, acalorada. Ter Michael tão perto era perturbador, mas Terry se esforçava para aparentar normalidade.

— E você, o que está fazendo acordado tão cedo? — Mas antes que ele dissesse qualquer coisa ela reparou na roupa azul e preta de borracha que ele estava usando.

— Eu ia surfar um pouco.

— A essa hora?

— É. Acordei do nada, não consegui pegar no sono outra vez e decidi relaxar com minha prancha na água.

*Ai, Deus... ai, Deeeeeeus, ele está incrível!*

— Por que você não me acordou antes? — disse ela e, ao ver como ele a olhava, fez mais uma pergunta: — O que você ficou fazendo desde as cinco da manhã?

Ajeitando o cabelo que o vento havia soltado do rabo de cavalo, Michael disse com sua sensualidade característica:

— Brincava com você. Pensei em pintar um bigode na sua cara, mas acabei ficando com preguiça. — Ao ver que ela enfim abria um sorriso, ele acrescentou: — A primeira coisa que fiz foi te cobrir com a manta. Depois entrei na água e nadei um pouco, e por último sentei aqui pra ouvir você roncar.

— Ai, Michael — protestou ela, imaginando aquela cena horrorosa. — Você é terrível. Como não me acordou?

Ele estava adorando ter a situação sob controle e deixar Terry confusa daquele jeito.

— Porque eu não sabia se você ia me atacar. E, diante dessa dúvida, resolvi deixar você exatamente onde encontrei. Mas, claro, cobertinha pra não pegar friagem. Sou idiota a esse ponto com minhas *inimigas*, como você pode ver.

Terry se sentiu péssima e decidiu que havia chegado o momento de lhe pedir desculpas.

— Sinto muito... Me desculpa pelo modo como me comportei aquele dia no desfile.

— O que foi que você disse?! — perguntou, fingindo não ter entendido, embora tivesse escutado direitinho.

— Que eu peço desculpas por ter te tratado tão mal na última vez que a gente se viu.

— Uau... — disse ele, rindo. — Pena que eu não posso gravar esse momento histórico.

— Michaeeeeeeeel — resmungou ela. — Você sabe como eu sou: primeiro faço a bobagem, e só depois eu paro pra pensar. É meu grande defeito e eu tenho consciência disso. E por isso peço desculpas. Agi como um animal e não tenho justificativa pra esse comportamento.

Conseguir que Terry, por iniciativa própria, pedisse perdão já era um grande triunfo. Por isso, e sabendo que aquela atitude era inédita, ele respondeu:

— Eu te perdoei antes de voltar a Oahu.

— Sério?

— Sério — respondeu ele, sorrindo. — Sou idiota a esse ponto.

Desconcertada ao ouvir isso, Terry se limitou a sussurrar timidamente:

— Obrigada.

— Podemos ser sinceros um com o outro?

Inquieta por aquela pergunta, sentiu vontade de afastar o cabelo que a brisa acariciava em seu belo rosto moreno. Michael era especial para Terry.

— Sim. Claro.

Ele estava disposto a falar tudo que guardou para si durante tanto tempo.

— Se eu te beijei naquela noite, foi porque passei anos desejando isso e... — Mas, ao ver a expressão dela, mudou o tom de voz e acrescentou: — Eu também preciso pedir desculpas por ter tomado a liberdade de te beijar.

— Está desculpado. Mas, Michael, foi tudo tão precipitado que...

Ele a interrompeu:

— Precipitado? Você acha precipitado eu te beijar depois de passar mais de vinte anos desejando isso e reprimindo essa vontade? Olha, gata, ver você toda manhã era pra mim mais uma tortura do que um prazer. Durante anos fui testemunha silenciosa de centenas de coisas que eu gostaria de não ter visto, mas aguentei porque você sempre estava acima de tudo. E você acha precipitado? Fala sério, Terry! Você não tem nem ideia do que foi pra mim te ver e não te beijar. E... e outro dia, quando te vi e começou a tocar nossa maldita música, precisei te beijar de uma vez por todas pra que você soubesse o quanto eu gosto de você e...

— Precisou? Você “precisou” fazer isso?

— Exatamente — respondeu ele, sem parar de olhá-la. — Precisei.

— E por acaso não pensou no que eu precisava?!

Pronto para o contra-ataque, Michael se levantou do balanço, ficou de frente para Terry e, decidido a se afastar antes que ela o ferisse de novo, disse:

— Sabe de uma coisa, linda? Por muitos anos, toda vez que tocava “Desafinado” e você dançava essa música comigo, toda derretidinha, eu pensava ver em você algo que, claro, já percebi que não passa de imaginação minha. Mas, mesmo que você se recuse a admitir, no dia em que te beijei, por uma fração de segundo eu tive a sensação de que você estava curtindo tanto quanto eu. — Ela não respondeu, e ele acrescentou, com certa ironia: — Mas tudo bem, calma, depois desse tão esperado beijo eu aprendi a lição de que ninguém se aproxima da Terry se ela não estiver a fim.

— Michael...

Irritado e convencido de que aquela conversa havia chegado ao fim, ele arrematou:

— Espero que você aproveite bastante os dias que passar aqui, na minha terra, e tenha ótimas férias. E pode ficar tranquila que eu não vou cruzar seu campo de visão, se isso também te incomoda.

Terry ficou frustrada ao vê-lo desistir antes mesmo que ela pudesse falar.

— Michael. Escuta, eu... — sussurrou.

Mas ele, cada vez mais ressentido, não a deixou continuar.

— Não importa, Terry. Já está tudo bem claro entre a gente. Volta pra cama e dorme.

Ela ficou paralisada. Queria lhe dizer tantas coisas que não sabia por onde começar. Mas, em vez disso, Terry o viu se afastar, chegar até a praia, arrancar sua prancha da areia e voltar irritado para casa, onde deixou a prancha apoiada na entrada e desapareceu pela porta.

— Por que você não falou nada pra ele? — perguntou Kate de repente.

Assustada, Terry se virou para sua irmã.

— O que você faz aí escondida que nem um fantasma? Está bisbilhotando? — perguntou num tom queixoso.

Sem sair da casa, Kate negou com a cabeça.

— Acordei e, como vi que você não estava, vim te procurar e te vi aqui falando com o Michael — respondeu.

Agitada e irritada com o fato de Michael ter sido tão duro, Terry protestou:

— Ah, claro! Aí você aproveitou e ficou aqui escutando. Bisbilhoteira!

— Cheguei quase no final e reconheço que escutei o que ele disse — explicou, triste ao ver o quanto a irmã estava angustiada. — Mas o que eu não entendo é por que você não disse o que pensa ou sente por ele. Terry, pelo amor de Deus, o Michael acabou de abrir o coração pra você, e você não fez nada. Ficou só ouvindo com cara de tacho.

Terry estava irritada consigo mesma.

— Não deu. Ele não me deixou falar. Você não viu?

— O que eu vi é que ele é mais corajoso que você e pelo menos luta pelo que quer. Caramba, Terry, o que você vai fazer?

— Ué, você não escutou o que ele disse?

— Você pode convencê-lo. Pode se jogar de cabeça nessa história, como ele se jogou, e fazê-lo mudar de ideia.

— Não posso, eu... — sussurrou Terry com o coração a mil.

— Pô, Terry, reage! Acho que é o Michael. Ele está voltando — disse Kate, mas, ao ver a porta da casa ao lado se abrindo, cochichou, escondendo-se.

Terry se virou e, sem sair do lugar, viu Michael se aproximando dela com passos firmes exalando sensualidade. Quando ele estava a apenas dois metros de distância, ela perguntou baixinho:

— Está acontecendo alguma coisa, Michael?

De um salto, ele subiu os três degraus e a olhou fixamente nos olhos.

— Sim... está acontecendo isso. — E, pegando-a pela cintura, puxou Terry para si e a beijou.

O encontro de seus corpos emocionou os dois durões. Com determinação, Michael a apertou contra si e devorou sua boca, enquanto ela saboreava aquele beijo delicioso e ardente. Ela passou a mão pelo cabelo escuro dele e, o provocando, apertou-se contra ele enquanto sentia o calor tomando conta do próprio corpo. Ficaram assim por alguns segundos, até que ela disse, num tom de gemido:

— Para...

— Não. — Mas, ao sentir o olhar que ela lhe dirigia, acabou soltando-a a contragosto. — Desculpa. Não consegui controlar de novo meu desejo por você. Terry, quando te vejo, você me faz perder o controle e...

Dessa vez foi ela quem não o deixou continuar. Aproximando sua boca da de Michael num gesto provocante e agarrando-o com força, sussurrou:

— Escuta, ô garanhão da ilha...

— Começamos mal...

— Cala a boca e me escuta — exigiu ela. — Não parei de pensar em você e, se tivesse me deixado falar antes, eu teria feito exatamente isso que você acabou de fazer.

Incrédulo, ele abriu um sorriso encantador que desarmou Terry completamente. E começou a dar beijinhos nos lábios dela e na ponta do nariz.

— Nunca é tarde pra fazer isso.

— Você tem razão — concordou ela e, encostando sua boca na de Michael, mordiscou seu lábio inferior, passou a língua em torno da boca dele e sussurrou: — Acho que existe uma coisa muito especial entre a gente e, nos dias em que eu ficar aqui, quero descobrir se você também quiser isso.

— Eu também quero, linda, e espero que o que a gente descubra seja tão intenso pra você quanto é agora pra mim.

Depois de se olharem nos olhos com a respiração entrecortada, voltaram a se beijar, até que Michael se deu conta de que era preciso parar naquele exato instante, senão ele não resistiria e iria levá-la para a cama.

— Odeio dizer isso, mas, se eu continuar aqui, não vou conseguir me controlar — disse e, depois de lhe dar um último beijo nos lábios, acrescentou: — Anda, vai descansar. Amanhã, se você quiser, a gente pode sair pra jantar. Precisamos conversar sobre várias coisas. Que tal?

Lamentando não poder levar adiante aquele jogo sedutor, Terry se afastou dele e, enquanto entrava na casa, cochichou para que ninguém escutasse:

— Vou adorar jantar com você.

Sentindo-se no céu, Michael sorriu como uma criança enquanto a observava.

— Não comenta com ninguém sobre nosso encontro. Quero ver a cara de certas pessoas — disse, rindo.

Achando graça também, ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e, quando ia fechar a porta da casa, ouviu:

— Terry... Terry.

Virou-se depressa para ele e perguntou:

— Que foi?

Com uma sensualidade e um jeito malicioso que a fizeram sorrir, ele disse enquanto caminhava para sua casa:

— Mesmo que você negue, sinto te dizer que você ronca.

— Você é terrível, Michael — disse ela, rindo e vendo-o se afastar. — Terrível.

Michael, o homem que a havia deixado na pior, voltara a lutar por ela e aceitara sua proposta. Estava completamente absorta em seus pensamentos quando de repente ouviu:

— Você é que é terrível.

Virando-se para sua irmã, que continuava meio escondida na sombra, perguntou:

— Você continua aí, sua bisbilhoteira?

Enxugando as lágrimas, Kate fez que sim com a cabeça.

— Foi tão romântico... — disse.

Incrédula, Terry se aproximou de Kate, cujo rosto ainda estava coberto de lágrimas.

— Está chorando? Ah, para com isso, sua boba... — repreendeu Terry com ternura.

— Terry, é que fico tão feliz por você — disse, abraçando-a.

Aquele sincero carinho de Kate deixou Terry emocionada.

— E por que agora eu também estou chorando?

— Não sei — respondeu Kate, rindo, e sem soltá-la acrescentou: — Anda, vamos pra cama. Precisamos descansar. E pode ficar tranquila: não vou comentar com ninguém sobre o jantar de vocês.

## Capítulo 36

No dia seguinte, por volta das onze e meia da manhã, o telefone tocou na casa de Michael e Sam. Era Thais, que perguntava por Michael, e Sam entrou no quarto dele para acordá-lo.

— Bom dia. Aconteceu alguma coisa? — perguntou Michael, ainda sonolento.

— Desculpa te acordar, Michael — falou a garota. — Mas é que acabaram de me ligar da seguradora do carro do meu pai e disseram que eu tenho que pagar uma determinada quantia por causa do automóvel e... Ai, Michael... eu não tenho esse dinheiro, como vamos pagar por tudo isso? — sussurrou agoniada. — Eu não sabia a quem pedir ajuda e...

— Não se preocupa. Você fez bem em me ligar — disse, espreguiçando-se. — Você disse que ligaram da seguradora? — perguntou, agora sentado na

cama.

— Isso, mas fiquei tão nervosa que quase não entendi o que eles disseram. Me deram um número de telefone pra falar com um tal de Stephen Mawnster.

Nesse momento Sam entrou no quarto novamente para lhe entregar uma xícara de café. Michael balançou a cabeça em agradecimento.

— Vamos fazer uma coisa, Thais. Te vejo à uma da tarde no meu escritório, e de lá a gente liga pra seguradora. Pode ser?

— Ok. Combinado — disse Thais, sorrindo aliviada do outro lado da linha.  
— Obrigada, Michael.

Quando a conversa acabou, Sam interrogou o irmão com o olhar.

— Ligaram da companhia de seguros exigindo o pagamento de alguma coisa — explicou Michael.

Sam suspirou.

— Já imaginávamos que isso aconteceria. Você sabe como algumas seguradoras agem como abutres.

Michael bebeu o café de um trago só e devolveu a Sam a xícara vazia, levantando-se.

— Vou tomar um banho pra ver se eu acordo de vez.

Antes de sair, Sam perguntou:

— Vem cá, você não tem nada pra me contar, não?

Michael entendeu logo do que ele estava falando e, sorrindo, apoiou-se no batente da porta.

— Que fofoqueiro!

Sam deu uma risada.

— Ainda não falamos sobre a chegada de uma tal de... Terry. Não é?

Com uma cara que deixou Sam desconcertado, Michael pousou sua mão no ombro dele.

— Em primeiro lugar, você é um péssimo irmão por não me avisar que essa peste tinha vindo junto com a Kate. Nunca vou te perdoar por isso! E, segundo, tenho um encontro essa noite.

— E sobre a Terry...

— Não — cortou Michael, surpreendendo-o. — Não quero tocar nesse assunto. O que eu quero, na verdade, é que você não conte comigo pra levar a

família pra passear por aí. Entendido?

— Está dizendo que vai dispensar a mim e as meninas que vieram de Nova York?

— Exatamente! Dispenso! Tenho coisas mais importantes pra fazer do que levar todas as suas mulheres pra passear.

— Pô, Michael, não faz isso comigo.

— Foi mal, irmão, mas não quero saber de nada disso.

Estranhando aquela recusa, Sam franziu as sobrancelhas.

— Você tem um encontro? — perguntou.

— Tenho.

— Com quem?!

Michael estava disposto a irritá-lo.

— Com uma gata incrível.

— É a médica que a Samantha mencionou ontem à noite?

— Não.

— Então com quem? — insistiu Sam, mas, ao perceber que o irmão não revelaria nada, murmurou: — Tá bom. Chega. Desculpa não ter te contado que a Terry viria junto com a Kate. Mas pensei que seria uma surpresa pra você e...

— Surpresa! — exclamou Michael. — E que surpresa, hein!

Sem entender a reação de seu irmão, Sam cochichou para ninguém mais ouvir:

— Então, se foi uma surpresa o fato de ela ter vindo pra ilha, pode me explicar por que justamente agora você marcou de sair com outra mulher?

— Sou masoquista mesmo — brincou Michael.

— Mas desse jeito você nunca vai conseguir o que quer com ela.

Michael chegou mais perto do irmão e o pegou fraternalmente pelos ombros.

— Sam, acho ótimo que a Terry esteja aqui — disse. — Mas eu tenho um encontro essa noite e não vou desmarcar por nada nesse mundo.

— Faz o que achar melhor — alfinetou ele, irritado, e se afastou. — Mas depois não reclama.

Enquanto via Sam distanciando-se, sorriu para si mesmo ao imaginar a cara que o irmão faria quando descobrisse com quem ele iria sair.

Michael tomou um banho, vestiu uma camisa branca e calça social azul, pegou o capacete e andou até sua moto. Ao passar pela porta, viu Serena se aproximando junto com Kate, Terry e as meninas, e se deteve diante delas.

— Aonde vai tanta beleza junta? — perguntou.

*Ai, meu Deus... esse homem é muito gostoso*, pensou Terry, sem deixar ninguém perceber sua reação.

— À praia — respondeu Serena. — Sam e as crianças estão aí dentro?

Colocando o capacete, ele subiu em sua moto.

— Deixei uns pestinhas ali — brincou ele, sem olhar um segundo para Terry. Despediu-se e arrancou com a moto: — Bom, meninas, estou indo. Até mais.

Terry sorriu e ficou observando-o se afastar, até que de repente sentiu alguém segurando seu braço.

— Para de fazer essa cara de boba, senão vão acabar reparando — sussurrou Kate.

Nesse momento, ouviram as vozes das meninas:

— Uau, como o tio está gato! — suspirou Ollie, olhando para Cat, que concordou.

Serena acrescentou, virando-se para suas netas:

— Além de lindo, o garotão tem um encanto especial, né?

Terry olhou para todas elas com cara emburrada. Sua irmã estava achando a maior graça disso.

— Mãe — interveio Kate. — O Michael sempre foi muito simpático.

Num tom de indiferença, Terry comentou:

— De simpatia o inferno está cheio. — E, depois de dizer isso, passou na frente de todas elas, que a olharam perplexas.

Dez minutos mais tarde, estavam curtindo o sol e a brisa, enquanto se banhavam na praia maravilhosa em frente à casa.

## Capítulo 37

Quando Michael chegou à porta de seu escritório, Thais já estava lá.

— *Aloha*. Está aí esperando há muito tempo?

— Acabei de chegar — respondeu, enquanto ele abria a porta.

Assim que entraram, sentaram e se acomodaram diante da mesa marrom-escura.

— Bom, vamos lá. Me conta o que aconteceu.

A garota, nervosa, tirou o cabelo do rosto.

— Hoje, lá pelas nove e meia da manhã, o telefone tocou. Era um tal de Stephen, da companhia de seguros Mulahoe. Disse que, depois de analisar o caso do acidente do meu pai, concluiu que teríamos que pagar não sei o quê, e... e... e...

Com um sorriso, Michael olhou para a menina e disse, pegando o telefone:

— Calma. Me dá o número da seguradora que eu vou ligar pra eles.

— Eu... bom... eu... também quero comentar outra coisa com você.

Ao ver sua expressão constrangida, Michael desligou o telefone.

— O que você quer contar?

A garota abriu a bolsa, tirou uma espécie de livrinho e o estendeu a Michael, enquanto explicava:

— Ontem eu estava juntando a roupa do meu pai para doar a instituições de caridade e encontrei isso em uma das gavetas.

Michael pegou o que ela lhe entregava.

— É um cartão do banco Aloha Oahu. Uma conta no nome do seu pai.

— Sim... isso eu vi.

— Thais, seus pais tinham alguma conta conjunta?

— Tinham — respondeu ela, entregando-lhe outro cartão. — Essa não é deles. — E, depois de um suspiro, murmurou: — Acho que a mamãe não sabe da existência dessa conta. Aqui tem dinheiro suficiente pra ela poder viver tranquilamente por muitos anos, sem se preocupar em trabalhar. Com esse dinheiro poderíamos terminar de pagar a casa e acertar várias outras coisas, mas o problema é que está só no nome dele. Podemos sacar o dinheiro do banco?

— Não é fácil — respondeu Michael, suspirando. — Mas vamos ver o que podemos fazer. Me dá uns dias pra eu ver se consigo fazer alguma coisa, ok?

A menina sorriu e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Não comenta nada com sua mãe. Não quero que ela crie expectativas de algo que não necessariamente vai ser possível. Podemos ligar pra seguradora agora?

— Combinado. Não vou falar nada, pode deixar — respondeu.

Michael discou o número da seguradora e perguntou pelo senhor Mawnter. Vinte minutos depois, desligou o telefone. Então Michael se virou para ela e explicou:

— Vou direto ao ponto, Thais. Seu pai assinou uma cláusula no seguro determinando que, se o acidente fosse por embriaguez, a empresa não pagaria nada. Por isso, não vamos poder receber o dinheiro que a seguradora costuma dar em caso de morte.

— Não queremos o dinheiro — respondeu ela rapidamente. — Mas e aquela história de que temos que pagar sei lá o quê?

— É pelos danos que seu pai provocou na estrada com esse acidente.

— Sério? — perguntou ela, incrédula.

Michael balançou a cabeça num gesto afirmativo.

— Sério, querida. Vocês têm que pagar 600 dólares.

— E isso é tudo?

— É. Nada mais — disse ele, sorrindo ao ver como ela respirava aliviada.

Conversaram mais um pouco, depois se levantaram e se dirigiram até a porta.

— Quer que eu te deixe em algum lugar? — perguntou Michael.

A jovem negou com a cabeça e consultou seu relógio.

— Tenho que ir à joalheira aqui do lado deixar uma coisa da minha mãe. Depois vou para o hospital.

— Vem — disse, pegando-a pelo braço. — Eu te acompanho na joalheria e depois te deixo no hospital. É caminho pra mim.

Ao chegar à joalheria, Michael entrou junto com a garota.

— *Aloha*.

— *Aloha* — responderam Michael e Thais.

— Em que posso ajudá-los? — perguntou o vendedor enquanto Michael observava uma das vitrines.

A jovem abriu a bolsa e tirou um objeto.

— Queria que vocês consertassem o fecho desse broche.

O funcionário o pegou e analisou por alguns segundos.

— Fazia tempo que eu não via um desses. Já não se produzem peças como essas tão delicadas e principalmente tão bem-trabalhadas. Ah... e essa aqui, além disso, pode ser utilizada como pingente. Que interessante.

Thais sorriu. Era uma relíquia familiar.

— É uma joia da minha família. Algo muito especial.

Michael se aproximou deles.

— O que é especial?

— Esse broche — disse ela, mostrando a ele. — É uma joia da minha família que pode ser usada como broche ou pingente. Você gosta?

Michael se deteve pela primeira vez naquele pequeno objeto e, com a boca seca, perguntou:

— Posso ver?

Thais fez que sim com a cabeça, enquanto falava com o funcionário. O broche era a metade de um coração folheado a prata. Michael ficou sem palavras, nem sequer piscou enquanto tentava captar cada detalhe. Como aquilo era possível? Aquele objeto era igual, para não dizer idêntico, ao que sua mãe lhe havia deixado no orfanato, num envelope entregue a Daula.

— É maravilhoso — repetiu o funcionário. — Já não se fazem trabalhos como esse. Se você fosse a um antiquário, tenho certeza de que te dariam um bom dinheiro por ele.

— É tão antigo assim? — perguntou Michael, sem tirar os olhos do broche.

— Essa peça tem pelo menos duzentos anos.

— Eu nunca levaria num antiquário — disse Thais. — É uma coisa muito especial pra gente.

Como se queimasse suas mãos, Michael o soltou.

— E a outra metade do broche? — perguntou o funcionário, curioso.

— Como assim?! — reagiu Thais.

— Esse broche é a metade de um coração entrelaçado, está vendo? — Apontou um fiozinho de prata que deveria ser unido a outro. — Só se pode entrelaçá-lo com o par exato dele. Já te disse que essas peças são únicas. Irreproduzíveis. Não dá pra unir duas peças que não foram criadas juntas, no mesmo momento.

— Nunca me falaram que havia outra metade. Vou perguntar à minha mãe ou à minha avó. Com certeza elas sabem de alguma coisa — respondeu Thais, surpresa.

O funcionário colocou o broche numa bolsa marrom.

— Vai ficar pronto em três dias.

— Ótimo — disse Thais, sorrindo. — Tchau.

Saíram para a rua, mas Michael continuava calado. Sua mente estava em turbilhão.

— Michael, está tudo bem?

Ele sorriu, tentando reagir, mas não conseguia tirar da cabeça a pergunta do joalheiro: *E a outra metade do broche?*

— Está, sim. Fica tranquila. Eu só estava pensando na história desse broche.

— Eu e a mamãe o deixávamos escondido. Sabíamos que, se o papai encontrasse, iria vendê-lo. Ele o procurou por muito tempo, mas eu entreguei à minha amiga Luna, que guardou na casa dela. Ontem, finalmente, a mamãe pediu pra eu levar o broche ao hospital. Segundo ela e a vovó, esse broche ou pingente é um amuleto de sorte. Se bem que, infelizmente, nunca deu sorte pra minha mãe.

— Vocês precisam esquecer o passado e pensar que a vida segue em frente.

— A gente pensa nisso, Michael, mas não é fácil esquecer.

— Eu sei que não é fácil, mas agora tudo vai ser diferente. Inclusive sua avó está aqui e eu tenho certeza de que ela vai ajudar vocês — falou ele, emocionado.

— É uma mulher incrível. Eu amo muito ela.

Michael fez um gesto afirmativo com a cabeça. E de repente sentiu vontade de saber mais sobre ela.

— Lembro que a Samantha me falou que ela não vive em Oahu. É verdade?

— É. Ela mora em Lanai.

— Ela é de lá?

— Não. É daqui mesmo, de Oahu. Acontece que, quando se casou com meu avô, foram morar no Havaí. Ele trabalhava no Banco da Ilha, e foi no Havaí que minha mãe nasceu. Quando a mãe do meu avô ficou viúva, todos foram morar em Maui e, depois que ela morreu, mudaram-se para Lanai e lá estão até hoje.

— E o seu avô?

— Morreu há dois anos. Ele também não dava uma vida boa pra minha avó — comentou a garota, suspirando. — A verdade é que nem minha mãe nem minha avó tiveram sorte no amor. Mas, quando meu avô morreu e minha avó começou a visitar a gente, as coisas pioraram. Meu pai não suportava a vovó.

— Por quê?

— Porque minha avó sempre soube que ele não era bom pra minha mãe. Quando eu tinha seis anos, meu pai nos trouxe a Oahu pra nos afastar do carinho da vovó. E toda vez que ela vinha visitar a gente e via que eu e minha mãe estávamos malvestidas ou mal-alimentadas, ela se irritava e enfrentava meu pai.

— Claro — disse Michael.

— As visitas foram ficando cada vez mais espaçadas, até que chegou um momento em que a vovó só vinha três ou quatro vezes por ano, pra não causar mais problemas pra minha mãe.

— Coitada da sra. Bahole. Realmente sofreu um bocado.

— Pois é — concordou a jovem. — A vovó também não teve uma vida fácil. Meu avô era muito rígido com ela. Era um homem de outro tempo, bastante conservador e machista, e achava que ela deveria fazer tudo por ele, senão ele se aborrecia. Ficava jogando na cara dela que era ele que botava comida na mesa e pagava as roupas dela.

— A vida das pessoas é realmente curiosa — disse Michael. — Sua avó parece tão ativa, tão dinâmica e tão boa pessoa que a gente sente a maior

tristeza ao ouvir uma história dessas.

— É triste mesmo, ainda mais quando a gente vê os olhos dela cheios de lágrimas e quando ela diz, em resposta às minhas perguntas, que às vezes as lembranças são tão reais que a fazem chorar. Imagino que ela pense nos pais dela ou em sua família já desaparecida.

Michael se sentia cada vez mais confuso. A história. O broche.

— Qual é o nome da sua avó?

— Ela se chama Thalia — respondeu, quando já estavam bem perto da moto. — Adoro esse nome. Se um dia eu tiver uma filha, vai se chamar assim.

Ao ouvir esse nome, Michael ficou sem fôlego. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Sentiu a saliva engasgada na garganta, e as palavras pareciam ter se desintegrado, para nunca mais voltar. Sua cabeça ia explodir. Como aquilo podia estar ocorrendo? Será que a Thalia poderia mesmo ser sua mãe?

Quando subiram na moto, Michael dirigiu automaticamente até o hospital, sem prestar atenção ao trajeto. Aquela hipótese estava deixando-o aflito. Assim que chegaram, ele estacionou a moto e os dois entraram no hospital para ver Vaitere.

Ela parecia melhor e, ao vê-lo chegar junto com sua filha, abriu um grande sorriso e escutou atentamente o que Michael tinha a contar sobre o problema do seguro. Ele não disse nada a respeito da conta bancária.

Instantes depois, a porta do quarto se abriu, e a avó da garota entrou com um sanduíche nas mãos.

— *Aloha* — cumprimentou, bem-humorada. — Que alegria ver minha linda neta e seu amigo bonito.

Nervoso, Michael estendeu a mão para ela e disse num fiapo de voz:

— *Aloha*, sra. Bahole. É um prazer vê-la de novo.

— Eu digo o mesmo — respondeu e, mostrando o sanduíche, explicou: — Eu tinha comprado isso aqui pra comer, mas se vocês quiserem eu vou lá embaixo e trago mais um pra vocês.

— Mãe — protestou Vaitere. — Eu falei pra comer alguma coisa com mais sustança do que um sanduíche.

— Não estou com muito apetite, filha — disse, sorrindo com carinho.

— Isso não está certo, sra. Bahole — interveio Michael. — Assim a senhora vai ficar doente e depois vamos ter que cuidar da senhora também.

A mulher olhou fixamente para ele e falou com ternura e simpatia:

— Já te disse outro dia, Michael, pra não me chamar de “senhora”. O melhor é você me chamar pelo nome. É Thalia.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Pois então, Thalia, acho que você deve descer e comer alguma coisa. Thais, por que não leva sua avó lá embaixo e vocês duas comem com calma? Eu fico aqui com sua mãe, e assim a gente conversa um pouquinho.

A garota se levantou rapidamente.

— Vem, vó, eu também não comi nada. Vamos lá embaixo comer alguma coisa.

Thalia finalmente se deu por vencida.

— Está bem. Mas que fique claro que vou à cafeteria porque acho que estou te deixando em boas mãos — disse, olhando para sua filha. — De qualquer forma, não vamos demorar muito.

— Vai lá, mãe. Vai com a Thais pra ela comer também.

As duas desapareceram pela porta, deixando Michael a sós com Vaitere. Passaram algum tempo tratando das questões burocráticas que deveriam resolver depois da morte do marido dela. Michael a observava com discrição. Percebeu que os olhos de Vaitere, apesar da cor meio amarelada que tinham por causa dos golpes sofridos, eram iguais aos de sua mãe, e pela primeira vez admitiu que aqueles olhos eram iguais aos seus. Será mesmo que ela poderia ser sua irmã?

Vaitere se deu conta de como ele olhava para ela e ficou um pouco inquieta com isso. Aquele advogado era excessivamente amável com ela. Será que queria algo mais do que ser seu advogado?

Quarenta e cinco minutos depois, Thalia e Thais voltaram ao quarto com um sorriso nos lábios.

— Toma, Michael — disse Thalia, entregando-lhe um pacote embrulhado em papel alumínio. — Come esses sanduíches quentinhos. Você também está de barriga vazia.

Ele concordou com cara de bobo.

— Realmente estou com fome.

Por volta das seis da noite, despediu-se delas e prometeu voltar outro dia. Precisava de respostas e só poderia encontrá-las investigando um pouco.

## Capítulo 38

Naquela tarde, quando Michael chegou em casa, estacionou a moto e, sem cumprimentar ninguém, foi direto para o quarto. Abriu o armário e de lá tirou a caixa de madeira em que estava guardado o broche de prata. Ele o pegou entre suas mãos e olhou para o objeto durante um bom tempo. Era idêntico ao que Thais havia levado para consertar. Mas ele precisava confirmar se faziam um par. Ainda com o broche nas mãos, pegou a carta que a sra. Daula lhe entregou quando ele se tornou maior de idade e voltou a lê-la:

*Querido Michael,*

*Tanto seu pai quanto eu te amamos do fundo do coração, mas as circunstâncias me obrigam a te deixar aqui. Não sei quando vou poder voltar para te buscar, mas quero que você saiba que todo dia, quando eu acordar, pensarei em você, porque te levo no meu coração. Deixo contigo essa metade de coração, com a esperança de que algum dia nossas vidas voltem a se unir.*

*A mamãe te ama.*

*T.*

Ao longo dos anos, Michael havia lido aquela carta centenas de vezes, mas de repente voltou a lhe dar a importância de antes. O broche em forma de meio coração e a inicial T eram as únicas pistas que ele tinha sobre sua família, em especial sobre sua mãe. E de súbito, naquele dia, sem querer, sem esperar, um broche e uma mulher chamada Thalia lhe haviam devolvido as esperanças.

Depois de guardar no armário a caixinha com seus tesouros, saiu do quarto com um largo sorriso. Poderia mesmo ser verdade tudo o que ele imaginava? Ao entrar na cozinha, viu Sam preparando umas bebidas para levar à praia.

— *Aloha*, irmão — disse Sam e, ao vê-lo sorrindo, murmurou: — Uau, vejo que você teve um bom dia.

Michael se aproximou dele e pousou a mão em seus ombros.

— Foi um dia surpreendente, Sam. Acho que encontrei minha mãe.

Sam olhou espantado para ele.

— O quê?! — exclamou.

Numa fração de segundo passou pela cabeça de Sam a vez que ele pensou ter encontrado um parente e o sofrimento que aquilo lhe causou. Nunca esqueceria o desprezo com que ele e Michael foram tratados e o quanto choraram depois. Naquele dia eles prometeram um ao outro jamais voltar a procurar os parentes perdidos. Mas de repente lá estava Michael, todo feliz, dizendo que achava ter encontrado a mãe.

— Me conta — exigiu Sam. — Como? Onde? Eu não sabia que você estava procurando por ela.

Michael lhe pediu calma e, principalmente, disse para ele falar mais baixo.

— Eu não estava procurando... — murmurou, mais calmo que seu irmão.

Impaciente, Sam voltou a perguntar:

— Mas como? Onde você teve notícias dela?

Com um turbilhão de emoções, Michael lhe contou passo a passo como havia chegado àquela conclusão e, quando terminou de falar, Sam disse, incrédulo:

— A avó de Thais? Você está falando sério?

Michael balançou a cabeça, com um sorriso radiante.

— Tão sério quanto esse assunto é pra mim.

— Michael, eu não queria que você sofresse por isso e...

— Tranquilo, irmão. O que tiver que ser será. — E, ao imaginar o que passava na cabeça dele, acrescentou: — Não se preocupa. Ninguém vai me magoar e também não vou permitir que façam isso com você. O que aconteceu naquela vez nos fez muito mal porque éramos dois jovens bobos e inexperientes. Hoje somos dois homens que sabem lidar com o que acontece e aceitar o que tiver que ser.

— Fico feliz em saber disso — falou Sam e o abraçou emocionado. — Só me diz em que eu posso ajudar. E pode contar comigo.

— Por enquanto em nada, Sam. Tenho que saber mais sobre elas e, principalmente, comprovar que o broche se encaixa naquele que eu tenho.

— E se ele se encaixar?

Michael levou as mãos à cabeça.

— Meu Deus, Sam. Eu nem saberia o que fazer!

Nesse momento Ollie entrou na cozinha à procura de seu pai.

— Que história é essa de “não saberia o que fazer”? — perguntou.

Sam se afastou rapidamente do irmão e, sem saber o que dizer, murmurou para sair do aperto:

— Filha, é que seu tio tem um encontro hoje à noite.

A menina se aproximou, encarou os dois e perguntou com curiosidade ao tio:

— Sério? Com quem?

Retomando o controle da situação, Michael cochichou na orelha de sua sobrinha:

— Com alguém muito especial.

— Poxa, tio — resmungou, irritada. — Sacanagem você deixar a gente aqui e sair por aí sabe-se lá com quem.

Achando graça, Michael se aproximou dela e a tomou pelo braço.

— Minha querida, na vida nem sempre as coisas são do jeito que a gente quer, e essa noite é importante demais pra eu adiar.

Mas Ollie não se dava por vencida e insistiu:

— Mas, tio, hoje a gente queria jantar na pizzaria do porto.

Abrindo os braços, Michael repetiu:

— Não vai dar, princesa. Vocês vão ter que ir sem mim. Mas prometo que a gente volta lá outra noite.

Ao ver a cara emburrada da filha, Sam interveio para dar uma mãozinha a Michael:

— Ollie, o tio tem a vida dele aqui em Oahu. Não é justo que você queira se meter e dizer com quem ele pode sair.

Indignada, a menina deu meia-volta para ir embora, mas antes protestou:

— Eu também não gosto de muitas coisas, mas não digo nada. — E, olhando para seu tio, acrescentou: — E você pode sair com quem quiser. Não tenho nada com isso! Mas, quando eu voltar a Nova York, não venha me dizer que está com saudades de mim, porque agora eu estou aqui e você vai sair com outra.

Dito isso, a menina saiu da cozinha batendo a porta com força. Os dois se olharam incrédulos. Aquela era mesmo a doce Ollie?

— Caramba... — brincou Michael, ao vê-la tão aborrecida. — Ela realmente não gostou do meu encontro de hoje à noite.

— Não liga pra ela — disse Sam e, dando um tapinha de leve em seu ombro, opinou: — Mas você bem que podia ter deixado o encontro para outro dia. Pra quando as meninas já tivessem ido embora daqui.

— Impossível, irmão — insistiu com um sorriso todo bobo. — Ah, e olha só: não comenta nada com ninguém sobre aquele outro assunto, ok?

— Sem problemas — respondeu Sam e, entregando-lhe a bandeja de bebidas, sugeriu: — Vem, me ajuda a levar as bebidas antes que elas entrem apressadas aqui.

Michael abriu a porta dos fundos da casa e gritou:

— Quem quer uma bebida geladinha?!

Sasha se inclinou na direção dele para arrancar um copo de laranjada, e Michael sorriu. Kate e Terry pegaram uma limonada que Sam estava trazendo, enquanto Serena, Cat e Ollie observavam Michael com cara de poucos amigos. Ele percebeu a contrariedade delas, mas achou graça. Jogaram frescobol na praia e por fim todos foram dar um mergulho no mar, para se refrescarem.

Num momento em que não havia ninguém ao redor de Terry e Michael, ele sussurrou:

— Ei, linda... — Mas ela nem se dignou a olhar para ele. — Não contou pra ninguém sobre nosso encontro, né?

— Não — murmurou ela, atirando-se na água. Estava tão nervosa que não conseguia olhar nos olhos dele.

Nesse instante os outros saíram da água e se enxugaram com as toalhas. Michael consultou o relógio e disse:

— São sete e vinte da noite. Te espero às oito e meia da noite.

Surpresa, ela se virou para ele. Queria estar deslumbrante naquele primeiro encontro.

— Você vai me dar só uma hora pra eu me arrumar?

Extasiado pelo visual sexy que Terry lhe oferecia, molhada e de biquíni, ele sorriu.

— Terry, meu amor. Você não precisa de tempo pra ficar linda. Você *já é* linda.

*Ai, meu Deus... me dê força pra eu me segurar e não beijar ele aqui mesmo,* pensou e esboçou um sorriso tímido.

— Ok, então. Oito e meia.

Dito isso, começou a nadar nas águas cristalinas de Oahu enquanto Michael decidiu sair do mar. Cinco minutos depois, Terry também saiu, pegou uma toalha e, secando-se, falou:

— Vou já pra casa. Quero tomar um banho. Assim vou ser a primeira!

— Nossa, que espertinha — disse Kate com um sorriso que não indicava nenhuma emoção.

— De boba sua irmãzinha nunca teve nada — disse Michael, para botar mais lenha na fogueira.

— Nem todos somos tão espertos quanto você... ô *garanhão* — reagiu Terry, entrando na brincadeira.

Trocaram um olhar que deixou claro para todo mundo que eles continuavam provocando um ao outro. E Michael, apoiando-se num cotovelo para encará-la, disse:

— Valeu pelo *garanhão*. Sinto muito não poder dizer o mesmo de você.

— Olha aqui, seu idiota. Vai se ferrar! — respondeu, bufando. Depois se virou e caminhou para casa diante da cara séria de todos e em meio às risadas de Michael.

Kate não podia acreditar que eles ainda estavam naquele joguinho, mas sorriu ao ver como Sam olhava desconfiado para seu irmão. Ao ver sua filha indo embora daquela forma, Serena olhou para ela com pena. Imaginava que ela queria se arrumar e ficar bonita para o jantar de logo mais.

— Mas ainda está cedo, filha — disse Serena, depois de lançar um olhar duro na direção de Michael. — Espera mais um pouquinho. Não temos pressa.

— Mãe, deixa ela — interveio Kate. — É melhor ela ir logo tomar banho. Pensa que somos mais quatro e, quanto antes começarmos, antes terminamos. — Olhando para as outras, avisou: — Por sinal, eu sou a segunda, tá?

Com um sorriso de orelha a orelha, Terry tomou banho cantando, algo que costumava fazer quando estava feliz. Ao se olhar no espelho, decidiu que não iria exagerar na maquiagem. Sua pele havia adquirido um bonito bronzeado. Só um pouco de sombra nos olhos, rímel e brilho nos lábios. O cabelo ela decidiu deixar solto. Sabia que isso a favorecia.

Saiu do banheiro e entrou direto no quarto. Avaliou as roupas que tinha trazido e acabou decidindo vestir uma calça branca de linho de cintura baixa e um top frente-única azul-celeste. Nervosa, consultou o relógio. Eram oito e quinze da noite. Olhou-se impaciente no espelho para ajeitar o cabelo. Não se convencia de que estava bom. Ao fim, viu um lenço azul de Kate e decidiu pegá-lo. Amarrou na cabeça como um pirata e finalmente ficou satisfeita.

Voltou a olhar as horas. Eram oito e vinte e cinco da noite. Pegou sua bolsa, enfiou nela o indispensável e saiu rumo à casa onde os outros continuavam tranquilamente deitados em frente à praia. Michael havia ido embora pouco depois dela e espiava pela janela do seu quarto para ver se Terry iria ao encontro ou não. Ao vê-la aproximar-se com determinação, ele sorriu. Estava linda e ele mal podia acreditar que *enfim* iria sair com ela.

Olhou-se no espelho, viu que a camisa de linho branca e a calça verde também de linho caíam bem nele, saiu da casa e, com um amplo sorriso, encaminhou-se em direção aos outros. Terry ainda não havia chegado. Quando passou tão lindo pela porta, todos o olharam e, para gerar mais expectativa, Michael exclamou:

— Senhoras e senhores! Chegou a hora do meu encontro. Agradeço a excelente companhia de vocês, mas acho que...

— Divirta-se, então — interrompeu Cat, enquanto os outros estavam em silêncio.

— É, tio, que você aproveite bastante o encontro — acrescentou Ollie, enquanto Serena se segurava para não dizer nada.

— Mas, princesas, o que deu em vocês? — brincou, ao vê-las tão contrariadas.

Sam suspirou ao reparar na cara de suas filhas e principalmente na de sua sogra. A coisa estava ficando feia. Kate olhou para Michael e lhe deu uma piscada cúmplice.

— Que você tenha uma noite incrível! E não se preocupe: outro dia sairemos todos juntos pra jantar.

— Obrigado por essas palavras, Kate — disse Michael, encantado. Mas, olhando de novo para suas sobrinhas, insistiu: — Mas o que vocês têm, hein? Pela cara de vocês, parece que estou indo pra guerra.

Nesse momento, Terry chegou perto deles, e todos olharam para ela com cara de enterro. O que Michael estava fazendo — indo embora e deixando-os sozinhos — não tinha perdão.

— Ué, gente, o que houve? — perguntou ao notar a surpresa de todos.

Mas ninguém respondeu, exceto o próprio Michael.

— Não sei, Terry — disse e, sem aguentar mais um segundo, puxou-a pelo braço e acrescentou: — Está pronta para o nosso encontro?

— Prontíssima — respondeu, agarrando-o.

As caras de perplexidade de todos, com exceção da de sua irmã, eram impagáveis.

— Mas... então... seu encontro é... — sussurrou Sam, morrendo de rir.

Michael fez que sim com a cabeça.

— O encontro tão importante era com a tia Terry? — perguntou Ollie, incrédula, enquanto sua avó e sua irmã sorriam aliviadas.

— Claro, querida — confirmou ele, olhando para ela. — Eu nunca marcaria outro encontro, com vocês aqui. Mas, como é com ela, tenho certeza de que vocês vão me perdoar.

Serena estava muito feliz.

— Perdoadíssimo, garotão — disse ela.

Incapaz de aguentar por mais um segundo a vontade que tinha de beijá-lo, Terry o puxou apressando-o.

— Bom, gente, estamos indo. Tchau.

Kate e Terry se olharam cúmplices por um instante.

Quando já estavam sozinhos, passando pela entrada da frente da casa, Terry não conseguiu mais reprimir seu desejo e imprensou Michael na parede, atirou-se contra ele e o beijou. Ele se excitou como ela não podia imaginar..

— Uffff... tia Terry, pelo visto a noite promete.

— Ah, sim... tio Michael. Não tenha dúvida, garanhão.

Minutos depois, subiram na moto e partiram, ansiosos para aproveitarem ao máximo.

## Capítulo 39

O encontro de Michael e Terry não poderia ter começado melhor. Ele a levou para jantar num restaurante que ficava perto do porto, onde ela pôde degustar pratos típicos da ilha.

— Me explica: que pratos maravilhosos são esses?

Ainda em êxtase por finalmente estar saindo com ela, Michael sorriu.

— Esse aqui é um mix de vegetais salteados muito comum na região. Aquele ali à direita se chama salmão lomi-lomi, e o outro são filés de Kiawe defumados.

— Todos têm uma cara ótima e eu estou com um apetite voraz.

— Hummm... essa história de apetite voraz tem duplo sentido? — perguntou.

Terry lhe deu um rápido beijo na ponta do nariz e disse, enfiando um pedaço de verdura na boca:

— Duplo e também triplo.

— Uau... então não se fala mais nisso. Vamos começar os trabalhos.

Após terminarem de degustar aquelas iguarias tão diferentes das que Terry estava acostumada a comer em Nova York, ela colocou a mão na barriga, indicando satisfação.

— Estava tudo delicioso, Michael. Vou explodir.

— Ainda não, porque falta a sobremesa — respondeu, animado com o fato de tudo estar correndo tão bem.

Nesse momento, uma nativa chegou e deixou alguns pratos em cima da mesa deles. Terry ficou encantada com a diversidade de cores que viu ali.

— Isso aí é o quê? — perguntou.

— Doce de arco-íris ou Manju.

— Doce de arco-íris? Manju? — repetiu, achando graça. — Eu nunca tinha ouvido falar nessas sobremesas.

— Prova. São pasteizinhos recheados de abacaxi e coco. Mas os meus preferidos são os de maçã. Esses são de nozes...

— Nem ousa tocar neles, você é alérgico — alertou Terry.

— Pode ficar tranquila. Está tudo sob controle — disse ele, sorrindo ao ver que ela se lembrava daquele detalhe.

Terry provou todos aqueles pasteizinhos saborosos. Cada vez que ele colocava um em sua boca, ela fechava os olhos e suspirava de prazer. Aquilo estava excitando Michael, mas ele se negava a pedir que ela parasse de fazer aquele som encantador. Depois do jantar, Michael a levou a uma boate que tocava as canções da moda.

— Essa música é diferente — comentou ela, sorrindo.

Seguindo o ritmo com a cabeça e os ombros, ele explicou:

— Chama-se música javaiana. É a mistura da música havaiana com a jamaicana.

— Parece boa e é bem animada — disse Terry, enquanto ele a pegava pela cintura e tentava dançar com ela.

Mas só de encostarem um no outro, já queriam se beijar. Após um beijo tórrido que fez o bar inteiro tremer, Michael a olhou fixamente.

— Sabe de uma coisa?

— Fala...

— Uma velha lenda da ilha diz que um jantar saboroso, um ambiente como esse e a companhia certa são o mais próximo do paraíso.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e o beijou.

— Nunca discordaria disso — sussurrou, deixando-o arrepiado. — Eu já estou no paraíso.

Michael respondeu com outro beijo ardente e depois, entre risadas cúmplices, foram até a pista, onde ele exibiu seus incríveis dotes de dançarino. Por volta das quatro da manhã, decidiram voltar para casa. Mas, quando chegaram, não conseguiam se desgrudar. A noite estava quente e, ao ver as luzes da casa apagadas, decidiram dar um mergulho no mar.

— Vem, vou te levar à minha praia preferida da ilha.

De mãos dadas com Michael, Terry se deixou guiar. Confiava nele como nunca havia confiado em nenhum homem. Ele jamais faria mal a ela. Caminharam uns dez minutos e chegaram a um lugar onde as rochas de areia branca escondiam uma pequena e preciosa enseada.

— Que lugar mais lindo! Parece cenário de filme.

— É mesmo. Devo confessar — disse Michael, tirando os sapatos. — Passei a noite inteirinha de ontem construindo essa praia pra você se render aos meus encantos hoje — brincou ele.

Ela sorriu e, passando os braços em torno de seu pescoço e chegando mais perto dele, sussurrou:

— Não precisava fazer nada disso. Já me rendi aos seus encantos há séculos.

Sem conseguir evitar, ele abriu um sorriso, enquanto percebia que ia ficando cada vez mais excitado. Ao notar aquela ereção contra seu corpo, Terry estremeceu e, olhando-o com malícia, cochichou:

— Isso que estou sentindo junto ao meu corpo... é o que eu acho que é?

Com um pouco de vergonha, mas ao mesmo tempo achando graça, Michael fez que sim com a cabeça. Não podia nem falar. O momento com o qual sempre havia sonhado finalmente chegara e ele era incapaz de reagir.

— Nossa.... tio Michael, olha só como você me deixa — suspirou excitada e com a boca seca.

Michael estava em êxtase ao ver como ela olhava para ele, e por fim acabou conseguindo articular algumas palavras.

— Ahhhh.... tia Terry — falou, também suspirando. — Acho que não vou te respeitar nem mais um segundo. Te desejo tanto que, se eu não te possuir imediatamente, acho que vou me desintegrar. Então, se você não quiser que aconteça agora mesmo o que estou pensando, é bom sair correndo daqui e *já*.

Com um olhar cheio de tesão, ela sorriu, tirou os sapatos e sussurrou, deixando-o arrepiado:

— Não... não me respeite.

Assim que ouviu isso, Michael a levantou e ela entrelaçou as pernas em sua cintura. Beijando-a com paixão, começou a andar na praia e se deteve quando a água já estava na altura dos quadris. Colocou Terry no chão sem parar de olhar para ela, tirou o top azul-celeste enquanto ela desabotoava a camisa de linho branca dele. Ao ver que Michael estava quase sem conseguir respirar, Terry comentou:

— Se você ousar fazer alguma piadinha sobre os meus peitos, juro que você vai pagar, Michael. — E, ao vê-lo tão calado e contemplativo, acrescentou: — Isso aqui é tudo natural. Nada a ver com os peitos siliconados com que você está acostumado.

— São lindos, querida — murmurou, excitado. — São os peitos mais bonitos que eu já vi em toda minha vida.

Sem dizer nada, voltou a levantá-la como se fosse uma boneca e, beijando primeiro um seio e logo o outro, fez Terry soltar um gemido e se entrelaçar nele outra vez. Os beijos dela eram apaixonados, e seus lábios, doces e saborosos — algo que ele já imaginava havia anos, mesmo sem nunca os ter provado. Terry estava *caliente* e louca para continuar com o que haviam começado. Depois de passar suas mãos úmidas pelo pescoço dele, e logo por seus bíceps e seu abdômen, ela sussurrou, com as mãos paradas no botão da calça dele:

— Michael, não aguento mais. Estou morrendo de desejo.

Ao escutá-la, os olhos dele se iluminaram. Tirando a calça embaixo d'água ao mesmo tempo em que ela terminava de se despir, fez uma bola com as roupas e atirou na beira da praia. Terry riu. Nus e com a respiração entrecortada, ela rapidamente enroscou suas pernas em torno da cintura dele e murmurou:

— Pensei nisso centenas de vezes, mas nunca imaginei que seria assim.

Ele sorriu enquanto suas mãos massageavam a bunda de Terry embaixo d'água.

— Como você pensava que seria, linda?

— Não sei. Mas nunca imaginei algo tão mágico e romântico quanto isso.

Os dois se encaravam, e Terry o sentiu colocando a ponta dura e molhada do pênis entre suas pernas. Após soltar um suspiro e agarrar-se a seus ombros, ela se abriu para ele. Ainda com os olhos fixos nos dela, Michael foi entrando pouco a pouco, até estar inteiro dentro dela.

— Ai, Terry...

— Não para — sussurrou, mordendo o pescoço dele ao sentir seu membro duro dentro dela.

Agarrada a seu pescoço, cheia de tesão e completamente entregue às suas carícias, Terry se deixou levar. A fusão com Michael era viciante e sensual. O prazer que ele proporcionava era devastador, e isso a fez estremecer. Enredando seus dedos no cabelo molhado de Michael, ela tensionou o corpo contra ele e começou a se arquear para cima a cada investida dele. No início, Michael tentou dominar a situação com estocadas lentas, mas a cada movimento, o puro desejo, deixava-o louco. Queria se fundir em Terry com força, mas precisava se controlar. Desejava que ela sentisse tanto prazer quanto ele ou até mais.

Como se tivesse lido seu pensamento, ela murmurou:

— Com força... vai... bem fundo.

Nunca na vida Michael havia desejado tanto possuir uma mulher como agora com Terry. E, ao escutá-la, por puro instinto animal ele a penetrou de um jeito voraz, fazendo-a gritar de paixão. Com um sorriso desconhecido até então para ela, tirou a sua enorme ereção, centímetro a centímetro, mas em seguida a possuiu novamente. Quando Terry achava que ia desmaiar, ele a agarrou com força e, numa série de estocadas rápidas e vigorosas que a deixaram louca, chegou ao clímax.

Nesse momento, Michael encostou os lábios em seu ouvido e, com a voz carregada de erotismo, balbuciou:

— Sou totalmente seu, e você é totalmente minha...

Depois de dizer isso, tirou o pênis de dentro dela com um gesto viril, enquanto se deixava levar pelo prazer. Consciente disso, Terry se abraçou com

mais força a Michael para sentir tanto os espasmos dele quanto os seus próprios.

Quando os braços exaustos de Michael a pousaram de volta ao chão, ele mergulhou por completo na água para se refrescar, e ela fez o mesmo. Segundos depois, Terry notou a mão dele em seu corpo. Ele a pegou e a tirou da água. Quando conseguiu abrir os olhos, viu Michael encharcado. Sem dizer nada, ele a beijou com tanta paixão que ela teve a sensação de que ficaria sem ar. Depois ele se afastou um pouco dela e disse, olhando-a fixamente nos olhos:

— Sabia que você é a mulher que eu mais desejei na vida e por você eu seria capaz de fazer qualquer loucura?

Ela sorriu, deu um beijinho rápido em sua boca e respondeu:

— Não sabia, mas adorei ouvir você dizendo isso.

Embriagados pelo momento e pelo que sentiam um pelo outro, caminharam nus em meio a beijos, risos e abraços, sob o céu estrelado, rumo à beira da praia, onde minutos depois fizeram amor loucamente outra vez.

## Capítulo 40

Depois de uma noite tórrida de sexo, Terry resistia a se levantar da cama e continuava enrolada nos lençóis, quando sua irmã se jogou em cima dela para despertá-la.

— Quero saber tudo — exigiu Kate.

— Por favor, me deixa dormir, estou morta — resmungou Terry.

Mas Kate estava muito curiosa e, sem se dar por vencida, cochichou no ouvido de sua irmã:

— Morta estou eu de vontade de saber.

Terry não lhe deu ouvidos, mas, dez minutos depois, ao ver que Kate não ia deixá-la em paz, acabou cedendo.

— Ok, mas depois você me deixa dormir — disse, espreguiçando-se, e a irmã concordou. — Jantamos num restaurante perto do porto, onde comemos

salmão lomi-lomi e outro peixe que eu acho que se chamava Kiawe ou algo assim. E de sobremesa uns pasteizinhos de coco, abacaxi e maçã.

— A comida me parece perfeita, mas agora eu quero algo mais substancial.

Terry olhou de um jeito divertido para sua irmã, levantou uma sobrancelha e continuou:

— Também fomos a uma boate de música havaiana e jamaicana. O Michael me explicou que esse tipo de música se chama havaiana. — Ao ver Kate sorrindo, ela comentou: — Você precisava ver o ritmo do pessoal de lá. Ficamos até bem tarde e depois voltamos pra casa.

Curiosa para saber mais, Kate a examinou com o olhar e insistiu:

— Só isso? Não posso acreditar.

Achando graça, Terry acrescentou, esperando sua reação:

— Ok... está bem... conversamos muito. Nos divertimos pra caramba e no final, bem, você sabe, fizemos o que no fundo estávamos há anos querendo fazer. E nossa... Michael é incrível... alucinante... sensual... devasso...

— No primeiro encontro?

— É... no primeiro.

— Mas que pouca vergonha, hein!

Com expressão brincalhona, tirou do rosto uma mecha de cabelo e cochichou:

— Você me conhece, né, maninha? Se quero alguma coisa, vou atrás dela até o fim e não me preocupo com bobagens.

— E foi bom com o *tio* Michael? — perguntou Kate, rindo.

Terry suspirou e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Bom não. Foi maravilhoso!

Ao perceber a alegria da irmã, Kate sorriu e comentou, com uma pontinha de inveja branca:

— Fico muito feliz pelos dois.

Terry sentou na cama e fez um carinho na bochecha de Kate.

— Bem, bisbilhoteira, que tal me deixar dormir um pouquinho agora?

— Tá booooooooooom.

— Me chama na hora do almoço — suspirou Terry, dando as costas à irmã.

Ao sair, Kate fechou a porta atrás de si e foi encontrar a mãe e as meninas, que se preparavam para ir à casa de Sam.

— A tia já acordou? — perguntou Ollie.

Pegando sua filha pela cintura para continuarem andando, mentiu:

— Não. Está dormindo como uma pedra.

Todas se olharam com um sorriso travesso. Ao chegarem à casa de Sam, Sasha saiu correndo com cara de angústia.

— Vovó... vovó...

Ao ver a pequena, Serena a tomou nos braços imediatamente.

— Minha linda, o que foi? — perguntou.

— O papai e o tio querem me levar no hospital pra tirarem isso — disse, indicando os pontos da testa. — Estou com medo, vizinha. Não quero ir. Não quero iiiiiiiiiir.

— Quer que eu vá com vocês? — perguntou Serena com um sorriso terno e uma voz tranquilizadora.

— Quero! — gritou a menina, abraçando-a. — Assim eu vou ter certeza de que ninguém vai me machucar.

A mulher beijou a menina com ternura e depois a soltou.

— Então diga ao papai que a vovó irá com vocês.

Sasha saiu correndo para dar a notícia e, quando todas entraram na sala, viram Sam lutando com o pequeno Tommy. Ele não queria calçar os sapatos e, enquanto Sam botava o pé direito, o menino tirava o esquerdo e vice-versa.

— Que encrenca você arrumou, hein, pai! — disse Ollie, rindo.

— Ele está me tirando do sério — respondeu Sam, um pouco alterado.

Sem dizer nada, Kate se aproximou do menino.

— Vem cá, Tommy — falou ela, e Tommy rapidamente lhe estendeu os braços. Kate se sentou com ele no banquinho, pegou um pé e pôs na própria orelha, o que fez o menino sorrir. — Sabe o que seu pé me falou? — O pequeno negou com a cabeça. — Bom, ele me disse que quer calçar o sapato. — Sem dizer uma palavra, Tommy pôs o sapato no pé, depois colocou o outro pé na outra orelha, e Kate, achando graça, fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Esse pé está dizendo que também quer ter um sapato.

Sam a observava atônito, e ela, sem dirigir o olhar a seu ex-marido, perguntou à criança:

— O que fazemos? Colocamos o sapato?

Tommy concordou com a cabeça, feliz da vida. Estava um pouco atrasado para aprender a falar, mas era esperto e entendia tudo.

Depois que o problema dos sapatos foi resolvido, Kate soltou o menino e, olhando para Sam, cochichou:

— Já sabe, né? Da próxima vez, é só conversar com os pés dele.

Sam balançou a cabeça, enternecido, e, ao ver Serena a seu lado, perguntou:

— Sasha me disse que você vai com a gente ao hospital. É verdade?

— Se você não se importar... Não me custa nada, e assim a menina vai ficar mais tranquila.

Nesse momento Michael apareceu na sala com o cabelo ainda molhado do banho.

— Estou pronto — disse, olhando para seu irmão.

— Por que você está acordado? — perguntou Ollie, curiosa ao vê-lo tão disposto. — A tia continua dormindo como uma pedra.

Ao ouvir falar de Terry, Michael sorriu feito um bobo, mas, vendo como todo mundo olhava para ele, respondeu:

— Tenho um monte de coisas pra fazer. Se não fosse por isso, querida, posso garantir que eu estaria fazendo o mesmo que a Terry.

— Vocês se divertiram ontem? — quis saber Cat.

— Sim. Foi ótimo — respondeu ele, sentindo a pressão de todos, que o olhavam fixamente. — Aliás, preciso levar vocês nesse lugar que a gente foi ontem à noite. Tenho certeza de que vão adorar.

— Qual? O de música javaiana? — perguntou Kate, surpreendendo-o.

— Você falou com a tia? — perguntou Ollie, olhando para sua mãe.

— Falei.

— Mas ela não estava dormindo?

— Estava.

Kate e Michael sorriram e se entenderam ao trocar um olhar cúmplice.

— Espero que essa peste tenha te contado o quanto ela se esbaldou ontem.

— Ah sim... ela me contou, sim — confirmou Kate, em um tom malicioso.

Encantada pelo que imaginava ter acontecido e em especial por ver que sua mãe e seu tio haviam recuperado a cumplicidade que tinham perdido, Ollie se aproximou da sua avó e cochichou no ouvido:

— E tudo isso sem empurrãozinho.

— Empurrãozinho? — perguntou Sam. — Que empurrãozinho?

Ao ver a cara da sobrinha, Michael deu uma risada e, pegando Tommy nos braços, exclamou enquanto saía da casa:

— Vamos fugir! A rainha das bruxas vai entrar em ação.

## Capítulo 41

Quando entraram no hospital, deram de cara com a dra. Amanda Newton, que, ao reconhecer Michael, lhe lançou um sorriso cativante e sensual. O gesto não passou despercebido a Serena.

— *Aloha*, Michael.

— *Aloha*, Amanda — cumprimentou ele. — Como estão as coisas hoje?

— Como sempre... estou atolada de trabalho.

Ao ver todas as pessoas olhando para ela, sobretudo Serena, Michael se virou para eles e, meio constrangido, falou:

— Esse é o Sam, meu irmão. Essa é a Serena, uma amiga, e essa aqui é a Sasha, minha sobrinha. Viemos para tirar os pontos da testa dela.

A menina se escondeu atrás da perna de Michael. Vendo isso, a médica se agachou e disse, para acalmá-la:

— Não se preocupe. Não dói nada.

Com a mão enfiada na boca, a menina murmurou bem baixinho:

— Estou com medo.

— Por quê, linda?

— Porque vai doer, né?

— Nãããããããããã... isso não dói — afirmou Amanda.

— Promete?

— Prometo. — E, estendendo-lhe a mão, acrescentou: — Se você vier comigo, eu mesma posso tirá-los pra você.

A menina não se moveu. Ela não conhecia aquela médica, mas Sam se abaixou, olhou fixamente para Sasha e disse:

— Vai, princesa. Pode ir com ela.

— Estou com medo, papai.

Comovido pelo pânico nos olhos dela, Sam tentou tranquilizá-la:

— Escuta, Sasha. Essa médica é amiga do tio Michael. Pode ir tranquila com ela. A gente te espera aqui.

— Vem comigo, lindinha — insistiu Amanda. — Prometo que, além de não te machucar, vou te dar um presentinho. Que tal?

A menina, assustada, voltou a olhar para seu pai.

— Acho que é um bom trato.

Serena, que até então estava só observando a situação, botou a mão na cabeça da menina e disse:

— Papai tem razão, querida. Vai com a doutora.

A menina olhou para todos e, soltando-se da perna do seu tio, pegou a mão da médica. E Michael, tocando sua cabeça com orgulho, elogiou:

— Essa é minha princesa. A menina mais corajosa do mundo.

Amanda pegou a menina pela mão e disse:

— Me esperem na sala que fica no final desse corredor. Em dez minutos eu devolvo essa lindinha pra vocês.

Quando Amanda se afastou, Michael andou até o elevador.

— Enquanto esperamos, vou subir pra visitar a Waitere — disse a seu irmão e a Serena. — Quando elas duas terminarem, me deem um toque no celular ou, se quiserem, podem subir e eu apresento vocês a ela.

Serena fez um gesto afirmativo com a cabeça e, quando ficaram a sós, Sam murmurou:

— Espero que Sasha esteja calma.

— Não se preocupa, garotão — tranquilizou-o Serena. — Tenho certeza de que essa médica tão simpática vai tratá-la muito bem. Você a conhece faz tempo?

Sam esclareceu com um sorriso:

— É a primeira vez na vida que eu vejo essa mulher. Mas pode ficar tranquila, Michael só tem olhos pra Terry.

Serena se deu conta de que o havia entendido perfeitamente.

— Você viu como ela olhava pra ele? Parecia estar despindo o Michael só com o olhar — disse, sentando-se num dos bancos da sala de espera.

Sam caiu na gargalhada.

— Caramba, Serena, que comentário é esse, hein!

Percebendo o quanto suas palavras soavam ridículas, ela admitiu:

— Tem razão. Sou exagerada.

— Muito!

— Ahhh, é que eu achei que ela ficou toda boba na hora de falar com o Michael.

— Serena, o Michael é livre e desimpedido.

— Ah, Sam — protestou. — Você entende o que estou falando.

— Sim... eu entendo, mas só em parte — respondeu ele, rindo.

Sem querer ficar ouvindo a brincadeira dele, Serena mudou um pouco de assunto.

— Como será que foi a noite dele com a minha filha ontem, hein?

— Segundo o Michael, foi ótima.

— Sim, mas o que eu gostaria de saber... — insistiu a mulher — é se houve alguma coisa entre eles.

Sam a olhou boquiaberto e exclamou, num tom brincalhão:

— Mas que fofqueira!

— Você conversou com ele?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho. E, se eu tivesse conversado, não te contaria. — E, ao ver que ela sorria, acrescentou: — Mas fica tranquila. Só de ver o sorriso do Michael e o bom humor dele, o resto você já pode imaginar.

— Pensar em ver esse caszinho junto me deixa animada — cochichou Serena, encantada.

— Veremos, Serena. Veremos...

— Filho, fui testemunha de como eles se olhavam durante anos. E ver que finalmente eles parecem começar a se entender me deixa radiante de alegria. — Olhando direto nos seus olhos, continuou: — Assim como eu também ficaria radiante se outro caszinho que eu amo ficasse junto novamente.

Sam fechou a cara.

— Serena, não confunda as coisas.

— Uiiiiiiii... Deus me livre!

Sam era incapaz de reprimir o riso diante daquela expressão.

— A vida é como é e...

Nesse momento se ouviu um grito.

— Papai! Vovó!

Sasha apareceu correndo, seguida da médica, e segurava um enorme pirulito colorido.

— A doutora estava certa! Não doeu nada!

Serena aplaudiu, e a garotinha, ao dar pela falta do tio, perguntou:

— Cadê o tio Michael?

— Já está vindo, meu amor — respondeu Serena.

— Mas eu quero mostrar meu pirulito pra ele — insistiu.

Ao vê-la tão feliz, Sam disse:

— Quer beber alguma coisa geladinha?

— Sim, papai. Quero um suco de laranja.

— Quer ir com a gente à cafeteria do hospital? — perguntou Sam, virando-se para a doutora.

Num gesto sensual, Amanda tirou do rosto uma mecha de cabelo louro e em seguida respondeu:

— Obrigada pelo convite, mas tenho pacientes me esperando. — Apertaram-se as mãos e ela acrescentou: — Foi um prazer conhecer vocês. — E desapareceu pelo corredor.

— Essa mulher é uma descarada — alfinetou Serena.

Sam sorriu, mas logo se esqueceu de tudo e se concentrou em sua filha.

— Vem, diabinha. Vamos tomar alguma coisa na cafeteria. Vou mandar uma mensagem para o tio Michael e avisar que estamos esperando ele lá.

Enquanto isso, no quarto 605, Michael visitava Vaitere.

— Você está cada dia melhor.

Apesar de estar ainda com uma péssima aparência, a mulher concordou.

— Realmente estou muito melhor. Mas me sinto uma inútil, sem poder tomar conta de mim mesma sozinha.

— Você tem que dar tempo ao tempo. Ainda é cedo. — Michael tentava animá-la. — Agora você aproveita, e tudo o que precisar, é só pedir.

— Você é muito gentil — respondeu ela, grata pela atenção de Michael, mas sem entender direito por que ele estava ali. — O que você faz aqui num sábado de manhã?

— Vim ao hospital com meu irmão e minha sobrinha, pra tirarem uns pontos da testa dela. A propósito, a Thaís não está aqui?

— Está com a mamãe. Devem chegar daqui a pouco.

— Se você quiser, posso ficar até elas chegarem.

— Eu agradeço, Michael, mas não posso aceitar isso — respondeu ela, cada vez mais confusa com a presença dele ali.

— Por quê?

Vaitere foi incapaz de continuar com aquela aflição, então acabou respondendo:

— Me desculpa se estou sendo sincera demais e até meio ríspida, mas não te conheço direito e não entendo por que você quer me acompanhar quando estou sozinha aqui. Compreendo e agradeço por nos ajudar nas questões jurídicas, mas realmente não entendo sua postura nesse momento.

Michael a olhou fixamente. Adoraria admitir a ela o porquê daquela visita e fazer mil perguntas. Mas não era hora nem lugar para isso.

— Minha postura se chama amizade. Nada mais. — E, antes que ela dissesse algo, acrescentou, andando até a porta: — Eu tento cuidar dos meus amigos. Mas talvez você tenha razão e eu esteja sendo chato e impertinente com minhas visitas.

Vaitere se sentiu péssima. Aqueles olhos escuros como os dela e de milhares de polinésios indicavam que ele estava sendo sincero e verdadeiro. Inclusive parecia que estavam querendo lhe dizer alguma coisa que ela não entendia.

Então, envergonhada e irritada consigo mesma por ter sido tão mal-agradecida, murmurou:

— Por favor, Michael, eu não quis dizer isso.

— Tudo bem. Sem problemas — respondeu ele, sorrindo. — Sei o que você quis dizer.

— Me escuta, por favor — insistiu a mulher. — Nunca tive muitos amigos que se preocupassem comigo do jeito que você está fazendo, e por isso sou muito desconfiada. Mas posso garantir que tanto minha mãe quanto minha filha e eu estamos muito felizes de ter te conhecido e de ter sua ajuda.

Ele compreendeu as palavras dela e, aproximando-se da cama, disse baixinho:

— Adorei sua sinceridade e, principalmente, fiquei muito satisfeito em ver que você está melhor. E não se preocupa: eu não busco em você nada além de uma amizade verdadeira. Amanhã eu ligo pra ver como você está.

— Vamos ficar felizes se você vier nos visitar — disse Vaitere, segurando a mão dele.

— Então pode deixar que eu vou voltar.

## Capítulo 42

Naquele mesmo dia, depois de voltar do hospital e dar parabéns a Sasha por ter sido tão corajosa, enquanto todos comiam ao redor da enorme mesa, pensando na programação dos próximos dias, Sam sugeriu que viajassem pelo Havaí.

— Ouçam — disse ele. — Se a gente se organizar, podemos ir a muitos lugares. As ilhas são lindas e eu tenho certeza de que vocês vão adorar.

Sentado em frente a Terry, Michael sorriu enquanto os pés deles se encontravam embaixo da mesa.

— Humm, vamos ver, meninas. Posso propor um belo passeio pelas ilhas — interveio.

— O que você propõe? — perguntou Terry com malícia.

Sua vontade era dizer que iria lhe sugerir mil coisas diferentes do que sugeriria aos outros, mas, contendo o impulso de se levantar e beijá-la, apoiou os braços na mesa e, olhando-a diretamente nos olhos, respondeu com ar sedutor:

— Praias paradisíacas. Vulcões lendários. Histórias milenares e... *Hula!*... muito ritmo e *Hula!*...

— Humm, parece bom — disse ela, animada. Michael a fascinava.

Como se estivessem a sós, Michael moveu a cabeça e sussurrou:

— Você parece melhor ainda.

Todos se olharam surpresos. O estado de encantamento daqueles dois beirava a sem-vergonhice. Desde que haviam saído, na noite anterior, não paravam de se olhar e de sorrir feito bobos.

Kate, que observava tudo aquilo sabendo direitinho o que estava rolando, olhou para Sam e os dois sorriram, embora ela tenha sentido no peito uma pontada de frustração. Sua irmã começava uma bonita história com alguém muito especial, enquanto ela acabara de terminar a sua. Mas estava disposta a seguir com sua vida e se sentia feliz com a companhia de todos, então sem pensar muito decidiu estender sua estada ali.

— Isso que o Michael está propondo é bem interessante. Pode ser divertido visitar as ilhas e conhecer as culturas locais — disse Kate, surpreendendo Sam.

Todos começaram a falar entre si, e ela se aproximou um pouco mais de Sam.

— Você se importa se eu ficar mais uns dias com vocês? — perguntou Kate.

Sam franziu a testa e, com o mesmo carinho que tiveram durante anos, pegou-a pela cintura e lhe deu um beijo no pescoço.

— Não fala bobagem — respondeu. — Acho maravilhoso que você fique todo o tempo que quiser.

Kate ficou petrificada. Não esperava uma reação como aquela. Ao se dar conta do que havia feito, Sam fechou os olhos e cochichou enquanto observava pelo canto do olho que Serena prestava atenção na cena:

— Certo. Admito que passei do limite. Desculpa.

— Tudo bem. Sem problemas — sussurrou ela, acalorada. — Eu entendo. Às vezes também preciso me controlar pra não fazer certas coisas.

— Pois, então faça!

— Sam, não! — murmurou, olhando ruborizada para ele.

Ao ver sua filha enrugando a testa, Serena, que estava do outro lado da mesa, tentou chamar sua atenção.

— Vamos, Michael... conta pra gente. Estamos escutando.

Saindo de seu sonho particular com Terry, ele respirou fundo e explicou:

— Podemos passar uns dois dias na ilha do Havaí. Pegamos um voo direto e chegamos lá rapidinho. Aí podemos visitar Maui e Kauai. Os voos entre as ilhas são bem curtos e...

— Mas, garotão, o que você considera um voo curto? Eu odeio avião! — exclamou Serena.

Jogando para trás uma mecha de seu cabelo escuro, Michael sorriu.

— Só pra você ter uma ideia, de Oahu a Maui o voo dura apenas vinte minutos.

— Ah, que ótimo! — disse a mulher.

— Eba! Vamos passear alguns dias! — vibrou Cat.

Sam e Kate voltaram a se olhar. Os dois se preocupavam com a fissura na costela, mas Sam estava disposto a satisfazer todos os caprichos da menina. Então disse, olhando para ela:

— A excursão me parece uma ideia incrível. Mas primeiro vamos esperar sua próxima consulta com o médico. Quando ele disser que você já pode viajar, aí sim planejamos o passeio. O que vocês acham?

— Perfeito — suspirou Terry.

— Ótimo — concordou Michael.

— Excelente ideia — respondeu Serena, olhando para os dois com uma expressão feliz.

Depois dessa conversa, todos continuaram comendo entre risadas e planos, enquanto Kate, aturdida, ainda sentia os lábios de Sam em seu pescoço.

## Capítulo 43

Os dias passaram e o clima entre todos continuava muito bom. Serena aproveitava, as meninas estavam felizes, e as crianças menores, radiantes. Michael e Terry viviam intensamente sua particular história de amor, e Sam e Kate se observavam com cautela.

Durante aquele período, Michael visitava Vaitere no hospital sempre que podia. Ansioso por ajudá-las, moveu céus e terra para falar com o amigo Josef, que trabalhava no banco em que o pai de Thais tinha a conta bancária. O amigo explicou a ele que não seria fácil sacar aquele dinheiro, mas também não era algo impossível, e prometeu ajudá-lo.

E assim foi. Dias depois, Michael recebeu uma ligação de Josef avisando que havia conseguido depositar o dinheiro na conta da mãe de Thais no banco. Michael se sentiu feliz e aliviado por elas. Vaitere chorou de emoção. Esse dinheiro resolveria muitos de seus problemas.

O romance entre Michael e Terry ia de vento em popa. E todos ao redor se divertiam muito quando flagravam os dois se beijando em qualquer canto. De repente, a paixão contida durante anos havia aflorado e era impossível parar. Toda noite, depois de jantarem com a família, os pombinhos escapavam para curtir sua intimidade. E toda noite convidavam Sam e Kate a acompanhá-los, mas eles nunca iam.

— Acho que deveríamos fazer alguma coisa — propôs Terry certa noite num bar que ficava numa linda varanda, enquanto via as pessoas dançando.

Michael lhe deu um rápido beijo no ombro e aspirou seu perfume.

— Se você quiser, a gente pode dar um *empurrãozinho*.

— Um empurrãozinho? Pra quê?

Michael a puxou para si.

— É uma longa história que um dia eu te conto.

— Promete?

— Claro — disse, depois de beijá-la com paixão. E, separando-se dela alguns centímetros, cochichou: — Fique sabendo que você me deixou sem palavras quando me falou que sua irmã continua apaixonada pelo Sam.

— Se você abrir o bico, te esfolo vivo!

— Escuta, ô cabeça-dura — respondeu ele, ao mesmo tempo em que bagunçava o cabelo dela e dava uma leve beliscada em seu nariz. — Eu achava que só o Sam continuava apaixonado, mas, se você me diz que é recíproco, a gente tem que fazer alguma coisa.

— Se a Kate souber que eu contei para você... ela me mata.

— Calma, linda. Aqui está seu guarda-costas.

Terry soltou uma gargalhada ao ver os gestos e as expressões que Michael fazia.

— Kate não está feliz, mas é incapaz de tomar uma atitude. Está se sentindo insegura e...

— Insegura?

— É, Michael. Kate não consegue se concentrar em nada.

Surpreso ao ouvir aquilo, o jovem deu um trago em sua bebida e, franzindo a testa, disse:

— Pra mim é estranho escutar isso. Kate é uma das pessoas mais seguras que já conheci na vida. E nunca hesita diante de qualquer decisão.

— Você tem razão. Ela era assim. Mas depois do que aconteceu eu garanto que ela mudou muito. Está morrendo de insegurança, principalmente quando o assunto é o Sam.

— Mas pelo que eu vejo eles estão se dando bem.

— É que, além de tudo, ela é uma boa atriz — disse Terry, esboçando um sorriso triste.

Desconcertado pelo que estava descobrindo, Michael acrescentou:

— Bom, ela pode ter ele quando quiser. Se está sentindo tanta falta assim dele, que fale ou faça alguma coisa, não acha?

— O Sam é que deve tomar a iniciativa — opinou Terry, na defensiva. — No fim das contas, foi ele que arruinou todo o futuro que tinham juntos.

— Acho que há coisas que você não sabe e que talvez façam com que a Kate também tenha que fazer a parte dela — respondeu Michael, irritado com o tom de voz de Terry.

— Ah, não me diga?

— Sim, espertinha.

Desvencilhando-se do seu abraço, ela disse:

— Para sua informação, *espertinho*, sei bem mais do que você pode imaginar.

Depois de um silêncio constrangedor entre os dois, Michael olhou fixamente para ela e falou:

— Você pode me dizer por que estamos discutindo? Porra, Terry, nós dois sabemos muito bem o que aconteceu entre eles, e, convenhamos, nenhum dos dois é exatamente um santo nessa história. Os dois pisaram na bola, mas acho que, pelo amor que sentem, deveriam dar uma nova chance um ao outro. A única coisa que precisam fazer é se aproximarem de novo.

Essa conclusão os fez sorrir, e Terry chegou perto de Michael outra vez, aninhou-se em seus braços e disse:

— Então vamos ter que fazer com que se aproximem. E acho que a viagem pelas ilhas que estamos planejando vai ser de grande ajuda. Eles passaram a lua de mel lá, não foi? — Michael fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Pois então façamos com que eles se lembrem dessa época.

— Se eles ficarem sabendo, matam a gente!

Dando de ombros, a ruiva aproximou sua boca da de Michael.

— Se eles matarem nós dois juntos, não tem problema, não acha?

Michael a beijou com paixão e, quando começou a tocar a música de que os dois gostavam, convidou-a para dançar. Instantes depois, em meio à multidão do lugar, dois apaixonados se beijavam enquanto dançavam, como mais um casal entre tantos outros ali.

Naquela madrugada, Kate estava sentada nos degraus dos fundos da casa, observando, pensativa e enfeitiçada, as ondas quebrando na beira da praia.

— Não vai dormir?

Ao reconhecer a voz da mãe, Kate deu de ombros.

— Estou sem sono, mamãe.

Serena sentou ao lado dela. Gostaria de fazer algo para que sua filha sorrisse como antes, mas não sabia o quê.

— Será que sua irmã vai voltar muito tarde?

*Assim espero*, pensou Kate.

— Com certeza, mamãe. Não precisa se preocupar. Ela deve estar muito bem.

Serena a olhou com tristeza.

— E você, querida, como está se sentindo?

Kate desviou o olhar das ondas e o fixou em sua mãe.

— E por que essa pergunta agora, mamãe?

— Por nada, filha — respondeu Serena, não dando importância. — Só quero saber se você está bem.

Sabendo bem o motivo, ela enfim respondeu:

— Muito bem.

Mas Serena não conseguia mais ficar quieta diante daquilo tudo, então pegou com força a mão de sua filha e a repreendeu:

— Chega, Kate!

— O que houve, mamãe?

— Por que você se conforma em ficar nesse estado quando poderia estar incrivelmente bem?

Kate bufou. Conhecia Serena muito bem e sabia que ela podia ser um tanto insistente.

— Mãe, aonde você quer chegar?

Sem soltar a mão dela, Serena fez Kate olhá-la nos olhos.

— Querida, sou sua mãe e sei quando você está feliz e quando não está. E, por mais que você se esforce pra me fazer acreditar que você está bem, eu sei quando você está fingindo. Definitivamente, você não está bem.

— Olha, mãe, não vamos fazer um drama em cima disso tudo ou...

— Reparei no jeito como você olha para o Sam e acho que...

— Chega! — cortou-a Kate, irritada, e se soltou, levantando-se.

— *Não*. Você e eu vamos conversar.

Nervosa e agitada, Kate encarou sua mãe. Não queria discutir com ela sobre sua vida, mas pelo visto estava difícil escapar.

— Olha só, mãe, você vai me desculpar, mas não quero falar sobre isso.

— Mas eu quero. Vi sua cara outro dia quando o Sam te deu um beijo no pescoço. Você acha que eu sou cega? Ele quer outra chance. É só olhar pra ele que a gente já percebe isso.

Incrédula com a teimosia da mãe, Kate esclareceu.

— O que aconteceu é assunto meu, exclusivamente meu, e eu não vou permitir que você nem ninguém se meta na minha vida, entendeu? E, quanto ao beijo daquele dia, foi algo... algo...

— Escuta, ô cabeça-dura...

— Não! — gritou. — Não quero escutar. Tomei uma decisão e só preciso que você a respeite. E, quanto ao Sam, sempre vou me dar bem com ele porque é uma boa pessoa e é o pai das minhas filhas. Mas, fora isso, não quero mais nada. Ele tem a vida dele, e eu a minha. Assim é melhor pra todo mundo.

Serena se levantou para ficar da altura de sua filha.

— Sei que o Sam não é perfeito, mas você também não é. Eu te defendo e sempre vou te defender porque você é minha filha, mas desta vez você não tem razão.

— Do que você está falando?

Mas Serena não respondeu. Mordeu a língua, deu meia-volta e entrou na casa.

Surpresa com o sermão inesperado da mãe, Kate se sentou novamente nos degraus. Por que Serena teria feito aquele comentário? Quando conseguiu relaxar, Kate suspirou. O que faria com sua vida? Do lugar onde estava, tinha uma vista maravilhosa do mar, do céu e da casa de Sam, que bem naquele momento saía pela porta dos fundos de sua casa.

Com o coração apertado, Kate o viu olhar para ela de longe e acenar. Teve vontade de fugir, mas Sam já vinha em sua direção. À medida que ele se aproximava, ela pôde observá-lo. Estava moreno, lindo e sexy. Terrivelmente sexy com aquela bermuda cáqui meio caída, deixando um pouco à mostra os ossinhos da sua cintura.

— A senhorita está sozinha? — brincou ao chegar mais perto.

— Estou.

— Posso sentar?

Kate concordou com a cabeça, enquanto começava a sentir seu corpo estremecer. Havia anos ela não era invadida por aquela sensação de frio na barriga, e foi sentir isso de novo justamente com o homem que havia partido seu coração. Mas, sem mudar a expressão do rosto, perguntou:

— As crianças estão dormindo?

Sam fez que sim com a cabeça e, ao olhar para Kate a pouquíssimos centímetros de distância, percebeu o quanto ela estava linda sob o luar.

— Finalmente pegaram no sono e eu posso ter um instante de paz.

Os dois sorriram.

— São ótimas crianças — murmurou ela.

— Mas me deixam esgotado — comentou ele, apoiando os cotovelos nos degraus. — E agora que eu não tenho o Michael, que me ajuda pra caramba, fico duplamente esgotado.

— Ah, sem essa. Você se sai superbem com eles.

— Em geral, sim. Mas há momentos de caos total.

Ambos contemplavam o mar, que naquela noite estava especialmente agitado.

— Quer dar uma volta na praia? — sugeriu Sam após um rápido silêncio.

Ela adorava estar com ele naquela praia que trazia belas recordações. Começaram a passear sem se dar conta de que Serena os observava entre as sombras com um sorriso nos lábios. Ao chegarem à beira da água, onde seus pés se molharam, Kate murmurou:

— Não mudou nada. Está tudo exatamente igual a como eu me lembrava.

Sam concordou.

— Fomos nós que mudamos. Estamos mais maduros, mais velhos.

Kate não pôde reprimir um sorriso. Ele tinha razão. Os dois haviam mudado e amadurecido.

— Velhos? Mas com esse look você parece mais jovem do que há alguns anos.

Envaidecido, Sam parou e olhou para ela com determinação.

— Se vamos falar sobre isso, tenho que dizer que você está muito mais atraente agora com esse novo corte de cabelo e esse macacão jeans do que com aquele coque, os terninhos da Armani e suas camisas brancas da Ralph Lauren.

Os dois deram uma risada.

— Obrigada, Sam — disse Kate e, passando a mão pelo cabelo, acrescentou: — Foi ideia da Terry. Ela acabou me convencendo, e realmente não me arrependo.

— E eu, pra minha sorte — continuou Sam —, não preciso mais usar terno e gravata todo dia. Aqui na ilha se vive de outra maneira. É tudo mais tranquilo, sem tanta sofisticação nem tanta pressa.

— É uma forma diferente de viver — concordou Kate. — Outra cultura, outro modo de lidar com a vida, e, sinceramente, acho que eu não conseguiria viver assim.

Aquele comentário atingiu em cheio o coração de Sam, mas ele não ousou rebater. Não disse nada. Apenas cravou nela seus olhos inquietantes. Desejava dizer tantas coisas que os pensamentos eram confusos. Então decidiu ficar quieto. Tinha certeza de que, se confessasse o que ainda sentia por ela, Kate daria suas férias por encerradas e voltaria a Nova York. Por isso, limpou a garganta e disse:

— Amanhã temos que ir ao hospital com a Cat.

— A que horas?

— A consulta é às onze e meia da manhã. Espero que nos digam que está tudo bem.

— Com certeza vão dizer. Não se preocupe — afirmou ela, cheia de otimismo, enquanto brincava com a água a seus pés.

Nesse momento Sam se lembrou do que havia ocorrido horas antes entre eles, quando ele a beijara no pescoço, e isso o levou a perguntar com preocupação:

— Kate, você vai voltar pra Nova York ou vai ficar pra viajar com as meninas? — E, ao ver como ela o olhava, acrescentou: — Desculpa pelo que aconteceu hoje.

— Do que você está falando? — perguntou ela, mesmo sabendo a resposta.

— De quando agi sem pensar e te dei um beijo no pescoço. Sei que isso não justifica, mas foi um gesto automático e...

— Tudo bem, sem problemas — disse ela, na dúvida sobre se gostaria ou não de outros “gestos automáticos” como aquele. E, tentando deixar o assunto

de lado, prosseguiu: — Quanto à sua pergunta, estou com tanta vontade de fazer essa viagem que acho que você vai ter que me aguentar por mais uns dias. — Sam fez uma expressão exagerada de horror e ela sorriu. — Além disso, a Terry vai ficar. O que você acha que ela me diria agora se eu dissesse pra gente ir pra Europa?

Encantado com a resposta de Kate, Sam deu uma boa risada.

— Por sua integridade física, melhor você não dizer nada a essa barraqueira. Você conhece a figura e sabe como ela reage quando alguma coisa não lhe agrada. Por sinal, você não acha incrível o que está rolando entre eles?

— Acho. Estou superfeliz. Já era hora.

— Só espero que tudo termine bem — comentou Sam, abaixando-se para pegar uma pedrinha que brilhava.

— Pois é. Porque os dois são duas bombas-relógio.

— Convenhamos — disse Sam —, a Terry tem um gênio do cão. Depois que se acalma, fica tudo bem, maaaaaas...

— Eu sei.

— E você não pode negar que o Michael tem uma personalidade mais tranquila.

— É, não dá pra negar. Se bem que o gatinho havaiano também apronta das suas.

— *Gatinho* havaiano?

Kate adorava vê-lo sorrir daquela maneira.

— Acho que tudo vai dar certo entre eles — disse ela, tirando a pedra das mãos dele. — O importante numa relação é a vontade de estar junto e de curtir um ao outro, e vontade eles têm, e muita, por sinal. O resto vem depois.

Assim que fez esse comentário, arrependeu-se. Sam, ao ver sua expressão, olhou em direção ao horizonte e suspirou.

— Você tem toda a razão.

Ruborizada e um tanto nervosa pelo rumo que a conversa tomava, Kate se desculpou.

— Bom... já é tarde. Estou cansada e acho melhor a gente voltar.

Sam concordou. Voltaram lado a lado para suas respectivas casas, mas cada um mergulhado em seus próprios pensamentos. Ao chegarem em frente à casa em que Kate estava hospedada, Sam se despediu com uma leve carícia no ombro e, sem olhar para ela, caminhou até sua casa. Quando já estava lá dentro, abriu a geladeira, pegou uma cerveja e se atirou no sofá, onde ficou vendo as horas passando no relógio. Ele estava sem sono nenhum e só conseguia pensar em Kate.

## Capítulo 44

No dia seguinte, no hospital, o médico examinou Cat e informou que ela estava se recuperando bem. Eles comentaram sobre a viagem e ele não se opôs. Cat podia levar uma vida normal.

Michael se despediu de Sam, Kate e Cat, que voltaram para casa, e sem hesitar foi até o quarto de Waitere. Assim que o viu, ela sorriu encantada e, dez minutos depois, agradeceu novamente pelo dinheiro que ele havia conseguido recuperar.

— Esse dinheiro vai nos ajudar a seguir em frente — disse ela e, olhando fixamente para Michael, perguntou: — De onde será que veio esse dinheiro?

— Isso não importa, filha — falou Thalia. — O importante é que agora vocês contam com uma quantia que vai ajudar muito vocês.

— Exatamente — concordou Michael. — Esse dinheiro é o que vocês precisam pra poder retomar a vida de vocês e tentar fazer tudo o que nunca puderam fazer.

— Vou poder visitar Nova York? — perguntou Thais.

— Claro — disse Waitere, entusiasmada por ver sua filha tão feliz.

— Se vocês forem, eu vou dar um monte de dicas. Morei vários anos lá e conheço muito bem a cidade — comentou Michael, sorrindo.

Mãe e filha se olharam emocionadas. Finalmente a vez delas tinha chegado e poderiam respirar aliviadas e sorrir. Depois, Thais se aproximou de Thalia, que as observava cheia de orgulho.

— Aliás, vó, eu e a mamãe queremos contar uma coisa.

Michael se levantou rapidamente da cadeira.

— Bom, estou indo, então. Assim vocês podem conversar com mais tranquilidade.

Mas Thais o deteve, e Waitere disse:

— Michael, fica aí. Tudo isso é graças à ajuda que você tem nos dado.

Com um sorriso meio envergonhado, Michael sentou novamente na cadeira, enquanto Thalia, surpresa, olhava desconcertada para eles.

— Meninas, o que houve? Estou ficando nervosa.

Thais se aproximou dela, pegou suas mãos e falou:

— Vó, eu e a mamãe temos pensado que, depois do que aconteceu, e com esse dinheiro que entrou agora, você poderia vir a Oahu pra morar com a gente. Em Lanai você está sozinha, e aqui poderíamos ficar as três juntas e recomeçar.

A mulher ficou sem palavras. Aquilo era o que ela mais queria no mundo. Em Lanai ela não tinha companhia. Levantando as mãos para o alto, ela então murmurou:

— Obrigada, Jesus... por fim o senhor escutou minhas preces.

Discreto no segundo plano, Michael não pôde deixar de se emocionar.

Naquela noite, depois de jantarem todos juntos pela primeira vez desde que Kate e Terry haviam chegado, Sam e Michael ficaram a sós. Precisavam conversar. Botaram Sasha e Tommy para dormir, pegaram umas cervejas e saíram para os fundos da casa.

— Sério, Sam, você precisa ir porque eu quero te apresentar a elas — disse Michael. — Além disso, acho que seria uma boa ideia contratar a Waitere para o escritório. Nós dois sabemos que lá é melhor ter uma presença física do que uma secretária eletrônica, não acha?

Sam sorriu. Por várias circunstâncias da vida, Michael estava vivendo agora numa bolha de felicidade. Sam só esperava que aquilo não tivesse um fim trágico.

— Tá bom, seu chato. Amanhã te acompanho pra você conhecer as três e propor a Vaitere o que você quiser. Agora só resta saber o que ela vai achar disso.

— Ela vai adorar.

Sam deu um longo gole em sua cerveja e, ao ver o sorriso bobo de Michael, perguntou:

— Por que você tem tanta certeza de que elas são quem você pensa?

— Não sei, Sam — respondeu, cravando seus olhos escuros nele. — Mas tem alguma coisa nelas que... Agora só preciso confirmar. Mas não sei como fazer isso sem levantar suspeitas nem prejudicar ninguém.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Você pode achar um disparate, mas com uns exames de sangue dá pra extrair o DNA e...

Michael bufou e disse:

— Ah, claro. Se você quiser, vou lá e digo pra elas: vamos fazer uns testes de DNA porque eu acho que vocês são minha mãe, minha irmã e minha sobrinha... Como acha que elas reagiriam?

Depois de dar mais um gole na cerveja, Sam respondeu, movendo-se no balanço:

— Com certeza te chutariam pra fora de lá, e não seria pra menos.

— É complicado, mas logo eu vou ter alguma ideia. Tenho que ter.

Sam sorriu. Se alguém tinha boas ideias, esse alguém era Michael.

— Não duvido. Espera um tempo e você vai ver só como surge alguma coisa.

Depois de alguns minutos em silêncio, em que apenas ouviam o barulho do mar e observavam as ondas, Michael acabou dizendo:

— A vida é surreal, Sam. Às vezes você se depara com coisas que achava que nunca aconteceriam, e em outras situações você fica louco tentando o impossível.

Sam moveu a cabeça, concordando. Depois olhou para a casa em que Kate e Terry dormiam.

— Pois é, a vida é mesmo complicada.

Ao ver para onde seu irmão olhava, Michael perguntou:

— Você vai fazer alguma coisa em relação à Kate?

— Não.

— Por quê?

— Porque me sinto um idiota.

— Idiota por quê? — disse Michael, sorrindo, e Sam suspirou.

— Tenho medo de estragar a boa relação que a gente tem hoje se eu resolver falar com ela sobre meus sentimentos. Não quero que se assuste nem que saia correndo.

— Você acha que ela se assustaria?

— Não sei — respondeu Sam. — Às vezes eu a pego me olhando de uma forma que me dá a entender muitas coisas. Mas, quando ela percebe que estou olhando, me ignora e muda de expressão. Nesses dias tentei me aproximar, mas ela não me permite falar de certos assuntos. E logo sempre aparece alguém quando tento ficar a sós com ela, e assim não dá pra gente conversar direito.

Michael pensou em Terry e sorriu.

— Isso pode se resolver na viagem que vamos fazer pelas ilhas.

— Michael — disse ele —, o fato de você estar vivendo num mundo cor-de-rosa com a Terry não quer dizer que todas as outras pessoas possam viver igual.

— Escuta, irmão — comentou Michael —, quando falo da viagem, me refiro ao fato que a gente vai poder visitar lugares em que vocês dois estiveram. Talvez isso reacenda a chama e...

— Michael, não! Quero que essa viagem seja ótima pra todo mundo. Não uma tortura pra Kate. Porque, se uma coisa está muito clara pra mim, é que quero que todos nós aproveitemos muito esses dias. Quero que todos sejam felizes. Só isso.

— E você, hein? Por acaso não quer ser feliz?

Sam deu uma risada e recebeu em troca um empurrão amistoso de Michael.

— Dentro da minha nova maneira de viver, posso dizer que já sou feliz — confirmou Sam. — Moro na minha ilha, tenho as pessoas que amo ao meu lado e...

— Não estou falando desse tipo de felicidade — interrompeu-o Michael.  
— Essa eu já sei que você tem. Me refiro àquela outra felicidade que você sente

quando está ao lado de alguém que te abraça toda noite e diz que te ama.

— Pra isso tenho você, queridinho — replicou Sam, brincando. Não queria pensar no assunto.

— Palhaço! — exclamou Michael, ao ver que ele não queria conversa. — Repito: estou falando de você ter ao seu lado alguém que te deseje, que te beije toda noite e toda manhã. Que te abrace e você possa sentir seu coração e o dela batendo na mesma frequência. E não me diga que você tem a mim pra isso, porque não respondo pelos meus atos.

— Desculpa, queridinho... mas o seu coração e o meu batem na mesma frequência, sim — brincou Sam, levantando-se do balanço. — Mas, bom... desde quando você diz tanta baboseira romântica?

Achando graça, Michael também se levantou do balanço e foi atrás de Sam para lhe dar um soco de brincadeira, mas perdeu o equilíbrio. Os dois acabaram caindo sobre a areia da praia e morreram de rir.

— Sério, idiota. — Michael riu, olhando para as estrelas. — Você devia tentar de novo com a Kate. É ela que você ama, e eu estaria mentindo se não revelasse que ela sente a mesma coisa por você. — Ao ver como o irmão o olhava, Michael cochichou: — Tenho a melhor fonte de informação.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça e tirou areia da boca.

— Confio em você e na sua fonte, mas o problema é que a Kate já não confia em mim, e eu entendo os motivos dela.

— Talvez você esteja enganado.

— Eu sei. Mas não me sinto com forças pra ser rejeitado.

Sentando-se, Michael tirou a areia do cabelo e afirmou decidido:

— Houve uma época em que você se arriscou pra conhecer uma garota como a Kate, e você se saiu bem. Também se arriscou ao montar seu próprio negócio em Nova York, e outra vez se saiu bem.

— Isso já faz tempo.

— Eu sei, Sam. Mas o que estou querendo dizer é que você precisa voltar a se arriscar. Por você, pela Kate e pelos seus quatro filhos. — Ao ver que Sam negava com a cabeça, ele prosseguiu: — Escuta, eu me arrisquei ao abandonar minha vida aqui e ir embora com você, e deu tudo certo. E agora acabo de voltar a me arriscar ao deixar Nova York e, quanto a Terry, acho que pode

funcionar. Inclusive estou me arriscando ao acreditar que encontrei minha mãe, mas, se não for, não tem problema também. A vida continua, Sam, e eu estou disposto a me arriscar por mil outras coisas.

— Não tenho forças, irmão.

— Ah, sem essa, Sam. Por que você diz que não tem forças?

— Destruí a Kate, destruí uma família e...

— Sam... olha pra mim — cortou-o Michael. — A vida é loucura. Loucura por viver, por amar, por sorrir. Veja, por exemplo, a minha história com a Terry. É pura loucura! Mas, quando eu vi ela aqui, na minha ilha, no meu território, decidi me arriscar, e faria isso mil vezes de novo porque essa doida e cabeça-dura é a única mulher que me tirou o sono a vida inteira. E olha pra mim: eu estou feliz! Talvez dentro de quinze dias, um mês ou sete anos eu vire um coitado porque minha história não deu certo. Mas caramba... vai ter valido a pena enquanto durou. Quem vai me tirar isso? Quem vai apagar minhas lembranças? Ninguém, Sam. Absolutamente ninguém. E por isso, por essas lembranças, por esses momentos incríveis e pela felicidade que você pode encontrar, você tem que se arriscar. Eu e você somos dois sobreviventes, dois batalhadores, e não vou permitir que você deixe escapar essa oportunidade. A Kate está aqui. Ela te ama. Você ama ela. Por que não tentar?

Surpreso por todas as coisas que Michael lhe disse de coração, Sam sorriu. Estendeu a mão a ele, e os dois se levantaram juntos do chão.

— Acho que a Terry está te deixando meio fora de si. Você acaba de falar como um personagem de novela. O que essa feiticeira está fazendo com você?

Michael caiu na gargalhada e, tentando dar pouca importância ao assunto, cochichou sem imaginar que dois pares de olhos os observavam:

— Ela está me deixando apaixonado. Você acha pouco?

Abraçados pelos ombros, trocavam confidências enquanto se dirigiam à porta da casa:

— Sabe, Michael? Você faz bem em se arriscar. Mas não se esqueça: se as coisas derem errado com a Terry, você vai ter que se arriscar a ter uma relação mais séria comigo.

— Anda, palhaço, se manda e vai dormir, que eu não sei o que você tem na cabeça — respondeu, em meio a risadas.

Enquanto falavam sobre sentimentos, os homens continuavam sem saber que havia olhos inquietos do outro lado da casa, no escuro, observando-os às escondidas.

— Ah, como eu gostaria de saber do que eles estão falando — sussurrou Terry.

— Que bisbilhoteira! — replicou Kate.

Terry olhou incrédula para sua irmã.

— Ah, então eu sou a única? Fala sério! Pode me dizer o que você faz aqui no escuro, observando o Sam e o Michael, enquanto fala baixinho comigo? — Kate sorriu. — Será que isso é bisbilhotar ou o nome certo é “curiosidade mórbida” em relação aos outros?

Achando graça, ela respondeu:

— Para com isso... Fica quieta, ô histérica!

— Histérica, eu? Escuta, bonitona, só pra lembrar que eu estava na cama, dormindo tranquilamente, quando você veio toda esbaforida me dizer que eles estavam em casa, conversando no balanço. Agora vai me dizer que não queria saber o que eles estão falando?

Ao ver que Terry levantava a voz, Kate a encarou e a repreendeu:

— Terry, por favor, quer parar de gritar? Assim você vai acordar a mamãe e as meninas.

— Repito: vai me dizer que você não queria saber o que eles estão falando?

— Ok. Admito que eu adoraria saber.

Com um sorriso triunfal, Terry cochichou:

— Viu, eu sabia! — E, olhando para eles, sussurrou: — O que estão fazendo agora? Eles se jogaram no chão... Por quê?

— Vai saber — disse Kate, rindo.

— Ai, meu Deeeeeeeeeeeeeus... Eu daria tudo pra estar ali no chão com Michael em cima de mim.

— Terry!

— É sério! O Michael me deixa louca. Não consigo parar de pensar nele!

Kate deu uma risadinha e cochichou:

— Acho que vou começar a ter pena do coitado.

— Tem que ter pena de mim! — exigiu, com cara séria. — Esse garanhão da ilha é o cara mais sexy e bom de cama que já me apareceu na vida. Cada vez que a gente transa e ele sussurra coisas no meu ouvido... Deeeeeeeeeeeus! Ah e nem te conto quando...

— Chega! Não quero mais ouvir isso!

— Ai, garota, deixa de ser careta! — brincou Terry.

— Não é isso... não é caretece — balbuciou, olhando-a nos olhos. — O problema é que minha vida sexual é inexistente e eu não estou a fim de escutar algo que me faz morreeeeeer de frustração.

— Bom... então pode deixar comigo que eu vou te dar um Jeremias de presente e solucionar esse teu probleminha.

— Um Jeremias?

Terry chegou bem perto de sua irmã e lhe disse no ouvido:

— Minha amiga Nínive tem um vibrador que ela apelidou de Jeremias e uuuuuuf... diz que é maravilhoso.

— Hummm, de repente é uma boa ideia!

— Pois é, menina.

As duas riram sem fazer barulho e voltaram a olhar na direção de Sam e Michael. Kate adorava observar Sam. Vê-lo sorrir ao lado de seu irmão era um dos prazeres de que ela sempre adorou desfrutar. De repente viu Terry se arrastando no chão.

— Aonde diabos você vai?

— Não estou vendo eles — queixou-se Terry.

Foi em silêncio até a porta, mas antes de abri-la Kate a deteve.

— Se você abrir essa porta, eu te mato, te degolo. Se você fizer isso, vão sacar que a gente estava espiando eles como duas adolescentes com os hormônios à flor da pele e loucos.

— Temos pouco de adolescentes, já de loucos...

Aproximando-se com cuidado da fresta da porta entreaberta, elas os viram levantar do chão.

— Fecha a porta, que eles estão vendo a gente!

— Pô, Kate, assim você quase me arranca um dedo! — E, enfiando a cabeça pela fresta, exclamou: — Caracaaaaaaaaa.... Você está vendo o que estou

vendo?

Kate colocou a cabeça junto à da irmã, observou os dois homens e, ao entender o que ela queria dizer, perguntou:

— Está se referindo à aparência deles? A estarem superatraentes?

— Atraentes?! Estão é muito gostosos, isso sim. Ai, Kate... olha o abdômen tanquinho do Michael! Deus do céu!

— E o Sam...

— Que corpinho mais delicioso. Adoraria sair agora mesmo, deitar com ele na praia e passar a língua pelo...

— Terry!

— Ok. Quando eu chegar a Nova York, compro um Jeremias pra você.

Nesse instante, os homens olharam em direção à casa. Kate, fechando a porta às pressas, sussurrou:

— Eles estão vendo a gente!

Dois segundos depois, decepcionadas, elas os viram entrando em sua própria casa. Ainda abaixada no chão junto com Kate, Terry disse:

— Pronto... o show acabou. Hora de ir pra cama sonhar.

— Mas justamente agora estou sem sono.

— Normal. — Terry brincou. — Depois da visão espetacular que esses dois gatos nos ofereceram, quem é capaz de ir sozinha pra cama?

Sem se levantar do chão, as duas se olharam e começaram a rir. Aquilo era surreal. As duas às escuras, jogadas no chão, boquiabertas ao lado da porta da casa.

— Adoro viver esses momentos com você. São divertidíssimos! — comentou Kate.

— E eu adoro te ver sorrir.

As duas enfim se levantaram e Terry cochichou:

— Vem, vamos pra cama.

— Atrás de você, tia Terry.

Nesse instante, as luzes se acenderam e Serena apareceu.

— O que vocês duas estão fazendo aí? — perguntou, surpresa.

Terry se endireitou rapidamente e, apontando para a irmã, respondeu:

— Essa é a última vez que você me chama pra ir fumar um cigarro, e ainda por cima maconha. — E desapareceu diante da expressão incrédula de Serena.

— Vocês estavam fumando maconha?

— Mãe, não liga pro que ela diz — disse Kate, rindo. E antes de sair bocejou com cinismo: — Ai, ai, estou morrendo de sono! Vou pra cama.

Serena sorriu para si mesma. Havia escutado toda a conversa. Justo quando voltava para seu quarto, Ollie apareceu com cara sonolenta.

— O que houve, vó?

— Nada, querida — respondeu Serena, rindo. — Eu estava com vontade de fumar um cigarro.

A menina arregalou os olhos.

— Um cigarro? Mas, vó, você não fuma!

— Sempre tem uma primeira vez — disse, sorrindo para sua neta e dando de ombros. — Anda, vamos pra cama. Já está tarde.

Ao entrarem no quarto, Ollie sussurrou:

— Sério, vó, eu não sabia que você fumava.

Serena deu um beijo em sua neta e, enfiando-se na cama, disse:

— Nem eu.

## Capítulo 45

No dia seguinte, Cat tomava café da manhã quando perguntou:

— Quando a gente vai viajar?

— Daqui a três dias — respondeu Sam e com um gesto lhe pediu que ficasse quieta. Não queria que Sasha soubesse de nada. Fariam aquela pequena viagem sem as crianças menores.

Mas a menina estava atenta a tudo e, enquanto bebia um copo de leite, perguntou:

— Aonde a gente vai?

— A nenhum lugar, querida — respondeu Sam.

Ollie e Cat se olharam e a pequena insistiu:

— Papai... você sabia que mentir é feio?

— Sei, sim, meu amor.

— E por que está mentindo pra mim? — Mas, antes mesmo que ele pudesse responder, Sasha disse: — Eu quero viajar também.

Sam olhou para Michael e suspirou. O momento inevitável havia chegado.

— Escuta, princesa, você e o Tommy vão ficar uns dias aqui em casa com a Honey, enquanto nós, mais velhos, vamos viajar para um lugar.

— Nãããããão. Eu quero ir. Eu quero iiiiiiiir.

— Deixa eu explicar, querida: você e o Tommy são muito pequenos e ficariam cansados de tanto andar.

— Não... Eu não sou pequena! — gritou.

— Em poucos dias a gente vai estar de volta, e eu prometo trazer um presente lindo pra você.

Virando-se comicamente para o seu tio, fez uma careta de choro.

— Tio Michael, você me leva?

— Não posso, querida. O que o papai falou é verdade. Vocês vão estar bem melhor em casa.

Sasha fez cara emburrada e, numa fração de segundo, sem que ninguém pudesse fazer nada para evitar, a menina abriu o berreiro. Nesse momento chegou Terry, que, ao ver aquele drama todo, perguntou:

— O que está acontecendo aqui? — E, alarmada pelas lágrimas da menina, acrescentou: — Por que está chorando, lindinha?

Como boa atriz que era, Sasha a olhou com cara de infinita tristeza e a abraçou. Aquele gesto comoveu Terry, que a pegou entre seus braços.

— Papai não qu... qu... quer... me levar com vocês. Diz que eu e o Tommy não podemos ir porque somos pequenos. Ma... mas eu quero iiiiiiiir — berrou.

— Não chora, querida. Vamos ver o que se pode fazer. — Terry tentou consolá-la e, voltando-se na direção de Sam e Michael, que a observavam, perguntou: — Por que ela não pode ir?

Michael também se sensibilizou com o choro da menina e fez menção de responder, mas Sasha se adiantou:

— O papai e o tio acham que eu... eu vou atrapalhar todo mundo.

Sam e Michael olharam surpresos para a menina e entrevistaram.

— Isso é mentira — disseram em coro.

Terry enxugava as lágrimas da menina com um lenço, sentindo o corpinho dela estremecer todo, de tão abalada que ela estava. Aquilo a comoveu.

— Princesa — disse Michael, olhando nos olhos da menina. — Você sabe que, se pudéssemos, levaríamos vocês com a gente, mas...

Mas a menina não queria ouvir palavras de consolo. Queria ir com todo mundo e berrou desconsolada:

— Quero ir. Por favoooooor... Quero iiiiiiiir. Vou ser boaziiiiinha.

Nesse momento, Serena e Kate entraram na cozinha e, ao se depararem com aquela cena, se assustaram. O rosto de Sasha estava todo vermelho, de tanto choro e contrariedade. As duas tentaram acalmar a menina, até que Sam, olhando para seu irmão, murmurou:

— E aí, o que a gente faz?

Michael foi responder, mas Kate, que o havia escutado, entrou na conversa e falou:

— Ela vem com a gente e não se fala mais nisso.

Sam olhou para ela, incrédulo.

— Kate, com ela não vamos poder visitar muitos lugares. Sasha ainda é muito pequena.

Agoniada com os soluços da menina, Serena se meteu na conversa também e disse em alto e bom som:

— Não tem problema. Eu cuido dela. Quando vocês quiserem fazer algum passeio que seja muito cansativo, eu e ela ficamos no hotel.

— Tem certeza, Serena? — perguntou Sam.

Serena fez um gesto afirmativo com a cabeça, surpreendendo a todos.

— Tanta certeza quanto de que eu fumo.

— Que você fuma?! Como assim? — perguntaram todos, exceto Terry e Kate, que sorriam.

Sem poder reprimir a risada, a mulher se agachou junto à garotinha e, depois de tirar uma mecha loura de cabelo do rosto dela, disse:

— Promete pra mim que você vai ser muito obediente o tempo todo, senhorita.

Feliz por ter conseguido o que queria com a choradeira, Sasha parou de chorar e, esboçando um enorme sorriso, concordou:

— Tá bom, vovó. Eu prometo.

Michael estava atônito diante do dramalhão que a menina havia feito.

— Essa daí arrasaria em Hollywood, isso sim! — disse ele ao irmão.

— Pois é — respondeu Sam, rindo.

Meia hora depois, Sam e Michael avisaram que estavam indo ao hospital. Tinham que tratar de certos assuntos por lá.

## Capítulo 46

Chegaram ao hospital ao meio-dia. Subiram ao quarto em que Waitere estava internada, e, como havia prometido, Michael a apresentou ao irmão. Sam ficou observando-os enquanto conversavam. Ou estava ficando louco ou de fato via muitas semelhanças entre aqueles dois. Tinham o mesmo sorriso!

Um tempo depois, Thalia apareceu.

— Mãe! — exclamou Waitere, sorridente. — Temos visita. Esse aqui é o Sam, irmão e sócio do Michael.

Sam esboçou um sorriso encantador e a cumprimentou com um aperto de mãos.

— Prazer em conhecê-la, senhora.

— Digo o mesmo — respondeu ela e acrescentou: — Você é irmão desse anjo tão encantador que está resolvendo a nossa vida. É realmente um prazer te conhecer, Sam.

— Anjo, meu irmão? — debochou Sam e perguntou num tom divertido: — Como você conseguiu enganar essas senhoras?

— Sabe como é, né? Usando todo o meu charme — respondeu Michael, dando de ombros.

— Filho, se não fosse por você, com toda essa papelada que minha filha tem que resolver, não saberíamos nem por onde começar. Além disso, pra gente você é mais que um advogado — acrescentou Thalia.

— Obrigado, Thalia. — Michael olhou para ela comovido.

Sam e Michael ofereceram a Waitere a vaga de trabalho sobre a qual tinham comentado na noite anterior. Elas se emocionaram com a proposta, e Waitere topou na hora, com lágrimas nos olhos de tanta alegria.

— Obrigada. Só posso agradecer mil vezes a vocês. E mesmo assim não é suficiente.

Sam, ao vê-la tão emocionada, quis esclarecer:

— Waitere, nós precisamos de alguém no escritório, e você precisa de trabalho. Então a ajuda é mútua.

Depois de combinarem certas coisas e rirem de outras tantas, chegou o momento de irem embora. Ao saírem do quarto, encontraram Amanda, a médica.

— *Aloha*, Michael — cumprimentou ela e, olhando para Sam, disse: — Você é o pai da Sasha, né?

— Sim, sou eu. Sam, precisamente.

— Amanda — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Como vai a menina?

Dessa vez foi Michael quem respondeu:

— Está ótima. Uma pestinha, como sempre.

Os três sorriram.

— É um bom sinal — disse a médica e, olhando para Michael, perguntou: — Posso falar um minutinho a sós com você?

— Vou até a máquina pegar uma Coca-Cola — Sam foi logo dizendo.

Quando ele se afastou, Michael olhou com cara de preocupação para a médica.

— Algum problema com a Waitere?

Com um sorriso provocante, Amanda jogou seus cabelos sedosos para trás.

— Não. Está tudo bem. Só queria convidar você pra jantar uma noite dessas.

Ao ver a cara de surpresa de Michael, ela prosseguiu:

— Não sou o tipo de mulher que espera o convite de um homem. Se estou interessada em alguém, tomo a atitude, sem rodeios.

— Hum, esse não é um bom momento — respondeu ele, atônito pela franqueza dela. — Vou sair de viagem por alguns dias com parentes que estão visitando a ilha.

— Ahhh... que pena — retrucou ela, decepcionada. — Mas posso esperar. Aqui está meu cartão. Quando voltar, me liga.

Michael pegou o cartão e fez que sim com a cabeça, enquanto Sam, que estava diante da máquina de bebidas, sorria ao ver a cara de espanto do irmão.

— *Aloha* outra vez — disse uma voz a seu lado.

Era Thalia, a mãe de Vaitere.

— Vim pegar alguma coisa geladinha e também uns chocolates, que ajudam a adoçar a vida.

— Faz muito bem — disse Sam, sorrindo. — O que você quer?

— Primeiro, que me fale de você — respondeu ela.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Ótimo. Mas me diga: o que vocês querem comer?

Thalia se agachou para ver os produtos da máquina e, ao se aproximar, Sam ficou sem respiração. A mulher tinha na nuca um sinal igualzinho ao de Michael. Um sinal que parecia uma borboleta. Sem saber o que estava passando pela cabeça dele naquele momento, Thalia disse:

— Acho que queremos uma laranja e uma barra de chocolate dessas aqui — disse ela, deixando o sinal à mostra novamente ao se abaixar. — Filho, eu me esqueci de trazer meus óculos e não enxergo nada. Mas sei que a gente gosta desses de embalagem verde. Eu e Vaitere somos alérgicas a nozes.

*Como Michael*, pensou Sam. Mas conseguiu reagir a tempo.

— Faço questão de pagar — disse ele, com a boca seca.

A mulher concordou, esboçando um sorriso encantador, e acrescentou enquanto olhava para Michael, que continuava falando com a médica:

— Muito obrigada, filho. Sua mãe deve ter muito orgulho de vocês. São dois rapazes muito educados e amáveis.

Sam se limitou a concordar com a cabeça e logo abaixou para pegar as coisas que ela pedira. Quando caíram a laranja e as barras de chocolate, ele entregou para Thalia.

— *Aloha* outra vez, Thalia — cumprimentou Michael, que já havia se livrado de Amanda.

— Vim aqui pegar um docinho e seu irmão fez a gentileza de pagar. — Olhou para Sam, que sorria para ela, e disse: — Ele é tão educado e cortês quanto você.

— Recebemos a mesma educação — disse Sam, comovido, passando o braço em torno dos ombros do irmão.

— Então quem os educou fez de vocês homens excelentes — afirmou Thalia, deixando-os sem saber o que dizer. — Bom, meninos, preciso ir porque a *Vaitere* está sozinha. Muito obrigada de novo pelo emprego que vocês ofereceram à minha filha. Ela é muito trabalhadora e tenho certeza de que vocês não vão se decepcionar. Até logo. — E, sorrindo, foi embora.

— Elas são mulheres encantadoras, né? — disse Michael minutos depois, enquanto se encaminhavam em direção à saída do hospital.

Sam concordou e, nervoso com os pensamentos e as conclusões que pairavam em sua cabeça, deteve-se.

— Acho que ela é mesmo sua mãe.

Com o coração a mil por hora, Michael suspirou.

— Por que você está dizendo isso?

— Ela tem o mesmo sinal que você na nuca. Também é em formato de borboleta, e ela e a *Vaitere* são alérgicas a nozes.

Michael ficou paralisado diante daquelas observações, mas a convicção de Sam não dava lugar a dúvidas. Sem saber se ria ou chorava, acabou dando uma risada que fez todo mundo se virar para olhá-lo, enquanto os dois se abraçavam.

— Eu sabia! Eu sabia! — exclamou, radiante.

— Bom, irmão, vamos encarar isso tudo com tranquilidade. Agora temos que descobrir uma maneira de confirmar essa suposição. — E, olhando-o nos olhos, sussurrou: — Tomara que você tenha encontrado elas. Tomara.

Michael concordou e, depois de se recompor da euforia do momento, propôs:

— Vamos tomar alguma coisa. Minha garganta está seca.

Saíram do hospital e entraram no primeiro bar que encontraram. Ali conversaram e fizeram planos para descobrir a verdade de toda aquela história. Quando foi pagar, Michael deixou cair o cartão que Amanda lhe dera. Sam se abaixou para pegá-lo e sorriu ao ler “me liga”.

— Você deixou cair isso aqui.

Ao ver do que se tratava, Michael revirou os olhos.

— Você acredita que a médica me convidou pra jantar e me veio com um discurso de que não é o tipo de mulher que fica esperando o convite de um homem?

— Sério?

— Sério — disse Michael, rindo.

— Uau, como os tempos mudam. Quando eu estava na “pista”, éramos nós, homens, que tínhamos que dar o primeiro passo.

— Mas já não é assim. Isso acabou!

— E o que você respondeu?

Pegando o troco, Michael admitiu:

— Falei que estou indo viajar e que ligo na volta.

— Uiiiiiiiiiiiiiiii... Não quero nem pensar como certa ruiva que eu conheço vai reagir quando souber disso.

— Nem eu — disse Michael, suspirando. — Não vou ligar pra marcar de sair. Mas me dá o cartão que é sempre bom ter conhecidos em todos os lugares.

Ao entregar a ele, Sam alertou:

— Toma cuidado, cara, que você já sabe como a Terry é.

— Não se preocupa. A única mulher que me interessa é essa ruiva — disse, sorrindo ao pensar nela. — Vem, vamos logo, porque temos que ver o lance da viagem na agência do George. Ele com certeza vai arrumar hotéis pra gente se hospedar.

E foi exatamente o que aconteceu. Na agência do amigo George, eles planejaram o roteiro e tomaram todas as providências relativas à viagem.

## Capítulo 47

Na manhã da viagem, Honey chegou pontualmente para cuidar de Tommy. Depois de se despedirem dele, partiram para Honolulu no carro de Sam. Lá pegaram um avião para a grande ilha do Havaí.

Foram recebidos com os *Lei*, os colares típicos feitos de flores frescas e plumas. Depois um carro os levou ao hotel Aloha Hawaii, onde eles se dividiram em quartos. O primeiro era para Cat e Ollie, o segundo para Serena e Sasha, o terceiro para Terry e Kate e o quarto para Sam e Michael.

Deixaram a bagagem no hotel e foram comer. Estavam famintos. Foram a um restaurante típico das ilhas, onde degustaram peixes tropicais como o *opakapaka* e o *apah* e carnes deliciosas temperadas com especiarias. De sobremesa, além dos pasteizinhos recheados, provaram frutas fritas tropicais e as famosas nozes de macadâmia cultivadas apenas no Havaí. À tarde visitaram o Tropical Botanical Gardens, um jardim majestoso, repleto de flores e plantas que eles nunca haviam visto.

— Que maravilha — disse Serena.

— É, vovó, é muito lindo! — exclamou Sasha, que segurava sua mão.

Terry e Michael, que caminhavam abraçados, aproximaram-se de Serena.

— Estão vendo essas plantas? Chamam-se espadas prateadas.

— Que nome mais guerreiro — zombou Kate.

— Pois ali onde vocês estão vendo, elas vivem entre sete e setenta anos — disse Sam. — Só floresce uma vez em toda sua vida e depois a planta inteira morre. Ah... e só crescem aqui e em Maui.

— Impressionante — comentou Serena, ao ver aquela planta tão rara.

— Papai, o Havaí tem uma flor especial, né? — perguntou Ollie.

— Tem, sim. É o hibisco amarelo. Em 1959, deixou de ser flor territorial e passou a ser estadual, e em 1988 o Havaí determinou que seria a flor símbolo do estado. O Havaí é conhecido também como a Ilha das Orquídeas.

Todos continuaram o passeio, onde aprenderam que a Kukui Tree era a árvore do Havaí e que o Hawaiian Goose, “Nene”, era o pássaro do estado daquela ilha.

No dia seguinte, acordaram bem cedo e foram até a cidade de Hilo, a maior da ilha, onde chovia praticamente o ano inteiro. Depois visitaram um lugar lendário, onde todos os que acreditavam ter sangue azul podiam fazer o teste numa pedra chamada Naha. Ali, tentando a sorte, eles morreram de rir.

Na sequência, visitaram o vale Waipio. Um local considerado o antigo espírito do Havaí, rodeado por montanhas em que os alpinistas mais experientes se lançavam ao desafio de escalá-las. Kate sorriu ao estar novamente ali e não se surpreendeu ao ver a cara de todos ao contemplar as maravilhosas lagoas e cascatas que encontraram no caminho. Não pôde deixar de pensar em sua lua de mel.

— Ainda têm cavalos selvagens soltos por aqui? — perguntou a Sam, aproximando-se dele.

— Sim. Mas hoje pelo visto estão todos escondidos.

— Estar aqui é como viver num sonho — comentou Kate, sorrindo. — É tudo tão maravilhoso que nem parece de verdade.

Sam a observou. E, encantado por vê-la sorrir, respondeu justo no momento em que Ollie o agarrava pelo braço:

— Essa é uma das vantagens de morar numa ilha. Você pode se permitir viver como num conto de fadas.

Sem dizer mais nada, Sam se afastou com sua filha, contando-lhe mais curiosidades. À tarde, visitaram o Mookini Heiau, um templo onde, em outras épocas, se realizavam sacrifícios humanos e que, segundo as lendas, foi construído em uma só noite por mais de 15 mil homens possuidores de uma força incrível. E, para finalizar a visita, Sam e Michael as levaram a um local espetacular: o Waimea Kamuela, um lugar de cascatas fabulosas e vegetação exuberante e o único no mundo onde se podiam ver dois arco-íris do início ao fim ao mesmo tempo.

Naquela noite, depois de voltarem ao hotel e se fartarem no jantar, sentaram-se na área externa do restaurante para tomar umas *piñas coladas*. Estavam cansados, mas felizes.

— Rapazes — comentou Serena. — Estou surpresa com tudo o que vi. Tudo nesse lugar é tão autêntico que dá pena de ir embora.

— Papai, o Havaí é tão bonito! — exclamou Ollie, depois de dar um gole na sua *piña colada*.

— Pois é, querida — concordou ele, feliz por compartilhar aquela viagem com todas elas. — Esse lugar é especial e mágico — acrescentou e, sem conseguir evitar, olhou na direção de Kate, que estava com Sasha no balcão de sorvetes. — A Ilha do Havaí é a maior e tem um pouco de tudo: praias lindas, jardins, cachoeiras, desertos, vulcões e até neve. Amanhã vamos visitar o Parque Nacional dos Vulcões. Ali, o Mauna Loa e o Kilauea estão em atividade.

— Pai! — alarmou-se Cat. — Eles estão ativos mesmo? Que medo!

— Não é pra assustar vocês — disse Michael, rindo. — Mas o lendário Kilauea está em atividade há muitos anos.

— Ai, garotos — interveio Serena. — A gente vai acabar tendo que sair correndo... É mesmo seguro visitar esse lugar?

Michael sorriu, enquanto sentia a excitação no olhar de Terry. A noite chegava e eles tinham planos.

— Não se preocupem — tentou acalmá-la Michael. — É totalmente seguro.

Dez minutos depois, a impulsiva Terry se levantou, agarrou Michael pelo braço com determinação, e os dois se despediram dos outros. Iam dar um passeio. Sasha queria ir junto, mas Sam não deixou. Michael tinha avisado que os dois passariam algumas horas no quarto.

No dia seguinte, visitaram o Parque Nacional dos Vulcões acompanhados de um guia local. Ele explicou que o vulcão Kilauea estava em erupção e que a lava corria por túneis subterrâneos até chegar ao mar. Uma vez ali, produziam-se nuvens incríveis de vapor que se elevavam até o céu. Depois o guia os levou a um local seguro, onde puderam comprovar o que ele havia acabado de explicar.

Sam e Kate disseram a todo mundo que, ao anoitecer, o espetáculo seria surpreendente, e não estavam enganados. Grandes línguas de lava a 1204°C corriam até chegar ao mar, ampliando com seu fluxo o território do Havaí. Na mesma noite, enquanto contemplava aquele show da natureza, Sam se aproximou decidido de Kate e segurou sua mão, aproveitando que todos os

outros admiravam o mar. Precisava do seu contato e sorriu para si mesmo ao perceber que ela não o afastou. Talvez seu irmão tivesse razão e ele devesse tentar reconquistar Kate naquela viagem.

No último dia no Havaí, visitaram um rancho em Kohala, onde andaram a cavalo junto com os *paniols* (os caubóis havaianos) originários do México e ajudaram a separar o gado. À tarde, para se despedirem da ilha, fizeram um passeio de helicóptero. Compraram camisas de estampas havaianas e nozes de macadâmia e, na hora do jantar, participaram de um luau. No dia seguinte, às oito da manhã, cansados da noite anterior, pegaram o voo que os levou diretamente a Maui.

— Bem-vindos a Maui, a Ilha do Vale — disse Michael, sorrindo.

Deixaram tudo no hotel, alugaram uma van e foram tomar banho de mar na praia de Slaughterhouse. Um lugar onde se podia nadar, surfar e ver diversos peixes exóticos e tartarugas.

— Esse lugar me faz sentir no paraíso — comentou Terry, olhando ao redor. Michael a pegou pelo braço, deu-lhe um beijo e cochichou:

— Com você do meu lado, é como estar lá mesmo.

— Pelo amor de Deus, Michael — debochou Sam, enquanto Serena e as meninas riam. — Quanta melação. Estou até ficando enjoado!

Michael riu e lhe deu um empurrão.

— Anda, vai dar um mergulho, que você está precisando, seu mala.

Entre risadas e mergulhos, passaram horas na praia, e Sasha pôde brincar à vontade na areia, fazendo castelinhos com Serena e com todo mundo que aparecia e se juntava a elas.

Na hora do almoço, Michael sugeriu que fossem à praia de Hookipa. Ele adorava o lugar. Só os surfistas veteranos e mais experientes se aventuravam naquelas ondas gigantes e agitadas. Depois da refeição, Michael e Sam alugaram umas pranchas e, após verificarem o estado delas e passarem parafina, despediram-se das meninas, que ficaram na praia pegando sol. Como dois

garotos que acabam de ganhar tênis novos, correram para o mar e perderam a noção do tempo.

Serena estava inquieta. O que seus garotos estavam fazendo entre as ondas lhe parecia perigoso.

— E não se cansam? — perguntou ela.

— Mamãe, não se preocupe com eles — respondeu Kate, olhando na direção do mar. — Eles sabem quando devem sair.

Cat olhou para sua tia Terry, que tirava fotos havia horas.

— Tia, você vai acabar com a bateria.

Mas Terry não conseguia deixar de fotografá-los. Ver Michael e Sam em cima das pranchas era um espetáculo à parte. Muitas vezes tinha ouvido sua irmã comentar sobre a habilidade deles surfando, mas só conseguiu acreditar quando viu com seus próprios olhos.

— Não tem problema, querida. Tenho duas baterias totalmente carregadas. Esse lugar precisa ser registrado e immortalizado. Além disso, estou tirando umas fotos do seu pai e do Michael que eles vão adorar.

— Vamos brincar de nos enterrar na areia? — propôs Ollie.

— Vamos — concordou Sasha.

Segundos depois, as três irmãs se levantaram e, afastando-se um pouco da avó, Ollie e Cat começaram a cobrir o corpo todo de areia, como se fossem um croquete sendo polvilhado de farinha.

— Ai, ai, ai! — gritou Serena, tapando os olhos ao ver Sam pegar uma onda. — Não quero nem ver. Vai como um louco!

Kate sorriu. Ver Sam curtindo sobre a prancha e sorrindo abria seu coração. Era como se toda a couraça que ela havia tentado manter naqueles meses de repente se rompesse, e isso não lhe fazia nada bem. Ela não queria sentir isso.

Serena estava sofrendo ao vê-los.

— Kate, pelo amor de Deus, fala pra eles saírem. — Mas Kate negou com a cabeça, e Serena continuou: — Ai, minha nossa, olha só o Michael... ai, ai, ai... assim ele vai quebrar a cabeça.

— Mãe, calma... — disse Terry, sem conseguir segurar o riso diante da reação dela e aproveitou para tirar uma foto de Serena com cara de horror.

Mas Serena suave e não era por causa do sol e do calor.

— Ai, meu Deus, assim ele vai morrer! — gritou de novo ao ver as manobras de Sam em cima da prancha, caindo contra as ondas.

— Isso não é nada comparado a tudo o que eles sabem fazer ali. — Kate tentou tranquilizá-la e abriu um sorriso. — Se você se assusta com isso, espera só até ver esses dois desaparecendo no tubo. Você vai ter um ataque.

Terry a olhou perplexa.

— Tubo? O que é isso?

— É quando você consegue se enfiar na onda e seguir dentro dela — explicou Kate, passando protetor solar nos braços.

— Você fazia isso, irmázinha?

— Eu bem que gostaria de já ter feito — suspirou, largando o creme num canto. — Mas essa loucura eu deixo para os verdadeiros surfistas como eles. Eu conseguia me equilibrar sobre a prancha, mas sem fazer grandes coisas. Eles cresceram com o surfe, eu só pratiquei por uns dois anos.

— E você não tem vontade de tentar de novo? — perguntou Terry.

Kate ia responder, mas Serena interveio, fora de si:

— Nem pense! — E, tapando o rosto, exclamou: — Ai... olha só o Michael. Vai se matar!

As duas irmãs olharam rapidamente em direção ao mar.

— Mãe, por favor, relaxa. Que susto você me deu! — queixou-se Terry ao ver Michael rindo.

Nesse momento um barulho insistente atraiu a atenção delas.

— Tem um celular tocando — avisou Serena. — É o do Michael.

— Não atende — disse Kate. — Quando sair da água, ele liga de volta.

Mas o telefone continuava tocando, e na sexta vez Terry acabou atendendo.

— Alô.

— Michael? — perguntou uma voz de mulher.

— No momento ele não pode atender. Quer deixar algum recado? — respondeu ela, aturdida ao ouvir aquela voz tão sugestiva.

— Aqui é a Amanda — disse a mulher do outro lado da linha. — Você é um dos parentes com quem Michael está viajando?

— Mais ou menos — respondeu Terry, franzindo a testa.

— Bom, espero que vocês estejam se divertindo.

Irritada, e diante do olhar atento de sua mãe e sua irmã, Terry disse:

— Sim, estamos nos divertindo à beça.

Após um silêncio incômodo, a mulher falou:

— Pode dizer pra ele telefonar pra Amanda? Preciso conversar a respeito da Waitere. Diz pra ele que, se eu não estiver no celular, ele pode ligar pra minha casa. O número está no cartão que eu dei pra ele na última vez que a gente se viu.

— Não se preocupe, Amanda — Terry repetiu seu nome para não esquecer.  
— Assim que eu encontrar com ele, vou passar o recado.

— Ok. Passar bem. Tchau.

— Obrigada — respondeu Terry e desligou.

Exasperada, largou o celular de Michael no lugar onde estavam os outros aparelhos, enquanto pensava em quem poderia ser a tal da Amanda.

— Ai, meu Deeeuus! — gritou Serena ao ver como as ondas seguidas derrubavam Sam e Michael. — Será que vão lembrar que estamos aqui?

— Duvido — disse Kate e, ao ver sua irmã soltar o celular de Michael, acrescentou: — Os surfistas costumam perder a noção do tempo quando estão na água.

Mas, apesar de ter dito isso, Kate sabia que Sam não havia esquecido que elas estavam ali. Através de seus óculos escuros, e sem ser observada de perto por ninguém, ela havia comprovado como ele olhava continuamente para elas enquanto esperava sua vez de pegar uma onda. Ao observá-lo, milhares de momentos como aquele inundavam a mente de Kate.

Ela o via nadar até a onda e pegá-la com a mesma graça e desenvoltura de antes, o que lhe deu a sensação de que os anos só haviam passado para ela. Quando Sam caía, ela o via ressurgir das águas, com seu cabelo castanho grudado nos ombros e seu sorriso encantador, e isso a fazia suspirar. Desde o início daquela viagem, ele vinha se aproximando dela, o que de certa forma a assustava. Mas algo em seu interior a impedia de se afastar dele. Será que estava ficando louca?

Enquanto Kate observava Sam, Terry estava tão furiosa depois daquela ligação que não havia tirado nem mais uma foto. Quem diabos era Amanda? A

dúvida se transformou em agonia. E se Michael estivesse brincando com ela? E se para ele aquilo fosse apenas um amor de verão?

Uma hora depois, o pesadelo de Serena acabou quando viu Sam e Michael saindo da água sãos e salvos.

— Vocês estão bem?

Extasiado, Sam cravou a prancha na areia, pegou uma toalha e secou o rosto.

— Estamos.

— Sam, você não se machucou naquela queda em que a prancha caiu em cima de você? E você, Michael, não machucou o braço quando esbarrou no Sam naquela hora em que vocês disputaram uma onda?

Eles a olharam surpresos.

— Estamos bem, Serena. Você não está vendo? — disse Michael.

Mas a mulher estava tão tensa que, surpreendendo a todos, começou a gritar:

— Vocês ficaram loucos? Como ousaram se meter na água com ondas tão perigosas? Deus do céu, vocês poderiam ter morrido! Loucos... é isso que vocês são... Loucos!

Todos olharam para Serena, e Kate chegou bem perto dela e tentou tranquilizá-la.

— Mãe, calma. Eu falei que eles sabem o que fazem.

Sam olhou para Kate, mas aquilo foi mais que um simples olhar. Ele a desejava. Durante o tempo em que permaneceu no mar, não conseguiu tirar os olhos dela. Estava linda com aquele biquíni vermelho, mas Sam precisava conter seus desejos mais primitivos.

— Serena, a gente não sabia que você tinha ficado tão preocupada.

Depois de tomar um gole de Coca-Cola, a mulher respondeu nervosa:

— Preocupada?! Se fosse só isso...

Nesse momento as meninas se aproximaram cobertas de areia. Kate bufou enquanto amarrava uma canga na cintura, sob o olhar atento de Sam.

— Se vocês demorassem um pouquinho mais, ela iria arrancar vocês da areia e arrastá-las até aqui com um puxão de orelha.

Michael se enxugou com a toalha e olhou para Terry, mas ela desviou o olhar, então ele foi falar com Serena para acalmá-la um pouco.

— Serena, minha querida, hoje foi brincadeira de criança. Eram umas marolinhas de nada. Não se preocupe, mulher, que eu e Sam temos tudo sob controle.

— Tudo sob controle?! — disse Serena, ainda nervosa. Mas, ao se dar conta da cena que estava fazendo ali, respirou fundo e acrescentou: — Desculpem, garotos. Não sei o que me deu. Acho que me assustei ao ver as manobras de vocês na água.

Kate deu de ombros sem querer dizer nada. Sam, todo bobo e excitado ao vê-la tão sensual, apressou o grupo.

— Chega, está bom de praia por hoje. Vamos voltar para o hotel.

Michael concordou e, aproximando-se de Terry, perguntou baixinho para que ninguém escutasse:

— Ruiva, por que essa cara tão séria?

Ela teve vontade de arrancar-lhe os olhos, mas conteve sua fúria.

— A Amanda te ligou — respondeu sem olhar para ele.

— Amanda?

— Sim, Amanda — repetiu num murmúrio.

— Quando?! Aconteceu alguma coisa? — quis saber Michael, inquieto.

— Não sei. Só pediu pra você ligar de volta e...

Antes que ela pudesse completar a frase, ele pegou o celular e procurou o número de Amanda entre seus contatos, enquanto Terry o fuzilava com o olhar. Por sorte o telefonema era só para informá-lo de que Vaitere tinha recebido alta. Quando desligou, feliz com a notícia, Michael gritou.

— Sam, a Vaitere já está em casa!

— Sério?! — disse Sam, aproximando-se do irmão. — Então vamos ligar pra ela agora mesmo. Por que tão rápido?

Embora continuasse atento à cara contrariada de Terry, Michael estava radiante com a ótima notícia que acabava de receber e respondeu:

— Hoje de manhã, quando os médicos fizeram a ronda, viram que ela estava tão bem que perguntaram se ela queria ter alta. E ela, óbvio, aceitou.

Instantes depois, fizeram o que Sam sugeriu e telefonaram para Vaitere. Kate observou como Sam falava por telefone com aquela mulher e, ao ver a alegria em seus olhos, uma pontinha de ciúmes atravessou seu coração. Mas que bobagem era essa agora? Por acaso não era ela mesma quem fazia de tudo para que Sam não se aproximasse além da conta?

Terry estava cada vez mais irritada, mas Michael parecia não perceber. Ela tentou controlar os ciúmes, porém algo dentro dela fervilhava de raiva e, depois de pisar forte no chão, afastou-se para molhar os pés na beira do mar. Estava precisando.

Quando desligaram o telefone, andaram todos até o carro em meio a brincadeiras e risadas, mas Michael, ao avistar Terry lá trás na praia, foi até ela. Vendo que ele se aproximava, ela mudou de rumo e começou a andar até onde estavam sua mãe, sua irmã e suas sobrinhas.

— Terry, espera! — gritou Michael. Conseguiu alcançá-la e a segurou pelo braço. — Espera! O que você tem?

Como ela não respondia, ele insistiu:

— Querida, não me assuste. O que houve?

— Não quero falar com você agora, Michael — respondeu Terry, furiosa.

— Aposto uma bebida que meu irmão vai ganhar essa e conseguir fazê-la sorrir — disse Sam a Kate num tom cúmplice, enquanto se apoiava no carro.

Kate olhou para Sam e bateu sua mão na dele, num gesto de cumplicidade que eles já tinham feito centenas de vezes.

— Acho que não. A Terry está muito irritada com ele — comentou ela.

Serena e Ollie se entreolharam discretamente ao ver os dois juntos conversando. De repente, ouviram Michael gritar sem se importar com o fato de estar sendo observado a uma distância de poucos metros.

— Vamos lá, Terry! Pode me dizer de uma vez por todas por que você não quer falar comigo?!

Com um terrível ataque de ciúmes, a ruiva ergueu o queixo e, surpreendendo Michael, alfinetou furiosa:

— Liga pra Amanda se quiser falar com alguém.

Nesse instante Michael não conseguiu reprimir um sorriso malicioso.

— Está com ciúmes, é? — perguntou no ouvido dela.

Terry se sobressaltou e se afastou dele, embora começasse a perceber que estava fazendo papel de idiota.

— Ciúmes, eu? — respondeu, tirando o cabelo do rosto.

— É... *você*.

— Ah, fala sééééééério! Você não me conhece!

Soltando tudo o que estava em suas mãos, Michael a agarrou pela cintura, puxou-a para si e sussurrou, consciente de que todos estavam assistindo àquela cena:

— Vem cá, minha ciumentinha.

— Me solta!

Ao ver seu olhar felino, Michael rapidamente segurou as mãos de Terry e imobilizou suas pernas para que ela não aprontasse uma das suas.

— Vamos esclarecer algumas coisas — disse ele. — Amanda é a médica da Waitere. Eu dei meu telefone pra que ela me ligasse diante de qualquer eventualidade.

— Como querer sair com você, por exemplo.

— Terry, minha linda — disse ele, com um sorriso sensual. — Eu só tenho olhos pra você.

Mas Terry era osso duro de roer.

— Tira a mão de cima de mim ou eu não respondo por mim.

Mas ele não permitiu que ela se movesse.

— Ei, não fala assim comigo...

— Falo como eu quiser.

— Lembra, querida... primeiro pensar, depois agir. Meu amor, não duvide de mim na primeira oportunidade que surge. — E, desconcertando-a por completo, colou sua boca na orelha dela e disse: — Te amo e não estou disposto a te perder. Entendeu?

Aquilo era tudo o que Terry precisava ouvir.

— Michael, tenho medo de te amar demais e...

Sem deixá-la terminar, ele a beijou ardentemente.

— Escuta, linda. A única coisa que pode acontecer entre a gente é o que *a gente* quiser, e eu só quero que aconteçam coisas boas.

Desarmada diante dessas declarações, dessa vez foi Terry quem o beijou. Devorou os lábios dele com tanta paixão que ele se desmanchou todo.

— Que nojo! Estão dando beijo de língua! — exclamou Sasha, alarmada.

Todos sorriram. Sam se aproximou um pouco mais de Kate e sussurrou em seu ouvido:

— Você me deve uma bebida.

Ela concordou, sobressaltada, e ia se virar para dizer alguma coisa, quando ouviu Cat provocando os tios:

— Estamos de olho, hein! Controlem-se, porque há crianças aqui.

Nesse instante Michael e Terry pararam de se beijar e deram de cara com as expressões de felicidade de todos.

— Calma, meninas! Tem pra todas! — brincou Michael, agarrando uma acalorada Terry.

## Capítulo 48

Na manhã seguinte, visitaram o vulcão mais alto do mundo, o Haleakala. Enquanto o guia brincava a respeito de o vulcão estar dormindo ou não, Sam tentou convencer as meninas a fazer uma excursão até a cratera, onde poderiam passar a noite e contemplar seu mágico nascer do sol.

— Nem pensar, garotão! — disse Serena. Aquela era a oportunidade perfeita para que ela e as meninas retirassem o time de campo e deixassem os dois casaizinhos a sós. — Vão vocês quatro e eu fico com as meninas no hotel.

— Tem certeza, Serena? — perguntou Michael. — É um espetáculo impressionante.

— Certeza absoluta, filho...

— Eu volto para o hotel também — disse Kate, confusa. Já havia estado naquele lugar com Sam anos antes.

Sam se lamentou em silêncio, mas sorriu quando Serena interveio:

— Pelo amor de Deus, Kate. Faz o favor de ir nessa excursão e se divertir. Não importa se você já esteve lá ou não. Aproveita a paisagem!

— Isso! Fica aí e aproveita, mamãe! — incentivou Ollie, apoiada pelos outros.

Encurralada, Kate acabou dando o braço a torcer. Ficaria lá. Depois de almoçar em Hala, Serena e as meninas pegaram um táxi e voltaram para o hotel, enquanto Sam, Kate, Michael e Terry seguiram a dica do guia: alugaram sacos de dormir e compraram roupas quentes numa lojinha das redondezas. Em seguida, entraram num carro que os levou durante quase uma hora por uma estrada sinuosa em direção à cratera.

Começaram a subida devagar. O cume ficava a 3 mil metros de altitude, e isso implicava um esforço considerável. Terry e Michael estavam com excelente humor, o que fez Sam e Kate relaxarem e se divertirem. A montanha era selvagem, repleta de grandes pedras negras, mas, determinados a alcançarem seu objetivo, eles não desistiram. Às dez da noite, por fim chegaram a seu destino. Acenderam uma fogueira e se sentaram ao redor. O guia, um nativo da ilha, pegou no sono logo depois de comer.

— Está começando a ficar frio — observou Michael, colocando uma manta sobre Terry, que aceitou com um sorriso.

— Que horas são? — perguntou Kate.

— Meia-noite e vinte — respondeu Sam, sentando-se ao lado dela. — Já passou da hora da bruxa — brincou ele.

Nervosa, Kate se enrolou em sua manta e, com um sorriso que atingiu em cheio o coração de Sam, sussurrou:

— Então não temos nada a temer.

— Fiquem tranquilos — disse Michael num tom brincalhão. — As bruxinhas foram embora para o hotel, e a que sobrou aqui eu estou segurando bem firme.

Todos riram, e Sam, ao ver seu irmão e Terry se beijando de novo, cochichou:

— Aliás, você me deve uma bebida.

— Eu sei. Não esqueci.

— Você perdeu essa aposta por não acreditar no poder de persuasão do Michael. Não conhece a figura? — acrescentou, feliz por vê-la sorrir novamente.

— Conheço, sim, mas também conheço a Terry e não imaginava que ela se daria por vencida tão depressa.

Os dois voltaram a sorrir.

— Talvez seja porque está apaixonada? — opinou Sam.

Ela o encarou, percorreu lenta e pausadamente com seus olhos aquele rosto a que tanto havia amado e, reprimindo a vontade de beijá-lo, acabou balbuciando:

— Talvez.

Por um bom tempo os quatro conversaram animadamente sobre o quão maravilhosa estava sendo a viagem, quando Terry se sentiu apertada.

— Gente, desculpa, mas estou com vontade de fazer uma coisa que... Ai, onde eu posso fazer?

— Onde você quiser, querida. Quer que eu te acompanhe? — disse Michael num tom brincalhão.

Terry se levantou, olhou fixamente para ele e o avisou com um dedo:

— Nem pensar. — Depois se dirigiu à sua irmã: — Vem você comigo, por favor. Não quero ir sozinha.

Depois de aguentar mais algumas brincadeiras de Michael, as duas se afastaram e deixaram os dois homens diante da fogueira. Eles as seguiram com o olhar até que elas desapareceram na escuridão.

— Posso saber qual é seu problema? — perguntou Terry, baixando as calças.

— Do que você está falando?

— Você sabe muito bem.

— Não. Não sei.

— Aproveita, Kate. Vive o momento — incentivou Terry, incapaz de permanecer calada. — Estamos num lugar mágico e você está aí toda tensa. Faz o favor de deixar seus sentimentos aflorarem. Sam está desesperado pra ter uma chance com você e...

— Faz o favor de calar a boca.

— Não.

— Como você pode me dizer isso num momento como esse?

— Porque eu percebo que você está tão tensa... tão tensa que dá a impressão de que, se eu te bater com o dedo, você vai se quebrar!

— Mas você acha que pra mim é fácil ver você e o Michael se beijando o tempo inteiro na nossa frente? — cochichou Kate, irritada. — Ah, não, bonita, não é nada fácil... Está sendo desesperador. E, quanto ao Sam, você sabe perfeitamente o que eu sinto por ele, mas não quero me dar mal de novo. É tão difícil entender isso?

— Olha só, linda — reagiu Terry, abotoando a calça. — A única coisa que eu entendo é que aqui todos nós somos humanos. E, sim, ele pisou na bola. Mas antes foi você que pisou na bola com ele.

— Inacreditável! — protestou Kate.

— Inacreditável o quê?

— Antes você estava do meu lado — reclamou Kate, nervosa, mas sem levantar a voz, ao mesmo tempo em que tirava uma mecha de cabelo do rosto.

— E ainda estou, Kate.

— Então por que você me diz isso agora? O que deu em você? Descobriu que o Michael é maravilhoso e isso a fez mudar de opinião?

Terry fez um gesto afirmativo com a cabeça, dando-se conta de que sua irmã tinha alguma razão.

— É verdade — respondeu. — Nesses últimos dias me dei conta de que perdi muito tempo ao não ter me deixado levar pelo coração. Você sabe que durante anos me neguei a investir numa relação com o Michael por medo de... de... estragar tudo! Mas agora percebo meu grande erro. Estar com ele é a melhor coisa que já me aconteceu. Agora entendo o que você sempre sentiu pelo Sam. Ver o Michael cuidando de mim e me mimando me faz lembrar o jeito carinhoso como o Sam cuidava de você. Sei que você precisa dele. Precisa do calor dele. E você não vê que ele sente a mesma coisa?

— Ai, Terry...

— Só estou te dizendo pra aproveitar o momento e...

Mas não puderam continuar a conversa. Vendo que as duas não voltavam, Sam e Michael ficaram preocupados e saíram atrás delas.

— Vocês assustaram a gente — repreendeu-as Michael.

Esquecendo tudo o que pretendia dizer à sua irmã, Terry se agarrou ao braço dele.

— Desculpa, querido. A gente ficou conversando e acabou perdendo a noção do tempo.

— Bom... bom. Já que você está aqui, preciso fazer uma coisa e só você pode me ajudar — sussurrou Michael, dirigindo a ela um olhar repleto de desejo, enquanto se afastavam de Sam e de Kate.

Assim que ficaram a sós na escuridão da noite, Sam foi o primeiro a romper o gelo.

— Como são sem-vergonha.

Os dois tinham se dado conta da clara intenção de Terry e Michael ao deixá-los sozinhos.

— São feitos um para o outro — respondeu Kate por fim, ainda agitada pelas palavras de sua irmã.

Caminharam em silêncio até chegarem a um penhasco, onde se sentaram e começaram a conversar sobre as meninas, os colégios, o trabalho e várias outras coisas sobre as quais havia tempo eles não falavam.

— Nunca vou me cansar de te pedir perdão — disse Sam de repente.

Ela o encarou.

— Não precisa. Você já me pediu e eu já aceitei.

— Eu sei — respondeu ele num tom de lamento. — Mas por minha culpa todos os nossos planos foram por água abaixo.

— Sam, sinceramente, acho que o que você fez foi a gota d'água que fez transbordar o que eu mesma comecei.

Sem se atrever a tocá-la, apesar da proximidade entre os dois, ele sussurrou:

— Sinto muito a sua falta, Kate. Até hoje, às vezes eu me viro na cama durante a noite esperando te encontrar.

O coração de Kate batia a mil por hora. Ela também estava com muitas saudades, mas não iria confessar.

— Às vezes penso no porquê disso tudo. Por que encontrei a Nicole? Por que continuei com ela? Por que eu não soube dizer “não” na hora em que deveria?

Sem conseguir evitar, Kate ergueu a mão e fez carinho no rosto dele. Precisava tocá-lo.

— Sam, para com isso, querido... para agora. Por favor, eu... — Mas não pôde terminar a frase.

Sentir o toque dela em sua bochecha foi o bálsamo de que ele tanto precisava. O alívio para sua dor. Sam nem hesitou: disposto a arcar com as consequências, ele a beijou. Pousou seus ansiosos lábios sobre a boca de Kate e, surpreso, percebeu como ela o aceitava. No início foi um beijo delicado, pausado e saboreado lentamente, mas logo se tornou um beijo ardente e apaixonado. Por alguns minutos se beijaram com prazer, até que ela finalizou o gesto com uma mordiscada no lábio inferior dele.

— Kate...

Com a respiração entrecortada, os dois se olharam. Não era necessário falar nada. Sam a puxou para si e juntos eles caminharam até uma grande rocha escurecida pelo passar dos anos, e na qual uma fenda na parede lhes garantia privacidade.

— Kate, se você não quer continuar com isso, diz logo, porque depois eu não vou conseguir parar. Desejo muito você, querida... — sussurrou, sem parar de olhá-la.

Ela reagiu com um beijo apaixonado. Excitada, percorreu com suas mãos o corpo musculoso dele por sobre a blusa. Sam era grande e tinha os músculos bem definidos. Sexy e devasso. Terno e erótico. Dominador e sedutor. Um excelente amante dentro e fora da cama e que sempre soube do que ela gostava.

Sem pensar duas vezes, ele tirou a blusa e ficou nu da cintura para cima. Kate respirava ofegante enquanto se derretia de prazer diante daquele poderoso corpo masculino. Enlouquecida e tocando-o com devoção, ela deslizou os braços pelo pescoço dele e o puxou para si.

— Sam... eu estava com saudade — sussurrou, disposta a tudo.

Excitado pelo momento, ele sorriu e, enquanto ela dava mordidinhas em seus ombros, ele enfiou as mãos por baixo da blusa dela e buscou os seios. Tocou com voracidade em seus mamilos e isso a fez gemer. Quando já estavam duros, ele lhe tirou o casaco, a blusa e o sutiã e os mordeu. Passou a língua por eles algumas vezes, até deixá-los vermelhos e quentes.

Quando conseguiu o que queria, parou de lambê-los e ergueu os olhos para observá-la. Kate, decidida a continuar com aquele joguinho erótico de que ela

tanto precisava e que tanto adorava, agarrou-o pelo cabelo e o fez se ajoelhar. A cabeça de Sam ficou entre suas pernas e ele sorriu como um lobo faminto ao entender o que ela estava pedindo. Primeiro ele aproximou seu rosto e o passou suavemente pela virilha, depois pousou sua boca sobre a calça dela e a mordeu. Quando Kate jogou a cabeça para trás, Sam perguntou:

— Tem certeza, Kate?

— Sim... sim...

Com movimentos certos, Sam tirou as botas dela e depois a calça. Quando ele removeu lentamente sua calcinha, ela achou que ia morrer de tanto tesão. Agachado diante de Kate, que a essa altura já estava completamente nua, abriu as pernas dela e, sem hesitar, meteu-se entre elas. Sua boca estava ardente e voraz, e ele lhe acariciava a bunda, convidando Kate a se deixar cair sobre ele. Extasiada e com os olhos fechados, apoiada sobre a rocha áspera, ela gemia de prazer, enquanto Sam ia abrindo caminho até chegar faminto ao clitóris duro e molhado.

Kate fechou os olhos outra vez e, achando que ia perder o controle, soltou outro gemido mais forte e abriu mais ainda as pernas, cada vez com mais tesão. Sam, que a conhecia melhor que ninguém, ao sentir seus espasmos de prazer, enfiou um dedo nela, depois dois e por fim três. Ele os movia com movimentos circulares e isso a fazia gemer mais e mais.

Quando ele parou, ela abriu os olhos e deu de cara com o olhar sensual e confiante de Sam, que tirava suas próprias botas e sua calça. Por um momento, Kate tomou consciência de como estava: completamente nua e recostada sobre uma rocha, com as pernas abertas e louca para fazer tudo o que Sam quisesse.

Sem perder um segundo, Sam, já totalmente despido, imprensou-a em cima da rocha e a beijou.

— Kate... — sussurrou num tom sensual.

Entre gemidos de luxúria, Sam levantou as pernas dela e voltou a introduzir vários dedos em sua vagina quente e molhada. Kate baixou sua mão e, num gesto determinado, pegou o membro duro de Sam e o colocou onde ela queria. Ele tinha que penetrá-la *já*. Carinhosa e excitada, ela fez menção de falar, quando Sam se aproximou de sua boca e sussurrou, prestes a explodir:

— Não posso mais segurar, querida.

Morrendo de tesão, e enlouquecida por tudo o que Sam a fazia sentir nesses momentos, ela encostou seus lábios no ouvido dele e, em meio a gemidos, murmurou:

— Sam... vem agora.

Como num sonho, e depois de olhar para ela por alguns segundos, ele a devorou com luxúria. Ao sentir a súplica naqueles olhos que ele tanto adorava, Sam a baixou até o chão, virou-a e, após colocá-la com o rosto contra a rocha, apoiou seu joelho entre as pernas dela e as separou. Kate se deixou levar, sem resistir. Gostava de se sentir possuída e dominada por ele. O sexo entre eles sempre havia sido fogo, ardente e selvagem.

Sam se abaixou novamente diante dela e enfiou a cabeça entre suas coxas. Com ousadia, passou sua língua pelos lábios da vagina e, depois de abri-los com os dedos, deleitou-se, enquanto ela se entregava a ele sem pensar em nada. Com o pênis duro como uma pedra, Sam a fez dobrar os joelhos até que a vagina ficou encaixada na boca dele. Ele a agarrou com frenesi pela parte de cima das coxas e lambeu o sexo dela até engolir seu fluido suculento e doce.

Ele a sentia estremecer. Escutava seus gemidos e, quando os dentes apertaram o clitóris, ela gritou e se contorceu com vários espasmos. Sem dar trégua, Sam voltou a chupar o clitóris cada vez mais inchado e, quando Kate grunhiu entre gemidos, ele se levantou, colocou a ponta do pênis ereto na abertura da vagina e, com um movimento direto e certo, penetrou-a.

Aquela invasão deliciosa e *caliente* os fez gritar de prazer. Ele deu um tapa na bunda dela e a obrigou a vibrar de novo. Depois a segurou por trás dos quadris, num gesto possessivo, e começou a mover-se em um ritmo selvagem que agradava aos dois.

O calor entre eles não parava de aumentar, e Kate arqueava o corpo para receber Sam cada vez mais e mais. Estava insaciável. Ele a penetrava seguidas vezes, entrando fundo, até que não conseguiu mais aguentar e, depois de mais um tapa na bunda de Kate e um suspiro rouco, deu uma investida forte e acabou gozando bem na hora em que ela soltava um gemido, e os dois chegaram juntos ao clímax.

Exausto, Sam a virou e, pegando-a nos braços, voltou a apoiá-la contra a rocha. Ele a beijou com voracidade, enquanto ela apertava seu corpo contra o dele e sentia o pênis latejando de novo em busca de mais. Ainda molhada, ela guiou seu membro até a entrada da vagina e voltou a fazê-lo penetrar. Inebriada, Kate enroscou suas pernas ao redor da cintura de Sam, que a segurava pelo traseiro e começava a movê-la para entrar e sair. Várias estocadas brutais, uma vez depois de outra... até que Sam jogou sua cabeça para trás e gozou novamente, enquanto Kate, enlouquecida, tentava tomar fôlego e sentia a vagina se retorcendo e vibrando.

Quando Terry e Michael chegaram ao acampamento e viram apenas o guia ali, adormecido em seu saco de dormir, estranharam não encontrar Kate e Sam.

— Onde será que esses dois se meteram?

— Não sei. Talvez os dois tenham afogado um ao outro e se atirado na cratera — brincou Michael.

Mas Terry sorriu e sussurrou com uma careta engraçada:

— Uiiiiiii... Isso é um bom sinal. E só pode querer dizer duas coisas. Ou estão juntos ou, como você diz, eles se afogaram na cratera. E eu aposto na primeira opção.

— Não tenho tanta certeza. De repente estão só conversando.

— Michael, não seja ingênuo — disse Terry e acrescentou: — Você chamaria de *conversar* o que nós dois acabamos de fazer?

— Ahã... pode-se dizer que sim. — E, aproximando-se de novo dela, agarrou-a por trás e murmurou em sua orelha: — O que acha de a gente desaparecer outra vez para *conversar* mais um pouquinho? Ainda tenho um monte de coisas pra te dizer.

— Você é insaciável, tio Michael — cochichou ela.

— Com a tia Terry eu sou, sim. Com certeza!

Mas, quando sentiu novamente as mãos dele debaixo de sua blusa, Terry se desvencilhou e falou baixinho:

— Para com isso, Michael. O guia está aqui.

— Vamos, gatinha... Ele não está nem vendo — insistiu, num tom divertido.

— Não. Aqui não.

Michael não conseguiu segurar uma gargalhada, e ela rapidamente tapou a boca dele. Não queria que o guia acordasse. Sem desperdiçar mais um minuto, Michael a puxou para si outra vez.

— Calma, linda. Eu nunca faria nada na frente de ninguém. Prezo muito a nossa intimidade e não compartilharia nada com um estranho. Mas não se esquece: quando a gente chegar no hotel, quero o que você me prometeu, hein? Jacuzzi, cama e massagem.

— Pode deixar. Você vai ter isso tudo. Prometo.

Feliz pelo que aquele homem a fazia sentir, ela deu um beijo na ponta de seu nariz e murmurou:

— Amor, pode pegar mais um casaco na mochila? Estou com frio.

— Claro, linda.

Enquanto ele revirava a mochila em busca do que ela havia pedido, Terry pensava em Kate e Sam. Torcia com todas as suas forças para que eles estivessem aproveitando aquela noite e finalmente se reconciliando.

Sam e Kate estavam abraçados e respiravam ofegantes. Acabavam de fazer amor novamente, e cada vez tinham mais consciência do que estava acontecendo entre eles. Quando decidiram dar por encerrada aquele encontro apaixonado, afastaram-se. Em silêncio e sem olhar um para o outro, eles se vestiram, até que Sam perdeu o equilíbrio devido ao cansaço que sentia nas pernas, mas Kate foi rápida e o impediu de desabar no chão. Aquele abraço repentino fez os dois reagirem.

— Que bom que você me segurou. Eu já me via rolando pelo chão.

— Deu pra evitar — disse Kate, sorrindo.

Por alguns segundos eles observavam um ao outro. O olhar de ambos dizia muita coisa, e eles voltaram a se abraçar com força.

— Foi maravilhoso, Sam.

— Maravilhoso, querida — concordou ele, aspirando o perfume do cabelo dela. — Você é tão doce, Kate, tão encantadora, que não sei o que vou fazer o resto da minha vida sem você.

Aquelas palavras a apunhalaram. Foram como um duro golpe para Kate. Por alguns instantes imaginou que... e agora ele falava de um futuro sem ela. Incapaz de dizer o que pensava, desvencilhou-se do seu abraço e tentou sorrir.

— Se apressa e se veste. O Michael e a Terry devem estar procurando a gente.

Ao sentir seu sorriso, Sam desejou despi-la de novo. Daria sua vida para voltar com ela, mas não queria pressioná-la. Ela havia deixado bem claro que nunca conseguiria viver na ilha.

— Tem razão. É melhor a gente ir.

Dez minutos depois, voltaram em silêncio ao acampamento. O guia continuava dormindo como uma pedra, enquanto Terry e Michael, abraçados perto da fogueira, contemplavam o horizonte. Ao vê-los chegar, Terry olhou para sua irmã. Percebia que ela estava feliz, mas algo no olhar de Kate ofuscava esse sentimento.

— Caramba, a gente já estava quase chamando os bombeiros — brincou Michael.

— A gente foi dar um passeio — desculpou-se Sam.

— Gostaram do que viram? — perguntou Michael enquanto Terry continuava olhando para a irmã.

— Sim, foi maravilhoso — respondeu Kate.

Michael se surpreendeu. Esperava uma resposta do seu irmão, e não dela. Terry, por sua vez, tinha consciência de que havia algo que inquietava Kate, então se desvencilhou do abraço de Michael e disse:

— Desculpem, garotos, mas preciso ir outra vez no...

— Calma, deixa de ser mijona — provocou Sam, que nesse momento ajudava Kate a vestir outro casaco. Como ela tremia, ele deduziu que estivesse com frio.

— Querida, posso ir com você? — ofereceu-se Michael em tom brincalhão.

— Nem pensar — disse ela e, olhando para sua irmã, falou: — Kate, você me acompanha?

Minutos depois, quando as duas já estavam longe o bastante da fogueira, Terry se manifestou:

— Está tudo bem?

— Sim, tudo ótimo.

— Não mente pra mim. Eu sei que alguma coisa está errada — observou Terry.

— É sério, não tem nada. É só que estou exausta.

— Kate — alertou Terry, plantando-se diante dela com as mãos na cintura. — Ou você me diz agora mesmo o que está acontecendo ou eu juro que armo um escândalo tão grande que as autoridades da ilha virão pra tirar a gente daqui.

Kate suspirou de frustração e murmurou sem olhar para ela:

— Segui seu conselho. Me deixei levar e a gente acabou transando. Foi maravilhoso.

— Aêêê! Viva! — aplaudiu Terry. — Mas então por que você está desse jeito?

— Porque ainda amo ele.

— E isso é ruim?

Kate negou com a cabeça.

— Mas, se ele não quer que eu viva com ele, isso é um problema, sim — disse ela, surpreendendo Terry.

— Que bobagem é essa que você está falando? Tenho certeza de que você ouviu errado — reagiu Terry, boquiaberta.

— Acabei de fazer amor com ele e sei que ainda o amo. Mas as palavras dele deixaram muito claro que nossa relação não tem volta. — Ao dizer isso, levou as mãos ao rosto e começou a chorar.

— Ei, Kate... Me escuta — interveio Terry, tentando acalmá-la. — Para de chorar pra gente poder conversar.

Kate enxugou as lágrimas com a manga do casaco que ainda exalava o cheiro de Sam e de sexo.

— Sou uma idiota. Sei que ele me ama. Mas também sei que não quer voltar comigo. Ele deixou isso bem claro — disse Kate, com a voz embargada. — Terry... essa noite foi maravilhosa. A gente se encontrou, sabe? Eu gozei de

um jeito que havia muito tempo não acontecia, e eu sei que ele sentiu a mesma coisa. Mas nossa relação é impossível. Simplesmente impossível.

Terry cada vez entendia menos. Se Kate amava Sam, e Sam amava Kate, qual era o problema, então?

— Humm, vamos ver, por que você acha que ele não quer voltar com você?

Jogando uma mecha de cabelo para trás, respondeu, com o nariz entupido de tanto chorar:

— Ele fala da nossa relação como algo do passado. E, quando fala do futuro, não me inclui.

— Então se incluía você mesma, ué.

— Não.

— Diz pra ele que você quer reatar. Deixa claro que você o ama, que ninguém é perfeito...

Com um sorriso triste, Kate a interrompeu:

— Não, Terry. Do meu jeito, eu já disse isso. Ele me conhece.

— Eu acho que...

— Olha, Terry, vou aproveitar essa noite e o que resta da viagem pra me divertir. Depois vou pegar um avião e voltar pra casa. E juro pelas minhas filhas que vou começar uma vida nova. Se ele conseguiu refazer a vida dele sem mim, eu também consigo.

— Mas me escute, por favor...

— Não, Terry — interrompeu-a Kate. — Não continue. Esse assunto só me faz mal e eu preciso parar de me sentir assim.

Aflita pela tristeza que as palavras e os olhos de sua irmã refletiam, Terry acabou cedendo.

— Tudo bem, Kate. — E, dando-lhe um beijo, acrescentou: — Vamos, que eles estão esperando a gente.

— Mas você não queria fazer...?

— A vontade passou. Vamos.

Terry entendia as emoções da irmã naquele momento. Apesar de o rosto de Kate estampar a felicidade que estava sentindo, seus olhos ocultavam o lamento. Ao chegarem ao lugar onde estavam Michael e Sam, as irmãs se sentaram junto a eles para acompanhar o amanhecer esplendoroso daquela

região. O céu avermelhado com finos rasgos que variavam em um amplo espectro de cores se movimentava diante deles como em uma dança, enquanto o sol lutava para sair. De onde estavam, podiam ver que havia muitas nuvens cobrindo parte da subida à cratera e outra camada de nuvens sobre eles próprios. A imagem era espetacular. Um sonho!

— Que frio! — sussurrou Michael, abraçando Terry.

— E que bonito! — disse ela.

— Isso é maravilhoso — murmurou Kate, aninhada nos braços musculosos de Sam. — Tão lindo e mágico quanto na primeira vez que assisti.

— É um verdadeiro espetáculo — concordou Sam, inebriado pela proximidade e pelo perfume da ex-mulher.

Nesse momento o guia se aproximou.

— E aí, pombinhos, a espera e o esforço de chegar até aqui valeram a pena? — perguntou.

Todos fizeram que sim com a cabeça, sorridentes, enquanto contemplavam aquele maravilhoso amanhecer sentados no teto do mundo.

## Capítulo 49

Naquela tarde, ao chegarem ao hotel, contaram maravilhados sobre o espetáculo que haviam presenciado ao vivo e em cores. Mas, desde sua chegada ali, Kate se sentia incomodada. De um lado estava feliz pelos momentos que tinha vivido com Sam na noite anterior, mas de outro se sentia abatida ao pensar que eles dois não voltariam a ficar juntos. Não era fácil controlar seus sentimentos nem seu desejo quando o assunto era Sam. Desde o ocorrido, ele estava mais próximo, mais receptivo, mas até isso afligia o coração de Kate, como se ela tivesse levado uma punhalada.

Sam olhava para ela intrigado. Conhecia Kate melhor do que ninguém e sabia que, se ela se entregara a ele na noite anterior, era porque sentia algo. Mas, por outro lado, ele não entendia sua mudança de atitude desde que

havam chegado ao hotel. De repente ela voltou a ficar distante e fria com ele, e Sam não compreendia por quê.

Naquela noite, quando todos dormiam, Kate se sentiu entediada por estar trancada entre as quatro paredes de seu quarto e resolveu descer até o bar do hotel. Precisava beber alguma coisa. Não conseguia dormir. A vontade de estar com Sam estava ficando insuportável.

— Opa, voltamos a nos encontrar — disse Sam ao vê-la.

Ao ouvir sua voz, ela se virou e o cumprimentou.

— Oi, Sam. Eu não tinha te visto.

— Acabei de descer.

Feliz, de certo modo, por tê-lo encontrado, Kate retirou o cabelo do rosto num gesto charmoso e tentou esboçar um sorriso.

— Ótimo! Assim eu te pago a bebida que estou devendo.

— Boa ideia — disse ele, sorrindo.

Sem pedir permissão, ele se acomodou a seu lado e perguntou:

— O que você quer beber?

— Um uísque com gelo.

Surpreso, Sam se aproximou dela e sussurrou com uma intimidade que a deixou arrepiada:

— Pela bebida que você pediu, concluo que não estava conseguindo dormir e precisa relaxar.

Kate sorriu e, olhando para o copo que ele segurava, observou:

— Posso dizer o mesmo de você, não?

— Eu bebo pra esquecer, Kate — respondeu Sam, e em seguida pediu mais bebidas ao garçom.

Kate fechou os olhos ao sentir o hálito dele perto de seu rosto. Esquecer. Era disso que ela precisava.

— Você está tentando esquecer o que aconteceu entre a gente ontem à noite?

— De certa forma, sim.

— Por quê? Não foi bom? — disse ela, abrindo um sorriso frio.

— Claro que foi bom. Eu e você sempre nos entendemos superbem na cama. Mas, Kate, eu preciso de mais e...

— Sam, não continua.

— Por quê?

— Porque, se você continuar, a trégua que havia entre a gente vai acabar.

Aturdido e confuso, Sam a encarou e replicou, furioso:

— Trégua? Você chama de trégua o que eu e você fizemos ontem? Chama de trégua o jeito como a gente se beijou e fez amor há apenas algumas horas? Chama de trégua o fato de eu não conseguir tirar você da cabeça e minha vontade de te levar para o meu quarto, te jogar na cama e...? Pelo amor de Deus, Kate, isso vai me enlouquecer. Não sei o que você quer. Estou tão confuso que...

— Sam, você voltaria a Nova York?

A pergunta o desestabilizou por completo. Isso só podia significar que ela o perdoava totalmente e que lhe dava uma nova oportunidade. Quis gritar que sim... que queria voltar com ela, mas as coisas haviam mudado e, se alguma coisa estava clara para ele, era que não queria voltar a ser aquele Sam de Nova York. Outra vez não. E, com o coração partido, olhou fixamente para ela.

— Kate, eu não posso voltar a Nova York — disse num sussurro.

— Por quê? Lá temos nossa casa, nosso escritório, nossa vida e...

— Não, Kate. Em Nova York eu não tenho nada.

— Isso é mentira — protestou ela.

— Não, querida. Pensa bem, por favor. Minha casa, meu trabalho e minha vida estão aqui em Oahu e você sabe disso.

— Sam... — insistiu ela, num gemido, mas ele prosseguiu. Precisava fazer isso.

— Não vou voltar a Nova York — afirmou com convicção. — E eu não posso te pedir que abandone tudo pra que... — Sam bebeu de seu copo e, tentando aparentar segurança, acrescentou: — Eu te amo, Kate, e amo as meninas. Mas também amo a Sasha e o Tommy e não quero uma vida cheia de engarrafamentos, pressa e gente esnobe. Por você, por nosso amor, deixei o

pouco que eu tinha pra começar uma vida nova, mas não vou fazer isso de novo. Não mais.

Ao perceber nos olhos de Kate a dor que ela sentia, Sam pegou suas mãos.

— Você não imagina o quanto eu te amo, querida. E por isso preciso entender que você não queira largar sua vida em Nova York, com todo seu sucesso profissional, para morar aqui comigo. Você sempre fez questão de deixar claro que queria ter sua própria empresa e uma vida confortável. Você sempre lutou pra conquistar isso. E justamente por isso não posso te pedir pra abandonar sua cidade.

— Eu sei — concordou ela, entendendo agora por que ele a havia excluído de sua vida na noite anterior. Sam a conhecia e sabia o que certas coisas representavam para ela.

— Eu lutei por tudo o que você queria — continuou ele. — Mas você sempre soube que esse estilo de vida não era muito a minha cara. Você sabe que, se fosse por mim, teríamos dedicado mais tempo a nós dois e às meninas. Sabe, muitas vezes, quando olho para a Sasha e o Tommy, me culpo ao pensar tudo o que perdi da infância da Cat e da Ollie e... sinto muito, querida, mas não quero que isso aconteça de novo.

Sam tinha razão. Gostando ou não, ela tinha que admitir que ele estava certo e decidiu se abrir com ele de uma vez por todas.

— Sei que, por egoísmo meu, você deixou de visitar a sua terra e parou de surfar. Sei que por mim você deixou tudo e eu retribuí muito mal quando... — Ele segurou forte suas mãos, puxou-a para mais perto de si e a beijou. Não queria escutar mais nenhuma crítica, nenhum pedido de desculpas. O que ele queria era estar com ela. Sam a amava, mas as diferenças de seus mundos tornavam impossível um relacionamento. Por isso, quando separaram seus lábios, mantendo-os a poucos centímetros um do outro, ele murmurou:

— Querida, vamos nos permitir ser felizes.

Com os olhos cheios de lágrimas e o coração dilacerado, Kate fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sim.

Abraçados no bar do hotel, e sem se importar com os olhares curiosos das pessoas ao redor, Sam tomou coragem e, com o coração partido por saber as

consequências de suas palavras, disse:

— Você precisa refazer sua vida, Kate. Me esquecer. Precisa fazer o que realmente sempre teve vontade e nunca pôde por minha causa, por eu estar ao seu lado. No começo também me custou muito, mas olha pra mim agora: estou de novo na minha terra, sou dono da minha vida e quero muito voltar a viver. Mas, Kate, eu preciso que você também faça isso.

— Vou fazer — disse ela e caiu em prantos. — Vou fazer, Sam. Prometo.

E, incapaz de permanecer mais um segundo ao lado dele, desvencilhou-se do seu abraço.

— Desculpa, Sam, mas agora preciso me afastar de você — sussurrou, olhando-o nos olhos.

Ele fez que sim com a cabeça e, dilacerado, observou-a se afastar. Sam a conhecia e sabia que, depois daquilo, Kate desapareceria completamente de sua vida.

## Capítulo 50

Na manhã seguinte, todos pegaram a balsa para a ilha de Lanai. Michael e Terry continuavam no mesmo clima de paixão. Beijos e afagos o tempo todo. Enquanto isso, Kate e Sam tentavam sorrir apesar da tristeza que sentiam cada vez que seus olhares se cruzavam.

Assim que chegaram a Lanai, surpreenderam-se ao encontrar uma cidade pequena, mas charmosa, com casas pintadas seguindo as cores do arco-íris.

Por volta das nove da noite, chegaram exaustos ao hotel e, da enorme varanda do quarto de Serena, telefonaram para o serviço de quarto e pediram algo para jantar.

— Conta pra gente mais histórias tradicionais e lendas das ilhas. Eu adoro! — pediu Ollie ao pai, que, disfarçadamente, observava Kate penteando Sasha.

— No leste de Lanai — disse Sam — fica a praia do Naufrágio. E reza a lenda que, nas noites sem lua, ainda é possível ouvir os lamentos dos guerreiros. E tem gente que diz que seus fantasmas continuam ali.

Achando engraçada a expressão das filhas, continuou o relato:

— Na Ilha do Havai, por exemplo, fica o templo do Deus Ku. Ali eram realizados sacrifícios humanos, e reza a lenda que o sangue ainda surge entre as rochas. — As meninas fizeram cara de horror. — Dizem que os velhos deuses havaianos recorrem a esse templo e pedem ajuda pra solucionar seus problemas.

— Olha como fiquei toda arrepiada! — exclamou Cat.

— O templo do *Hula* — disse Michael, rindo — fica em Kauai e é dedicado a Laka, a grande deusa do *Hula*. Antigamente, os dançarinos que se especializavam em sua arte não podiam cortar o cabelo. Tinham muitos alimentos e relações sexuais.

— Coitadinhos — debochou Terry. — Que vida cheia de sacrifícios eles levavam!

Michael sorriu e, sem se importar com o fato de todos estarem olhando, deu um beijo nela.

— Tem também a caverna de Waianapanapa, em Maui — acrescentou Sam, sorrindo. — Diz a lenda que a linda princesa Popalaea escapou de seu marido cruel, mas ele acabou a encontrando e a matou. Desde então, a caverna adquiriu uma tonalidade vermelha.

Nesse momento, Kate apareceu de mãos dadas com Sasha.

— Eu me lembro de uma lenda que você me contou e que me impressionou muito, e a história se passava aqui, na baía de Manele ou Puu Pehe de Lanai. Acho que se chamava a rocha dos amantes. — Sam sabia do que ela estava falando. — Se não me engano, uma garotinha de Maui chamada Puu Pehe foi raptada por um jovem guerreiro de Lanai. Ela era muito bonita, e ele, com medo de que ela o abandonasse, resolveu escondê-la entre as pedras. Mas um dia, quando voltou de sua busca por alimento, ele a encontrou boiando na água. Mergulhou para salvá-la, mas a moça havia se afogado. O rapaz a enterrou no alto da rocha e depois se jogou do penhasco e se matou.

Sam olhou espantado para ela. Nunca teria imaginado que Kate se lembraria daquela história que ele lhe contara havia tantos anos.

— Meu Deus — falou Serena. — Aqui não tem nenhuma lenda divertida, não?

Michael caiu na gargalhada e, aproximando-se dela, cochichou em tom brincalhão:

— A rocha de Kauleonanahoa Phallic, que fica na ilha de Molokai, é outra lenda. As mulheres que desejam ter um filho só precisam ir até lá com presentes e oferendas e passar a noite ao lado da pedra. Dizem que, quando a mulher volta para casa, já está grávida!

— Michael, você acha isso divertido? — interveio Terry, enquanto saboreava um dos abacaxis típicos da ilha.

Ele deu de ombros e murmurou:

— É uma curiosidade. Pelo menos essa lenda não fala de mortes, bruxas, guerreiros ou fantasmas.

— Alguém sabe qual é o peixe mais famoso do Havaí? — perguntou Sam a suas filhas.

Sasha gritou, empolgada:

— Eu sei, papai! Ele se chama Humuhumunukunukuapua'a. Não é pra comer, e dizem que esse nome é tão comprido quanto o peixe.

— Bravo! — elogiou Michael, beijando-a.

A menina riu ao ver a reação do tio.

— Lembro que o papai me contou isso num dia em que eu estava com febre e não conseguia dormir.

— É verdade, princesa — disse Sam, olhando-a com carinho.

— Aposto que vocês não sabem que o alfabeto havaiano só tem 12 letras. Cinco vogais, que são a, e, i, o, u, e sete consoantes: h, k, l, m, n, p, w — falou Michael.

— Bom, então você é tão havaiano quanto eu sou tchecoslovaca — brincou Terry. — Garanto que você usa mais que cinco vogais e sete consoantes.

Todos soltaram uma gargalhada, e Michael prosseguiu:

— Aqui se fala inglês. É a língua oficial do estado. Mas às vezes também se ouve pidgin, por causa dos imigrantes e da mistura étnica que se criou no Havaí.

— Pidgin? O que é isso? — perguntou Cat.

Ao ver o interesse que a filha demonstrava, Sam explicou:

— O pidgin é uma mistura de diferentes idiomas. Apesar de a base ser havaiana, tem elementos do inglês, do chinês, do japonês, do filipino e de outras línguas.

— Realmente — afirmou Michael. — Inclusive já faz tempo que a Câmara de Representantes havaiana declarou o pidgin um dos idiomas oficiais do Havái.

— Uau, que conversa culta — ironizou Terry.

— Tio Michael — disse Sasha. — Posso fazer uma pergunta?

Todos se voltaram para ela, e Michael fez que sim com a cabeça.

— Aquela mulher da foto que está na sua mesinha de cabeceira é a Terry, né?

O grupo todo olhou para ele, e Terry perguntou admirada:

— Você tem uma foto minha na sua mesinha de cabeceira?

Ao ser descoberto pela pequena sobrinha, Michael tentou minimizar o fato e brincou:

— Sim, eu confesso. Tenho uma foto sua, mas não está na mesinha de cabeceira, como disse essa pequena aspirante a bruxa. — A menina sorriu. — Sua foto está atrás da porta do meu quarto, e toda noite eu a uso no tiro ao alvo.

Todo mundo riu.

— Ô pingo de gente, o que você estava fazendo bisbilhotando a minha mesa, hein? — perguntou Michael.

— Que eu saiba, ela não é a única a fuçar as mesinhas — brincou Ollie, ganhando um cascudo.

Uma hora depois, quando todos foram para seus respectivos quartos, Michael e Terry saíram para dar um passeio na fina areia branca de Lanai.



A visita a Lanai acabou e o grupo seguiu rumo a Kauai, a Ilha Jardim. Visitaram os picos de Waialeale e Kawaikini e a praia de Poipu. Um lugar perfeito para as crianças. Ali Michael e Sam alugaram novamente umas

pranchas, apesar do protesto de Serena. O sol brilhava e a sede era tão grande que Serena e as meninas foram até um quiosque para comprar água. Quando ficaram sozinhas, Terry olhou para a irmã, que estava pegando sol, e perguntou:

— O que houve? E não vai me dizer a mesma coisa de todos esses dias, porque estou cansada disso.

Sem paciência para a mesma pergunta toda manhã, Kate tirou os óculos, sentou-se e respondeu:

— Sim, o de sempre.

Terry olhou para Sam e Michael, que aproveitavam as ondas, e suspirou.

— Outra vez com isso?

— Como você quer que eu pare de pensar nisso? O homem que eu amo não quer voltar comigo...

— E você? Por acaso está disposta a largar tudo pra ficar com ele?

— Terry...

— Não. Não acho que você esteja com a razão. Morar em Nova York é maravilhoso, eu adoro, mas viver ao lado da pessoa que você ama é mil vezes melhor. Ele já fez isso por você. Por que agora você não faz a mesma coisa por ele?

— Não acho que funcionaria, Terry... não acho que...

— Querer é poder, ô cabeça-dura de uma figa. Mas você quer o quê? Que ele se ajoelhe e...

— Que ele me peça. Só quero isso. Que ele me peça!

— Isso é inacreditável. Não dá pra te entender, irmãzinha. Sendo bem sincera, acho que você está perdendo completamente a noção das coisas.

— Eu pedi a ele na época. Por que ele dá como certo que eu não largaria tudo pra ficar com ele? Por quê? — protestou Kate.

— Porque ele te ama e sabe que é uma decisão muito difícil pra você. Tenho certeza de que o Sam não quer que você jogue isso na cara dele se de repente amanhã as coisas não derem certo.

Kate sabia que a irmã tinha razão.

— Eu estou aqui, ué. Acho que estou dando a entender muitas coisas.

— É um homem, Kate — insistiu Terry. — E pra essa espécie é preciso deixar as coisas muito claras. Só assim eles entendem. Escuta, Kate, quando eu decidi vir com você pra cá, sabia muito bem quem eu ia encontrar aqui. E, como eu queria algo com o Michael apesar do nosso começo tumultuado, embarquei fundo nessa. Você também embarcou?

— Sim... naquela noite no...

— Ok. Aquela noite no vulcão foi especial pra vocês, mas, quando ele não te incluiu na vida dele, em vez de você ficar quietinha como uma múmia, deveria ter dito alguma coisa pra ele saber o que você realmente quer. Por que não faz isso agora, então?

— Não posso... não sei.

— Olha só, gata — disse Terry, cansada de tanto drama. — Não me venha com história da carochinha. Pare de se esconder atrás do computador e resolva de uma vez por todas a sua vida.

Esfregando os olhos para enxugar as lágrimas, Kate sussurrou ao ver Sam feliz sobre as ondas:

— Quero que essa viagem acabe logo para eu poder voltar pra casa. Só isso.

— O que você tem, Kate? — perguntou Sasha de repente, surpreendendo as duas.

— Nada, querida, não foi nada.

Mas a menina insistiu:

— Por que você está chorando?

Para minimizar o fato, Terry se apressou em responder:

— Ela não está chorando, querida.

— Está, sim. — E, abaixando-se, perguntou: — Está com medo por causa do papai e do tio?

— Com medo?!

Apontando para eles, a garotinha acrescentou:

— Não se preocupa. O papai e o tio estão bem na água. Não precisa se assustar igual à vovó Serena.

Terry e Kate sorriram. A menina era um amor. E, para mudar logo de assunto, Terry mentiu:

— Entrou areia nos olhos dela, não é, Kate? — Ela fez que sim com a cabeça. — E eu ia assoprar.

— Posso assoprar? — perguntou Sasha.

Tirando os óculos, Kate concordou.

— Claro, querida.

Terry sorriu, levantou-se e caminhou com a máquina fotográfica nas mãos em direção à beira da água. Depois de a menina assoprar várias vezes, Kate piscou.

— Obrigada, Sasha. Já estou melhor.

A menina balançou a cabeça em sinal de aprovação e, empolgada por tê-la ajudado, perguntou, estendendo seu sorvete:

— Quer um pouquinho?

— Não, obrigada, querida.

— É de morango.

— Hummm. Que delícia! Nosso sabor preferido — disse Kate, sorrindo.

— E está muuuuuuito bom. Prova!

Incapaz de dizer não àquela criaturinha tão linda, Kate experimentou o sorvete.

— Delicioso!

— Quer que eu fale pra vovó comprar um pra você?

— Não. Agora não. Mais tarde.

A menina sentou a seu lado e começou a tomar o sorvete. Em silêncio, as duas olhavam para o mar, onde Sam e Michael se divertiam surfando.

— Quando a gente voltar pra casa, você vai ficar lá pra sempre?

— Não, meu amor.

— E quanto tempo você vai ficar?

Kate, que sabia que a menina era a rainha das perguntas, respondeu:

— Só mais uns dias. Depois volto pra Nova York.

— Por quê?

— Porque meu trabalho e minha casa estão ali.

— E a vovó? E a Ollie, a Cat e a Terry?

— A mesma coisa. Todas nós temos que voltar.

Olhando-a nos olhos, a menina inclinou a cabeça e disse:

— Já sei! Tenho uma ideia. Por que vocês não ficam morando aqui?

Sem perder a paciência, Kate retirou do rosto uma mecha de cabelo e explicou:

— Porque a gente tem nossa casa. A Ollie e a Cat têm os colégios delas e...

— Mas eu quero que vocês fiquem aqui comigo — disse a menina, fazendo cara de choro.

— Sasha, querida... — sussurrou Kate.

Mas a menina a interrompeu e, com um olhar suplicante, disse, deixando Kate sem palavras:

— Eu queria que você fosse minha mamãe.

— Sasha... — interveio Kate, desconcertada.

— Nós duas gostamos de sorvete de morango, e você sabe colocar o Tommy pra dormir muito bem. Você é muito legal e eu acho — cochichou, como se fosse um segredo — que meu pai gosta de você como namorada, porque tem uma foto sua lá em casa e na gaveta da mesa do seu trabalho.

Terry, que se aproximava delas nesse momento, tirou uma foto das duas e disse em tom brincalhão:

— Caraaaaaamba, pelo visto há fotos nossas circulando pela ilha.

Sasha olhou para ela e prosseguiu com suas perguntas:

— Você também vai embora pra casa quando as férias acabarem?

Kate e Terry se olharam. Aquele era um assunto que Terry procurava evitar. Mas, gostando ou não, mais cedo ou mais tarde ela teria de enfrentá-lo, e, sentando-se ao lado da menina, falou:

— Claro, querida. Quando as férias acabarem, tenho que voltar para o meu trabalho.

— E você não pode trabalhar aqui?

— Não, meu amor. Eu trabalho em Nova York.

— Mas, se você for embora, não vai mais ser a namorada do tio, e eu quero que seja você. — queixou-se a menina outra vez.

Terry não gostou desse último comentário, mas, tentando não ser muito ríspida, falou:

— Sasha, o que tiver que ser... será. — E, ao ver a cara de choro que a menina fazia, acrescentou num tom mais suave: — Prometo vir te visitar sempre

que eu puder. E se eu ganhar na loteria vou comprar uma casa aqui. Que tal?

— Legal!

Por uns instantes a menina permaneceu calada e continuou tomando seu sorvete quase derretido. Kate e Terry se olharam e suspiraram. Aquela ali era uma futura jornalista, tamanha sua curiosidade. Instantes depois, Serena apareceu junto com as outras meninas, que se sentaram ao redor dela, e Sasha disparou:

— Tenho uma ideia melhor que a loteria. Por que você não casa com o tio? Se você fizesse isso, continuaria aqui, poderia ter filhos e eu ajudaria a cuidar deles. Eu já ajudo a cuidar do Tommy.

Terry ficou sem respirar. O que aquela pequena criatura estava dizendo? Serena, por sua vez, não conseguiu reprimir o riso, e Ollie, achando graça também, murmurou ao ver a cara da tia:

— Hummm... que assunto mais interessante. Casamento à vista?

Kate sorriu ao ver a careta que Terry fez para sua filha.

— A ajuda que a Sasha está oferecendo não tem preço — disse Kate. — Não pense que é todo dia que se recebe uma oferta dessas.

Cat, que até então estava calada, entusiasmou-se.

— Seria muito legal! A tia e o tio casados. Que máximo! — comentou, deixando a tia ainda mais irritada.

— Querem parar com bobagem? — reclamou Terry.

— Mas, tia...

Sem querer escutar mais nada, Terry levantou as mãos e, depois de fulminar todas elas com o olhar, cravou seus olhos na garotinha e disse:

— Deixa eu explicar, Sasha: eu e seu tio somos amigos e...

— Mas seria muito legal — animou-se a menina. — Se você casar com o tio, vai ser minha tia Terry. — E, virando-se para Kate, prosseguiu: — E se você casar com meu papai, vai ser minha mamãe, e assim vocês nunca mais vão precisar ir embora daqui.

Nesse instante, Kate, que bebia da lata que sua mãe lhe havia entregado, acabou engasgando. Olhou pasma para sua irmã, como se dissesse: “Essa menina ficou louca!”

— Opa... a coisa está ficando mais interessante — brincou Ollie.

Serena, ao ver a expressão nos rostos das filhas e vendo que Sasha as estava colocando num aperto, dirigiu-se às garotas e disse:

— Meninas, por que não vão até o carro e me trazem o chapéu de palha que esqueci? Sasha, não quer ir com elas?

Cat e Ollie se levantaram a contragosto, mas, pegando a menina pela mão, levaram-na dali antes que ela continuasse com suas ideias. Quando se afastaram, Kate, que se abanava com uma revista, sussurrou:

— Quero que essa viagem acabe logo. Preciso voltar pra casaaaaaaaaaaaaa.

— Essa menina é um monstro de saias — murmurou Terry. — Numa fração de segundos, ela nos casou, engravidou e de uma hora pra outra nos transformou numa família enorme.

Serena sorriu, mas entendia o quanto suas filhas não gostavam nada daquela conversa.

— As crianças sempre dizem o que querem. São inocentes e... — disse, tentando fazê-las sorrir.

— Inocentes? — falou Terry num tom de deboche.

— Não levem essas coisas a sério — insistiu Serena. — Ela só falou o que sente. Sasha é uma menina encantadora que gostaria de aumentar a família. Só isso.

Horrorizada, Kate não estava mais para brincadeiras e rosnou:

— Não quero mais ouvir nem uma palavra sobre o assunto.

— Mas, filha... cadê seu senso de humor?

— Mamááááááe — cochichou Terry. — Fica quieta!

— Amanhã, quando chegarmos a Oahu, pego o primeiro avião pra me levar de volta pra casa — disse Kate, curta e grossa.

— Pra que tanta pressa se estamos nos divertindo tanto? — preocupou-se Serena. Mas, ao ver o olhar da filha, sussurrou: — Está bem, filha, nem uma palavra mais.

## Capítulo 51

Naquela noite estrelada, tendo ao fundo o oceano verde-esmeralda, eles participaram de um lindo luau na praia de areias brancas que ficava em frente ao hotel. Era a última noite delas ali. No dia seguinte, voltariam para Oahu.

— Bom, meninas — disse Michael, enquanto desciam no elevador. — Hoje a gente tem que se divertir à beça. Então não quero ver ninguém indo cedo pra cama, porque hoje é dia de se esbaldar.

— Isso... dançar pra caramba — brincou Terry.

— Eu vou dançar muito — disse Sasha, agarrada a Kate, que por sua vez sorriu.

— Que pena. Daqui a pouco vai acabar — comentou Ollie, entristecida, enquanto caminhava ao lado do tio.

— Isso sempre poderá se repetir — animou-a Serena.

Sam sorriu. Realmente havia sido uma viagem muito especial. Mas, embora não tivesse dito nada, em seu íntimo ele sabia que isso nunca aconteceria de novo.

O luau estava mais animado que em outros hotéis. Aquilo era uma cortesia habitual das ilhas. Ninguém podia ir embora sem ter participado de um. Os convidados eram recebidos com colares repletos de orquídeas coloridas e flores silvestres, e as mesas estavam decoradas com incríveis esculturas de gelo e frutas tropicais.

As tochas haviam sido colocadas estrategicamente em volta do lugar onde as pessoas saboreavam iguarias ao som de melodias tropicais e tambores. Em travessas enormes havia o Frango Luau, um frango cozido com leite de coco. Mas o que mais chamou a atenção de todos foi o *imu*. Um forno subterrâneo em que se colocava um porco inteiro envolvido em cascas de banana para assar durante quatro ou cinco horas. Depois de assado, removiam-se as cascas de banana e o luau poderia começar.

— Que linda aquela menina — disse Serena, apontando para uma das dançarinas. — E como dança bem! Olha como mexe os quadris.

— Que maneiro! — disse Cat, empolgada.

Sentado de frente para Kate, Sam dava de comer a Sasha.

— Os movimentos do *hula* têm significados diferentes, e o movimento das mãos também — respondeu Sam, olhando para Serena, que bebia uma *piña colada*.

— Não me diga, garotão?

— Ahã — disse ele, sorridente. — Há alguns anos era uma dança restrita às cerimônias religiosas. Mas com o tempo o *hula* passou a fazer parte de todas as ocasiões e celebrações. E, com seus movimentos, os dançarinos representavam os animais, as plantas, as ondas do mar etc.

— Sério, pai? — perguntou Ollie, e ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

A música estava num volume bem alto, e Cat perguntou aos gritos:

— E o que estão representando agora?

Sam olhou para os dançarinos e, depois de trocar um sorriso com Kate, deu de ombros e respondeu:

— Sinceramente, querida, não faço ideia. Não sou especialista em *hula*.

Michael, que observava e aplaudia o espetáculo junto a Terry, entrou na conversa:

— Existem dois tipos de *hula*. O antigo, conhecido como “Kahiko de *hula*” e apresentado com a roupa tradicional, com as vozes dos nativos e com a percussão, e o *hula* moderno, que é esse de agora, apresentado com trajes vistosos e coloridos, violões e ukeleles, entre outros instrumentos.

— Eu estou aprendendo — disse Sasha com empolgação. — No colégio estão ensinando a gente a dançar.

Todos sorriram, e Terry a incentivou.

— E por que você não dança, querida?

A menina se aproximou dela e cochichou:

— Agora não. No colégio explicaram que, enquanto os atores estão dançando, a gente não pode interromper. Tem que esperar eles tirarem a gente pra dançar.

— Mas que menina aplicada — disse Serena, sorrindo. Ela espetou um pedaço de carne no garfo, passou para Sam e disse: — Vamos, Sasha. Acabe de jantar pra poder dançar depois.

— Esse violão é o ukelele? — perguntou Cat.

— Não é ukelele — corrigiu Sasha. — O certo é ukulele.

Sam caiu na gargalhada. Sua filha cada dia o surpreendia mais com algo novo que aprendia. Havia se adaptado perfeitamente à ilha, e isso o enchia de orgulho. Mas seu sorriso logo se desfez quando ele viu Kate distante e com cara séria, observando os dançarinos. Então ele estendeu a mão por cima da mesa e a pousou sobre a dela. Ao sentir o contato de sua pele, Kate olhou para ele.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou.

Olharam-se nos olhos durante alguns segundos. Aquela música os transportava para muitos anos antes, para um momento feliz de suas vidas. Mas essa recordação foi interrompida quando uma das dançarinas andou até Michael, e ele, incentivado por Terry e sem um pinga de vergonha, acompanhou da melhor forma que pôde o ritmo da música.

Pouco a pouco as pessoas se animaram a dançar e, instantes depois, estavam todos requebrando à vontade. Passaram grande parte da noite dançando e bebendo água de coco e suco de frutas tropicais.

Lá pelas quatro da manhã, Serena, Sasha e as meninas decidiram ir dormir, enquanto os quatro adultos continuaram na festa da praia, à luz das tochas que começavam a se apagar. Michael e Terry passearam pela praia, trocando beijos e afagos, e com isso se afastaram dos outros dois, que ficaram a sós também.

— As férias foram boas, né? — murmurou Sam, ao ver a expressão de Kate.

— Foram, sim — respondeu ela. E, não conseguindo mais guardar para si o que estava pensando, deteve-se, olhou Sam nos olhos e disse: — Amanhã, quando a gente chegar a Oahu, vou pegar um avião e voltar pra Nova York.

— Amanhã? — Kate confirmou com a cabeça, e Sam sentiu um aperto no coração. — Por que tanta pressa?

— Preciso ir embora.

Sam tentou se aproximar dela, mas Kate recuou. Ele insistiu e dessa vez a segurou pelo braço para que não se afastasse. Quando estava a poucos centímetros dela, ele sussurrou:

— Por favor, espera mais um dia. Pensa nas meninas. O que elas vão achar quando te virem indo embora às pressas?

— Não sei.

— Kate, minha presença te incomoda tanto assim?

Sentir-se entre os braços dele, seu cheiro e o sussurro de sua voz, fez Kate erguer o rosto para olhá-lo nos olhos e dizer:

— Não, Sam, mas preciso ir.

— Mas amanhã? Como você vai embora amanhã? Assim vai parecer que a gente discutiu e...

— Tá bom — cedeu ela. — Vou depois de amanhã, então. Mas não adiarei minha viagem nem mais um dia. — E, sem hesitar, acrescentou: — Quero voltar pra Nova York antes das meninas. Elas ficam mais uma semana com você.

Morrendo de vontade de gritar que não queria perdê-la e que sua vida perderia de novo o sentido sem ela, Sam chegou ainda mais perto de Kate e, encostando sua testa na dela, insistiu:

— Fica enquanto as meninas estiverem aqui.

— Não.

— Por favor...

— Não, Sam — balbuciou, prestes a chorar. — Não posso.

Entendendo a dor que ela sentia, Sam fechou os olhos, pegou-a pela nuca com desespero, aproximou-a dele e a beijou na testa. Permaneceram assim por alguns instantes, até que ele a soltou e murmurou:

— Tivemos momentos muito bons, né?

Com o coração a mil, Kate retirou do rosto dele alguns fios de cabelo, num gesto carinhoso.

— Tivemos. Foi uma viagem ótima.

Enfeitiçados pela lua que brilhava sobre a ilha, encararam-se sem saber realmente o que fazer ou dizer, até que Sam colocou a mão no rosto dela e o acariciou. Segundos depois, Kate fechou os olhos. Não queria que ele visse suas lágrimas brotarem.

— Kate...

E, sem dizer mais nada, Sam a beijou com tanta ternura e desespero que ela teve que se agarrar em seu pescoço para não cair. Ao senti-la estremecer entre seus braços, por um segundo Sam pensou em pegá-la e levá-la a seu quarto.

Estava louco de desejo por ela. Mas aquilo não seria uma solução. Kate iria embora de qualquer maneira, e a lembrança dessa noite iria atormentá-lo.

Engolindo as lágrimas, Kate se afastou dele a contragosto. E, na tentativa de puxar conversa depois daquele beijo devastador, Sam apontou para Terry e Michael, que continuavam caminhando pela praia, e disse:

— Como acha que a história desses dois malucos vai acabar?

Kate tragou o nó de emoções que apertava sua garganta e respondeu:

— Espero que bem. Eles merecem.

Cravando os olhos nos dela, Sam pegou sua mão com força e, sem desviar o olhar, sentiu sua alma dilacerando-se.

— Eu também te desejo o melhor. Você merece.

— Obrigada — murmurou Kate e, tentando sorrir, acrescentou: — Eu digo o mesmo em relação a você. E já sabe, né? Quando for a Nova York, aparece lá em casa pra ver a gente.

Sam fez que sim com a cabeça e, arrasado pela situação em que se encontravam, perguntou num tom de urgência:

— Kate, por que isso tudo teve que acontecer com a gente?

Ela acariciou o rosto dele e respondeu com sinceridade:

— Não sei, Sam. A rotina, os anos que passamos juntos, a vontade de querer conhecer alguma coisa diferente. Realmente não sei. Mas o que sei é que eu lamento tudo isso do fundo do meu coração.

Abraçaram-se de novo e dessa vez foram os dois que buscaram suas bocas com desespero. Aquela era a despedida deles, e precisavam recordar o sabor um do outro.

De longe, Terry e Michael observavam a cena.

— Eles estão se beijando?

Michael fez que sim e sorriu.

— Bom, ruiva, parece que isso está começando a funcionar.

Terry sorriu também. Finalmente sua irmã havia cedido.

— Ótimoóóóóó. Estão voltando para o hotel abraçadinhos — disse ela, apontando emocionada para os dois.

Feliz por ver seu irmão abraçado à mulher amada, Michael se voltou para Terry e, agarrando-a num gesto possessivo, puxou-a para si e murmurou perto

da sua boca:

— Agora eu quero que você olhe pra mim e me diga que me ama.

Incapaz de negar, ela o abraçou e afirmou:

— Te amo.

— Espera, espera, que eu não pude aproveitar direito — brincou, olhando para ela. Ainda parecia mentira que a mulher dos seus sonhos enfim estava em seus braços. — Repete, mas mais devagar, querida. Quero saborear cada palavra.

Terry sorriu com sensualidade. Depois, ficando na ponta dos pés, beijou o pescoço de Michael, mordeu o lóbulo de sua orelha e, por fim, olhou intensa e fixamente para ele.

— Te amo. Te adoro. Te desejo. Preciso de você.

Michael levou a mão ao coração num gesto cômico e caiu para trás. Terry foi logo montando em cima dele, enquanto a água molhava os dois.

— Estou morto e acabei de chegar ao paraíso. Você é um anjo?

— Sim... da Victoria's Secret. — ela brincou, rindo. E, abaixando-se, sussurrou no ouvido dele: — Minha vontade agora é ser qualquer coisa pra você, menos um anjo.

Michael sorriu. Os olhos dela revelavam suas segundas intenções e, quando sentiu que ela lhe desabotoava a calça molhada pela água do mar e enfiava a mão por baixo da sua cueca, ele murmurou excitado:

— Hummmm... Terry, linda, o que é que você quer, hein? — E, levantando a saia dela também molhada, tocou sua calcinha minúscula. — Ai, meu Deus... você me deixa louco.

— O que eu quero é fazer amor com você — respondeu ela, levando o membro duro de Michael ao centro de seu desejo e afastando a calcinha para um lado, enfiou o pênis aos poucos e murmurou, arqueando-se: — Estamos sozinhos na praia. Eu e você. E estou louca pra transar com você.

— Querida... — gemeu ele, ao sentir os movimentos certos dela. — Tô sem camisinha.

Mas para ela dava no mesmo. Não importava se havia uma borracha entre eles ou não. Terry apertou seu corpo ao encontro do dele e, mexendo os quadris de trás para a frente, suspirou.

— Quando você não conseguir mais segurar, me avisa e eu mesma tiro.

Michael ia protestar, mas um beijo o calou. Ter Terry sobre ele, segurando suas mãos e beijando-o com paixão, sendo ela mesma que havia tomado a iniciativa, era a coisa mais sensual que Michael já tinha vivido.

— Aaaaaiiii... não vou conseguir segurar por muito tempo — suspirou ele, ao senti-la se movendo e devorando-o com ardor.

Ela não respondeu. Não podia deter seus movimentos. Seu fogo interior ardia. Terry o beijava com voracidade e queria lhe dar prazer, muito prazer. E curtir o momento.

— Ai, meu Deus, Michael...

— Que foi, amor? — gemeu ele, olhando-a bem nos olhos, enquanto agarrava sua bunda num gesto possessivo e a apertava contra ele.

— Você é tão...

— Tão...?

— Grande... tão...

Orgulhoso e excitado pelo que ela dizia, ele a puxou para si a fim de assumir o controle da situação e, fazendo-a girar, deitou em cima de Terry, retirou lentamente o pênis e perguntou:

— Quer mais?

— Quero.

— A gente está no meio da praia. — Michael riu.

— Não estou nem aí — disse ela, gemendo enlouquecida. — Quero mais.

Molhada, excitada e louca para tê-lo dentro de si, Terry ergueu os quadris e, ao sentir como ele a segurava pelas pernas e a penetrava, soltou um gemido cheio de tesão. Sentia a força de Michael em todo o seu corpo, e a cada vez ela tinha a impressão de que ia explodir de prazer. Eles estimulavam um ao outro com seus movimentos e suas ações. Michael aumentou o ritmo enquanto Terry o olhava com prazer, até que uma enxurrada de emoções e sensações os dominou, e Michael rapidamente saiu de dentro dela.

Com a respiração ofegante, eles ficaram um tempo esparramados na beira da praia às escuras, até recuperarem o fôlego. Depois de alguns minutos, começaram a sentir frio. Michael se levantou e estendeu a mão para Terry.

— Vamos para o seu quarto. Com certeza o Sam deve estar no nosso com a Kate.

Terry concordou e sorriu. Encharcados, voltaram ao hotel em meio a risadas, e lá pretendiam continuar sua festinha particular. No elevador eles se beijaram e depois foram logo entrando no quarto de Terry. Entre gargalhadas e carícias, despiram-se novamente, até que ouviram:

— Peraí, o que vocês estão fazendo?

Surpresa, Terry se virou para a irmã e perguntou:

— Kate! O que *você* está fazendo aqui?

— Por acaso esse é meu quarto. Ou eu me confundi? — perguntou ela, rindo.

Michael logo se deu conta de que nada do que tinham imaginado em relação a Sam e Kate estava acontecendo.

— Desculpa, Kate — disse ele, entre dentes, enquanto tentava vestir a calça molhada.

— A gente pensou que você estivesse com o Sam — explicou Terry.

— Pois pensaram errado — respondeu Kate, tentando não soar ríspida.

Incomodado pela forma como as duas se olhavam, Michael se aproximou de Terry e lhe deu um beijo na bochecha.

— Até amanhã, meu amor. Acho que é melhor eu ir. — E, voltando-se para Kate, repetiu: — Sério, Kate, desculpa.

— Tudo bem, seu bobo — respondeu ela, sorrindo. — Anda, vai logo trocar de roupa, senão vai acabar pegando uma pneumonia.

Irritada com o fato de aquela noite maravilhosa acabar daquela forma, Terry acompanhou Michael até a porta e o beijou.

— Até amanhã, querido. — Fechou a porta e foi falar com a irmã, que a esperava com as mãos na cintura. — Desculpa, Kate, a gente pensou que você estivesse com o Sam no quarto dele.

— E por que vocês pensaram isso? — perguntou Kate, sentando-se na cama e guardando na mala o livro que estava lendo.

— Porque a gente viu vocês se beijando na praia e voltando abraçados para o hotel.

Kate fez um gesto afirmativo com a cabeça e, com o olhar turvo pela dor que sentia, explicou:

— A gente estava se despedindo. Falei para o Sam que, quando a gente chegar a Oahu, vou voltar pra Nova York.

— Como é que é?!

— Falei que vou voltar pra casa. Imediatamente!

— Mas por que tanta pressa?

— Porque chegou a hora de voltar pra casa. As férias foram incríveis, mas... isso acabou.

— O Sam te ama e...

— Eu sei que ele me ama — disse Kate com certa amargura. — Mas não é suficiente pra me pedir pra ficar com ele.

Cansada de discutir aquele assunto mais uma vez, Terry suplicou:

— Por favor, fica mais uns dias.

— Não, Terry — respondeu, metendo-se na cama. — Eu pretendia voltar amanhã, assim que chegássemos a Oahu, mas o Sam me pediu pra esperar mais um dia, para as meninas não acharem que a gente discutiu.

— Eu vou voltar com você — falou Terry, com voz triste.

— Nem pensar — discordou Kate. — Você fica aqui e volta com a mamãe e as meninas. Michael não me perdoaria nunca se você voltasse pra casa agora comigo.

Terry se aproximou da cama da irmã. Separar-se de Michael naquele momento seria uma tortura para ela, mas não deixaria sua irmã sozinha numa situação como aquela. Terry a conhecia muito bem e sabia que, por trás da fachada de frieza, escondia-se a verdadeira e sensível Kate. Então, esboçando um sorriso, sentou-se na cama e disse com determinação:

— Quanto ao Michael, não precisa se preocupar. Tenho certeza de que ele vai entender. Ele faria tudo pelo Sam e vai compreender minha decisão de não te abandonar num momento como esse. Além disso, vim aqui com você e vou voltar pra casa com você.

Emocionada, Kate começou a chorar.

## Capítulo 52

Às nove da manhã, Serena bateu na porta do quarto das filhas. Tinham que ir ao aeroporto, e ela se surpreendeu quando viu as duas vestidas e sentadas tranquilamente na varanda, tomando um café. O que Serena não sabia era que naquela noite elas não tinham dormido. Às dez estavam todos reunidos com suas bagagens no saguão do hotel para pegar a van que os levaria ao aeroporto.

— Você volta amanhã pra Nova York?! — gritou Michael, olhando para Terry sem conseguir acreditar.

— Escuta, querido, e não levanta a voz — disse ela, tentando acalmá-lo.

— Ah, sem essa de me mandar não levantar a voz — resmungou ele.

— Eu vim com a Kate e vou voltar com ela — explicou Terry com firmeza.

— Não acho justo que eu fique aqui toda feliz enquanto ela volta arrasada e sozinha pra casa.

— Porra... e eu? Não pensou em mim? Não pensou em nós dois? — protestou Michael, incapaz de raciocinar.

*Ai, meu Deus, o que é que eu fui arrumar? O que eu faço?*, pensou Terry. Sentia-se entre a cruz e a espada.

— Escuta, Michael...

Transtornado, ele se virou e se afastou sem lhe dirigir o olhar. Precisava tomar um pouco de ar para assimilar a informação. Kate se aproximou da irmã.

— O que houve? — perguntou.

Com cara irritada, Terry olhou para ela e deu um beijo em sua bochecha.

— Nada que não possa ser resolvido.

O voo para Oahu foi rápido, e à uma e meia da tarde já estavam todos em casa beijando Tommy, que ao vê-los não parava de dar gritinhos de alegria.

Naquela mesma tarde, Kate reservou duas passagens para o dia seguinte. Michael, que continuava chateado com Terry, ouviu a ligação em que ela fazia a reserva e soltou palavrões enquanto saía da casa. Na fuga, topou com Terry,

que sorriu e lhe ofereceu um gole de sua cerveja, mas ele recusou, irritado. Partiu com a moto e se afastou, deixando-a triste e indecisa.

Michael queria esquecer a decepção e decidiu visitar Vaitere. Ao vê-lo chegar, Thais saiu rapidamente para recebê-lo e, depois de lhe dar um abraço caloroso, convidou-o a entrar. Thalia preparava alguma coisa na cozinha. Meia hora mais tarde, ao se dar conta de que não poderia tirar Terry da cabeça, despediu-se de todas e prometeu voltar outro dia.

— Deixa eu te acompanhar até a porta — disse Vaitere, que caminhava de muletas.

Quando os dois saíram da casa e chegaram até o lugar em que Michael havia parado a moto, Vaitere pegou seu braço e falou:

— Tem alguma coisa séria acontecendo com você. Dá pra ver pelo seu olhar.

Michael suspirou.

— Não é nada — disse, tentando não dar importância ao assunto. — Umás amigas minhas que estão passando as férias aqui... vão embora amanhã e eu estou meio triste com isso.

Vaitere se atreveu a perguntar:

— Alguém em especial?

Sem saber por quê, Michael sentiu vontade de se abrir.

— Sim. Muito especial.

Vaitere levou a mão ao coração e disse com expressão de alívio:

— Graças a Deus. — Michael a olhou surpreso, e ela prosseguiu: — Desculpa pelo que vou dizer, mas eu estava preocupada. Por um instante fiquei com medo ao pensar que sua gentileza excessiva era porque você havia se apaixonado por uma de nós.

Michael não pôde reprimir uma risada diante de um comentário desses.

— Sério? — Ela fez que sim, e ele esclareceu: — Como já falei há algum tempo, minha gentileza é pura amizade. Mas, convenhamos, não seria nem um pouco difícil se apaixonar por uma de vocês. Todas são maravilhosas.

Vaitere sorriu e, tomando coragem, falou:

— Michael, tem uma coisa que não consigo entender direito nessa história. Sei que as pessoas podem ser gentis e amáveis, e mesmo solidárias diante do

que aconteceu com a gente, mas o que você fez não é só isso. Não é só gentileza ou compaixão. É algo mais, e eu gostaria de saber.

— Sério que você acha que existe algo por trás da minha amizade?

— Alguma coisa me diz que sim, embora eu saiba que não é nada de mau.

— Pegou a mão dele e sussurrou: — Gostaria que você confiasse em mim e me dissesse o que é que está por trás disso tudo. Amigo é pra essas coisas, né?

Comovido, Michael fechou os olhos e suspirou.

— Talvez algum dia eu seja capaz de te contar essa história — acrescentou, abrindo os olhos.

— Tá vendo? Eu sabia que tinha alguma coisa aí.

Depois de pensar por alguns segundos, Michael olhou fixo para aquela mulher e, disposto a revelar tudo o que rondava sua mente, respondeu:

— Prometo voltar com respostas daqui a alguns dias.

— Ok. Vou estar aqui.

Despediram-se com dois beijinhos. Michael arrancou com a moto e foi embora. Precisava falar com Terry.

A melancolia pairava no ambiente devido à proximidade da partida de Kate e Terry. Kate passou grande parte da tarde arrumando a mala. Era uma ótima desculpa para não estar perto de Sam. Inquieto com a situação, mas sem poder fazer nada, ele ficou brincando com Tommy e as filhas na areia da praia.

Terry ajudava sua mãe a preparar o jantar quando ouviu a moto de Michael. Pouco depois ele apareceu na cozinha. Cumprimentou Serena com um beijo no rosto e puxou Terry pela mão, obrigando-a a acompanhá-lo até seu quarto. Quando entraram, ele trancou a porta e, apoiando Terry nela, a beijou.

— Desculpa... desculpa... — disse, afastando apenas alguns milímetros seus lábios dos dela.

Ela quis responder, mas a emoção deixava a voz embargada, e só o que ela conseguiu fazer foi retribuir os beijos enquanto o escutava dizer:

— Estou tão triste por você ir embora que estou me comportando como um idiota. Me desculpa, querida.

— Eu é que tenho que pedir desculpas por ter tomado a decisão de ir sem conversar primeiro com você. Mas a Kate está arrasada e eu não poderia deixá-la sozinha.

Michael entendeu que teria agido da mesma forma. E, sem se separar dela, concordou:

— Você fez o que tinha que fazer.

Emocionada, ela o beijou e, quando sentiu suas respirações se acelerarem e viu que a coisa começava a esquentar, murmurou:

— Michael... minha mãe está a poucos metros da gente, e as meninas...

Num gesto brincalhão, ele mordeu os lábios e tirou as mãos dela, contrariado.

— Ai, meu Deeeeeeeus... É só chegar perto de você e... Aiaiai!!! Preciso me enfiar num caminhão cheio de gelo.

Ela riu ao entender a que ele se referia. Beijou-o de novo e sussurrou:

— Sinto muito por provocar tanto calor em você.

— E eu sinto muito por não poder deixar rolar esse calor — murmurou ele, irônico, e deu uma mordidinha no pescoço dela. Depois cochichou: — Mas hoje à noite... ah, pode contar que eu farei isso...

— Faremos — afirmou ela e, olhando-o nos olhos, murmurou: — Vou morrer de saudades de você.

— E eu mais ainda. Posso garantir — respondeu ele, beijando-a de novo.

## Capítulo 53

Durante o jantar, todos riram ao lembrar alguns episódios cômicos da viagem. Às onze da noite, Terry e Michael se levantaram e se despediram. Queriam ficar sozinhos e saíram de moto. Tommy adormeceu e Sam o levou para a cama. Dez minutos depois, Kate se retirou, com a desculpa de que precisava terminar de fazer as malas.

— Vovó — perguntou Sasha —, você vem contar uma historinha pra mim?

— Eu vou — ofereceu-se Ollie.

— Eu também — disse Cat, levantando-se. — Adoro as histórias que a Ollie conta.

As meninas se meteram no quarto de Sasha e, de lá, pouco depois, dava para ouvir suas risadas.

— Foi uma viagem incrível — comentou Serena, andando até os fundos da casa. — É uma pena que tudo isso acabe tão rápido.

Sam moveu a cabeça, concordando, e sentou-se no balanço.

— Você tem razão. Foi muito bom ter conseguido reunir todo mundo nessa viagem.

Serena acomodou-se ao lado dele e perguntou:

— Sam, por que a Kate está indo embora tão depressa? Pensei que estava tudo bem entre vocês.

— Por minha culpa — admitiu ele.

— Sua culpa?!

Olhando para a mulher que lhe dera tanto carinho, ele suspirou.

— É difícil explicar, Serena.

Ela entendia cada vez menos. Antes pensava que a viagem os tivesse unido, mas de repente tudo foi por água abaixo.

— Não quero ser egoísta. A Kate é feliz em Nova York com a vida confortável que leva e com o trabalho dela, e eu aqui não posso oferecer nada disso. Além do quê, as crianças moram aqui e acho que este é um lugar excelente para educá-las.

— Não duvido — falou Serena e, olhando-o diretamente, perguntou: — Você não quer mesmo tentar de novo com ela? Olha, garotão, mesmo que minha filha se esforce pra esconder o que sente, eu a conheço. Sou a mãe dela! Mas por que você se recusa a tentar mais uma vez? Eu vejo como você olha pra ela, como a observa, e não consigo entender isso e...

Sam a interrompeu:

— Estou explicando, Serena. Não tenho forças pra pedir que ela abandone tudo e venha morar aqui comigo. E eu também não tenho vontade de voltar pra Nova York. Nossa história foi maravilhosa enquanto durou, mas hoje não dá mais. Simplesmente não tem como.

— Você é um covarde, garotão.

— Covarde?

— É. Com todas as letras: co-var-de.

Ele sorriu ao ver a expressão de seu rosto.

— Não acho que seja covardia. Só estou sendo realista pra tentar entender a vida.

— Covarde! — repetiu ela, levantando-se do balanço. — E eu só vou te dizer uma coisa que aprendi com o passar dos anos. A vida não foi feita pra ser entendida. A vida foi feita pra ser vivida! E agora com licença que vou dar um passeio. A noite está linda e me deu vontade de caminhar.

Sam a viu afastar-se. Por uns instantes pensou na palavra que ela usou para defini-lo. *Covarde?* E também ficou refletindo sobre o comentário dela de que a vida está aí para ser vivida. As risadas das filhas o fizeram voltar à realidade. Sam levantou do balanço e foi até o quarto de Tommy. O menino dormia tranquilamente. Ao ver que tudo estava em ordem, saiu novamente e, olhando para a casa do lado, pensou em Kate. Desejava estar com ela nesse restinho de tempo que faltava antes de ela ir embora. Então decidiu caminhar até lá. Ao entrar, foi direto para o quarto e a encontrou sentada na cama olhando o mar. Estava linda, mas quando Kate não estava linda?

— Oi — sussurrou ele, apoiando-se no batente da porta.

Aquela voz a sobressaltou. Ao vê-lo, Kate não conseguiu dizer nada, apenas olhar para ele. Era tão alto que parecia ocupar toda a porta. Vestindo aquela bermuda cinza e a camiseta azul-celeste de Lanai que suas filhas lhe deram de presente, era a imagem viva da juventude.

— Sam, o que foi? — perguntou, levantando-se da cama.

Ele ficou tentado a lhe pedir que não fosse embora, mas afinal voltou à realidade e respondeu:

— Nada. Só vim aqui pra ver se você precisava de ajuda.

Kate olhou ao redor e deu de ombros.

— Já está tudo arrumado. — Fez-se um breve silêncio, até que ela acrescentou: — Sam, estou cansada e preciso dormir.

Consciente de que deveria deixá-la partir, deu um passo atrás para sair de seu campo de visão e murmurou:

— Pego vocês às nove pra levar ao aeroporto. Descansa, Kate.

Num fiapo de voz ela respondeu:

— Tchau, Sam.

Angustiando, Sam voltou irritado para sua casa e sentou no balanço. Enquanto isso, na penumbra do quarto, Kate o observava pela janela e chorava.

Num barzinho da moda em Oahu, Michael e Terry dançavam abraçados. E quando o DJ, amigo de Michael, pôs a música “Desafinado”, Terry achou que ia morrer, de tanta emoção. Essa melodia e o olhar viril e sensual dele a deixavam toda derretida. Agarrou-se no pescoço de Michael, dançando de olhos fechados, e se deixou levar.

— Vou sentir muita saudade, sua resmungona — sussurrou ele no ouvido dela.

Ela o olhou com expressão terna e jogou a cabeça para trás.

— E você acha que eu também não vou?

Michael a apertou mais ainda entre seus braços. Apostava muito naquela relação e não estava disposto a deixá-la recuar nenhum passo. Aproximou os lábios dos dela e disse:

— Quero e preciso pensar que você vai sentir tanta saudade de mim quanto eu de você.

— Como você é bobo — falou Terry e, soltando-se de seu pescoço, avisou com o dedo erguido: — O que você tem que fazer é se comportar direitinho na minha ausência.

— Você duvida?

— Ah, Michael, você sabe que eu te conheço...

— Você me conhece, é? — Ele brincou.

— Conheço... e muito bem, por sinal — respondeu ela. — Você é um garanhão da ilha e...

Sem deixá-la completar a frase, Michael a beijou e, querendo dar o assunto por encerrado, falou:

— Um garanhão da ilha que está louco por você.

Inebriada pela paixão do momento, Terry sorriu, mas não ia dar o braço a torcer.

— Certo. Mas você está proibido de olhar para outras mulheres na minha ausência. Sei que você fica babando quando vê uma bundinha gostosa. Mas, se

eu ficar sabendo de alguma coisa, Michael, juro que não sei do que sou capaz, entendido?

Como um adolescente apaixonado, ele abriu um sorriso de orelha a orelha. A música tocava ao fundo, e ele a ergueu entre seus braços musculosos.

— Prometo, querida. — E, para fazê-la sorrir também, apontou: — Está vendo aquela linda moto estacionada ali?

Terry olhou na direção que ele indicava e sorriu.

— Sua moto? Sua adorada moto? — perguntou, achando graça.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Posso garantir que nenhuma bundinha gostosa a não ser a sua vai subir nela.

— Ótimo — disse ela, rindo. — Que honra, querido! Sabendo disso, vou embora mais tranquila.

— Além do quê — continuou ele, ao pensar em Waitere e sua família —, quando você voltar, talvez eu tenha uma surpresa pra você.

— Surpresa?

— Ahá...

— Ah, conta logo, vai... Anda.

Michael negou com a cabeça e, beijando a ponta do nariz de Terry, disse:

— Não, amor. Não quero me precipitar. Além do mais, do jeito que você é curiosa, sei que você vai embora com a dúvida e vai voltar pra cá nem que seja só pra saber do que estou falando.

Seu comentário a fez rir e, com olhinhos apaixonados, ela murmurou:

— Você é maravilhoso, Michael.

— A única maravilhosa aqui é você.

Dançaram, riram e se beijaram. E, quando Terry lhe pediu um segundinho para ir ao banheiro, ele foi até o balcão e pediu duas *piñas* com rum.

— Opa... olha só quem está aí — disse uma voz por trás dele. — Não sabia que você já tinha voltado.

Ao se virar para ver quem era, Michael deu de cara com a deslumbrante médica.

— Amanda — disse ele. — O que você está fazendo por aqui?

Sua aparência era muito diferente da que ele costumava ver no hospital. Com aquele vestido de seda bege bem colado, ela estava supersexy. Aproximando-se dele, Amanda apontou para um sujeito de aspecto nórdico que os observava.

— Estou tomando um drinque de despedida com um amigo. E você?

Sem querer dar detalhes de sua vida, respondeu:

— Tomando algo com uma amiga.

A jovem olhou ao redor e, ao não ver a mencionada amiga, cochichou:

— Michael, preciso te dizer uma coisa.

— Pode falar.

— Quero te pedir desculpas por ter me insinuado pra você há alguns dias. Ai, meu Deus... Como me envergonho de ter sido tão oferecida...

— Mas por que você está dizendo isso agora? — perguntou ele, franzindo a testa em sinal de surpresa.

— O Klaus é meu namorado, mas até alguns dias atrás ele era meu ex — disse, apoiando-se no balcão e apontando novamente para o nórdico, que não parava de olhá-los. — Mora na Alemanha e eu aqui, e não conseguimos lidar com a distância. — Michael fez um gesto afirmativo com a cabeça, e ela acrescentou: — Quando terminamos, me senti sozinha e decidi me comportar como uma piranha. Mas graças a Deus recuperei a prudência e o bom senso e preciso que você saiba que eu não era daquele jeito que demonstrei pra você, apesar de minha aparência às vezes indicar o contrário.

— Tudo bem, não se preocupa — falou ele, meio espantado com aquela abordagem, e acrescentou sem saber mais o que dizer: — Espero que a relação de vocês esteja melhor.

Amanda sorriu em direção ao homem nórdico.

— Estou feliz, Michael. O Klaus veio até aqui e me pediu em casamento. E eu aceitei.

— Parabéns! Essa é uma ótima notícia!

— Imagina só... — disse ela, sorridente. — Vou ser a senhora Bonhuleir.

Michael deixou escapar uma gargalhada e, com cumplicidade, olhou para Klaus e ergueu seu copo. O nórdico, ao entender o motivo daquele gesto, levantou o seu próprio copo e sorriu.

— O que vocês vão fazer? Vão morar aqui ou você vai com ele pra Alemanha?

— Estamos pensando a respeito, mas tudo depende dos nossos trabalhos. De todo modo, o mais importante pra mim é que eu e o Klaus nos amamos.

— E, ao ver que ele olhava para o fundo do bar, perguntou: — E como foi a viagem?

— Foi ótima!

Michael passou a lhe contar as maravilhas das ilhas sem se dar conta de que, ao sair do banheiro, Terry parou ao vê-lo tão animado conversando com aquela mulherão louro. Quem era ela e o que fazia conversando com ela? Por alguns instantes ela ficou só olhando e foi tomada pelo ciúme ao ver a loura tocando com familiaridade o ombro e a cintura de Michael. E, quando não pôde mais aguentar, aproximou-se lentamente deles. Ao notar sua presença, Michael sorriu e se apressou a dizer:

— Terry, essa é a Amanda Newton.

*Amanda? Ele falou Amanda?*, pensou ela, pestanejando.

A loura olhou para ela e sorriu.

— *Aloha*, Terry. Prazer.

Tentando controlar a vontade de partir para cima dela, Terry não conseguiu evitar a pergunta:

— *Aloha*, Amanda. Foi você que ligou para o celular do Michael um dia desses, né?

— É, fui eu, sim. — Dando-se conta do que aquela pergunta significava, esclareceu: — Liguei pra falar sobre um paciente. Só isso. Aliás, acho que vocês se divertiram à beça na viagem. — Terry concordou, e Amanda prosseguiu: — Michael estava me falando de um hotel em Maui. Daqui a um mês vou passar cinco dias lá.

*Desde que você não vá com o Michael, pode passar o tempo que quiser*, pensou, mas não disse nada. Michael a pegou pela cintura, beijou seu cabelo e falou:

— Eu recomendei a ela o hotel onde a gente se hospedou. Lembra?

Terry fez que sim. Mas, ao ver o jeito como ela fazia isso, Michael percebeu que alguma coisa passava pela cabecinha dela. Instantes depois, Amanda pegou

suas cervejas e se despediu.

— Bom, gente, minhas bebidas chegaram. Adorei te conhecer, Terry. — Piscou para ele com cumplicidade e disse: — A gente se vê, Michael.

Conforme a loura se afastava rebolando os quadris, Terry grunhiu, para a surpresa dele:

— Que vadia, essa mulher!

— Querida — falou ele, rindo. — Por que você diz isso?

— Vai dizer que não reparou no jeito como ela te olhava? — respondeu Terry, encarando-o cheia de ciúme e jogando o cabelo para trás.

— Está com ciúme, é? — perguntou Michael, achando graça da cara emburrada que ela fazia.

— Nãããããããããããã.

— Está, sim! Está com ciúme! — disse ele, rindo.

— Seu bobo! — exclamou ela.

— Sou bobo por você, sua *ciumentinha*... — E, abraçando-a, explicou: — A Amanda é só uma amiga. No meu coração e na minha cabeça só tem lugar pra você, linda.

Ao se dar conta da cena tão ridícula, Terry se aninhou em seus braços.

— Você diz isso pra todas.

— Isso eu só digo pra você — respondeu, beijando-a apaixonadamente.

Por volta das três da manhã, foram de moto até a pequena e escondida praia particular onde tinham feito amor no primeiro encontro. Tendo como companhia apenas o céu, a brisa, o mar e a areia de Oahu, amaram-se de novo com paixão, enquanto suas mentes lembravam a eles que dentro de algumas horas o destino iria separá-los outra vez.

## Capítulo 54

Às sete da manhã estavam todos de pé. E às nove Sam e Michael já colocavam as malas no carro para levá-las ao aeroporto.

— O que vocês enfiaram aqui dentro? Pedras? — perguntou Sam, olhando para Terry.

— Alguma, sim — confirmou Terry, achando graça. — Mas levo principalmente muitas recordações — acrescentou.

Quando acabaram de ajeitar a bagagem no carro, Michael se aproximou dela com cara séria e disse, puxando-a pela mão:

— Eu e você vamos na minha moto.

— Ótimo — respondeu ela, sorrindo e pegando o capacete que ele lhe entregava.

Mas, percebendo a tristeza de Michael, Terry acariciou o rosto dele e sussurrou:

— Logo, logo vou estar de volta.

Michael sorriu pela primeira vez naquele dia e lhe deu um beijo. Quando chegaram ao aeroporto, uma sensação estranha tomou conta de todos depois de despacharem as malas. Serena estava tensa. Kate, calada. Terry, inquieta. As meninas estavam tristes. Sasha chorava e Tommy passava de um colo a outro sem encontrar consolo. O sorriso de Michael desapareceu, e Sam, arrasado, observava todos.

Pelos alto-falantes se escutou a chamada de embarque para o voo de Nova York. Querendo acabar com aquela tortura de uma vez por todas, Kate deu um abraço de despedida em sua mãe.

— Eu ligo quando a gente chegar, mãe.

— Está bem, querida. Façam uma boa viagem. — Depois abraçou Terry e enfatizou: — Não se esqueçam de ligar mesmo, hein?

Com um sorriso triste, Terry balançou a cabeça, concordando. Dentro dela uma voz gritava que ela deveria continuar ali, que merecia isso. Mas, quando olhava para a irmã, lembrava que não podia deixá-la sozinha.

— Meninas, nos vemos daqui a alguns dias. Comportem-se e fiquem de olho no tio Michael — disse Terry às sobrinhas, distribuindo-lhes beijos.

Todo mundo sorriu, inclusive Michael.

— Sam — disse Kate. Deu um rápido abraço nele e sorriu. — Até mais. E não esquece: quando for a Nova York, me liga pra gente tomar alguma coisa.

— Pode deixar — respondeu ele, tentando sorrir. — E já sabe, né? Liguem quando chegarem lá.

— Pai — brincou Ollie. — Você está igual à vovó.

Ao escutar o comentário da neta, Serena cochichou, apontando para ele com o dedo:

— Depois de tantos anos vivendo juntos, alguma coisa ele aprendeu comigo.

Sam sorriu enquanto observava Kate se aproximando de Sasha.

— Não quero que você vá embora — murmurou a garotinha.

— Sasha, querida — sussurrou Kate, agachando-se. — Não gosto de te ver chorar, muito menos por minha causa, linda.

Sem disfarçar sua tristeza, a menina insistiu:

— Não quero que vocês vão emboooooooooora.

Percebendo o olhar de Sam voltado para ela, Kate se sentiu péssima.

— Shhhh... Passou... passou... Para de chorar senão seus olhos vão ficar inchados. — E, depois de enxugar as lágrimas de Sasha com um lenço, Kate acrescentou: — Dá um sorriso pra mim. Assim, quando eu me lembrar de você, a imagem que vai vir à minha cabeça é de você sorrindo.

Sasha olhou muito séria para ela e disse:

— Mas eu não quero que você se lembre do meu sorriso.

Surpresa, Kate perguntou:

— Por que diz isso, lindinha?

— É que o papai — falou a menina, num gemido — sempre me diz que, quando eu pensar na mamãe, devo me lembrar dela sorrindo, e isso porque eu não vou mais ver ela. Mas eu quero te ver de novo.

Kate suspirou, comovida. Depois ergueu o olhar para encontrar o de Sam e falou, abraçando-a:

— Prometo que a gente vai se ver de novo. Mas eu queria te ver sorrindo antes de pegar o avião. Além disso, eu quero que você vá pra Nova York. Assim você vai poder estar com a gente. Vai querer me visitar lá um dia?

— Sério?

— Claro!

Nesse momento a menina parou de chorar e, virando-se para o pai, perguntou:

— Papai, vou poder visitar a Kate?

Sam se abaixou junto a elas, deu um beijo na cabeça da filha e sussurrou, olhando para Kate:

— Prometo, princesa.

Não muito afastados deles, Terry e Michael se despediam como dois autênticos apaixonados.

— Não quero que você vá... não quero que você vá... — dizia Michael em seu ouvido.

— Michael, por favor. Assim você vai me fazer chorar, e acho que as lágrimas das crianças e de alguém que você sabe quem já são mais que suficientes por aqui.

Sem querer soltá-la, ele acabou cedendo.

— Desculpa, querida. Mas é que nunca ninguém me fez sorrir como você. Nunca ninguém me fez sentir o que você me faz sentir e...

— Chega...

— Terry...

Ela pôs a mão em sua boca para que ele se calasse. Precisava que ele ficasse quieto ou então acabaria berrando mais que Sasha.

— Escuta, Michael. Prometo te ligar hoje à noite e amanhã e no dia seguinte. E em pouco tempo, assim que meu trabalho me permitir, eu volto.

Entendendo o significado de suas palavras, Michael balançou a cabeça num gesto de aprovação e, com um sorriso que deixou Terry toda derretida, ele disse:

— Mas você vai ter que cumprir o que está prometendo, ou então eu mesmo vou lá te buscar.

Pelos alto-falantes se ouviu a chamada final dos passageiros, e Terry, após olhar para a irmã, deu um beijo rápido na boca de Michael.

— Comporte-se, hein, garanhão havaiano, ou eu juro... que te mato!

Instantes depois, as duas irmãs — com os olhos encharcados de lágrimas e a muito emocionadas — acenaram no portão de embarque, dando-lhes adeus com um sorriso forçado e o coração partido.

Enquanto caminhavam, Terry e Kate não trocaram nenhuma palavra. Estavam com os nervos à flor da pele e a cabeça cheia de recordações.

— Você é uma idiota — disse Kate, por fim. — Não sei por que tem que voltar comigo.

Terry respondeu sem olhar para ela:

— Se viemos juntas, vamos embora juntas.

— Mas como você pode ser tão cabeça-dura?

— Ah... olha quem fala! — brincou Terry.

Após um silêncio tenso entre as duas, Kate pegou a mão da irmã.

— É que eu não aguento isso. Não consigo suportar a ideia de carregar a culpa por você e o Michael terem que se separar. É tão difícil entender?

Terry continuou impassível e disse:

— Se não fosse hoje, seria daqui a cinco dias. Que diferença faz?

— Cinco dias no caso de vocês é um *século* — argumentou Kate. — Por favor, fica. Muda sua passagem e volta com a mamãe e as meninas.

— Nem pensar.

— Mas... você não vê que está cometendo um erro grave?

Mas Terry não queria pensar assim.

— Eu disse que volto com você e não se fala mais nisso.

Agoniada, Kate contra-atacou e, parando no meio do corredor de acesso ao avião, firmou as mãos no rosto da irmã para que ela a olhasse e implorou, sem se importar com as pessoas em volta:

— Por favor, Terry, por favor. Sei que você se preocupa comigo. Não tenho dúvida disso. Mas agora é hora de demonstrar que você é esperta e que não vai desperdiçar a oportunidade de estar com o Michael. Por favooooooooooooor... Não faça com que eu me sinta pior do que já estou me sentindo.

Ao ver a súplica nos olhos da irmã, Terry se deu por vencida e acabou cedendo.

— Tá bom, sua chata — murmurou, feliz.

— Ótimo — disse Kate, sorrindo para ela.

— Você vai ficar bem?

— Prometo, Terry. Juro por Deus!

Kate lhe entregou a passagem, e Terry, sorridente, deu um rápido beijo no rosto da irmã e correu entre as pessoas que passavam. Kate a seguiu com o olhar e chorou de emoção ao ver que sua irmã estava indo atrás de seu amor. Depois se virou e continuou andando até o avião.

Como o aeroporto era pequeno, Terry chegou rapidamente ao saguão principal. Olhou para todos os lados e tentou localizar algum de seus parentes, mas não encontrou ninguém. E, ao lembrar onde Michael havia estacionado a moto, correu à sua procura. De repente ela o viu e um sorriso iluminou seu rosto enquanto ela corria em sua direção. No meio do caminho ergueu a mão para chamar a atenção dele, até que viu uma mulher se aproximando de Michael. O sorriso desapareceu dos lábios de Terry quando ela se deu conta que se tratava de Amanda, aquela médica linda e sensual da noite anterior.

— Michael — disse Amanda ao vê-lo. — A gente se encontra em todos os lugares.

Com os dois capacetes ainda nas mãos, Michael a cumprimentou.

— Amanda, o que você está fazendo aqui?

Aproximando-se dele, ela respondeu:

— O Kaus pegou um voo pra Alemanha. E você, o que faz aqui?

— Terry voltou pra Nova York.

— Ela é a moça de ontem à noite?

— É.

— Era muito bonita, se bem que eu acho que ela não foi muito com a minha cara, não. — E os dois riram. — Mas não se preocupa, com certeza ela vai voltar. Um cara como você a gente não acha em qualquer esquina. — E, para fazê-lo sorrir, exclamou com uma expressão de cumplicidade: — Levanta esse astral, Michael!

Sem se dar conta de que Terry os observava a poucos metros de distância, ele sorriu.

— Tá bom... tá bom.

Amanda consultou o relógio e disse:

— Preciso ir. Vou pegar um táxi ou chegarei tarde.

— Você vai pra onde?

— Para o hospital.

Michael lhe entregou o capacete que minutos antes Terry havia usado e disse:

— Vem comigo. Eu te levo. Estou indo para o escritório e, se der tempo, a gente pode tomar um café antes, porque eu preciso te perguntar umas coisas.

Sem hesitar, ela botou o capacete.

— Um café bem forte cairia bem. Estou exausta.

Michael sorriu e, levantando uma sobrancelha, perguntou com malícia:

— A noite foi cansativa, é?

— Imagino que igual à sua — respondeu ela e, depois de dar uma risadinha, subiu na moto e os dois desapareceram no meio do tráfego.

De início paralisada com a cena que acabara de presenciar, Terry deu meia-volta e correu igual a uma louca para sumir de vez dali. Valendo-se de todo o seu jogo de cintura e charme, conseguiu que os funcionários do aeroporto que a haviam visto sair correndo a deixassem entrar novamente. Depois correu até o portão 3, e a aeromoça encerrou o embarque assim que Terry lhe entregou a passagem. Com expressão confusa, procurou sua irmã entre os assentos. Quando Kate a viu, levantou-se alarmada.

— Mas o que você está fazendo aqui?

A jovem ruiva não respondeu. Apenas se sentou. Sob o olhar atento da irmã, afivelou o cinto de segurança ofegante por causa da correria.

— Quer fazer o favor de falar comigo? O que você está fazendo aqui?

Sem lhe dirigir o olhar, Terry grunhiu:

— Decidi voltar pra casa com você.

Preocupada com o que pudesse ter acontecido, Kate pegou seu braço e, com cara de aflição, exigiu saber:

— Fala, o que houve?

Terry enfim olhou para ela e respondeu:

— Sou uma idiota! É isso. — E então explodiu: — O que houve é que eu mal fui embora da ilha e o tio Michael, aquele homem incrível, leal e confiável, já está se divertindo com uma loura deslumbrante e vadia.

O comentário de Terry surpreendeu Kate. Conhecia Michael e sabia que ele estava louco pela sua irmã.

— Não pode ser, você deve ter se enganado.

Irritada, Terry respondeu:

— Sei exatamente o que eu vi. — E praguejou: — Aquele desgraçado! Marcou com ela no aeroporto mesmo. Quanta pressa...

Sem entender direito do que Terry estava falando, Kate perguntou:

— Mas, Terry, você disse alguma coisa pra ele?

— Ficou louca? — reagiu ela, talvez num tom de voz exageradamente alto. — Simplesmente dei meia-volta e pronto.

Minutos depois, o avião começou a se movimentar, e Kate pegou a mão da irmã outra vez.

— Relaxa. Você logo vai ver que tudo tem uma explicação.

Mas Terry estava fora de si.

— Cheguei a pensar que nossa história era pra valer... Mas ele é um mentiroso — sussurrou entre dentes, ao lembrar que ele havia dito na noite anterior que ninguém sentaria em sua moto a não ser ela.

Kate e Terry ficaram em silêncio. A viagem de volta tinha começado.

## Capítulo 55

Ao chegar a Nova York, Kate telefonou para a casa de Sam para avisar que já estavam de volta. Michael, impaciente para falar com Terry, foi logo perguntando por ela, mas Kate pediu desculpas e alegou que a irmã estava no banho e ligaria para ele mais tarde. Mas, para a tristeza de Michael, ela não telefonou. Nem naquela noite nem no dia seguinte.

Dois dias se passaram e Terry continuava sem entrar em contato. Inquieto, Michael resolveu telefonar para ela do escritório. E ficou surpreso ao ouvir Kate informar que a irmã tinha viajado para Chicago e voltaria em alguns dias.

Abatido e sem entender nada, Michael desligou o telefone com uma expressão aborrecida. Por que será que ela não tinha entrado em contato?

— Não estou entendendo nada! — disse ele a Sam, que folheava uns documentos na mesa ao lado.

— O que houve?

— Por que diabos ela não me liga? E ainda por cima acabo de saber que ela foi passar uns dias em Chicago. Você por acaso sabia dessa viagem?

— Não. Não tinha nem ideia disso — respondeu Sam.

Desesperado, Michael se levantou, pegou no frigobar uma garrafinha de água sem gás e tomou um gole.

— Droga! O que será que deu nela pra agir assim?

Tão intrigado quanto ele, Sam deu de ombros.

— Não sei, cara. Quando ela voltar de viagem, tenho certeza de que vai te explicar o que houve.

— Ah, isso com certeza — disse Michael, bufando, e batendo com força a garrafa de água na mesa.

Ao ver a expressão de desgosto do irmão, Sam tentou mudar de assunto.

— A que horas você marcou com a Vaitere? — perguntou ele.

— Às cinco na casa dela. Ela disse que a Thalia e a Thais estão em Lanai e que vão aparecer por lá só à noite. Assim posso conversar com ela mais à vontade.

— Você tem certeza do que vai fazer? — perguntou Sam. — Pensa bem... Isso não vai ser fácil e pode não acabar bem.

— Estou decidido. Preciso saber a verdade, custe o que custar — respondeu Michael, retirando uma mecha de cabelo do rosto.

— Quer que eu vá com você?

Olhando com carinho para o melhor irmão que alguém podia ter, Michael bateu sua mão na dele num gesto de cumplicidade e falou:

— Valeu, Sam. Mas acho que eu tenho que fazer isso sozinho.

Minutos depois, Michael voltou a falar de Terry, sem reparar que Sam não estava prestando muita atenção. Tinha seus próprios problemas, sobre os quais se recusava a falar.

— Aí vêm as meninas — disse Sam ao vê-las através da vidraça.

Elas entraram empolgadas no escritório, e Cat exclamou cheia de entusiasmo:

— Pai, comprei umas coisas superlegais!

Levando as mãos à cabeça, Serena olhou para ele e, depois de notar a testa franzida de Michael, protestou:

— Sam, pelo amor de Deus, não dê mais nenhum dólar a essas meninas, porque nesse ritmo vamos ter que fretar um avião só pra gente.

— Ai, vó, como você é exagerada! — disse Ollie, piscando. Depois se virou para seu pai e falou: — Pai, você não tem ideia das coisas fofas que a gente comprou.

— Não duvido — disse ele, rindo.

Sem clima para brincadeiras, Michael fechou seu computador.

— Meninas, vamos almoçar? Tenho um compromisso às cinco e preciso me apressar.

— Sei, sei, um compromisso... — disse Cat, rindo. — Pode-se saber com quem?

Mas, assim que fez a pergunta, ela se arrependeu. A cara do tio indicava que ele não estava para brincadeiras, e Michael se limitou a responder de forma sucinta:

— É um assunto de trabalho, Cat.

Ao ver como olhavam para Michael, sobretudo Serena, Sam interveio rapidamente:

— Isso, vamos indo. Vamos almoçar no Beach and Food.

— Eba! — comemorou Ollie e, pegando seu tio pelo braço, perguntou: — Você dividiria comigo um daqueles bifões que eles servem?

— Claro, princesa, e com a Cat eu divido as batatas — respondeu ele, e por fim sorriu. Não conseguia manter o mau humor por muito tempo diante das sobrinhas.

Às quatro e meia, depois de um almoço animado com Serena e com as meninas, Michael se despediu e, nervoso, foi até a casa de Waitere. Estacionou a moto, e Waitere abriu a porta logo que o ouviu chegar.

— *Aloha*, Michael.

— *Aloha*, Waitere.

— Quer tomar alguma coisa?

— Se tiver um café, eu aceito.

Ela fez que sim com a cabeça e caminhou de muletas até a cozinha.

— Vou fazer agora mesmo. A gente não toma café, mas eu tenho aqui.

Ele sorriu e falou:

— É um dos vícios que adquiri por ter vivido em Nova York. O café!

Enquanto ela o preparava, Michael se acomodou num banquinho junto à bancada.

— Quantos anos você morou lá? — perguntou Vaitere.

— Dezoito. Primeiro me formei na Califórnia e depois a gente foi pra Nova York trabalhar num escritório de advocacia.

— “A gente foi”? — perguntou Vaitere, curiosa.

— É. Sam e eu — explicou ele. — Quando terminamos a faculdade de direito, decidimos nos estabelecer lá. Sam e Kate, a ex-mulher dele, abriram um escritório e eu trabalhava com eles. Depois se separaram, e eu e Sam resolvemos voltar juntos pra Oahu.

— E como é viver num lugar como Nova York? — perguntou ela, interessada em saber mais sobre lugares onde nunca estivera.

Michael suspirou, lembrou-se da Big Apple e deu de ombros.

— Não vou te dizer que é ruim, mas é preciso se acostumar ao ritmo da cidade. Ali todo dia você enfrenta um trânsito infernal, poluição, barulho, mas também encontra lugares incríveis e pessoas maravilhosas.

Vaitere notou que Michael falara aquela última frase com certa nostalgia. Mas não queria ser indiscreta.

— Eu nunca saí das ilhas, apesar de que eu teria adorado viajar. Mas, bem, não deve estar escrito no meu destino.

Michael sorriu com amargura.

— Sobre o destino, melhor nem falar. Nunca se sabe o que vai acontecer. Pra falar a verdade, eu não acredito no destino, acredito no presente. — E, ao se lembrar de Terry, sussurrou: — E também já acreditei no futuro.

O barulho da cafeteira avisou que a bebida estava pronta. Vaitere colocou uma xícara azul diante de Michael e lhe serviu.

— Toma, espero que você goste.

— Com certeza vou gostar. — Colocou duas colheres de açúcar, depois deu um pequeno gole e disse: — Hummmmm.... Ficou uma delícia.

Vaitere balançou a cabeça.

— Anda, seu bajulador, vamos pra sala.

Michael a acompanhou até a pequena sala. Era diminuta, porém bonita. Havia sofás de cor caramelo que combinavam com uma parede amadeirada.

— Sério, está muito bom — insistiu ele a respeito do café. — Com certeza vou te pedir mais.

— Fiz uma cafeteira inteirinha pra você — falou ela e, ao notar a tristeza no olhar de Michael, perguntou: — Aconteceu alguma coisa com você, né?

— Do que você está falando?

— Vejo uma tristeza no seu olhar que não existia antes.

Incapaz de mentir, deu um gole no café e, deixando a xícara em cima da mesa, afirmou:

— Digamos que não estou no meu melhor momento, em termos afetivos.

— Sinto muito. Com esses assuntos sempre se sofre e muito.

— Pode parecer mentira — abriu-se Michael —, mas é a primeira vez que fico mal assim. Já tive outras namoradas, mas nenhuma foi especial. Mas a Terry...

— Ah, ela se chama Terry.

— Sim. A gente se conhece há muitos anos, e bom.... não tê-la por perto me afeta.

— Não se preocupe. É claro que ela vai voltar. Tenho certeza de que ela sente algo especial por você e, se for esperta, vai se dar conta de que caras como você a gente não encontra todo dia.

— Nem mulheres como ela — sussurrou com tristeza.

Após alguns segundos de silêncio, Vaitere o olhou diretamente nos olhos.

— Bom... era disso que você queria falar comigo?

Engolindo o nó de emoções que lhe apertavam a garganta, Michael reparou pela primeira vez que Vaitere usava no pescoço uma correntinha com um broche em forma de coração. Isso fez seu coração disparar.

— Talvez você não acredite no que vou te contar. Pode até ser que eu esteja enganado e só queira enxergar verdades onde só existem coincidências. — E, apontando para o cordão dela, disse: — É muito bonito esse pingente que você está usando.

A mulher sorriu e, tocando com carinho no objeto que Michael havia acabado de elogiar, fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— É um broche que também pode ser usado como pingente.

— É realmente lindo.

— Mamãe me deu quando casei — acrescentou. — Pelo visto é uma relíquia em nossa família, que passa de uma geração para outra. Tenho muito apego a esse broche e espero algum dia passá-lo para a Thais.

Michael respirou fundo e disse:

— Eu fui com a Thais na joalheria para consertá-lo. Além de elogiar à beça o broche, dizendo que é uma antiguidade lindíssima, o joalheiro falou que normalmente esses corações têm um par. E que esse par não pode ser outro além daquele junto ao qual foi fabricado.

— Sim, é verdade. Esse coração tem um par igual. Mamãe me contou que há muito tempo ela o deu a alguém especial para ela.

Michael sentiu suas pernas tremerem. Seria ele esse “alguém especial”? Mas procurou manter a calma.

— Desculpe a indiscrição, mas você por acaso conhece essa pessoa? — conseguiu dizer.

— Quem?

— A pessoa a quem sua mãe deu a outra metade do coração.

Negando com a cabeça e sem entrar em detalhes, Vaitere respondeu:

— Não. Infelizmente não o conheci.

Quase sem poder respirar, Michael abriu o colarinho da camisa.

— Olha isso, Vaitere.

Ela ficou paralisada. De repente seu olhar intrigado passava do pingente a Michael e vice-versa. Com o desconcerto refletido em seu rosto, Vaitere esticou o braço e tocou no broche com as mãos trêmulas.

— Não pode ser — sussurrou ela e, aproximando-se mais, perguntou: — Michael, onde você arrumou isso?

— Minha mãe me deu de presente no dia em que me deixou num orfanato em Oahu. Não soube dele até fazer 18 anos, quando então a mãe Daula, que cuidava de mim lá, me entregou uma carta junto com esse broche.

Vaitere disse num fiapo de voz:

— Mas... mas você tem família... seu irmão Sam, suas sobrinhas...

Emocionado, Michael fez que sim com a cabeça.

— Sam não é meu irmão biológico, mas sim de alma e de coração.

Ao ouvir aquilo tudo, Vaitere levou as mãos aos lábios, e seus olhos se encheram de lágrimas. Como era possível? Michael a viu tremendo, mas mesmo assim continuou. Não dava mais para voltar atrás.

— Tem mais algumas coisas. Sou alérgico a nozes e... — virou-se e levantou o cabelo da nuca — tenho essa marca de nascença. Sam comentou comigo que você e sua mãe eram alérgicas a nozes e que, assim como eu, ela também tinha uma marca em forma de borboleta na nuca.

Vaitere não precisou de mais nada para saber a verdade. Abraçando-o com força, ela exclamou:

— Ah, Michael... É você! É você!

Agora quem estava confuso era ele.

— Mamãe teve um filho quando era jovem com um rapaz que ela amava. O nome dele era Haoa. Mas a forçaram a deixar o bebê num orfanato porque nem a família dela nem a dele queriam ajudá-la depois que Haoa morreu. — Michael respirou fundo, emocionado. — Um tempo depois, a mamãe foi obrigada pela família a se casar com meu pai, Kumu.

Michael balançou a cabeça, e Vaitere continuou, sem soltá-lo:

— Meu pai era um homem exigente, mas não era má pessoa. Entre eles nunca houve amor, mas a mamãe sempre faz questão de dizer que dessa união nasceu uma coisa boa: eu. — Os dois sorriram. — Mas acredite em mim, Michael: ela sempre, sempre, sofreu muito por não ter conseguido te encontrar.

Michael respirou com dificuldade até que, tomado pela emoção, desatou a chorar.

— Mamãe nunca te esqueceu, e todo 11 de maio, é seu aniversário, né? — ele confirmou com a cabeça —, ela faz umas orações por você, compra uma orquídea e, depois de beijá-la com amor, joga a flor no mar. Eu sei tudo isso porque há alguns anos, em uma das visitas a Oahu, eu a encontrei numa tarde sentada num banco do porto, chorando. Quando consegui acalmá-la, ela se abriu comigo e me explicou isso tudo que eu acabo de te contar.

Comovido, Michael não conseguia falar. Mal podia acreditar que dessa vez o destino havia trabalhado a seu favor.

— Ela me contou que o Haoa, seu pai, era um nativo bonito e simpático e tinha uma situação melhor que a dela. Mas a família dele não o perdoou por ter se apaixonado por uma moça sem dinheiro nem status, e ele foi deserdado. A única coisa que levou com ele quando saiu da casa do pai dele foi sua dignidade e uma relíquia familiar: o broche que eu e você temos. Seu pai começou a trabalhar com os pescadores da região para tentar garantir o futuro de vocês. — Michael a escutava emocionado. — Foi ele quem fez com que o broche pudesse virar um pingente e, toda vez que ia para o mar, colocava em seu pescoço e no da mamãe. Era a forma dele de dizer que amava vocês e que os levava no coração, e que seu coração dividido em dois ele deixava com vocês. Infelizmente, acabou morrendo no mar, por causa de um temporal, e seu corpo nunca foi encontrado. Você tinha quatro meses, e a mamãe sofreu muito. Chegou a pensar em se suicidar quando a obrigaram a te deixar no orfanato. Mas me contou que não fez isso quando se deu conta de que havia a possibilidade de vocês se reencontrarem algum dia. Logo se casou com meu pai e depois eu nasci. E, no dia em que me casei, a mamãe me deu a outra metade do coração. Assim você tinha uma metade, e eu a outra. Era a forma dela de nos dizer, como antes seu pai fez, que ela nos ama e nos leva em seu coração.

Michael começou a chorar outra vez. Sempre quis saber por que o haviam abandonado, e por fim tinha a explicação. Pegando suas mãos para lhe dar força, Vaitere sussurrou:

— Nós te procuramos durante anos, Michael, mas nunca conseguimos te achar. E, apesar de você já se chamar Michael quando a mamãe te deixou, não sabíamos se seu nome continuava sendo esse.

Retirando o cabelo do rosto, Michael aceitou o lenço que ela lhe ofereceu e, com os olhos inchados de tantas lágrimas, ele desabou:

— Não sei o que dizer. Eu... Eu só...

— Calma, Michael, calma... — Ela o consolou com carinho, abraçando-o.

Quando ele enfim parou de chorar feito uma criança, olhou para a mulher que lhe sorria com ternura.

— Sempre quis encontrar minha família e algumas vezes eu e Sam tentamos mas... não conseguimos. E, de repente, quando minha vontade e minhas esperanças estavam adormecidas, vocês apareceram e tudo começou a tomar

forma. Por isso eu não podia deixar de te visitar no hospital, apesar de eu parecer um chato e inconveniente. Quando vi o broche, segui meu instinto e... Ai, meu Deus... Não posso acreditar!

— Nem eu — disse ela, rindo.

— A propósito, falei com sua médica, Amanda, e pedi um favor a ela. — Ao ver que Vaitere concordava com a cabeça, ele continuou: — Se hoje você não me enxotasse da sua casa depois de ouvir o que eu tinha pra contar, pedi a ela que fizesse uns testes de DNA pra confirmar minha suspeita. Eu não queria alarmar sua mãe com toda essa informação e depois nada disso se revelar verdadeiro.

— Está bem, Michael. Vamos fazer os testes sem dizer nada. Mas quero que você saiba que agora não tenho a menor dúvida de quem você é.

Olhando-se nos olhos como se fosse a primeira vez, os dois sorriram e Vaitere tirou o pingente.

— Vamos verificar uma coisa, está bem? — Ele topou. — Me dá o seu pra gente ver se o coração encaixa.

Michael retirou o seu pingente e o entregou a ela. Com delicadeza, Vaitere juntou aquelas metades e, depois de ajustar os pequenos ganchos, o coração ficou unido numa só peça.

Ela sorriu, e Michael sussurrou emocionado:

— Enfim voltou a ficar como há anos: unido.

Abraçaram-se comovidos, enquanto os soluços faziam seus corpos estremecerem e os dois choravam de felicidade. Uma felicidade que Michael nunca pensou que um dia chegaria a encontrar.

Uma hora depois, quando já estavam mais relaxados e Michael havia tomado quase a cafeteira toda, ele perguntou:

— Como vamos contar pra ela?

— Pra ela quem? — E, assim que entendeu, acrescentou: — Pra mamãe?

Michael tinha medo de pronunciar aquela palavra tão desejada, e respondeu:

— Isso. Pra ela. Como você acha que ela vai reagir à notícia?

Vaitere sorriu e suspirou.

— Ela espera essa notícia há muitos anos. E sabe o que é mais surpreendente? Na primeira vez que te viu no hospital, me disse que seu sorriso a fazia se lembrar de alguém.

Ele gostou de ouvir aquilo, e Waitere chegou mais perto dele e lhe pediu com orgulho:

— Me dá um abraço, irmão. E, quanto à mamãe, não se preocupa. A gente vai pensar na melhor maneira de contar pra ela.

— Eu digo o mesmo, irmã — murmurou, embevecido ao proferir aquela última palavra.

— O que você disse? Não ouvi.

— *Irmã*. Eu disse *irmã* — respondeu ele com um sorriso de orelha a orelha, e os dois se abraçaram de novo.

Naquela noite, quando Michael voltou para casa, esperou as meninas e Serena irem dormir e, emocionado, contou tudo para Sam. Empolgado com a notícia, Sam o abraçou e os dois choraram. Finalmente uma coisa boa. Finalmente! Durante horas conversaram sobre como abordar o assunto, e Sam, num ímpeto de sinceridade, confessou que tinha medo de se sentir deslocado, deixado de lado. Michael o abraçou e esclareceu que nada nem ninguém no mundo os separaria.

## Capítulo 56

Os dias passaram e Terry continuava sem telefonar, nem mesmo de Chicago, então Michael voltou a insistir. Mas não deu em nada. Ela não atendia nem o celular. Por fim ele decidiu deixar mensagens nos dois telefones, pedindo que ela ligasse.

— Isso não pode continuar assim, Terry — repreendeu-a Kate, ao escutar a última mensagem de Michael.

— Então liga você e diz pra ele o que te der na telha.

Kate a olhou aborrecida.

— Você não percebe que ele não entende o que está acontecendo com você? Talvez você o esteja julgando por algo sem fundamento e...

— Escuta aqui, gata...

— Olha lá como fala — disse Kate.

Baixando o tom de voz, Terry continuou:

— Kate, eu nunca te disse como você deve viver sua vida. Então, que tal não se meter na minha? Ah... e, a propósito, vou ligar pra ele quando eu quiser.

Irritada com aquela resposta, Kate se virou e saiu.

— Faz o que você quiser, fofinha — respondeu Kate de má vontade.

Desde que haviam voltado de viagem, as duas não estavam se entendendo nem um pouco. Kate tentava falar com a irmã, mas Terry não permitia. Tinha metido uma ideia na cabeça, e qualquer coisa era motivo para ela gritar descontrolada. Mas, naquele dia, depois de almoçar sozinha no jardim por volta das três da tarde, algo mudou em Terry. Consultou o relógio, pensou bem no que dizer, pegou o telefone e ligou para Michael. Depois de dois toques, alguém atendeu.

— Alô.

— Sam — cumprimentou Terry.

Surpreso ao ouvir a voz dela, Sam brincou enquanto olhava ao redor à procura de Michael:

— Uaaaauuu... Que honra receber uma ligação sua!

— Você como sempre tão engraçadinho... — disse ela e perguntou: — Como estão as coisas por aí?

Ao perceber que ela estava com um humor péssimo, Sam foi logo mudando de tom.

— Sua mãe e as meninas estão meio tristes porque falta pouco pra irem embora. E você, como foi a viagem a Chicago?

— Excelente — respondeu ela e mudou de assunto: — Escuta, eu queria falar com o Michael. Ele está aí?

— Está botando a roupa na Sasha, mas espera um pouquinho que ele já vem.

Com os nervos à flor da pele, Terry ouviu Sam pedindo a Ollie para avisar o tio de que Terry estava na linha.

— E como estão as coisas em Nova York? — perguntou Sam enquanto esperava Michael chegar.

— Bem, como sempre — respondeu Terry.

— A Kate já voltou a trabalhar? — Sam não conseguiu evitar a pergunta.

Terry suspirou. Desde que haviam chegado de Oahu, sua irmã estava triste, e Terry tinha consciência de que não estava sendo uma boa companhia para ela, mas não queria entrar naquele assunto.

— Você sabe como ela é, né? Uma máquina. Trabalha muito, mas tudo bem.

Ele queria perguntar mais coisas, mas, ao ver Michael chegar, despediu-se dela.

— Michael está vindo. Um beijo para as duas.

O coração de Terry começou a bater com força, até que de repente ela escutou:

— Oi, linda. — Ele se esforçou para soar tranquilo. — Te liguei várias vezes.

Num tom cortante, Terry respondeu:

— Eu sei. Estou atolada de trabalho e...

Ao notar algo estranho em sua voz, Michael a interrompeu e perguntou:

— Por que você não me ligou pra me avisar que iria a Chicago? Fiquei preocupado com você.

— E por que eu deveria avisar? — respondeu ela, na defensiva.

— Terry... — bufou ele.

— O quê? Terry o quê, hein?! — gritou.

Seu tom de voz o alarmou e, tentando fazê-la ver que ele havia sentido sua falta, Michael passou a falar de modo mais suave. O que menos queria naquele momento era discutir com ela.

— Amor, estou ficando louco sem você e pensei que...

— Não pense tanto... não pense.

— Posso saber o que está acontecendo? — perguntou ele, agora gritando, e sem reparar que Serena e Sam estavam na cozinha.

— Olha, Michael! — berrou ela, nervosa. — Vamos falar claro e esquecer o que houve entre a gente aí nessas lindas ilhas. Melhor assim, não?

— Como é que é?! — espantou-se ele.

— Exatamente o que você ouviu. — E, sem querer escutar o que ele tinha a dizer, prosseguiu: — Vamos esquecer o que rolou entre a gente.

— Mas por quê? — gritou ele, exausto. — O que deu em você?

— Não grita comigo! — exclamou ela, indignada.

Mas a essa altura Michael já havia perdido as estribeiras e, fechando os olhos, berrou:

— Não gritar com você?! Como é que você pede pra eu não gritar com você quando me diz pra esquecer o que houve entre a gente? Terry, você ficou louca?

— Já falei pra não gritar, senão desligo na sua cara.

Apoiando a testa na parede, ele rosnou furioso:

— Nem pense em me ameaçar com algo tão baixo quanto isso.

— Sou bem crescidinha pra saber o que é baixo ou não, e acho que o primeiro a estar jogando sujo nessa história toda é você — gritou furiosa, enquanto Michael tentava entender. — Você é um mau caráter. Pensei que era especial, mas me enganei. Você é tão vulgar quanto a maioria dos homens que conheci e...

— Terry — sussurrou ele, interrompendo-a. — Terry, escuta, querida.

— Não quero escutar e não quero que você me chame de “querida”. Te odeio. E espero nunca mais te encontrar, porque se isso acontecer eu não sei do que sou capaz.

Terry desligou. Michael estava sem palavras. Botou o fone no gancho enquanto Sam e Serena corriam na direção dele.

— Filho, você está bem? — perguntou Serena, preocupada.

Retirando com raiva o cabelo da cara, ele olhou para ela com uma expressão furiosa.

— Não... não estou bem. Sua filha resolveu me enlouquecer e acho que vai acabar conseguindo.

— Mas o que essa desmiolada fez agora? — perguntou ela.

— Melhor dizermos o que ela *não fez* — replicou Michael, indignado.

— Bom, vamos ver. Fica calmo. O que aconteceu exatamente? — perguntou Sam sem entender nada também.

— Não sei — respondeu Michael, desesperado. — Se ao menos eu soubesse por que ela está tão brava comigo...

Sem esperar um minuto, Michael pegou o telefone, ligou para o aeroporto, depois olhou para seu irmão e Serena.

— Não sei o que aconteceu, mas vou descobrir. Ah, se vou!

Uma hora depois, já estava no aeroporto. E, quando sentou na poltrona do avião, olhou o relógio e pensou que dali a algumas horas chegaria a Nova York para esclarecer tudo aquilo.

Enquanto isso, em Nova York, horas depois, Terry não conseguia dormir. Já era madrugada e, com os olhos inchados de tanto chorar, ela ligou a tevê para ver o que estava passando. Não parava de pensar na discussão que havia tido com Michael. Ao ouvir o barulho da televisão, Kate desceu, entrou na sala às escuras e encontrou sua irmã sentada com um copo de leite nas mãos.

— Não está conseguindo dormir?

— Não.

— Terry, quer conversar?

— Não.

— Para com isso, não seja tão babaca, porra — reclamou Kate.

Boquiaberta, Terry olhou fixamente para sua educada irmã.

— Desde quando você fala palavrão?

Ao ver que havia conseguido a atenção da irmã, Kate aproveitou e disse:

— Desde que tenho uma irmã idiota.

Terry revirou os olhos num gesto de contrariedade e se esparramou no sofá.

— Kate, não estou com vontade de falar. Agora não.

— Agora não. Antes também não — comentou Kate. — Tudo bem, fofinha, quando quiser falar, já sabe onde me encontrar.

Após um silêncio, Kate perguntou:

— O que você está assistindo?

— *Titanic* — respondeu Terry, sabendo o que a irmã ia dizer.

Com cara divertida, Kate falou:

— Ué, um filme de amor? Desde quando você gosta desse tipo de filme? — E, fazendo Terry sorrir, observou: — Que eu saiba, você chama esses filmes de

breguices água com açúcar que não têm nada a ver com a vida real.

— Não enche, Kate. E fique quieta. Está começando.

Kate sentou ao seu lado.

— Chega um pouco pra lá. Me dá um espacinho. Quero ver esse filme de novo. Só pelo gato do Leonardo DiCaprio já vale a pena.

Quinze minutos depois, as duas mergulharam no filme e pegaram lenços de papel para enxugar as lágrimas que não paravam de brotar. O filme terminou por volta das cinco da manhã e, justo quando pensavam em voltar para seus respectivos quartos, a campainha da casa tocou.

— Quem será a essa hora? — perguntou Kate, espantada.

— Não abre — ordenou Terry, pegando uma lanterna. — Primeiro vamos conferir pelo olho mágico.

— Calma, não sou tão corajosa de abrir a porta a essa hora sem saber quem é. — E, ao checar pelo olho mágico e descobrir quem estava ali, exclamou surpresa: — É o Michael!

Terry entrou em pânico imediatamente. Michael? Que diabos ele estava fazendo lá?

— Não abra!

A campainha tocou de novo e ecoou pela casa.

— Mas você está doida — cochichou Kate. — Como é que não vou abrir?

— Ai, meu Deus... Meu Deeeus — disse Terry, levando as mãos à cabeça.

— Hummm, você chegou a falar com ele?

— Sim. E disse pra esquecer nossa história e...

A campainha voltou a tocar, dessa vez com mais insistência, e finalmente Terry acabou cedendo, ao se dar conta do quanto aquela situação era ridícula. Sabia que Kate estava certa.

— Ok, vai, abre logo essa droga de porta.

Quando Kate a abriu, Michael cravou em Terry seus olhos escuros e furiosos.

— Michael, o que você está fazendo aqui? — perguntou Kate.

Mas ele só tinha olhos para Terry e respondeu com expressão cansada:

— Oi, Kate. Vim falar com sua irmã.

Kate poucas vezes em sua vida havia escutado Michael falar naquele tom de voz. E, sabendo que não deveria permanecer no meio dos dois, disse enquanto subia a escada rumo a seu quarto:

— Bem, crianças, vou estar lá em cima. Se precisarem de algo, é só chamar.

Em silêncio e sem encostarem um no outro, Michael e Terry se encaminharam para a sala e fecharam a porta atrás de si.

— Por que você veio? — perguntou ela, afastando-se dele outra vez.

Ele não conseguia parar de olhar para ela. Desejava abraçá-la e beijá-la. Precisava dela. Mas, sem se deixar amedrontar pelo olhar duro que Terry lhe dirigia, foi direto ao ponto:

— Preciso de uma explicação.

Ela nem abriu a boca para responder, e Michael insistiu, cada vez mais enfurecido pelo silêncio dela.

— O que houve? Eu achava que o que rolou entre a gente era algo especial e poderia durar. Pensei ter me encontrado com a Terry que eu sempre quis encontrar, mas pelo visto, quando você voltou pra cá, tudo o que aconteceu entre a gente caiu no esquecimento.

— Algo especial? — repetiu ela com sarcasmo. — Do que você está falando?

— Terry, querida, o que houve com você? — perguntou, aproximando-se dela. Seu perfume e sua presença começavam a embriagá-lo.

Ela se afastou e rapidamente o censurou:

— Nunca mais me chame de “querida”.

Desesperado pela dureza do olhar dela, Michael ergueu as mãos para o céu e gritou:

— Será que alguém pode me explicar o que aconteceu?! Você não percebe que eu não estou entendendo seu comportamento e sua indiferença? Só quero que você me diga o que foi que aconteceu.

— Muito bem — concordou ela. — Digamos que eu me dei conta de como você é mentiroso, desprezível e mau-caráter. E como estava ansioso para que eu fosse logo embora da sua ilhazinha.

— Como assim?! O que foi que eu fiz?

Mas Terry era incapaz de controlar a enxurrada de emoções que a dominavam.

— Seu desgraçado! Por que foi ficar com ela logo no aeroporto? Por quê, hein? Não podia pelo menos esperar que meu avião decolasse?

Michael estava cada vez mais confuso.

— Mas do que é que você está falando? — perguntou ele, franzindo a testa.

Fora de si, e com muita raiva na voz e no olhar, Terry gritou:

— Eu vi vocês, Michael. Eu vi! Vi você e aquela loura, ou melhor, a *doutora Amanda*. Vi vocês dois rindo nas minhas costas e também vi vocês indo embora de moto. Como era mesmo aquilo que você tinha dito? — falou Terry com ironia e, imitando-o, acrescentou: — Ah, sim: “Querida, posso garantir que nenhuma bundinha gostosa a não ser a sua vai subir nela”. Mentiroso! Você é um mentiroso patético, pra não dizer algo pior.

De repente Michael entendeu tudo. Terry o havia visto com Amanda no aeroporto. Mas como? Ele respirou fundo e tentou falar:

— Querida, me ouve. Posso explicar tudo.

— Para de me chamar de “querida”! — berrou ela.

— Mas...

— Não quero que você me explique nada. Não quero ouvir suas desculpas — disse ela. — E, agora que você já sabe o porquê de tudo, eu agradeceria se você saísse da minha casa.

— Não pretendo sair sem que você me escute, ô cabeça-dura.

— Não pretendo te escutar. Quero que você dê o fora daqui. Fora! Fora da minha casa!

— Terry, eu e a Amanda nos encontramos por acaso — tentou explicar ele.  
— Por favor, me ouve e acredita em mim. Não destrói o que existe entre a gente. Pensa, por favor... pensa.

Mas ela estava histérica e, levantando o fone do gancho, ameaçou:

— Vou chamar a polícia se você não sair da minha casa.

— Deixa de ser boba — gritou, indignado. — Por que você não quer me ouvir?

— Já te ouvi uma vez e é por sua culpa que estou desse jeito agora. Dá o fora e some da minha vida — gritou, prestes a chorar. — E estou avisando pela última vez: sai da minha casa ou eu chamo a polícia.

Ao ver que Terry estava fora de si, Michael resolveu se calar. Com raiva, deu as costas a ela e abriu a porta da sala. Mas, quando chegou à porta principal da casa, sentiu que não conseguiria ir embora sem dizer mais nada, então deu meia-volta para olhá-la e falou:

— Por que você está fazendo isso? O que havia entre a gente era verdadeiro.

— Ah, sim... não duvido — debochou ela, furiosa.

Sofrendo com a indiferença de Terry, ele murmurou, abrindo a porta:

— Você é uma covarde. No primeiro mal-entendido entre a gente você já resolve acabar com tudo pra voltar ao seu mundinho. Muito bem, Terry... muito bem.

— Com o tempo você vai me agradecer — respondeu ela, com frieza.

— Tá bom — disse ele, dando-se por vencido. — Estou indo, então.

Arrasada pela dor, Terry fez que sim com a cabeça.

— Adeus.

Michael saiu da casa, mas, antes de fechar a porta, olhou para Terry pela última vez.

— Já reparou que a gente passa a vida toda se despedindo um do outro?

Conseguindo reprimir o choro, Terry concordou e disse:

— Alguma vez teria que ser a última.

— Tá legal, Terry. Adeus — falou Michael, sem vontade de dizer mais nada.

O ruído brusco da porta ao se fechar fez Terry desabar no chão, mergulhada num choro inconsolável. Uma parte dela queria correr atrás dele, mas seu orgulho a impedia. Kate desceu as escadas às pressas e, levantando a irmã, levou-a até o sofá e a abraçou. A dor que Terry sentia naquele momento era igual à dela própria. Sabia muito bem contra quem Terry estava lutando: contra seu coração.

Michael voltou ao aeroporto para pegar o primeiro voo para Honolulu. Uma vez no avião, fechou os olhos e, arrasado, pensou em como Terry o havia expulsado de sua vida.

No dia seguinte em Oahu...

— Estou com fome. Onde a gente vai jantar? — perguntou Cat.

— Eu queria ir no bar do Dick e da Samantha — sugeriu Ollie. — Assim a gente aproveita e se despede deles.

Sam, que escutava a conversa enquanto penteava Sasha, concordou.

— Onde vocês quiserem, meninas. Vocês decidem.

Com Tommy nos braços, Serena comentou depois de dar um beijo no rostinho do garoto:

— Como o tempo passa rápido... A gente chegou outro dia mesmo, e já está na hora de voltar.

— Vó, a gente está aqui há 34 dias — observou Cat. E, olhando para seu pai, admitiu: — E eu adoraria ficar mais.

Saber que suas filhas e Serena tinham aproveitado aquele último mês deixou Sam emocionado. E, terminando de fazer o rabo de cavalo na pequena Sasha, ele disse:

— Quando vocês quiserem voltar, e isso também vale pra você, Serena — sorriu —, é só me avisar e eu vou correndo buscar vocês no aeroporto.

De repente, e para a surpresa de todos, a porta da rua foi aberta e uma voz perguntou:

— Quem falou em aeroporto?

— Tio Michael! — gritaram as meninas ao vê-lo. — O que você está fazendo aqui?

Ele deu de ombros, soltou a pequena mala que carregava e foi até a cozinha. Precisava de um café. As meninas queriam ir atrás dele, mas Sam as deteve. Serena, deixando o pequeno Tommy no chão, seguiu Michael. Sam a acompanhou.

— Garotão, pelo amor de Deus — sussurrou a mulher, angustiada ao ver sua cara abatida. — O que você está fazendo aqui? Pensei que você estava com a Terry em Nova York.

— Serena — disse ele, olhando-a nos olhos —, minha viagem não foi exatamente como eu esperava. E, sobre a sua querida filha, eu agradeceria se você não mencionasse mais o nome dela na minha presença.

— Sinto muito, filho... sinto muito. — Foi a única coisa que ela conseguiu dizer, assustada.

Depois saiu da cozinha e com expressão séria se dirigiu às suas netas, que a olhavam confusas.

— Meninas, vamos lá pra fora.

Sem contestar, todas saíram e levaram Sasha e Tommy. Quando Sam viu que ele e o irmão estavam a sós dentro da casa, aproximou-se de Michael, que esquentava um café no micro-ondas, e perguntou, pousando a mão em seu ombro:

— Você está bem, irmão?

— Estou tentando — respondeu ele com um sorriso triste.

Quando o micro-ondas apitou, Michael retirou o café e, abrindo a porta dos fundos da cozinha, saiu da casa. Sentou-se no balanço e Sam o acompanhou. Sem que o irmão perguntasse, Michael foi logo explicando o que aconteceu.

— A médica? — perguntou Sam, arqueando uma sobrancelha.

— A própria — confirmou Michael. — Esbarrei com ela no aeroporto e ofereci carona até o hospital. Precisava falar com ela sobre os testes de DNA. Mas te juro, Sam, que não rolou absolutamente nada entre a gente.

— Eu sei. Não precisa jurar. Eu te conheço e sei o que você sente pela Terry. Michael fechou os olhos ao ouvir o nome dela, e Sam falou:

— O que a Terry está tendo é uma crise de ciúmes.

Michael concordou.

— Foi o que pensei a princípio, mas você precisava ter visto ela. Me xingou de tudo quanto é nome e gritou que não queria saber mais de mim. E até ameaçou ligar pra polícia se eu não saísse da casa dela. Dá pra acreditar?

Sam suspirou e, passando a mão pelo cabelo, perguntou:

— E o que você vai fazer?

Aquela pergunta havia passado mil vezes pela cabeça de Michael. O que fazer? Deveria lutar pelo que queria? Mas, depois de um breve silêncio em que ele ficou apenas contemplando o mar, acabou respondendo:

— Absolutamente nada. Não estou disposto a ser humilhado de novo.

Ao escutar a barulhada que seus filhos faziam não muito longe dali, Sam se levantou e, olhando para Michael, falou:

— Descansa um pouco. Vou levar as meninas pra jantar fora. Depois, se você quiser, podemos continuar a conversa quando eu voltar.

— Ok — disse Michael.

Dez minutos depois, seu celular apitou. Havia recebido uma mensagem. Era de Amanda: “Os testes deram positivo. Parabéns!”

Emocionado, Michael sorriu com a notícia. Apesar de tudo, a vida era bela.

## Capítulo 57

Dois dias depois, estavam todos novamente no aeroporto de Honolulu, muito tristes com a partida. Incapaz de conter o choro, Sasha dava grandes suspiros, acompanhados de enormes quantidades de lágrimas e baba. Quando chegou o momento de se separarem, beijaram-se com muita ternura. Serena agasalhou as netas e as conduziu ao portão de embarque 3, enquanto Sam, Michael, Sasha e Tommy se encaminhavam abatidos até o carro, com o qual voltariam para casa e para suas vidas.

Naquela noite, quando as crianças por fim adormeceram, os dois homens se reuniram no balanço dos fundos da casa, como tantas outras vezes, para tomar umas cervejas bem geladas.

— Que tranquilidade — comentou Michael, olhando para o mar.

Sam sorriu ao pensar em suas filhas alegres e ruidosas.

— Pois é. Muita. E depois de tantos dias com a casa cheia de gente... ainda mais.

Michael também abriu um sorriso ao pensar nelas.

— Elas vão voltar. Com certeza. Só precisamos ter paciência.

— É, eu sei que elas vão vir muitas vezes. Mas acho que nunca vou me acostumar com as despedidas e menos ainda com viver sem elas por perto.

Michael olhou com carinho para o irmão, colocou a mão em seu ombro em sinal de apoio e disse:

— Lembro que uma vez você me disse que eu deveria recordar sempre os bons momentos e que isso atrairia tempos ainda melhores.

— Tomara que cheguem logo esses tempos.

Deu um gole na cerveja, e Sam, ao vê-lo contemplar a praia com olhar nostálgico, não pôde deixar de perguntar:

— Você voltou a conversar com Terry?

— Não. Como eu te disse, a iniciativa de ligar não vai ser minha. — E, fazendo-o sorrir, admitiu: — É claro que tenho vontade de fazer isso o tempo todo, mas estou me segurando.

— Por quê? Liga pra ela, ué. Não fica reprimindo a vontade.

— Nem pensar — reagiu Michael. — A Terry é a única pessoa capaz de me irritar em questão de segundos e...

— Você acha que pode levar sua vida adiante com isso mal-resolvido?

— Vou tentar — disse ele. — Pra mim estava muito claro o que eu queria dela e por isso fui a Nova York em busca de explicações. Mas ali encontrei uma mulher que não queria estar comigo. Portanto... fim da história!

— Sinto muito. Sei que você está sofrendo com tudo isso, mas já sabe que estou aqui para o que precisar, né?

— Sim, eu sei disso — respondeu Michael, sorrindo. — E se você quiser falar sobre a Kate, já sabe...

— Melhor deixarmos isso de lado — interrompeu-o depressa e, mudando de assunto, perguntou: — Quando você e Vaitere vão contar a verdade pra Thalia? Já está tudo confirmado, não?

O semblante de Michael mudou quando ele ouviu aqueles nomes.

— No sábado. E preciso que você, meu irmão, esteja lá comigo.

Emocionado, Sam concordou.

— Não perderia isso por nada no mundo. Vou estar do seu lado.

Minutos depois, quando os dois terminaram suas cervejas, Michael se levantou.

— Bom... vou dormir. Estou cansado. Até amanhã, Sam.

— Até amanhã.

Como não estava com muito sono, Sam foi até a sala e, ao ver seu notebook, decidiu checar seus e-mails. O Skype o avisou de que sua amiga

Lana estava conectada, e ele decidiu cumprimentá-la.

**TALABUKI> Oi, madrugadora.**

**LANA> O que você faz acordado a essa hora?**

**TALABUKI> Estou sem sono. Como foram suas férias?**

**LANA> Inesquecíveis.**

**TALABUKI> Pra onde você foi, afinal?**

**LANA> Para o Arizona com minhas filhas e uns amigos. E as suas, como foram?**

**TALABUKI> Ótimas.**

Sam voltou a abrir seu coração à amiga Lana, sem saber que aquela era justamente a mulher de quem ele sentia tanta saudade.

## Capítulo 58

Dia após dia a normalidade começou a se instalar novamente em suas vidas. No sábado, o grande dia, segundo Michael, depois de deixar Honey cuidando das crianças, ele e Sam chegaram à casa de Vaitere por volta das oito da noite. Pegaram as três de carro e as levaram para jantar num restaurante muito bonito. Era aniversário de Thais.

— Que lugar mais lindo — comentou Thalia, toda feliz. Por sua origem humilde, ela não estava acostumada com tanto luxo.

— Que incrível mesmo! — concordou Thais, junto a seu amigo Makay.

Michael e Sam sorriram e trocaram um olhar com Vaitere.

— Obrigada por nos trazerem num lugar tão maravilhoso — disse ela, por sua vez.

Uma hora depois, todos riam e se divertiam enquanto uma banda de músicos locais tocava para animar o ambiente. E, quando a sobremesa foi servida, começaram a entregar os presentes a Thais.

— Que pulseira linda! — gritou, ao abrir um pacotinho.

Sam sorriu. Suas filhas haviam comprado umas iguais àquela, e ele imaginou que Thais também iria gostar. Emocionada, ela se levantou e lhe agradeceu com um beijo.

— Obrigada, Sam. É muito bonita.

— Fico feliz que você tenha gostado, querida.

Vaitere e Thalia olhavam comovidas para a adolescente. Nunca havia tido um aniversário como esse!

— Toma, agora abre o meu — Michael lhe entregou outro pacote.

Ao rasgar o papel, a jovem exclamou:

— Um mp5! Valeu! Eu estava louca por um!

— Eu já sabia. Um passarinho me contou — disse ele, rindo, e também recebeu um beijo dela.

De novo, outro presente. Dessa vez de Makay. Um bonito e delicado colar de conchas.

— Uau! É liiiiiiiiiindo. Valeu! — Ela lhe deu um beijo no rosto, e o garoto ficou vermelho como um tomate.

Feliz por ver sua filha tendo finalmente um aniversário alegre, Vaitere lhe entregou uma caixinha.

— Querida, esse é o meu presente e da vovó.

Ao abrir a caixinha e ver que era uma chave, gritou:

— É do que eu estou pensando?!

A avó deu de ombros.

— Acho que sim. Mas está te esperando em casa.

A moça olhou para seu amigo Makay e, boquiaberta, perguntou à mãe:

— É sério que vocês compraram uma *scooter* pra mim?

— Claro, meu amor — afirmou Vaitere. — Você merece por ser uma filha tão boa e uma neta exemplar também. Assim você vai ter autonomia pra poder circular sem precisar pegar ônibus. Mas precisa me prometer que vai tomar muito cuidado.

— Eu prometo, mãe — disse Thais, emocionada, enquanto beijava as duas.  
— Obrigada, mãe. Obrigada, vó — acrescentou ela e logo perguntou: — É de que cor?

— Amarela e cinza. O Michael e o Sam nos acompanharam quando fomos comprar. Eles entendem mais dessas máquinas do que a gente.

— É muito maneira. Você vai adorar — comentou Michael, piscando um olho para ela.

Sem conseguir esperar mais um segundo, Thais perguntou:

— Mãe, posso ir lá ver? Eu e o Makay já terminamos de jantar.

— Agora? — espantou-se a avó. — Espera um pouco, querida. Já, já você vai vê-la.

Mas Waitere entendia a ansiedade da menina e, movendo a cabeça, falou:

— Anda, pode ir... Mas toma cuidado quando for estreá-la.

Dois minutos mais tarde, depois de se despedir de todo mundo com beijos, Thais subia na moto de Makay e juntos eles partiam em busca do grande presente.

— Dá gosto ver a Thais tão feliz. Ela merece isso e muito mais — disse Waitere, emocionada.

Michael e Waitere se olharam. Ela respirou fundo e pegou a mão de Thalia.

— Ainda tem um presente, e dessa vez é pra você, mãe.

A mulher olhou surpresa para sua filha.

— Pra mim? Mas nem é meu aniversário.

Michael tirou do bolso um embrulhinho azul. Entregou a ela e, tomado pela emoção, sussurrou:

— Espero que você goste.

Comovida com aquele gesto, Thalia desembalhou o pacote em meio a risadas nervosas.

— O que é isso, meninos? Me deem uma pista.

— Mãe, é uma coisa que você estava procurando havia tempos — respondeu Waitere.

Quando a mulher conseguiu abrir a caixinha e levantar o delicado pano de seda que o cobria, seu sorriso se congelou, a respiração ficou em suspenso e seus olhos se encheram de lágrimas. Sem saber realmente o que aquilo queria dizer, virou-se para sua filha, que, com os olhos também lacrimejantes, balançou a cabeça num gesto afirmativo. Ali, diante dela, estava o broche unido num só coração, exatamente igual à primeira vez que o viu. Dominada

pela emoção e com as mãos trêmulas, Thalia não conseguia dizer nada. E Michael, que estava à sua direita, pegou sua mão e a beijou. De repente caiu a ficha. A mulher entendeu tudo e caiu em prantos, enquanto o abraçava com sofreguidão.

Vaitere, emocionada por presenciar aquele momento tão esperado por sua mãe, e Sam, que de início tentou se manter firme, também começaram a chorar. Desconcertada, impressionada e comovida, Thalia se afastou de Michael por uns centímetros e, acariciando o rosto dele, perguntou:

— É você, meu amor? Meu filho, é você?

Tentando controlar a emoção, Michael fez que sim com a cabeça. Olhou para Sam, que sorria, e pela primeira vez em sua vida pôde dizer:

— Sim, mãe, sou eu.

Thalia o abraçou de novo e chorou, mas dessa vez de felicidade. O destino havia sido bom com ela. E, olhando para o céu, ela sorriu.

— Mãe, ele encontrou a gente. Tantos anos procurando e no final foi o Michael que nos achou.

Sem conseguir afastar os olhos de seu amado filho, a mulher perguntou:

— Como você conseguiu, querido?

— Foi graças ao pingente — murmurou enquanto Sam tocava em seu ombro para lhe dar força.

Thalia estava radiante de felicidade e, passando a mão por seu cabelo escuro, disse:

— E esse sorriso... você tem o mesmo sorriso que o Haoa, seu pai. — E, virando-se para sua filha, perguntou: — Lembra que eu te disse que o sorriso do Michael me lembrava alguém?

— Sim, mãe. Eu lembro, sim — respondeu Vaitere.

Eufórica de tanta alegria, Thalia voltou a olhar para o céu.

— Obrigada, meu Deus — sussurrou, fechando os olhos. — Obrigada por ouvir minhas preces e me dar a oportunidade de conhecer meu filho.

Emocionado, Sam balançava a cabeça num sinal de aprovação.

— Somos dois chorões, irmão. — Ele brincou, olhando para Michael.

Eles riam ao mesmo tempo quando Thalia perguntou:

— Vocês foram adotados pela mesma família?

Michael pousou o braço em torno dos ombros do irmão.

— Não, mas nós mesmos criamos nossa própria família. Sam é meu irmão. O melhor! Crescemos juntos no abrigo da mãe Daula e, por mais que não sejamos irmãos biológicos, somos de coração, alma e espírito. — Sam concordou. — Ele sempre me acompanhou. Cuidou de mim quando eu fiquei doente, me deu apoio e esteve presente em todos os Natais e aniversários desde que me entendo por gente.

— Você também cuidou de mim e me deu apoio — disse Sam, sorrindo ao escutar as palavras do irmão.

Michael lhe deu um beijo no rosto e prosseguiu, diante da emoção das mulheres:

— Sam é minha família. Graças a ele eu construí minha vida e me tornei uma pessoa útil. Graças a ele tenho sobrinhos que adoro e que me adoram. — E, com os olhos encharcados de lágrimas, sussurrou: — Sam... isso foi e sempre vai ser tudo pra mim e sei que nada nem ninguém vai nos separar nunca, porque nem eu nem você vamos permitir.

— Somos uns chorões, mas Michael é meu irmão.

— Claro, nunca duvide disso — disse Michael, abraçando-o.

Comovida por tudo o que estava acontecendo e pelas palavras que seu filho acabava de dizer, Thalia se levantou e aproximou-se de Sam, que buscara se manter um pouco à margem daquele momento de intimidade. Olhando para ele, disse:

— Dou graças a Deus, então, por ter recuperado meus dois filhos. — E, abraçando-o como fizera minutos antes com Michael, aconchegou-o junto ao peito para que ele sentisse seu calor e amor de mãe.

Aquela noite foi especial para todos eles. Vaitere havia encontrado dois irmãos que gostavam dela e a respeitavam. Michael encontrou a mãe e a irmã e ao mesmo tempo teve a certeza de que nunca perderia Sam. E Thalia pôde enfim abraçar e conhecer seu filho tão procurado, e a vida lhe deu a alegria de presenteá-la com mais um filho. E Sam havia encontrado mais uma vez, junto com Michael, uma família.

## Capítulo 59

Os meses passaram e durante aquele tempo Michael, Sam e Thalia tiveram longas conversas enquanto passeavam à tarde pela praia. Desde o primeiro minuto, Sam foi aceito como mais um filho. Algo que fazia muito bem tanto a ele quanto a Michael.

Sasha e Tommy logo se acostumaram com o carinho daquelas mulheres que adoravam fazer a vontade deles. E, como já era de se esperar em Sasha, ela foi logo instituindo uma nova avó para ela e Tommy, mas fez questão de deixar claro para aquela nova avó que ela ainda tinha mais duas netas: Cat e Ollie.

Thalia não cabia em si de tanta alegria. Ter finalmente reencontrado seu filho era a melhor coisa que lhe havia acontecido. Ele era carinhoso, atencioso e sempre sorridente, e fazia Thalia se lembrar de seu primeiro e grande amor, o pai de Michael.

Ver como aqueles dois homens cuidavam delas três e das duas crianças era algo maravilhoso para ela, embora de vez em quando Thalia notasse uma pontinha de tristeza nos olhos deles. E uma tarde, depois de falar com Vaitere sobre aquilo, entristeceu-se ao conhecer a verdade. Sabia que os assuntos do coração podiam ser muito dolorosos e ninguém, com exceção dos envolvidos, podia fazer nada para curar essa dor.

A alegria de Michael desaparecia toda vez que ele pensava em Terry. Não conseguia esquecê-la. Precisava dela, e toda noite, antes de dormir, relembrava os dias felizes que tinham passado juntos.

Não voltara a falar com ela, mas sabia que estava bem. Sempre que falava com as meninas, Sam o deixava a par de tudo depois, quisesse ele ou não.

No dia 15 de novembro, Vaitere começou a trabalhar no escritório junto com Sam e Michael. No início foi difícil, mas ela logo demonstrou suas qualidades.

O Natal chegou. Era o primeiro que passavam separados. Em Nova York fazia um frio terrível, e as nevascas eram frequentes.

— Que inveja, pai — suspirou Ollie ao telefone. — Quer dizer que vocês estão na praia agora?

— Sim, querida. No Havaí só há duas estações. De maio a outubro é verão, e de fim de outubro a abril é inverno. Se bem que, claro, o inverno daqui não é como o de Nova York. — E, ao ouvi-la bufar, continuou: — Querida, o bom de viver nas ilhas é que as mudanças de temperatura não são tão bruscas como em outras partes do mundo.

Durante um bom tempo conversaram sobre como seria o Natal, até que Ollie confessou:

— Papai, nós vamos sentir muito a sua falta e a do tio. É o primeiro Natal em que a gente não vai estar junto e...

Sam entendia os sentimentos dela, mas, tentando soar positivo, disse:

— Nós também vamos sentir muito a falta de vocês. Mas eu e o tio vamos ficar felizes em saber que vocês tiveram um bom Natal, combinado?

— Com quem você vai passar a última noite do ano? — perguntou Ollie com curiosidade.

— Você se lembra da Thais, a amiga do Makay, filho do Dick e da Samantha?

— Lembro.

Em Nova York ninguém sabia da novidade. Ele e Michael tinham decidido contar tudo, mas só quando elas voltassem.

— Vamos jantar com eles. Fomos convidados pela Vaitere, mãe da Thais, e pela avó para estarmos todos juntos.

Ao escutar isso, Ollie perguntou:

— A mãe da Thais acabou indo trabalhar com vocês?

— Sim, princesa. É uma mulher encantadora e uma ótima secretária. Você vai adorar conhecê-la.

Ollie não gostou de ouvir isso. Não queria que seu pai olhasse para outra mulher, mas resolveu não dizer nada e apenas deixá-lo falar.

— Agora estamos com bastante trabalho, e a ajuda dela caiu como uma luva. — Ao ver que sua filha não dizia nada, mudou de assunto e perguntou: — Como estão as coisas por aí?

— Bem. A vovó como sempre fica tentando resolver a vida dos outros. A mamãe está trabalhando à beça, e a Cat está com a tia no cabeleireiro. Queria mudar o visual.

— Aliás, como está sua tia?

— Bom, não sei direito... — disse Ollie e suspirou. — Desde aquela história com o tio, ela não é mais a mesma e proibiu a gente de tocar no nome dele. E ele, como está?

— Depende do dia — respondeu Sam com sinceridade. — Mas com o trabalho, o surfe e os amigos, pouco a pouco está voltando a ser o mesmo. Mas, sinceramente, querida, sua tia o deixou bem mexido.

— Que pena que a história deles não acabou bem. Isso me dá muita raiva porque eu sei que os dois se amam e...

Sam a repreendeu:

— Ollie, não fala assim. Você não sabe de nada.

— Pai, idiota eu não sou — defendeu-se. — E sei quando duas pessoas se amam. E eles se amavam, sim. Só de ver como eles se olhavam, já dava pra sacar e... Ai, que raiva!

— Nossa, querida, você está me surpreendendo — reagiu Sam num tom divertido, ao comprovar como a filha tinha amadurecido.

Nesse momento Ollie tomou coragem e falou:

— Eu poderia te surpreender com muitas outras coisas, dizendo por exemplo que a mamãe está morrendo de saudades de você. — Sam engasgou, mas sua filha continuou: — E não preciso que ela me fale, porque eu posso ver, pai. Já sou crescidinha o suficiente pra perceber muitas coisas. E você não escapa também. Sei que você continua amando a mamãe. Mas não consigo entender por que estranha razão vocês não estão juntos se os dois sabem que foram feitos um para o outro.

— Ollie, princesa, a vida não é tão fácil quanto você imagina.

— Também não acho que seja tão difícil assim, mas vocês se esforcem pra complicar tudo.

Aquela conversa começava a incomodar Sam.

— Bom, querida, vamos deixar esse assunto de lado, certo? — E foi logo acrescentando: — Ainda estou esperando você me mandar algumas fotos das

férias.

Ollie se deu por vencida. Seu pai e tio eram muito teimosos.

— Quer que eu mande por e-mail?

Sam estava louco para ver aquelas fotos.

— Claro, seria ótimo. Me manda assim que puder.

— Tenho elas num pen drive. Daqui a uma hora eu te passo algumas.

— Tá bom. Vou aguardar ansiosamente — respondeu num tom divertido.

— Até mais, princesa.

— Até mais, papai.

Depois de desligar o telefone, Ollie viu sua avó passar pela cozinha. A porta estava entreaberta, e ela entrou.

— Oi, vó. O que você está fazendo?

— Estou esperando sua mãe. Ela me disse que voltaria logo e iríamos juntas dar os pêsames à minha amiga Verônica. O marido dela, Harry, morreu hoje de manhã.

— Coitada da Verônica — sussurrou Ollie. — Manda um beijo meu pra ela.

Nesse momento Kate entrou acelerada na cozinha.

— Oi, mãe. Oi, querida. Desculpa o atraso, mas peguei um trânsito infernal. Vou subir, deixar minhas coisas lá em cima, trocar de roupa, e em dois minutos te encontro aqui embaixo.

Sem lhe dar tempo de responder, saiu da cozinha e correu para seu quarto.

— Com quem você estava falando no telefone? — perguntou Serena, voltando-se para sua neta.

— Com o papai. Ele mandou um beijo.

Serena sorriu.

— Eu ia ter gostado de falar com ele. Da próxima vez, me avisa para eu dar um oi. Como estão todos?

— Vão levando... — Deu de ombros e cochichou: — Sei que não estão bem, vó, mas são uns cabeças-duras.

Sem necessidade de perguntar nada, a mulher respondeu:

— Estamos cercadas de cabeças-duras, filha. Sua mãe e sua tia também são assim.

As duas ouviram Kate descer depressa pela escada e em seguida aparecer na cozinha, murmurando ofegante:

— Já estou aqui, mãe. A gente pode ir. — Ela deu um beijo em Ollie e disse: — Coitada da Verônica e coitado do Harry. Quando você me ligou, eu mal pude acreditar no que aconteceu.

— É a vida, filha — retrucou Serena, suspirando. — Por isso eu sempre digo que vocês têm que aproveitar e viver, porque a qualquer momento tudo se acaba e não dá pra voltar atrás.

Kate moveu a cabeça, concordando, e, depois de se despedirem de Ollie, as duas saíram.

Quando Ollie ficou sozinha em casa, subiu até seu quarto para estudar. Após uma hora, lembrou-se de que combinara de mandar as fotos ao pai. Olhou o relógio e bufou. O coitado devia estar esperando. Ligou o computador, mas inexplicavelmente ele desligou sozinho alguns segundos depois. Tentou ligar outra vez, mas o resultado foi o mesmo. Fez novas tentativas e nada. Acabou desistindo.

— Que droga! — exclamou. — E o papai lá esperando as fotos...

De repente lembrou que sua mãe guardava o notebook na pasta dela, embora sempre repetisse que o computador dela era para seu trabalho e que só podia ser usado em caso de emergência.

— Isso, mãe, é um caso de emergência — sussurrou Ollie.

Andou até o quarto da mãe e, assim que abriu a porta, sentiu o cheiro de *Paris*, o perfume que Kate usava. Olhou-se no espelho da penteadeira, ajeitou o cabelo, depois pegou a pasta e levou até seu quarto. Sua mãe nem perceberia. Ollie mandaria as fotos, apagaria as provas e colocaria a pasta de volta no lugar. Com cuidado, colocou o notebook em cima de sua escrivaninha, abriu-o e ligou. Sabia a senha da mãe. Era sempre a mesma. Colocou um pen drive na entrada USB e começou a escolher as fotos. Enquanto visualizava as imagens, apareceu na parte inferior, à direita, um quadrado azul que dizia “Boa tarde, amiga”.

Ollie se surpreendeu. Não sabia que sua mãe ficava de papo na internet e menos ainda que tivesse instalado o Skype. Mas sua surpresa foi ainda maior

quando leu o nome da pessoa que a cumprimentava, *Talabuki*. Como podia ser? Só conhecia um Talabuki e era justamente o pai. A tela voltou a piscar e uma nova mensagem surgiu. “Oi, está falando com alguém?” Cada vez mais desconcertada, Ollie decidiu responder.

**LANA> Oi.**

**TALABUKI> Tudo bem? Dia enrolado no trabalho?**

Ollie olhava alucinada para a tela ao ver que seu usuário era Lana. Lana? Sua mãe era Lana? E, sem conseguir evitar, perguntou:

**LANA> Pai?**

**TALABUKI> Pai? Como assim?**

Confuso, Sam franziu as sobrancelhas. Por que sua amiga Lana o estava chamando de pai?

**TALABUKI> Imagino que você seja uma das filhas da Lana. Eu sou um amigo da sua mãe.**

Com as mãos trêmulas, Ollie escreveu:

**LANA> Sim, sou filha dela. E você, quem é?**

**TALABUKI> Sam, um amigo.**

Ollie deu um gritinho e escreveu:

**LANA> Pai?!**

**TALABUKI> Pai?**

**LANA> Aqui é a Ollie, pai. Não estou entendendo nada.**

**TALABUKI> Ollie?**

Sam ficou petrificado. Como podia ser ela?

**LANA> Pai, esse é o computador da mamãe.**

Ao ler aquilo, Sam sentiu suas mãos tremerem e o coração bater mais rápido.

**TALABUKI> Como assim?**

**LANA> Isso mesmo, pai. Esse é o computador dela.**

**TALABUKI> Desliga que eu vou te ligar.**

Sem desligar o notebook, Ollie desceu as escadas ao escutar o toque do telefone. Assim que chegou à sala, jogou-se no aparelho para atender.

— Ollie?

— Papai... não estou entendendo nada.

Com o coração a mil, Sam tentou pensar com clareza, mas era impossível.

— Quem não está entendendo nada sou eu — disse. — Onde você está?

— Em casa. A mamãe e a vovó saíram juntas, e eu ia te mandar as fotos da viagem, mas meu computador não ligava e, como eu vi que a mamãe trouxe o dela do trabalho, decidi pegar emprestado e...

— Está falando sério?

— Estou! — exclamou ela. — Era o notebook da mamãe.

Sam sentiu como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Sua amiga Lana era Kate. E Ollie, dando-se conta de que aquilo só podia significar algo bom, começou a rir.

— Sim, papai. Não me diga que você não sabia que era com a mamãe que você conversava...

Sam não sabia se deveria se sentir enganado ou alegre.

— Pois é, princesa, eu não sabia de nada. Pensei ter conhecido a Lana na última viagem que fiz a Nova York, mas agora já entendi tudo — disse, ao se lembrar de Carol, a estranha mulher que ele conheceu lá. — Sua mãe conseguiu me enganar esse tempo todo.

Prestes a aplaudir de alegria, Ollie perguntou a seu desconcertado pai:

— Há quanto tempo você fala com ela?

Ordenando seus pensamentos, Sam olhou a foto de Kate e respondeu:

— Há vários meses já. — E, curioso, perguntou: — Você deu pra ela o link do chat em que eu falava com você?

— Não...

— Mas eu conheci ela nesse chat.

— Pai, ela deve ter anotado o endereço.

Passando a mão pelos cabelos, Sam pensou em tudo o que havia contado a Lana durante esses meses todos. Abrira o coração à pessoa que o havia partido. Não sabia se ficava aborrecido ou feliz.

— Não sei o que pensar. Como ela pôde fazer isso?

A menina suspirou ao perceber como o pai ficou sem reação.

— Ela fez isso porque te ama e essa era a única forma de continuar falando com você. Eu te disse, pai: a mamãe te ama, e te ama muito.

— Princesa — sussurrou ele, confuso. — Você acredita que estou nervoso?

— Calma, pai, calma. — Ollie tentou acalmá-lo.

De repente Sam sorriu. Kate nunca deixaria de surpreendê-lo.

— E agora, o que eu faço? Digo que sei quem ela é ou não?

Aproveitando o estado do pai, Ollie foi logo pensando em arquitetar um plano.

— Acho que hoje você não deveria fazer nada. À noite você pode conversar normalmente com ela, e amanhã eu te apresento meu plano.

Com um sorriso de orelha a orelha, Sam se deu conta de tudo o que aquilo queria dizer. Kate, sua Kate, o amava.

— Princesa, o que você vai propor?

Pai e filha conversaram durante vinte minutos e ao final Ollie concluiu:

— Concorda, pai?

— Concordo, querida — respondeu Sam depois de refletir um pouco. — Concordo totalmente. Só espero que tudo saia como você diz.

— Pode deixar, pai. Vai sair, sim — garantiu Ollie, feliz. — Agora vou deixar o computador onde estava. Mando as fotos outro dia. Um beijo, pai, e amanhã a gente se fala, tá?

— Tá bom, princesa. Um beijo.

Quando desligou o telefone, Ollie correu escada acima. Entrou em seu quarto e pegou o notebook. Fechou-o e o levou ao lugar onde estava antes. Ao sair do quarto, escutou as vozes de Terry e Cat, que haviam acabado de chegar, e foi rapidamente encontrá-las.

— O que achou do meu novo corte de cabelo, Ollie? — perguntou Cat.

Mas Ollie estava nervosa demais por tudo o que tinha para contar a elas.

— Ficou ótimo. — E, olhando para as duas, acrescentou: — Preciso da ajuda de vocês.

Quando ela começou a contar o que tinha acontecido, Cat pulou de alegria, mas Terry sentiu o coração bater acelerado. Assim que sua irmã soubesse daquilo, iria ter um troço.

— Que bom... Que bom! — Cat deu gritinhos feito uma louca.

— Meu Deus. — Terry suspirou, sentando-se. — Eu bem que avisei que iam acabar descobrindo.

— Peraí, você sabia?! — perguntaram Cat e Ollie em coro.

Terry olhou fixamente para elas e confirmou.

— Claro que sabia. A gente conta tudo uma pra outra.

Aproximando-se da tia, Ollie disse:

— Precisamos que você nos ajude a fazer com que eles fiquem juntos de novo. E por favor, tia, não me diga que isso é impossível ou uma loucura, porque eu não penso em parar até que o papai e a mamãe estejam juntos outra vez.

— Nem eu — concordou Cat.

— Tia Terry, você sabe tão bem quanto a gente que eles se amam muito. Por isso, a gente precisa que você seja nossa cúmplice. E, se passar pela sua cabeça contar pra mamãe sobre o que a gente descobriu, juro que nunca mais falo com você. E estou falando sério.

Terry sorriu ao escutar essas palavras de Ollie. Aquela mocinha encantadora era uma verdadeira bruxa. Depois de pensar em sua irmã e em Sam, e perceber que eles realmente precisavam ficar juntos, ela concordou:

— Tá bom, meninas, vou ajudar vocês. Já está mais do que na hora de esses dois ficarem juntos de novo.

As três se abraçaram e começaram a arquitetar um plano.

Quando desligou o telefone do escritório, Sam continuava em estado de choque. Era Kate, sua Kate, que, escondida num usuário, havia escutado suas tristezas e incentivado Sam a lutar por seu amor. Durante todo aquele tempo

ela havia jogado com a vantagem do anonimato. Sempre havia sabido de seus sentimentos em relação a ela, e agora ele entendia muitas coisas.

Michael, que o observava enquanto conversava com um cliente, esperou que Waitere fosse embora e, quando ficaram a sós, falou:

— Que cara de bobo é essa, cara?

Sam sorriu como havia muito tempo não fazia.

— Tem razão. Sou um bobo. Um idiota mesmo.

— Bom, vamos com calma... também não exagera.

Sam se levantou, andou até a porta da sala e a trancou. Diante da expressão surpresa de Michael, abriu o frigobar, lhe ofereceu uma cerveja e se sentou de novo.

— Hoje aconteceu uma coisa que me abriu os olhos.

— O quê?

— Irmão, vou tentar recuperar minha mulher.

Michael o olhou com cara de espanto.

— Espera... espera. — E, ao vê-lo sorrir feito bobo, não pôde reprimir um risinho antes de perguntar: — Acho ótimo que você tente recuperar a Kate, mas o que houve?

Eufórico, Sam lhe contou a novidade.

— Inacreditável!

— Pois é. Inacreditável mesmo, mas é a mais pura verdade — disse Sam, rindo.

Michael se levantou e o abraçou, contagiado por seu entusiasmo e sua felicidade.

— Espero que tudo dê certo e digo isso de coração.

— Eu sei. — E, dando um gole na cerveja, cochichou: — Agora só preciso convencer a Kate.

— Uiiiiiii, você vai enfrentar um osso duro de roer.

— É... Mas, quando eu contar o que sei, ela não vai poder dizer não.

Michael soltou uma gargalhada.

— Então a Lana explosiva que a gente conheceu em Nova York era quem?

— Não faço ideia, mas a Kate vai me dizer. — E acrescentou: — Eu bem que tinha te falado que aquela mulher e a outra que eu havia conhecido na

internet não tinham nada a ver...

Achando graça da história, os dois começaram a rir e, duas cervejas depois, saíram do escritório.

## Capítulo 60

Naquela noite, em Nova York, quando Kate e Serena chegaram, encontraram Terry e as meninas esperando na cozinha.

— Olá, pessoal — cumprimentou Serena. — Vocês prepararam o jantar?

— Estávamos esperando vocês voltarem — respondeu Terry e, pegando sua irmã pelo braço, disse: — Decidimos jantar hambúrguer. Vem, vamos comprar. Vocês podem ir botando a mesa.

Assim que Terry e Kate passaram pela porta, Ollie e Cat foram logo contando à avó o que tinha acontecido naquela tarde. Estavam radiantes. Serena ouviu tudo com assombro, e pouco depois as três pulavam de alegria. Vinte minutos mais tarde, Kate e Terry voltaram com dois pacotes de hambúrguer e foram jantar em meio a risinhos e mistérios.

No dia seguinte, às três da tarde, Terry estava no aeroporto, no setor de desembarque. Quando viu Sam aparecer, acenou chamando-o. Surpreso ao vê-la, Sam sorriu e foi a seu encontro.

— *Aloha*, Terry — saudou. — O que você está fazendo aqui?

Ao ver que ele não sabia que ela estava a par de tudo, Terry respondeu:

— Vim ajudar dois bobocas a ficarem juntos de novo.

Sam sorriu e, beijando-a alegremente, suspirou.

— Obrigado.

Terry o pegou pelo braço.

— Anda... *Talabuki*, vamos para o estacionamento.

Sam a acompanhou pelo aeroporto. Nevava naquela tarde em Nova York e, assim que encontraram o carro, enfiaram-se rapidamente nele. Sam e Terry se olharam, e ele comentou:

— Não sei por que estou fazendo isso.

— Porque você ama ela, e ela te ama.

Ao vê-lo sorrir todo derretido, ela acrescentou:

— Não sei se te dou um soco ou um abraço.

— Se dependesse de mim... — cochichou Sam —, eu preferiria o abraço.

Dito isso, os dois se abraçaram e Terry o avisou, entre risadas, de que o mataria se ele voltasse a fazer a irmã sofrer. Então Sam perguntou por Kate, e Terry disse que, depois de voltar do Havaí, ela ficou muito ocupada com assuntos do escritório. Depois de uns vinte minutos de conversa, Terry decidiu dar partida no carro e mergulhar no trânsito de Nova York.

— Uau, eu tinha esquecido como Nova York fica linda no Natal — observou Sam, olhando ao redor.

— Pois é, e os engarrafamentos continuam iguais — reclamou ela. — Lá vocês não têm inverno, né?

— Bom, lá a gente tem Natal também, mas as temperaturas só caem alguns poucos graus, não dá para sentir o inverno pra valer.

— Como estão a Sasha e o Tommy?

— Estão ótimos. Ficaram com o Michael.

Assim que ouviu esse nome, Terry deu uma pequena freada sem querer, e Sam olhou para ela.

— Prefere que eu não o mencione? — perguntou ele bem direto. Estava decidido a dizer umas verdades a ela.

— Ah, não. Não tem problema — fingiu.

— Então, ótimo. Porque eu realmente queria te falar algumas coisas a respeito dele.

Terry voltou a frear e esclareceu:

— Não me interessa nada do que você possa dizer.

— Mas me interessa dizer — insistiu ele.

Nervosa com a conversa e com o trânsito infernal, Terry freou novamente e Sam prosseguiu:

— Queria te dizer que você foi uma idiota por abandonar um homem como meu irmão.

Ela bufou.

— Sam, por favor, não estou a fim de falar sobre isso.

— Não me importa o que você diga, e eu agradeceria se você me deixasse falar por alguns minutos. Depois eu juro que vou ficar quieto e não tocarei mais no assunto.

Ao ver que não lhe restava alternativa, Terry acabou cedendo e o deixou falar.

— Nunca conheci ninguém tão apaixonado e tão entregue quanto Michael está por você. Você o conhece e sabe que ele sempre sentiu algo muito especial por você, mas ele não ousou fazer nada até você dar o primeiro passo. E, depois de uns dias incríveis em que vocês dois foram muito felizes, não consigo entender como na primeira oportunidade você já desconfia de alguém que te adora, e não lhe dá nenhuma chance de se explicar.

— Sam, eu acho que...

— Não me interrompe — repreendeu-a Sam, e Terry se calou. — É sério que você não quer saber nada sobre ele?

Ela balançou a cabeça sem muita convicção, e isso o fez sorrir.

— Meu irmão está sofrendo pra caramba. Mas está respeitando o que você pediu. Você desconfiou dele sem nenhuma razão. — Ela bufou. — Aquele encontro com a Amanda no aeroporto não foi combinado. Foi totalmente por acaso. A Amanda tinha ido lá se despedir do futuro marido dela.

Terry deu uma freada brusca, e Sam repetiu:

— Isso mesmo, Terry, *futuro marido*. E, se você a viu subindo na moto do Michael, foi porque ele tinha que discutir com ela um assunto médico. Um assunto muito importante pra nós e que ela nos ajudou a resolver.

Terry começou a respirar com dificuldade.

— Está acontecendo alguma coisa com o Michael? — perguntou ela, visivelmente alterada.

— Não. É um assunto particular que, se em algum momento você ficar sabendo do que se trata, vai ser porque o Michael te contou, não eu.

Terry voltou a frear de repente e olhou para ele. Mas Sam deu de ombros e deixou claro:

— Desculpa, Terry, mas, se você não quis saber antes, não serei eu a te contar. E, voltando à questão de vocês dois, sinceramente eu acho uma pena.

— Ela franziu a testa. — Você nunca vai saber o que é ser amada de todo o coração. E fico triste com o que aconteceu, porque eu sei que vocês dois juntos poderiam ser muito felizes. Mas, como sempre, você, *dona Emburrada*, decidiu que não valia a pena seguir adiante. Fazer isso é a sua cara mesmo, Terry.

Ela não disse nada, e Sam insistiu:

— Como você teria se sentido se tivesse acontecido o contrário? Ficaria satisfeita com a atitude do Michael se ele nem sequer ouvisse o que você teria a dizer? Ou, melhor, o que você acharia se o Michael te enxotasse da vida dele e terminasse a relação de vocês sem nem discutir isso com você? Achei que você agiu muito mal naquele momento, e continuo achando. E espero que você caia em si e seja capaz de ver que alguém, alguém que admiro muito, te adora com toda sua alma e daria a vida por você. Mas não vou mentir, Terry. Cada dia que passa ele vai se conformando mais e mais com a ideia de não ter você ao lado dele, e alguma hora você vai ser apenas uma lembrança.

Ela concordou com a cabeça e, quando freou num sinal vermelho, Sam prosseguiu:

— Eu sempre te disse, Terry, minha querida, que você costuma agir e só depois pensar, e na vida não podemos ser assim. — Ao ver como ela o olhava, ele disse: — Bom, é isso. Não tenho mais nada pra falar.

— Sam, eu acho que fiz a coisa certa.

— Sinto te dizer que não. Você abandonou o barco sem lutar por algo que você quer. Ou por acaso vai me dizer que já esqueceu o Michael? E não adianta mentir pra mim, porque eu te conheço há muito tempo.

Terry sorriu e, dando um soco no volante, concordou.

— Não consigo parar de pensar nele.

Sam abriu um sorriso.

— Pois então corra atrás, Terry. Vá lutar por algo especial na sua vida, algo que realmente vale a pena. Não jogue fora as esperanças que você alimentou. Tente fazer alguma coisa por você e pela sua vida.

— Não posso — disse ela, num gemido.

— Por quê? — Ele sorriu ao vê-la tão aflita. — Você é tão covarde assim? Caramba, Terry... eu nunca teria pensado isso de você.

Sem se importar com o trânsito, puxou o freio de mão, soltou o volante e, virando-se para Sam, enquanto os carros de trás começavam a buzinar, admitiu:

— Sam, você tem razão. Sou mesmo uma covarde. Uma maldita covarde. Eu quis ligar pra ele mil vezes, mas meu orgulho não permitiu. Fui eu que disse a ele que não queria mais nada, e agora...

Comovido, Sam a abraçou.

— Querida... querida, me escuta. — Ela olhou fixamente para ele. — São quatro da tarde. Às onze da noite eu sei que há um voo saindo de Nova York para Honolulu. E posso garantir — disse ele, enxugando as lágrimas dela com as mãos — que ele vai te receber com todo o amor do mundo. Mas é você que precisa fazer isso. Você feriu o orgulho dele com o que fez quando ele veio atrás de uma explicação..

— Você está certo — disse ela, surpreendendo-o. — Eu deveria fazer alguma coisa por ele e por mim.

Sam concordou.

— Só vou te dizer mais uma coisa, Terry. Os sonhos não envelhecem e eu tenho certeza de que, no caso de Michael, o sonho não envelheceu porque ele continua louco por você.

Terry soluçou.

— Me sinto péssima.

— Normal. Você é impulsiva demais. Age com o coração...

— Tem razão — concordou ela, sorrindo. — Mas, apesar disso, eu amo o Michael.

— Então não se fala mais nisso — disse Sam. — Hoje à noite você pega o avião pra Honolulu. E agora, querida, vamos indo antes que os carros de trás apedrejem a gente.

Ao chegar em casa, Serena e Shalma o receberam com um grande abraço. Kate não estava. Tinha saído com as meninas para fazer compras, e as três só voltariam lá pelas sete da noite. Emocionado e nervoso, Sam conversou com elas na cozinha enquanto comia algo, e às seis ele entrou no quarto de Ollie, onde esperaria tranquilamente suas filhas para começar com seu plano.

## Capítulo 6I

Em Oahu, naquela manhã, Michael deixou as crianças na creche. Quando chegou ao escritório, foi recebido por Vaitere com um sorriso radiante, mas mesmo assim se sentiu sozinho. Sam lhe fazia falta. Mas, ao se lembrar de onde o irmão estava, ele sorriu.

Teve uma manhã bastante atarefada e, quando tudo acabou, abriu a gaveta, tirou de lá uma foto de Terry e ficou olhando para ela, todo bobo. Não reparou que Vaitere tinha saído do banheiro e se aproximava lentamente dele.

— É muito bonita — disse ela de repente. — É a Terry, né?

Sem parar de olhar o retrato, Michael confirmou:

— É ela, sim. É uma foto do último verão, quando estivemos em Maui.

— Por que você não liga pra ela? — perguntou Vaitere ao ver a tristeza nos olhos dele.

Michael deu de ombros.

— Pra quê? Você não conhece a Terry. Considerando como as coisas acabaram, é melhor deixá-las como estão.

— Não entendo por que você se dá por vencido. Você é um lutador.

Nesse momento o telefone começou a tocar.

— Os lutadores também se cansam — disse ele, sorrindo.

Instintivamente, Michael guardou a foto, pegou uns papéis e se concentrou no trabalho.

Vaitere percebeu que aquele assunto ainda era doloroso demais para ele. O melhor seria não falar mais nada.

Depois de uma tarde maravilhosa de compras, Kate e as filhas voltaram para casa contentes e empolgadas. Assim que entraram, os olhares de Serena e Shalma as fizeram entender que o pai delas já estava ali.

— Vou tomar um banho antes do jantar — gritou Ollie, que correu escada acima.

— Eu também — emendou Cat.

Surpresa com aquele entusiasmo todo das duas para tomar banho, Kate fez uma careta divertida em direção à sua mãe e à sua amiga e falou:

— É uma boa ideia. Agora vou subir e fazer o mesmo.

Ao entrar no quarto, Ollie e Cat fecharam a porta. Abraçaram com força seu pai, enquanto cochichavam e riam baixinho para ninguém ouvir.

Duas horas depois, quando Kate saiu do banho e estava diante da sua penteadeira secando o cabelo, alguém bateu na porta. Era Terry.

— O que foi? — perguntou Kate.

Terry respondeu com um sorriso.

— Nada, criatura. Só queria ver o que você comprou hoje — mentiu.

Após fazer uma expressão cômica, Kate apontou as sacolas.

— Comprei um pouco de tudo. Olha que casaquinho lindo e que calça incrível eu encontrei na loja dos seus amigos.

Enquanto Kate mostrava suas novas aquisições e contava como a tarde com as meninas tinha sido divertida, Terry a olhava com ternura, desejando que tudo corresse bem. Sua irmã merecia ser feliz, e Sam era o único homem que poderia conseguir isso.

— Terry, está acontecendo alguma coisa? — perguntou ao vê-la tão calada e pensativa.

— Não — respondeu depressa. E, pegando uma calça jeans e uma blusa de florzinhas verdes, disse: — Veste isso hoje pra jantar. Vai ficar ótimo em você. Aliás, hoje eu não vou jantar com vocês. Mas você pode vestir isso. A mamãe vai adorar te ver tão bonita.

— Tá bom — concordou Kate e perguntou: — Aonde você vai?

Terry sorriu e, dirigindo um olhar enigmático à irmã, respondeu enquanto andava até a porta:

— Tenho um encontro importante. Porque, como diz a mamãe, a vida foi feita pra ser vivida.

Kate, satisfeita por ver a irmã voltar a sorrir, cochichou num tom brincalhão:

— Divirta-se. E amanhã você vai me contar tudo, hein?

Terry concordou e, depois de fechar a porta do quarto, pegou sua mala e foi embora sem falar com ninguém. Naquela noite, em que todos conversaram

animadamente, Shalma se despediu prometendo voltar no dia seguinte. Serena e as meninas foram para seus respectivos quartos, e Kate ficou sozinha no sofá da sala.

Ficou ali deitada, assistindo à televisão, e lá pelas onze, hora em que Terry já estava no avião, Kate subiu para seu quarto com a intenção de resolver umas coisas no computador. Tirou a roupa e vestiu um pijama de flanela quentinho e confortável, pegou o notebook e sentou-se na cama. Assim que ela o ligou, o Skype a avisou de que Talabuki estava conectado. Kate sorriu.

No quarto ao lado, Sam estava inquieto junto às suas filhas e também a Serena e a Shalma, que havia entrado lá pela porta da cozinha com a ajuda de Ollie. Todos olhavam ansiosos para o computador, esperando que Kate ficasse on-line. E, logo que o nome dela apareceu, elas pularam animadas.

**LANA> Boa noite, sumido!**

**TALABUKI> Oi, tudo bem?**

**LANA> Bem. Cansada do trabalho.**

Durante um tempo, cada um num quarto, conversaram amenidades, até que de repente Kate perguntou:

**LANA> Hoje você parece mais animado.**

**TALABUKI> Em que sentido?**

**LANA> Está mais falante.**

**TALABUKI> Deve ser porque tenho um encontro.**

Alarmada com aquela resposta, seu coração bateu a mil e ela escreveu:

**LANA> Um encontro?**

**TALABUKI> É. Com alguém muito especial.**

Depois de alguns segundos em que todos ficaram se perguntando o que ela iria responder, Kate escreveu:

**LANA> Já superou sua ex?**

**TALABUKI> Já, sim. A vida continua e eu quero seguir vivendo.**

Ao digitar aquilo, todos sorriram, menos Kate, que não suspeitava de nada.

**LANA> Fico feliz em saber. Vai ser bom pra você.**

**TALABUKI> E pra ela também.**

Kate mal podia respirar ao ler essas coisas. Aquela conversa a estava apunhalando no coração. Conteve um gemido e perguntou:

**LANA> Por que pra ela?**

**TALABUKI> Porque ela precisa ser feliz.**

**LANA> Você tem certeza do que vai fazer?**

**TALABUKI> Absoluta.**

Serena, Shalma e as meninas se abraçaram em silêncio. E, para encerrar a conversa, Sam escreveu:

**TALABUKI> Me deseja boa sorte, amiga. Hoje eu quero que seja o começo da minha nova vida.**

Com os olhos marejados, Kate digitou:

**LANA> Boa sorte.**

**TALABUKI> Obrigado.**

Nesse momento, Sam se levantou e, com expressão emocionada e nervosa, deu um beijo em suas filhas. Olhou para Serena e Shalma e afirmou:

— Acho que a hora é essa. Me desejem sorte.

Sam abriu a porta do quarto e andou pelo corredor. Ansioso, deteve-se diante do quarto de Kate. Enquanto isso, Ollie botou a cabeça para fora na porta entreaberta e sussurrou baixinho:

— Pai, coragem! Vá até ela!

Com a mão trêmula, mas seguro do que fazia, Sam bateu na porta e escutou a voz de Kate, que lhe pediu para esperar um instante. Um pouco depois, ela abriu a porta com os olhos vermelhos de tanto chorar e, desconcertada por vê-lo na sua frente, sussurrou:

— Sam...

— Oi, Kate.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, confusa e perturbada.

Sam respondeu com voz tensa:

— Vim te perguntar se você quer morar comigo em Oahu. Te amo. Te adoro. Mas teria que ser você a abandonar tudo aqui pra viver comigo lá.

— O quê?! — gemeu ela, e Sam prosseguiu:

— Querida, eu não consigo ser feliz aqui em Nova York. Mas, se você vier comigo pra Oahu, prometo te fazer feliz pelo resto da vida. E, antes que você fale qualquer coisa, eu sei que você quer dizer sim. Eu sei disso, Kate! Pelo amor de Deus, você não pode me dizer não. Está há meses escondida atrás do nome Lana e eu, idiota que sou, não percebi nada. — E, ao ver que ela arregalava os olhos, ele sorriu. — Você é o encontro importante que eu tinha hoje, Kate.

Pálida, ela balbuciou ao ser descoberta:

— Desculpa, Sam... eu... eu...

Esforçando-se para não tocá-la, apesar da enorme vontade que sentia de beijá-la, ele respondeu:

— Não tem nada pra desculpar, querida. Mas você me ama e eu te amo. E neste encontro eu quero que a gente se dê a chance de voltar a ser felizes como sempre fomos, se você, meu único e grande amor, me disser que sim.

Emocionada e surpresa pelas voltas que sua vida tinha dado em questão de segundos, Kate mal conseguia se mexer.

— Sim... — sussurrou. — Quero essa chance. Quero estar com você e com as crianças em Oahu ou onde você quiser.

Sem perder um segundo, Sam a puxou para si e a beijou. Devorou seus lábios com verdadeira paixão e entrega, e apoiou sua testa contra a dela.

— Obrigado, querida... obrigado — dizia baixinho.

Nesse momento, ouviu-se uma batida no quarto de Ollie, seguida de aplausos e gritinhos de comemoração. E Sam, achando graça, contou à sua mulher o que estava acontecendo ali. Ela riu, pegou-o pela mão e o fez entrar em seu quarto — o lugar que haviam compartilhado por tantos anos. Morrendo de vontade de se tocarem e se beijarem, os dois caíram na cama e Kate perguntou:

— De onde você estava me escrevendo?

— Do quarto da Ollie.

Kate sorriu e, enquanto sentia no pescoço os doces beijos de seu amor, perguntou novamente:

— Faz muito tempo que você sabe da Lana?

Ele se deteve e respondeu:

— Fiquei sabendo ontem. E, como você pode ver, não demorei a voltar pra você. — Ela fez que sim. — Kate, escuta, eu quero ficar contigo porque você é a mulher mais especial da minha vida. Vamos começar de novo, apesar de termos de lidar com duas filhas em comum, alguns problemas e duas crianças que...

— São maravilhosas — comentou ela. — E eu gosto delas com todo o coração.

Aquilo o encheu de alegria e, ao se lembrar de algo que não havia contado ainda, decidiu se abrir com ela, sentou-se a seu lado na cama e disse:

— Tem mais uma coisa que eu preciso que você saiba.

Sem se afastar dele, Kate o encorajou.

— Fala...

— É sobre a Sasha...

E então Sam lhe contou que a menina não era sua filha biológica, que lhe tinha dado seu sobrenome, que a havia adotado e a amava exatamente da mesma forma que aos seus outros filhos. Kate ouviu a história toda e, quando ele terminou, ela o beijou. Sam era um homem extraordinário, e nada podia mudar o que ela sentia por ele. Nada. Depois de mais alguns beijos e palavras doces sobre o amor e o futuro em comum, Kate perguntou:

— Onde estão a Sasha e o Tommy?

— Com o tio Michael em Oahu. Por sinal, a Sasha está superansiosa pra te ver. Está louca pra sua “mamãe Kate” voltar pra casa. Ela me disse isso ontem, quando fui me despedir.

Kate sorriu e perguntou, surpresa:

— E por que você tinha tanta certeza de que eu ia voltar pra você?

Sam enfiou a mão por baixo do pijama dela e, agarrando com prazer suas costas, sussurrou em seu ouvido, deixando-a toda arrepiada:

— Porque, mesmo que você não aceitasse, eu ia te raptar e te manter presa até você ceder.

— Sério?

— Sério. Eu pensava em te trancar no meu quarto, nua, e fazer amor contigo até você dizer “sim”.

Enlouquecida pelo desejo, Kate deitou na cama e, desabotoando o pijama vermelho de flanela diante do olhar ardente de Sam, brincou:

— Hummm, olha como ficou fácil pra você, Talabuki. — E, ao ver que ele sorria, murmurou: — Por enquanto, e pra você me convencer definitivamente, quero que você faça comigo o que pretendia fazer.

Eufórico, Sam se livrou às pressas da camisa cáqui e, deitando-se sobre Kate, sussurrou:

— Às suas ordens, princesa. Sempre às suas ordens.

## Capítulo 62

Às três e meia da tarde, já em Honolulu, Terry pegava um táxi para ir ao escritório. Antes de se despedir, Sam lhe informara que ela poderia encontrar Michael lá. Nervosa, deu o endereço ao taxista e minutos depois se deteve alguns números antes de chegar a seu destino. Ela estava hesitante.

Sozinha naquela rua movimentada, Terry não sabia o que fazer. Acabou decidindo ligar para o escritório, e uma mulher lhe disse que Michael não estava, mas que voltaria em breve. Surpresa, ela ficou pensando em quem seria aquela mulher. Mas conseguiu se acalmar e se dirigiu ao escritório para esperá-lo ali dentro.

Vaitere estava digitando um recurso e, ao ver Terry entrar, rapidamente a reconheceu — era a mulher da foto de Michael —, mas fingiu não saber de nada.

— Boa tarde, senhora — cumprimentou, olhando-a com curiosidade. — Em que posso ajudar?

Tirando os óculos de sol e jogando o cabelo para trás, Terry respondeu:

— Boa tarde. Eu gostaria de falar com o Michael Talaua.

— Ele saiu, mas não vai demorar.

Terry fez que sim, e Vaitere perguntou:

— A senhora é a Terry, não é?

— Como me conhece? — perguntou com espanto.

Vaitere estendeu a mão para ela e, abrindo um sorriso encantador, apresentou-se.

— Eu sou a Vaitere. Trabalho aqui no escritório com o Sam e o Michael.

Ao escutar aquele nome, Terry logo se lembrou. Era a mulher que havia estado no hospital. A mãe de Thais. Sorrindo para ela com ternura, estendeu a mão também para cumprimentá-la.

— Prazer. Você já está melhor?

Vaitere ficou feliz ao se dar conta de que ela sabia da sua existência e respondeu:

— Sim, estou ótima. Obrigada por perguntar.

As duas se olharam com afeto e, nesse momento, Vaitere viu através da janela do escritório que Michael estava chegando, e se deixou levar pelo instinto.

— Terry, não nos conhecemos nem nada, mas eu gostaria de te dizer uma coisa. — E logo soltou: — Michael é um homem incrível que merece o seu amor. Ele te ama muito. Não permita que o sentimento que vocês têm um pelo outro se acabe. Ele é uma pessoa e tanto.

— O que você está dizendo?!

Mas Vaitere não pôde responder. Nesse instante a porta da rua se abriu e Michael entrou. Terry se virou e ficou petrificada ao vê-lo. Assim que a reconheceu, ele parou de repente e não conseguiu dizer nada. Nunca esperaria encontrá-la ali. Vaitere piscou para Terry e, pegando sua bolsa, disse:

— Vou almoçar. Até daqui a pouco.

Quando a porta se fechou, a sala ficou em completo silêncio. Michael passou com determinação na frente dela, indo até sua mesa. Sem lhe dirigir o olhar, guardou uns documentos nos arquivos e, quando a raiva deu uma trégua, perguntou:

— O que você está fazendo aqui, Terry?

Sentindo-se como uma criança pequena diante da segurança imponente dele, balbuciou:

— Vim te ver.

Erguendo as sobrelhas, Michael sentou-se na cadeira enquanto ela continuava de pé no mesmo lugar.

— O que você quer?

— Vim te pedir perdão.

— Nossa... que comovente — reagiu ele e, apoiando-se no espaldar da cadeira, perguntou com rispidez: — E por que isso?

— Escuta, Michael, eu...

Ele se levantou com fúria, jogou o cabelo para trás e, sem se aproximar dela, gritou:

— Vai embora, Terry! Vai embora antes que a gente se arrependa.

Ainda sem sair do lugar, ela prosseguiu:

— Eu estava enganada, mas não sabia como...

Com o coração a mil, Michael a interrompeu:

— Ah, tá bom... Você, enganada? — E com expressão debochada acrescentou: — É sério que você alguma vez se engana com algo, sua espertinha?

O sangue de Terry começou a ferver com a provocação dele. Mas, não, ela definitivamente não queria discutir.

— Michael, vim aqui pra falar com você. Não quero brigar, agora não...

— E o que te faz pensar que eu quero falar com você hoje e agora? — perguntou, levantando a voz, enquanto ela se encolhia. — Só pra lembrar, senhorita caprichosa: eu quis falar com você há pouco tempo, mas você não me deu a menor chance. Por que eu deveria te deixar falar agora?

Com os olhos cheios de lágrimas, Terry sussurrou:

— Me escuta, querido, por favor. Preciso te dizer que...

— Não quero te escutar. — E, lembrando o que ela lhe disse, acrescentou: — E pare de me chamar de querido.

Diante de tanta rispidez, Terry encolheu-se ainda mais. Michael nunca a havia tratado com tamanho desprezo. Ele não a amava mais, e a culpada por isso era ela, apenas ela. Havia jogado mal suas cartas, e ele acabou se cansando.

Michael desejava abraçá-la. Vê-la naquele momento tinha sido uma agradável surpresa, mas Terry o fizera sofrer um bocado e merecia sentir na pele

o que ele próprio havia sentido. Por isso, olhando-a com uma expressão dura, perguntou:

— Você se acha a rainha do universo, né?

— Não.

— Então o que veio fazer aqui?

— Já disse.

Com uma risada debochada que a desconcertou, Michael falou:

— Gostaria de te lembrar que você deixou bem claro que não queria mais saber de mim.

— Desculpa, eu...

— Você também pede desculpas por ter me expulsado da sua casa como se eu fosse um criminoso?

Terry fez que sim. Entendia a irritação de Michael. Ela não tinha agido certo com ele. Mas precisava lhe dizer que o amava, e, elevando a voz, afirmou:

— Michael... eu... te amo! Sei que você é uma pessoa melhor do que eu em todos os sentidos. Você é bom, carinhoso, e nunca agiu da forma como eu agi com você lá em Nova York. Mas eu preciso que você saiba que eu fiz aquilo porque estava magoada, não, eu estava... com ciúme! Quando saí do aeroporto para ficar com você mais alguns dias, te vi com a Amanda. Vocês estavam felizes e logo foram embora de moto... e eu... eu pensei que eu não significava nada pra você e aí...

Finalmente Michael entendeu o que aconteceu. Ele soltou um suspiro de frustração, olhou para o teto e chiou.

— Não quero escutar mais nada.

— Mas eu preciso que...

— Falei que não quero escutar mais nada.

A dureza em sua voz fez Terry se calar. Passados alguns segundos, ao ver que Michael não lhe dirigia o olhar nem se aproximava, ela disse com os olhos encharcados de lágrimas:

— Tá bom. Foi um erro ter vindo. Não vou mais te incomodar. Só vim te dizer que eu havia me enganado, mas agora já é tarde demais.

Com a tristeza estampada no rosto, ela se virou, abaixou-se para pegar a bolsa de viagem e andou até a porta. Mas, quando estava a ponto de abri-la,

sentiu a respiração de Michael em sua nuca.

— Aonde você vai?

Ela não se virou nem respondeu, e ele repetiu a pergunta, enquanto notava que sua presença tão próxima começava a enlouquecê-lo.

— Aonde você vai, Terry?

Ainda sem olhar para ele, tentando segurar as lágrimas, ela balbuciou:

— Vou pegar o primeiro avião pra Nova York. Desculpa. Foi um erro eu ter vindo. Mas eu precisava que você entendesse direito tudo que eu te falei, porque senão eu nunca me perdoaria e...

Incapaz de aguentar mais um segundo, Michael fez Terry se virar para ele, tirou das mãos dela a bolsa de viagem e a soltou. Depois a envolveu nos seus braços e, ao ver as lágrimas dela escorrerem, murmurou:

— Não foi um erro, querida. Eu te amo, mas precisava te fazer ver como eu me senti quando fui a Nova York.

— Ah, Michael... me perdoe, eu sinto tanto... — E, ao lembrar o que ele lhe falou no primeiro encontro dos dois, Terry ficou na ponta dos pés e sussurrou em seu ouvido: — Eu sou totalmente sua, e você é totalmente meu.

Ao escutar isso, Michael a olhou com um brilho sensual. Pediu um segundo com o dedo e fechou a porta da entrada. Depois, tomou-a em seus braços com sofreguidão, imprensou-a contra a parede e a beijou com voracidade, enquanto ela se deixava dominar. Uma hora depois e com a respiração mais tranquila, Michael perguntou com olhar faiscante:

— Tudo bem, linda?

— Ahã... tudo ótimo.

Mal podendo acreditar que ela estava ali, Michael voltou a beijá-la.

— Você é meu melhor presente de Natal.

— Hummmmm... essa história de ser seu presente me deixa animada, é bom que você saiba.

Achando graça, ele deu uma gargalhada e, ao pensar em certos fatos que haviam mudado desde a partida dela, disse:

— Tenho que te contar muitas coisas.

— Ah... sim.

Beijando-a no pescoço enquanto se vestiam antes que Vaitere chegasse, Michael sorriu.

— É sério.

— É coisa boa, né?

— Claro, querida — respondeu Michael e, ao se lembrar de seu irmão, perguntou: — Você viu o Sam?

— Vi, sim. Foi ele que me falou que os sonhos nunca envelhecem.

— Sério que ele te disse isso? — Ela confirmou com a cabeça, e ele cochichou: — Só espero que ele também consiga realizar o sonho dele.

Ao pensar em Sam e na irmã, Terry sorriu. Não tinha a menor dúvida de que estariam juntos e felizes. E que aquele dia era o começo de duas perfeitas e duradouras histórias de amor. Por isso, colocou as mãos em torno do pescoço de seu amor e, antes de beijá-lo com paixão, afirmou:

— Ele vai conseguir.

Naquele Natal, duas famílias se uniram em Oahu e se tornaram uma só. Foram dias repletos de alegria, afeto e reencontros, nos quais ficou claro que no amor as segundas chances existem, sim.



*Fim*



Publicar um romance nos dias atuais não é nada fácil. Mas tenho a grande sorte de contar com o apoio de vocês e gostaria de agradecer a todos.

Agradeço à minha mãe e à minha família por me amarem como me amam. Eu também amo vocês!

Agradeço ao meu marido por estar sempre tão atento a tudo de que preciso e me ajudar antes mesmo que eu tenha que pedir. Você é o máximo!

Agradeço aos meus filhos por serem tão lindos e divertidos. Amo vocês de todo o coração.

Agradeço aos meus amigos, sejam eles virtuais ou não. O apoio de vocês é maravilhoso.

Agradeço ao meu fã-clube chamado “As Guerreiras Maxwell”. Meninas, vocês me alegram todo dia com seu otimismo e sua energia positiva. Vocês são minhas GUERREIRAS!

Agradeço a todos os que trabalham na editora espanhola Versátil, por voltarem a confiar em mim com este novo romance.

E agradeço a você, leitor ou leitora, por me dar a oportunidade de entrar em sua vida.

**VOCÊS TODOS SÃO DEMAIS!**

Megan Maxwell

<[www.megan-maxwell.com](http://www.megan-maxwell.com)> [conteúdo em espanhol]